
Uma mentira inocente se tornará o melhor erro que eles poderiam cometer.
BEST
Mistake
AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON
TAMIRES BARCELLOS

BEST Mistake

TAMIRES BARCELLOS

Copyright @ 2022

Capa: Tamires Barcellos
Diagramação: Tamires Barcellos
Revisão: Raquel Moreno

Texto em conformidade com as normas do novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia e gravação, sem a expressa permissão da autora.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

NOTA DA AUTORA

Sejam bem-vindos ao universo maravilhoso de Best Mistake! Espero que estejam preparados para mergulhar no mundo do basquete, das festas universitárias e da química de milhões desse casal.

Por ser uma história de ficção, tomei a liberdade de não citar todos os jogos da temporada de basquete universitário, para melhor fluidez do enredo.

Apesar de ser uma comédia romântica, a história vai abordar situações que podem ou não causar desconforto ao leitor. Não terá nenhuma cena explícita, porém, é importante deixar esse alerta.

Possíveis gatilhos: exposição de imagem e vídeo na internet e assédio sexual.

Espero que se divirtam e se apaixonem por Chloe, Raymond e todos os personagens maravilhosos (alguns não) desse livro.

Beijos e uma ótima leitura!

1

"Criei um cenário
Eu pensei que te conhecia bem
Eu tenho o hábito de ver o que não está lá"

IN MY HEAD - ARIANA GRANDE



Chloe

Minha vida poderia ser uma comédia romântica.

Em comédias românticas, tudo sempre dá certo, já percebeu? Pode até ter um *dramazinho* bem mixuruca quando chegamos a oitenta por cento do livro, mas, no final, o casal com certeza vai ficar junto e viver feliz para sempre — ou até a autora resolver criar um *spin-off* mostrando que os personagens tiveram uma crise no meio do casamento, mas que com terapia de casal, conseguiram se resolver.

Pois é, minha vida poderia mesmo ser assim, mas claro que não era. Para começo de conversa, eu sequer tinha um namorado. Pelo amor de Deus, eu nem mesmo estava *apaixonada* e mal conseguia me lembrar de quando foi a última vez que meu coração disparou ou que minhas pernas ficaram bambas por causa de um cara. Isso já deixava bem claro que não adiantava nada desejar viver uma comédia romântica, quando eu era apenas mais uma solteirona que andava para cima e para baixo com livros nos braços no meio do campus da universidade.

— Pode me explicar o porquê de você estar murmurando sobre comédia romântica, quando eu acabei de narrar a minha tragédia digna de Shakespeare?

Encarei Kim por cima do meu *latte* caramelo e bufei.

— Desculpa. Eu só sou uma *quase* escritora que está lutando para dar um destino digno aos seus personagens.

— Quer dizer que você não escutou nada do que eu disse?

Fiz uma careta. Sim, eu tinha escutado até o momento em que Kim disse que o garoto com quem saiu no sábado à noite, a trocou para jogar sinuca com os amigos e a deixou sozinha em um canto do bar. Depois disso, minha mente voou para bem longe, especificamente para o drama entre Ashley e Johnny, o casal protagonista do livro que eu estava escrevendo. Realmente, eu era uma péssima amiga.

— Desculpa, Kim — pedi, tocando em sua mão por cima da mesa. — O que aconteceu depois da partida de sinuca?

Ela revirou os olhos, mas pareceu aceitar as minhas desculpas, pois logo continuou:

— O babaca perdeu e precisou virar dois *shots* de tequila como punição. Resultado? Ficou cambaleando de bêbado e eu terminei a noite sozinha!

— Pensa pelo lado positivo, ele era um idiota e você se livrou de ter que lidar com ele pelo resto da noite.

— Sim, eu sei disso, mas ele era um idiota bonito e até que não beijava tão mal.

— Kimberley, você é linda e gostosa. Merece muito mais do que um cara qualquer que “não beija tão mal”.

— Ele tinha porte de atleta. — Ela suspirou.

— Você sabe o que dizem sobre os atletas.

— Que eles são bom de cama?

— Que eles ficam com uma garota a cada noite. Às vezes mais de uma.

Eu não gostava de generalizar. Para falar a verdade, nem mesmo perdia o meu tempo pensando em atletas — ou na vida sexual de um atleta —, mas eu tinha ouvidos e as pessoas gostavam de comentar sobre isso como se eles fossem algum ator de Hollywood. O que eu podia fazer se aquele tipo de informação

chegava até mim? E, bem, eu também tinha olhos. Às vezes, Kim me arrastava para algumas festas e eu via um ou outro cara com "porte de atleta" rodeado por garotas. O que provava que o rumor poderia ser verdadeiro.

— Eu não quero um romance, só quero pegar alguém — murmurou ela.

— Você não ficou com aquele carinha na semana passada? Kevin o nome dele, não era?

— Kyle. E sim, eu fiquei, mas não foi tão bom. Estava com esperanças de que Dave fosse me tirar dessa sucessão de encontros ruins.

— Não desista, vai aparecer alguém legal, eu tenho certeza.

— Gosto da sua fé em mim. — Ela sorriu e senti que seu humor estava começando a melhorar. Kim era do tipo de pessoa que não ficava muito tempo se martirizando. Depois de alguns minutos de drama, ela seguia em frente e não olhava mais para trás. — Agora, me conta sobre o novo livro.

Foi a minha vez de soltar um suspiro e quase revirar os olhos. Eu amava escrever e sentia que havia escolhido a profissão perfeita, mas isso não queria dizer que estaríamos sempre em sintonia só porque eu amava o que fazia. Nas últimas semanas, poderia muito bem começar a acreditar que estávamos de lados opostos.

— Estou travada, essa é a verdade.

— Travada? Como assim?

Kim estudava Bioquímica, ou seja, entendia tanto sobre o processo de escrita quanto eu conhecia sobre moléculas ou qualquer outra coisa que ela estudava. Assim como eu e o meu processo de criativo, minha melhor amiga e eu estávamos também de lados opostos quanto aos nossos desejos profissionais.

— Bloqueio criativo. A história está aqui — apontei para a minha cabeça —, mas, quando eu me sento em frente ao computador e tento passar alguma coisa para a tela, simplesmente travo. Parece que os personagens não querem falar comigo. Estou desesperada.

— Não fica assim, Chloe. Quanto mais estressada estiver, pior será.

— Sei disso, mas é quase irracional.

— Por que não tenta escrever outra coisa? Sei que sua mente não para de fervilhar com ideias maravilhosas. Ainda estou esperando a história da Reese. Não acredito que você vai mesmo ficar enrolando para escrever o livro dela. Reese é a melhor personagem secundária da vida, ela merece se tornar protagonista!

Eu sorri ao ouvir o seu entusiasmo. Kim era a pessoa que mais me incentivava e sempre lia todas as minhas histórias, mesmo que não fosse tão fã de romances. Pelo menos eu tinha ao meu favor o fato de as histórias serem eróticas e ela adorar sexo. Talvez Kim lesse mais pelo sexo do que pelo romance, mas eu não poderia julgá-la, porque também amava as partes mais quentes.

— Eu sei disso e prometo que o livro dela vai sair, mas preciso focar nesse romance. Eu sinto que ele vai ser o *plot twist*[1] da minha vida, entende?

— Isso quer dizer o que eu estou pensando que quer dizer? — perguntou ela, quase pulando na cadeira. — Você vai, finalmente, publicar um livro?

Eu podia jurar que todo mundo na cafeteria do campus conseguiu ouvir a sua voz estridente fazendo aquela pergunta, mas aquele era só o meu lado dramático se aflorando. Ao olhar a nossa volta, percebi que todo mundo parecia entretido em meio ao falatório no primeiro horário da manhã antes da aula.

— Talvez.

— Como “talvez”? Se esse livro vai ser o ponto de virada na sua vida, você vai, sim, publicá-lo! E sob o seu nome, não sob um pseudônimo!

Era muito difícil conversar com alguém que te conhecia tão bem, porque essa pessoa parecia praticamente ler a sua mente. Ao ver a minha careta, Kim arregalou os olhos e deu um tapinha na mesa.

— Não faça escândalo — pedi baixinho, querendo me esconder atrás do cachecol cinza que eu usava.

— Como quer que eu fique quieta quando sei que você quer continuar se escondendo? Chloe, você é talentosa, merece ficar conhecida pelos livros maravilhosos que escreve!

— Mas eu posso ficar conhecida sem ter que mostrar a minha cara por aí.

— E perder a sensação incrível de estar em uma sessão de autógrafos? De poder ir à estreia do filme do seu livro, quando ele for adaptado para o cinema? Ou quando virar uma série da Netflix?

Sabia que ela tinha razão. Não que escrever sob um pseudônimo fosse errado — eu realmente respeitava a escolha de cada um —, mas, no meu caso, eu só queria seguir por aquele caminho porque era muito tímida. E também porque não queria causar um infarto no meu pai. Ele poderia mesmo morrer do coração se soubesse que a sua filhinha intocada — aos seus olhos — escrevia cenas de sexo explícito.

— Amiga. — Senti a sua mão sobre a minha e levantei os olhos para encará-la. Kim já não parecia estar tão brava. — Você é uma mulher extraordinária e uma escritora melhor ainda. Sei que vai arrasar quando estiver pronta para publicar o seu livro usando o seu nome verdadeiro e mostrando sua carinha linda ao mundo. Não precisa ser hoje ou amanhã, mas algum dia.

— Preciso te pagar um café mais vezes. Você faz maravilhas para a minha autoestima quando eu te dou uma dose de cafeína às seis e meia da manhã.

Kim riu e deu um tapinha em minha mão.

— Eu agradeço muito pelo café, mas você sabe que não é por isso que estou te elogiando. Eu te amo, sua doida, e sei que um dia eu estarei andando na Times Square ao lado do meu novo *crush* e quando nos depararmos com um anúncio de um dos seus livros naquelas telas gigantescas, eu vou apontar e falar: “aquele é o romance da minha melhor amiga. Ela é *best-seller* do *The New York Times*, sabia? Chloe Davidson arrasa demais!”.

— Você não vai me xingar por ter criado um homem que não existe?

— Eu? Claro que não. Sei que vou estar ao seu lado desfrutando de deliciosas mimosas em frente à piscina da sua mansão, porque você estará milionária tal qual E. L. James e Stephenie Meyer. Não vou ter motivo algum para brigar com você.

— A sua fé em mim é o que me motiva.

— Acredite, eu sei disso, amiga.



Estudar na UCLA[2] sempre foi um sonho. Meus pais se conheceram e se formaram aqui. Enquanto mamãe se formou em Inglês, meu pai se formou em Economia, provando que não importava que fossem opostos, o amor sempre vencia no final. Precisava confessar que, talvez, o meu lado romântico tivesse nascido a partir deles e do lindo casal que formavam.

Minha mãe era revisora de livros e textos acadêmicos e trabalhava de casa, por isso, teve total disponibilidade para sair de Los Angeles e se mudar para San Francisco por conta do trabalho do meu pai. Há alguns meses, ele havia se tornado sócio da empresa de contabilidade para qual trabalhava há anos. Sentia muito orgulho dele, mas o fato de saírem da cidade me fez precisar procurar um lugar para ficar. A ideia de morar no alojamento estudantil não me atraía muito e por mais que papai estivesse recebendo bem melhor agora, não poderia pagar um aluguel só para mim, por isso, a solução perfeita — nas palavras da minha mãe — era eu morar na Alpha Delta Nu, a fraternidade da qual ela fez parte quando estudava na UCLA.

Ela ainda tinha contato com a antiga presidente, que era mãe da atual presidente da fraternidade e, simples assim, eu fui aceita. No começo, achei que não me daria bem naquele lugar. As meninas eram diferentes de mim, adoravam dar festas na mansão em estilo vitoriano que ficava perto do campus e tinham uma vida agitada, mas logo percebi que elas eram bem legais. Me receberam com simpatia e, hoje, eu até podia dizer que me sentia parte daquela fraternidade.

Bem, foi o que pensei até sair do Uber e notar a entrada da mansão lotada de pessoas. A música alta parecia disputar espaço com o falatório e foi difícil alcançar a porta para entrar na sala, que havia sido transformada em uma pista de dança. Estavam dando uma festa e eu sequer havia sido avisada.

— Chloe, até que enfim você chegou! — Holly, uma das meninas que morava conosco, se aproximou. Ela usava um vestido curto e carregava dois copos de plástico vermelho em suas mãos.

Antes que eu pudesse responder, ela me estendeu um e fez com que eu o segurasse. — Tome isso e vá se divertir, a festa está apenas começando.

— Por que ninguém me avisou que teria festa hoje?

Eu poderia ter ido para o quarto de Kim no alojamento estudantil. Nem sempre a menina com quem ela dividia o espaço passava a noite lá, pois tinha namorado, e talvez eu tivesse sorte de ter um lugar silencioso para dormir. A ideia passou bem rápida pela minha cabeça, pois logo me dei conta de que, se Kim soubesse da festa, ela estaria aqui. Minha amiga nunca dispensava uma festa de fraternidade.

— Nós colocamos no grupo do *WhatsApp* essa semana, você não viu? — Eu só balancei a cabeça em negativa e Holly revirou os olhos. — Você é tão desligada, Chloe! Essa festa é para comemorar o retorno do Bruins às arenas de basquete! Você sabe que por causa da pandemia os jogos foram interrompidos, certo?

Sim, eu sabia. O mundo parou por conta da pandemia de Covid-19, mas eu estava por fora sobre a liga de basquete da UCLA, como sempre.

— Que legal. É realmente muito bom que os meninos possam voltar a jogar — falei com sinceridade. Não era porque eu não ligava para esportes em geral, que torcia contra eles.

— E vão voltar com tudo! O Bruins não ganha uma temporada desde 1995, mas tenho certeza de que vamos trazer o troféu para casa. King passou a pandemia inteira treinando e dando o melhor de si, ele vai conseguir!

Eu só concordei com a cabeça porque, primeiro, não entendia nada sobre aquilo e, segundo, estava começando a me questionar se Holly achava que Raymond King jogava sozinho. Pela forma como falou, eu não duvidava nem um pouco. Animada, ela avistou alguém atrás de mim e me deu um abraço rápido antes de partir, sussurrando em meu ouvido que eu deveria me divertir.

Eu não tinha nada contra festas, de verdade. Até ia em algumas com Kim, mas, naquela noite em específico, eu não estava no clima para ficar no meio de uma aglomeração, sentindo cheiro de bebida e de maconha — a única droga que as meninas da fraternidade permitiam que entrasse na mansão e apenas em

ocasiões muito especiais —, portanto, iria deixar aquele copo cheio de álcool na bancada da cozinha e subir para o meu quarto. O segundo andar era proibido para os convidados das festas que fazíamos, exceto se subissem acompanhados por uma das meninas, o que me tranquilizava. Seria terrível se eu encontrasse algum casal aleatório trepando na minha cama.

Passei por entre os corpos suados, cumprimentando de longe alguns conhecidos, até conseguir chegar à cozinha ampla da mansão. O cômodo era grande, com eletrodomésticos modernos e uma ilha central em mármore, mas parecia pequeno naquele momento, com três homens altos encostados à pia e um grupo com seis meninas em volta deles. Logo percebi que eram atletas porque, quando um cara tinha quase — ou mais de — dois metros e era cheio de músculos dentro de uma universidade, qualquer um podia apostar que ele era um atleta. Se estava rodeado por garotas, então, *com certeza* era um atleta.

Deixei o copo sobre a ilha da cozinha e me aproximei da geladeira de inox de duas portas para poder pegar uma garrafa de água e levar para o meu quarto. Às minhas costas, ouvi uma garota rindo bem alto e sua voz acabou entrando em meus ouvidos:

— Minha nossa, King, você é tão divertido!

Meus olhos seguiram em direção a ela quando fechei a geladeira e observei o momento em que passou a mão pelo peitoral do jogador do Bruins. Raymond King era mesmo um homem bonito e isso qualquer pessoa no mundo conseguia admitir. No alto dos seus... Bem, quase dois metros de altura, o homem era composto por músculos torneados, pele bronzeada pelo sol e cabelo loiro. Para completar o pacote, tinha olhos castanho-claros, quase mel, mandíbula bem-marcada e um sorriso espetacular. Era um ótimo material para avatar de livro. Com certeza as leitoras ficariam loucas se alguma autora o usasse como inspiração.

— Vou te mostrar o quão divertido posso ser quando sairmos daqui mais tarde, gata.

E... O encanto acabava bem por aí, na *beleza* dele. Mal o conhecia, mas todas as línguas falavam uma única coisa: o rei do Bruins era um pegador nato. Óbvio que, como um homem solteiro, ele podia mesmo carregar aquele tipo de fama, mas caras como ele

só eram incríveis nos livros que eu lia ou escrevia. Como Kim mesmo adorava afirmar, os homens da ficção *não existiam* na vida real e isso, com certeza, se estendia a Raymond King.

A garota riu alto de novo, animada, e Raymond retribuiu com um sorriso, tirando os olhos de cima dela rapidamente e focando em mim. Senti um suor gelado descer pela minha mão até o meu pulso e logo percebi que, na verdade, não era suor, era só a água gelada da garrafa que estava começando a escorrer. Aquilo me lembrou do motivo pelo qual eu estava naquela cozinha. King não significava nada para mim, por que diabos eu perdi cinco minutos da minha vida observando a interação entre ele e aquela garota?

Com minha garrafa em mãos, deixei a cozinha sem olhar para trás ou esperar pela resposta que dariam um ao outro, tendo a certeza de que a menina terminaria a noite na cama do astro do basquete universitário.

Bom para ela. Eu não estava com inveja.

Não mesmo.

2

"Você está sempre no banco do passageiro
Agora estou sorrindo do palco
Enquanto você aplaude da grade"

THUNDER - IMAGINE DRAGONS



Raymond

Eu não deveria estar no bar naquela noite de sábado.

O técnico Brown havia sido claro com todo o time, *ordenando* que usássemos o fim de semana para descansar, estudar os últimos jogos do CSU Bakersfield e ficar longe de qualquer distração. Ainda assim, me deixei ser arrastado por Dylan até o Thommy's, o bar mais frequentado pelos jogadores da UCLA.

Segurei a *long neck* e dei um gole na cerveja gelada, observando ao longe o grande telão do Thommy's passar uma partida de jogo de futebol. Eu amava assistir qualquer tipo de esporte e, quando muito pequeno, até sonhei em um dia me tornar um *quarterback*, mas me apaixonei por basquete assim que meu pai me levou para assistir a uma partida dos Los Angeles Lakers *versus* Golden States Warriors quando eu tinha nove anos.

O sorteio que ele concorreu a um par de ingressos acabou nos dando muito mais do que a experiência de assistir a um jogo de basquete ao vivo, na quadra. Ele também me deu um propósito, um sonho e, conforme o tempo foi passando, um objetivo.

Eu queria jogar basquete e, acima de qualquer coisa, queria estar ao lado dos melhores jogadores da história.

Esse era só mais um motivo que me fazia lembrar de que eu não deveria estar no Thommy's agora.

— Ei, cara, escutou o que eu disse? — Dylan me cutucou e eu me virei para ele, observando como a nossa mesa havia ficado lotada de repente.

Era comum que as pessoas se juntassem a nós em qualquer lugar que fôssemos — pelo menos no território dominado pela UCLA. Eu era o armador principal do Bruins, Dylan era o ala armador e os fãs de basquete nunca perdiam a oportunidade de tentar fazer amizade conosco, o que eu gostava, até certo ponto. Em festas, era legal, em uma saída para tomar uma cerveja com um amigo, nem tanto.

— Desculpa, estava distraído com o jogo. O que você disse?

— Perguntei se você não pegou o telefone da garota de ontem à noite.

— Por que quer saber sobre isso?

— Não estou tentando furar o seu olho, pode ficar tranquilo. É que eu fiquei a fim daquela amiga dela, que apareceu rápido na festa e depois foi embora. Que mulher, cara! Preciso saber o nome dela.

Eu sorri enquanto tomava um gole da cerveja, vendo a ansiedade no rosto de Dylan. O babaca era ruivo, tinha 1,97m de altura e uma fila de mulheres aos seus pés, mas sempre gostava de correr atrás daquela que mal lhe dava atenção. Lembrava-me vagamente da amiga de Heather, pois estava mais preocupado em manter a minha boca na dela e o seu corpo colado ao meu, do que prestar atenção na sua amiga, mas achava que ela era bonita. Tirei o celular do bolso e passei rapidamente o contato de Heather para Dylan por mensagem.

— Pronto, pode ligar para ela e perguntar o nome da garota, mas não dê uma de *stalker*, porque isso não é legal.

— Claro que não. Acha que eu sou algum babaca? — Eu arqueei uma sobrancelha e Dylan revirou os olhos. — Ok, talvez eu seja mesmo um pouco babaca, mas não nesse nível. Só quero seguir a menina no Instagram e mandar um "oi" pelo *direct*.

— Não vou me surpreender se ela aparecer no jogo de quarta-feira por conta de um convite seu.

— Porra, você me deu uma puta ideia! Por que *você* não convida a Heather para o jogo e pede para ela levar uma amiga? — Os olhos de Dylan quase brilhavam enquanto me encarava.

— Por que eu faria isso?

— Para ajudar o seu melhor amigo aqui. — Apontou para si mesmo, me fazendo rir.

— Cara, não! Sério, eu te amo, mas não vou fazer isso. Convidar uma garota para assistir a um dos nossos jogos é quase a mesma coisa que a pedir em namoro e eu estou longe de querer um compromisso.

— Você precisa parar com essa mania de querer ser o maior pegador da universidade, cara.

— Quem disse que esse é o título que eu quero carregar? O meu objetivo é ganhar o *Naismith College Player of The Year*, cara, não ser o maior pegador do campus.

O *Naismith* era considerado um dos mais importantes prêmios do basquete universitário, sempre dado ao melhor atleta universitário do ano. Aquele era o meu último ano na faculdade e, ainda que meu nome estivesse cotado como um dos melhores, eu queria *ser* o melhor.

Alguns poderiam chamar de arrogância e outros de prepotência, mas eu não via como um erro querer se dedicar ao máximo para estar em primeiro lugar. Quem não era visto, também não era lembrado, e eu queria me destacar. Vinha construindo minha história no basquete desde criança, me tornando o melhor na adolescência. E foi pelo meu esforço que me vi, no final do Ensino Médio, sendo disputado pela UCLA, Universidade de Kentucky e Universidade de Duke, simplesmente três das melhores equipes de basquete universitário. O meu esforço e a minha dedicação em querer ser o melhor haviam me levado até onde eu estava hoje e isso só me fazia ter a certeza de que eu poderia — e iria — chegar ao meu grande objetivo: estar no topo da lista do *Draft* em 2022 e ser a grande aposta dos maiores times de basquete da NBA.

— Você é famoso por ser um jogador foda — Dylan disse, apertando o meu ombro, mas sem deixar de sorrir. — Mas também

é conhecido por deixar um rastro de calcinhas por aí.

Fiz uma careta. Do jeito que ele falava, parecia que eu era um idiota. Será que eu era um idiota? Não tive tempo de refletir sobre aquilo, pois Ryan, nosso pivô, apareceu em nossa mesa acompanhado por mais três garotas e um cara que eu não conhecia, que estava com o braço em torno da cintura de uma menina negra e de volumosos cabelos crespos, linda demais. Ryan estava abraçado a uma ruiva e, bem ao lado da menina negra, estava uma garota de olhos e cabelos castanhos. Suas sobrancelhas levemente arqueadas lhe davam uma expressão levemente prepotente, mas a deixavam ainda mais bonita e me faziam questionar o fato de ela não parecer uma completa desconhecida para mim.

— Vocês são mesmo uns idiotas! Se eu não visse o *story* do Dylan, nem iriam me avisar que estavam aqui, não é? — Ryan questionou, fazendo com que as pessoas ao redor da nossa mesa se afastassem para que ele e seus acompanhantes pudessem se aproximar.

Não consegui deixar de olhar para Dylan. Antes de sairmos de casa, ele deixou bem claro que aquela noite seria mais calma e que tomaríamos apenas uma cerveja para espairecer. Postar um *story* no Instagram deixando bem claro que estávamos no Thommy's, ia contra a tudo o que me prometeu. Finalmente consegui entender o porquê de a nossa mesa ter se tornado um alvo dos clientes em um período tão curto de tempo.

— Era para ser uma noite de amigos — falei, abrindo um sorriso forçado, só para não parecer antipático.

Conseguia carregar o título de pegador numa boa, mas de mal-educado seria demais para mim. Minha mãe jamais me perdoaria... Pensando bem, ela também não me perdoaria por eu ter sido intitulado como o garanhão da universidade, então, eu já estava fodido de qualquer forma.

— Eu avisei que a gente ia atrapalhar, Kim.

A voz da menina de cabelos castanhos e sobrancelhas bem-desenhadas chegou aos meus ouvidos mesmo por cima da música alta e do falatório dos clientes. Percebi que falava diretamente com a menina negra, que sorriu para ela e balançou a mão.

— Relaxa, Chloe. Você me deve essa por não ter me avisado da festa na Alpha ontem.

Assim que ela mencionou a festa, consegui me lembrar de onde conhecia a menina de cabelos castanhos. Claro que ela era a garota da cozinha, que ficou encarando a mim e a Heather como se fôssemos algum tipo de experimento científico. Como pude não a reconhecer antes? Aqueles olhos expressivos não conseguiriam passar despercebido por mim. A observei com mais atenção, me dando o direito de tomar o lugar dela na noite passada e levar o meu tempo para analisá-la melhor. Ela usava uma calça *jeans* bem justa, que abraçava suas coxas, botas de cano baixo pretas e uma blusa branca de meia manga, que terminava alguns centímetros acima do umbigo. Parecia ser ousada, mas, ao mesmo tempo, um pouco tímida. Era intrigante e, porra, muito bonita. E não parecia querer estar ali, assim como eu, o que me fez apontar para o lugar vago na cadeira ao meu lado enquanto a encarava.

— Quer se sentar aqui?

A garota virou o rosto em minha direção e, pela forma horrorizada como me olhou, parecia que eu havia oferecido o meu colo — ou o meu pau — para que se sentasse. Seus olhos se arregalaram e o dedo indicador apontou para o próprio peito.

— Eu?

— Parece que é para você que eu estou olhando, não é? — questionei, sorrindo antes de beber mais um gole da minha cerveja, que já estava ficando quente.

Seus olhos ainda arregalados correram até a amiga, quase como se lhe pedissem ajuda, antes de voltarem para mim.

— Não.

Não? Que merda era aquela?

— Claro que sim. Sim, ela quer sim! — A amiga quase a empurrou pelo ombro e percebi quando falou em seu ouvido: — Vai se sentar ao lado dele, pelo amor de Deus.

— Mas eu não quero — sussurrou, parecendo indignada. Que sorte a minha ser bom em fazer leitura labial.

— Chloe Davidson! É o Raymond King te pedindo para se sentar *ao lado dele*!

— E daí? Eu não gosto dele.

Ok, eu já havia “ouvido” o suficiente.

— Não precisa se preocupar, acabei de retirar o convite — anunciei, vendo uma garota muito bonita se aproximar com um drinque na mão. Ela sorriu para mim e acenou. Era com *esse tipo* de reação que eu estava acostumado. — Ei, sente-se aqui.

A menina do drinque sorriu como se tivesse acabado de ganhar na loteria e se sentou ao meu lado bem rápido, como se a cadeira fosse sumir de repente se ela não chegasse a tempo. Eu sabia que deveria dar atenção a ela, pois havia pedido para que se aproximasse, mas meus ouvidos, de repente, ficaram muito atentos à conversa entre as duas garotas em frente à mesa. Uma leve discussão se iniciou e as vozes ficaram mais altas do que o sussurro de antes.

— Não acredito que você perdeu a chance de ficar com o King. Você é louca? Todas as mulheres da UCLA querem pegar esse gostoso e a comunidade gay também!

— Eu não sou todo mundo. Do jeito que está falando, parece que acabei de dispensar a benção do Papa.

— Essa não é uma analogia muito cristã, mas, talvez o King seja o Papa do sexo ou algo assim. Ele é famoso por isso e você disse *não!*

— Você está falando sobre o sexo de um cara, sendo que está segurando a mão de outro. É melhor eu pegar logo uma bebida, antes que a sua noite esteja arruinada e você queira me culpar.

Sem dar chances para que a amiga respondesse, a garota gostosa — e antipática — foi em direção ao balcão do bar. Observei pelo canto do olho a sua amiga soltar um suspiro irritado e se virar para o cara que a acompanhava, que conversava animado com Ryan e mais dois rapazes. Ao meu lado, a menina do drinque tocou a minha perna sob a mesa.

— Meu nome é Amber.

— Prazer, Amber. Eu sou...

— Raymond King. Todo mundo te conhece.

Sim, parecia que todo mundo por ali me conhecia, mas nem todos gostavam de mim. Sem querer, meus olhos pararam na garota

que agora se espremia entre os clientes para tentar chamar a atenção do barman. Qual era mesmo o nome dela?

Chloe Davidson, meu cérebro logo me lembrou.

Será que era mal-educada com todo mundo ou o seu problema comigo era pessoal? Se a resposta para a segunda pergunta fosse sim, por qual motivo não gostava de mim?

A curiosidade era um sentimento irritante. Fiquei muito tentado a me aproximar dela e questionar tudo aquilo, no entanto, Amber apertou novamente a minha coxa e subiu um pouco a mão pela minha perna. Eu não estava muito a fim de beber naquela noite, mas não dispensaria uma companhia feminina que parecia *gostar* de mim. Talvez eu estivesse com o ego um pouco abalado, mas a garota linda ao meu lado, com um decote generoso e um canudo entre os lábios pintados de rosa, poderia resolver aquilo.

— Me conta um pouco sobre você, Amber — pedi, decidindo que Chloe, a antipática, não entraria mais na minha mente naquela noite.



Domingo, geralmente, era um dia de descanso, mas depois que Amber deixou a minha cama de manhã, eu senti necessidade de me movimentar. Sempre fui um garoto agitado, que não gostava de ficar muito tempo parado, o que dava muita dor de cabeça para a minha mãe. Com uma bola na mão, qualquer garoto poderia fazer um estrago, quando se morava em uma casa pequena e sem quintal, o problema acabava se tornando ainda maior — e sobre isso eu poderia falar com propriedade.

Já quebrei muito vaso da minha mãe ao brincar com a bola de basquete dentro de casa. Depois do jogo que assisti com meu pai, ele apareceu na semana seguinte com a bola laranja de presente e eu me senti a criança mais feliz do mundo. Minha mãe quase sofreu um infarto, que se repetiu ao longo dos meses conforme fui quebrando os objetos baratos de decoração da nossa casa ao quicar com a bola por todos os cômodos. Quando acabei atingindo uma janela, ela decidiu que eu só brincaria com a bola quando estivesse na rua. A partir daquele dia, meu pai começou a

me levar todas as noites para uma quadra pública que ficava a alguns quarteirões da nossa antiga casa e começou a treinar comigo.

Meu pai era o meu herói. Eu sentia que ele via em mim o jovem que poderia ter sido, caso tivesse tido a oportunidade de ingressar em uma universidade. O fato de ter vindo de uma família pobre e ter precisado trabalhar desde muito jovem, acabou afetando todos os seus sonhos, mas eu estava aqui agora para realizar cada um deles — tanto os meus quanto os do meu velho que, mesmo sem me pedir nada, sem colocar em mim as expectativas frustradas que colecionou ao longo da vida, ainda era o meu maior incentivador.

Thunder, de Imagine Dragons, começou a tocar em meus ouvidos assim que comecei a correr. A letra daquela música me tocava em um lugar que eu não gostava muito de visitar, mas que sempre me fazia sentir mais forte a cada vez que as lembranças me invadiam. O fato de estudar com crianças que faziam parte da mesma classe social que a sua, não queria dizer que elas seriam boazinhas com você. Na escola, justamente por eu ser focado demais em esportes e acreditar que um dia eu seria uma estrela do basquete, a maioria dos garotos riam de mim. Eu ouvia os cochichos nos corredores, até que se transformaram em dedos apontados e, depois, em agressões físicas.

Meus pais sempre diziam que a violência não levava a nada, mas que eu também não deveria abaixar a cabeça quando tentassem me diminuir. Fui parar na sala da diretoria muitas vezes por tentar me defender dos chutes e socos, até que eles perceberam que não adiantava mexer comigo, pois eu jamais desistiria, nunca deixaria de acreditar que eu era capaz. Mesmo machucado e constrangido por apenas sonhar, não deixei que me arrancassem a minha força de vontade. Foi a melhor decisão que tomei na vida.

Onde aqueles valentões estavam agora? Eu não fazia ideia, mas esperava que estivessem me vendo brilhar. Eles seriam obrigados a engolir que o garoto bobo que tinha sonhos impossíveis, estava muito perto de vestir a camisa de um grande time da NBA. Talvez eles até comprassem a camisa com o nome

KING e a numeração 16 nas costas, pois havia um ditado que dizia que o mundo nunca parava de girar, certo? E eu acreditava muito nisso.

Cruzei os quarteirões que separavam a casa que dividia com os meninos do time, do campus da universidade, e fui até a academia destinada aos alunos. Passava um pouco das oito da manhã de um domingo e o lugar estava praticamente vazio, com um cara levantando peso em frente a um espelho e uma garota correndo na esteira. Apesar de já estar pré-aquecido, resolvi que correria por mais alguns minutos antes de iniciar a minha série de exercícios e peguei a esteira ao lado da garota. Comecei uma corrida moderada, para seguir o ritmo que estabeleci antes de chegar à academia, e ouvi um suspiro audível ao meu lado, que ultrapassou a música que tocava baixa no meu fone de ouvido.

— Não acredito nisso.

Virei-me para a garota que resmungava e só então me dei conta de quem era. Não sabia se ria ou se fechava a cara ao ver Chloe Davidson aumentar o ritmo da corrida e me olhar de lado. Ela realmente achava que eu não estava vendo que ela estava me observando?

— Bom dia. — Fui educado. Seus olhos encontraram os meus por poucos segundos, antes de ela voltar a olhar para frente. Achei que não responderia, mas logo ouvi sua voz ofegante:

— Bom dia.

Foi difícil agir como ela e olhar para longe. A garota podia ser metida e não gostar de mim, mas isso não queria dizer que não era linda e gostosa. Naquela manhã em especial, usava uma calça de ginástica rosa e um top branco que, apesar de parecer sustentar bem os seios medianos, não conseguia impedir que eles saltassem enquanto ela corria.

Como eu não era nenhum idiota assediador, voltei a olhar para frente, observando a paisagem do campus pelas janelas de vidro fechadas, mas muito consciente da garota ao meu lado. Na noite passada, eu saí com Amber pouco antes das duas da manhã, deixando Chloe no bar junto com a amiga, que parecia ter esquecido da discussão que tiveram quando chegaram e estava

dividindo a atenção entre Chloe e o outro cara, que havia se apresentado, mas que eu já havia esquecido o nome.

Em um primeiro momento, achei que Chloe ficaria ali segurando vela, mas ela logo se enturmou com uma das garotas e pareceu aproveitar um pouco a noite. Será que havia ficado com alguém, depois que saí do bar? Eu vi os olhares de alguns caras para cima dela e fiquei me perguntando se ela daria bola para um deles em algum momento, o que não aconteceu na minha presença. Assim como na noite passada, a curiosidade tentou me dominar e, dessa vez, ela acabou vencendo a batalha que travei comigo mesmo.

— Se divertiu ontem à noite? — questionei quando ela diminuiu um pouco o ritmo da corrida.

Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo e suas bochechas estavam vermelhas pelo esforço. Uma gota de suor escorreu pelo seu pescoço em direção aos seios e eu me amaldiçoei por acompanhar o trajeto, quase sentindo uma fisgada no meu pau. Qual era o meu problema?

— Muito. — Ela me olhou rapidamente de cima a baixo e arqueou uma sobrancelha, séria. — Você também se divertiu, suponho.

— Com certeza. Amber foi uma ótima companhia.

— Imagino.

— A gente já se esbarrou antes, em algum outro lugar? Tirando a festa na Alpha, é claro, porque me lembro de ter visto você na cozinha naquela noite.

Vi a surpresa passar pelos seus olhos e, por um momento, achei que ela se desequilibraria na esteira, mas logo conseguiu firmar as passadas.

— Eu? Na cozinha? Você deve estar se confundindo.

— Não estou. Sei que era você e você sabe também.

Suas sobrancelhas se fundiram e seus lábios formaram um biquinho fofo pra caralho. Que merda, a garota era bonita até quando estava irritada.

— Eu não sei de nada.

— Parece que estou lidando com uma mentirosa aqui. — Sorri, porque, de alguma forma, eu sabia que aquilo iria irritá-la

ainda mais. Por que mexer com ela parecia ser tão divertido? — Ontem, te intitulei como Chloe, a antipática, agora, vou ter que mudar para Chloe, a mentirosa.

— Parece que você gosta de tirar conclusões sobre pessoas que sequer conhece — disse entredentes, pisando bem firme na esteira. Coitado do aparelho, ele era inocente.

— Mas você parece fazer o mesmo, não? Porque, a não ser que tenhamos nos esbarrados por aí e eu tenha sido um escroto com você, não consigo imaginar algum outro motivo para você ser uma cuzona comigo.

Seus lábios se separaram e uma expressão indignada tomou conta do seu rosto.

— Não fui uma... Uma cuzona com você!

— Não foi? Então deve existir algum outro nome para o que você fez comigo ontem à noite.

— Meu Deus, o seu ego é enorme mesmo! Está falando tudo isso só por que não quis me sentar com você? — perguntou, desligando a esteira. — Pois saiba que nem todas as mulheres vão querer lamber o chão que você pisa, Raymond King!

— Não preciso que ninguém lamba porra alguma para mim. Quer dizer, sim, até preciso de um pouco de língua em algumas partes do meu corpo, mas isso não vem ao caso agora. — Poderia jurar que suas bochechas ganharam um tom mais forte de vermelho de repente, mas me segurei para não comentar nada. — O problema não foi a sua recusa e, sim, o fato de ter dito que não gosta de mim, sem ao menos me conhecer.

— Todo mundo precisa gostar de você? É isso? Parece que seu sobrenome combina mesmo com a sua personalidade. Você tem um rei na barriga, babaca!

Sem me dar a chance de responder, Chloe se virou e saiu da esteira pisando duro, afastando-se de mim e me dando uma visão bem ampla da sua bunda coberta pela calça rosa apertada. Pude perceber pela sua postura rígida e a cabeça erguida, que a garota além de antipática e mentirosa, também era orgulhosa.

Mesmo irritado, alguma coisa nela me fez sorrir. Não sabia o que aquela merda significava, mas algo me dizia que Chloe Davidson não ficaria afastada da minha vida por muito tempo.

3

"Sim, eu estava procurando por uma saída, e
agora, não consigo escapar
Meus hábitos ruins me levam até você"

BAD HABTIS - ED SHERAN

Chloe

Raymond King era o maior babaca do século!

Saí da academia quase bufando, pisando duro e irritada. Havia acordado naquela manhã com o objetivo de tentar descontar a frustração acumulada daquela semana em cima da esteira, mas claro que o destino daria um jeito de ferrar com os meus planos. De todas as pessoas do mundo, eu precisava *mesmo* me encontrar com o astro do basquete do Bruins?

De verdade, como uma pessoa podia ser tão azarada?

Eu não tinha nada contra Raymond King. Sendo totalmente sincera, até a festa na Alpha, eu sequer perdia meu tempo pensando que ele existia. Encontrá-lo pela segunda noite seguida foi uma surpresa e eu achei que passaria despercebida mais uma vez, mas ele me pegou desprevenida com o convite para me sentar ao seu lado. Eu podia jurar que meu cérebro deu tela azul por um ou dois segundos, antes de voltar a funcionar a passos lentos e se dar conta de que era *a mim* que Raymond estava se dirigindo.

Eu? Me sentar ao lado dele? Por quê?

As perguntas me invadiram uma seguida da outra. Nunca prestei muita atenção nos garotos populares da faculdade, muito pelo contrário, eu até gostava de me manter afastada deles, então, era óbvio que eu sequer saberia como agir diante de um convite como aquele. Negar foi quase instintivo, a resposta simplesmente saiu pela minha boca e o choque no rosto de King só me ajudou a sair do transe confuso em que ele mesmo havia me colocado.

Claro que o jogador de basquete mais famoso do campus ficaria chocado por ter ouvido um não. Provavelmente, aquilo nunca havia acontecido com ele e, de alguma forma, aquilo me irritou um pouco e me fez perceber que eu havia tomado a decisão certa em negar, ainda que tivesse sido inconsciente. King estava com uma garota na cozinha da minha casa na sexta-feira e, na noite seguinte, estava naquele bar à procura de uma outra mulher para levar para a cama. Eu não faria parte do seu acervo incalculável de conquistas. Não mesmo!

A forma como rapidamente perdeu o interesse por mim e colocou uma outra garota no “meu lugar”, só me provou que eu estava certa. Provavelmente, Raymond era daquele tipo de cara que não conseguia passar uma noite sozinho e sempre precisava de um corpo ao seu lado — ou embaixo dele, em cima, tanto faz — na cama. No dia seguinte, devia apenas dispensar a garota e pronto, partia para a próxima.

Não que eu julgasse as mulheres que gostavam de sexo casual. Era a favor da liberdade feminina, “meu corpo, minhas regras” e tudo mais, meu problema era só com caras babacas mesmo. E Raymond King era um babaca.

“E você é uma cuzona. Não precisava falar que não gostava dele!”

Ignorei a voz irritante em meu cérebro e entrei no *Uber* assim que o carro parou em frente à academia. Cumprimentei o motorista e fiz de tudo para parar de pensar em Raymond e no que aconteceu na noite passada, mas não consegui. Dizer que não gostava dele foi apenas uma desculpa para fazer com que Kim parasse de falar no meu ouvido. Nunca imaginei que ele teria escutado o que eu disse. Tinha certeza de que a música estava alta o suficiente para que

minha voz soasse em um sussurro. Será que ele tinha ouvidos biônicos? Agora o cara achava que *eu* era a babaca.

— Foda-se — murmurei e o motorista me olhou pelo retrovisor. Droga! Com um sorriso amarelo, pedi: — Desculpa, só pensei alto.

Ele concordou com a cabeça e eu voltei a olhar pela janela, mantendo minha boca fechada. Falar sozinha era um costume irritante que eu tinha e que precisava urgentemente aprender a controlar. A viagem até a mansão da Alpha durou menos de quinze minutos e logo eu estava dentro de casa, a caminho da cozinha, sendo recebida pelo cheiro de ovos de bacons. Doze meninas moravam na mansão — contando comigo —, então, era quase impossível ter algum momento de silêncio naquele lugar, a não ser de madrugada.

— Caiu da cama, Chloe? — Hillary, a presidente da Alpha, perguntou. Meu estômago roncou ao ver o prato com ovos mexidos em suas mãos.

— Acabei perdendo o sono e resolvi passar um tempo correndo na esteira.

— Fez muito bem. Eu preciso voltar a me exercitar...

Logo a conversa sobre exercícios físicos tomou conta da cozinha e passei os próximos minutos tomando café da manhã com as meninas e aproveitando o caos que sempre se instalava quando estávamos juntas, para poder silenciar a lembrança da última hora em minha cabeça.



Kim: Eu acho que você ter esbarrado com King de novo é coisa do destino. Qual a probabilidade de vocês se encontrarem por acaso na academia dos alunos, sendo que o cara tem uma academia só para ele no centro de treinamento de basquete?

Foi com essa mensagem que acordei na segunda-feira de manhã, depois de ter contado a Kimberley sobre o que havia acontecido na academia antes de ir dormir.

Eu: Você leu o que eu disse? Ele me chamou de cuzona, Kimberley. CUZONA!

Kim: E você foi mesmo.

Eu: Engraçado, você geralmente não me responde pela manhã, mas para falar mal de mim, começa a digitar rapidinho.

Kim: Pelo menos estou falando mal na sua frente. Você foi muito grossa com ele, amiga, e até agora eu não entendi o porquê. Desde quando você não gosta do King?

Eu: Eu não gosto e nem desgosto. Quer dizer, agora eu posso falar com propriedade que **não** gosto dele. O cara é um babaca.

Kim: Você foi babaca com ele primeiro.

Eu: De que lado você está, Kim? Você é minha amiga!

Kim: Sim, eu sou, mas isso não quer dizer que vou ficar passando a mão na sua cabeça quando você está errada. Eu te amo, mas você foi ignorante sem motivo com o Ray.

Eu: E ele pareceu se importar muito com isso, chamando aquela ruiva para sentar com ele.

Kim: Isso te incomodou?

Eu: Sim! Quer dizer, não. Não no sentido que está pensando.

Kim: Não estou pensando nada.

A figurinha que ela me enviou com uma carinha safada sorrindo deixou bem claro que ela estava pensando sim.

Eu: Só acho que ficou claro que, como ele não conseguiu o que queria comigo, foi logo procurar em outra mulher. Ou seja, ele é um idiota.

Kim: Pode até ser, mas ele é um homem solteiro. Homens solteiros fazem isso, amiga, você sabe.

Revirei os olhos e decidi encerrar o assunto, porque Kim poderia estar certa, mas eu não queria dar o braço a torcer. Também era melhor deixar Raymond de lado, pois Kim era mestre em fazer teorias da conspiração e eu não queria alimentar a sua loucura. Nos

encontrarmos na academia foi apenas uma coincidência infeliz e coincidências aconteciam o tempo todo, certo? Aquele era o meu último ano na faculdade e podia contar nos dedos de uma mão as vezes em que esbarrei com King pelo campus — uma única vez, na biblioteca, e só soube que ele estava lá, porque uma colega de classe quase quicou na cadeira ao meu lado quando o viu entregando um livro para a bibliotecária.

Se fosse para criar alguma teoria, a minha, era de que os planetas haviam se alinhado mais uma vez e eu conseguiria passar o resto do ano letivo ilesa de esbarrar com Raymond de novo. E se por um acaso eu o visse, agiria de forma indiferente, como sempre fiz. Não era do meu feitio ficar obcecada por alguém nem guardar rancor, portanto, eu só queria esquecer do astro de basquete do Bruins.

Despedi-me de Kim e corri para me arrumar e tomar um café da manhã rápido. Consegui até pegar uma carona com Jessi, uma das minhas colegas de fraternidade, o que me poupou a grana do *Uber*. Entrei na aula de Técnicas de Entrevista Jornalística antes de a Sra. Silverstone estar na sala e tomei o meu lugar, já abrindo o caderno em meu *iPad* para poder fazer as anotações da matéria. Apesar de amar escrever romances, nunca acreditei muito que poderia viver como escritora e optei por estudar Jornalismo quando comecei a me inscrever para a faculdade. Era um curso que me deixava próxima da escrita, coisa que eu amava fazer, e que poderia me garantir um futuro sólido, já que eu ainda não me sentia pronta para lançar qualquer um dos meus livros ao mundo.

Minha mão coçou para abrir o Word e dar uma lida rápida no capítulo que consegui escrever na noite passada, mas desisti, porque sabia que não estava bom o suficiente. Eu era muito crítica com as minhas histórias, mas o fato de estar com bloqueio criativo me fazia ser ainda mais dura comigo mesma. Eu tinha pouco mais de trinta por cento do romance escrito, mas sentia que precisaria reescrever a maior parte quando o bloqueio passasse e os personagens voltassem a falar comigo.

— Bom dia, queridos!

A professora entrou na sala e o falatório logo diminuiu. Ao meu lado, Kristen, uma colega de classe, aproximou um pouco mais

a cadeira da minha, pois tínhamos o costume de debater sobre a matéria quando a Sra. Silverstone passava algum exercício.

— Quero começar essa aula explicando sobre o trabalho que vai compor a nota do semestre.

— Estava ansiosa para isso! — Kristen sussurrou ao meu lado. Assim como eu, ela amava romances e foi por causa deles que nos aproximamos.

— Espero que não seja nada assustador — comentei e ela me deu um sorriso animado.

— Não será. E se você tiver alguma dificuldade, eu te ajudo. Talvez o trabalho seja em dupla, já pensou?

— Seria ótimo.

Eu gostava muito de trabalhos em dupla ou em grupo. Sabia que a maioria dos alunos odiava, mas eu achava que era uma boa oportunidade de conhecer novas pessoas. Apesar da timidez que sempre me acompanhava, eu gostava de fazer novas amizades.

— O trabalho será individual. — A Sra. Silverstone começou, interrompendo meus planos e os de Kristen, que fez uma careta ao meu lado. — E cada um de vocês vai precisar entrevistar uma personalidade importante da UCLA, mas não apenas isso. Quero que me apresentem a história de cada uma dessas personalidades. Pensem, se tivessem a oportunidade de entrevistar a Beyoncé e ela estivesse disposta a falar um pouco sobre a sua história, sobre o caminho que percorreu até chegar aonde está hoje, vocês não a entrevistariam perguntando apenas sobre o seu próximo *single*, certo? Então, é isso que eu quero ver nesse trabalho, uma matéria jornalística que conte a história de quem vocês terão que entrevistar.

Senti um frio na barriga, um sentimento de entusiasmo misturado com um pouquinho de medo e ironia. Há um minuto, eu estava pensando que a minha timidez não me atrapalhava em fazer novas amizades, agora, estava um pouco apavorada por ter que ir atrás de alguém que eu sequer conhecia, para ter que pedir por uma entrevista.

— Tenho aqui na minha mão uma lista com as pessoas que concederão a entrevista e irei sortear uma para cada um vocês. A entrega do trabalho será na primeira semana de janeiro. Vou fazer o

sorteio agora, de acordo com a ordem alfabética do sobrenome de vocês.

— Era exatamente isso que eu queria! — Kristen comemorou ao meu lado, quase batendo palmas.

— Jura?

— Sim! Eu tive a experiência de participar de uma entrevista como assistente no estágio que fiz ano passado e foi incrível! Não acredito que vou poder fazer tudo sozinha dessa vez.

Assim como Kristen, eu já havia cumprido com a minha carga horária obrigatória de estágio, em um escritório de jornalismo aqui mesmo em Los Angeles, mas fui designada para trabalhar com a parte de redação de texto. A parte de entrevista e até mesmo a de audiovisual, era algo com que eu não tinha tanta prática, portanto, aquele trabalho acadêmico havia chegado no momento certo.

A Sra. Silverstone começou o sorteio e percebi que eu conhecia algum dos nomes citados para serem entrevistados, como o reitor da universidade, o coordenador do curso de Biologia, que havia ganhado um prêmio importante no meio científico, mas os outros eu não sabia quem era. Fiquei torcendo para que eu não pegasse um completo desconhecido para entrevistar, ou ficaria ainda mais nervosa. Kristen murchou de leve ao meu lado quando foi sorteada para entrevistar o técnico do futebol do Bruins.

— O que foi?

— Esperava entrevistar alguém mais interessante. Eu nem gosto de futebol. Quer dizer, se ainda fosse o Matt Sparks, o *quarterback* do time, tudo bem, mas o técnico?

— Não fica assim, Kris. Eu sei que você vai arrasar de qualquer jeito — falei, tocando o seu ombro. Ela me deu um sorriso mais animado.

— Tomara! Agora vou ter que estudar tudo sobre a vida dele, porque não sei absolutamente nada.

— Vai ser moleza — garanti.

— Chloe Davidson. — A voz da Sra. Silverstone chamando o meu nome me fez voltar a olhar para frente. Senti meu coração acelerar um pouco as suas batidas. *“Que seja alguém que eu conheça, que seja alguém que eu conheça...”*, pedi mentalmente. —

Você vai entrevistar o armador principal do time de basquete do Bruins, Raymond King.

Naquele momento, percebi que Kim esteve certa o tempo todo. Aquilo era mesmo uma coisa do destino e o filho da mãe com certeza me odiava.

4

"Talvez eu tenha jogado minhas cartas errado
Oh, só um pouquinho errado
Amor, eu peço desculpas por isso"

DIVE - ED SHEERAN





Raymond

A vida era mesmo uma vadia irônica. No sábado à noite, depois de passar para Dylan o número da menina com quem fiquei na festa da Alpha, o aconselhei a não ser um *stalker* atrás da amiga dela. Agora, quem estava agindo exatamente assim era eu, com o celular na mão, procurando por Chloe Davidson no Instagram.

A sala de vídeo no centro de treinamento de basquete estava vazia quando cheguei. Depois de me acomodar na primeira fileira de poltronas, passei alguns segundos encarando o enorme telão onde o técnico Brown passava os jogos dos nossos adversários para podermos estudar o estilo de cada um e a melhor forma de enfrentá-los. Sabia que eu deveria me concentrar para o início do treino, no entanto, antes que eu pudesse me dar conta do que estava fazendo, já estava abrindo a rede social e indo até a lupa de busca.

Eu era um usuário assíduo do Instagram e do TikTok. Postava *stories* com frequência, principalmente mostrando sobre a minha rotina de exercícios físicos e os treinos com os meninos. Durante os três anos de faculdade, conforme fui construindo a

minha carreira como atleta universitário e ganhando notoriedade no meio esportivo, acabei me tornando mais popular na internet. Tinha pouco mais de setenta mil seguidores no Instagram e cem mil no TikTok, pois a rede social havia dado um *boom* durante a pandemia e eu tirei muito proveito dela para postar vídeos.

Estar em evidência era algo que eu gostava, por isso, sabia como usar aquelas duas ferramentas como ninguém. Talvez tenha sido por isso que achar o perfil de Chloe no Instagram tenha sido fácil, ainda que a garota tentasse, obviamente, se esconder. A mentirosa e antipática tinha oitocentos e quinze seguidores e pouco mais de oitenta publicações. Percebi que gostava muito de livros, porque a maioria dos seus *posts* era sobre isso. Achei curiosa a sua predileção por romances que, às vezes, apareciam em vídeos que eu via no TikTok, pois achei que Chloe fazia o perfil das pessoas que fugiam do que virava "modinha". Metida do jeito que era, não me surpreenderia se ela lesse apenas os clássicos da literatura inglesa como Shakespeare e Jane Austen.

— Parece que você gosta de atletas, afinal — murmurei para mim mesmo com um sorriso idiota nos lábios ao ver o seu *post* sobre uma série de jogadores de hóquei de uma autora chamada Elle Kennedy e a série Amores Imperfeitos da autora Bruna Pallazzo, que falava sobre jogadores de futebol americano.

Será que o problema de Chloe era apenas com jogadores de basquete? Ou comigo pessoalmente?

Tirando os *posts* sobre livros, havia algumas fotos dela com amigas e outras com um casal mais velho que, pela legenda, descobri que era seus pais. Chloe não parecia ser do tipo de pessoa que atualizava a rede social com frequência, tanto que não havia postado nenhum *story* nas últimas vinte e quatro horas. Não me lembrava de já ter conhecido alguma universitária que não postasse tudo sobre a sua vida na internet e achei aquilo interessante. Novamente, Chloe Davidson estava fazendo com que o bichinho da curiosidade assumisse seu controle sobre mim e me senti um pouco irritado. O que havia naquela garota que me atraía tanto? Ela havia me dado um fora e não gostava de mim. Geralmente, eu não ficava remoendo uma negativa, apenas seguia em frente. Por que Chloe parecia me prender?

— *Tá* viajando, idiota? O técnico chegou — Dylan disse ao meu lado, apontando para frente.

Nem tinha percebido que os caras já haviam chegado e ocupado as poltronas da sala de vídeo. Soltando um suspiro mal-humorado, enfiei o celular no bolso e senti o olhar curioso de Dylan sobre mim.

— O que foi? — questionei, vendo-o arquear uma sobrancelha.

— Sei lá, você que precisa me dizer. Quando cheguei aqui, estava sorrindo feito um idiota para o celular, um segundo depois, fechou a cara. O que *tá* pegando?

O técnico Brown me salvou de ter que responder à pergunta de Dylan.

— Vamos lá, garotos, quero que prestem atenção nesse vídeo — disse ele, apontando para o telão. A conversa cessou e todos nós focamos no que o técnico queria nos mostrar. — Travis Mayer e Josh Scott são os maiores pontuadores do CSU e formam uma dupla *quase* imbatível. São neles que precisamos focar.

O técnico deu *play* no vídeo e passamos os próximos minutos estudando o passe de Travis, o armador principal do CSU Bakersfield, para Josh, o ala armador. Os dois jogavam na mesma posição que Dylan e eu e tinham uma sincronia quase invejável, apesar de, na minha opinião, não chegarem perto da sincronia que eu e meu melhor amigo tínhamos. Ainda assim, formavam uma dupla que poderia facilmente dominar o jogo, caso enfrentassem um time mais lento.

O CSU Bakersfield fez uma boa temporada no último ano antes da pandemia, mas o Bruins havia se destacado. Apesar de não termos trazido o título para casa, chegamos bem perto e, esse ano, eu sabia que seríamos imbatíveis. Perder simplesmente não estava nos meus planos. Nosso time estava focado, alinhado e unido em um único propósito: ser o grande vencedor da temporada. Era meu último ano na universidade e eu me recusava a sair sem ter um título. Seria um dos nomes que entraria para a história da UCLA através do basquete e deixaria um legado para a próxima geração.

Depois de assistirmos ao vídeo, fomos para a quadra para treinar. Antes de começarmos, eu gravei um *story* rápido, em frente ao espelho do vestiário, com a camisa do Bruins em meu ombro esquerdo, descendo o celular para focar bem em meu abdômen definido. Quando subi a câmera, eu já estava vestido com a camisa do Bruins e me virei de costas, apontando para o KING escrito na parte de trás. No começo, mexer com edição de vídeo era algo que me estressava, mas com o tempo, dominei aquela arte assim como dominava qualquer outra área em minha vida que me desafiava. Quanto mais difícil alguma coisa parecia ser, mais eu queria conquistá-la.

Antes mesmo de deixar o celular, comecei a receber *directs* por conta do *story*. Eu respondia a maioria deles, nem que fosse com um emoji, mas só depois de estar em casa, relaxado e sem ter qualquer obrigação a fazer. Qualquer ser humano na face da Terra gostava de ganhar um elogio e era claro que eu não fugia à regra, mas não era um babaca que vivia à caça de *likes*, como algumas pessoas deveriam pensar.

"A mentirosa com certeza pensa que você é assim."

Revirei os olhos para mim mesmo e foquei no treino. Chloe Davidson ficaria de fora da minha mente, pelo menos até eu sair do centro de treinamento.



— E aí, vai me contar qual era o motivo do seu mau humor quando estávamos na sala de vídeo? — Dylan perguntou enquanto saíamos do vestiário.

Sentia os músculos das minhas pernas e dos meus braços pulsando, mesmo depois de passar quase quinze minutos debaixo do chuveiro. A adrenalina ainda corria pelo meu sangue também, o que me deixava agitado, mas foi a pergunta de Dylan que me fez apertar a alça da minha mochila com mais força. Ele havia percebido a minha interação com Chloe na noite de sábado — ou a *falta* de interação entre nós dois —, mas não sabia como aquilo havia me afetado, porque, geralmente, pouca coisa além do basquete, da minha família e das matérias que eu precisava

estudar, me afetavam. Ele também não sabia do nosso encontro na academia.

— Não foi nada. Eu só estava dando uma olhada no perfil daquela garota do bar.

— Que garota? A ruiva que passou a noite com você?

— Não. A que me deu um fora.

Dylan me olhou boquiaberto e eu bufei quando ouvi a sua risada.

— Não acredito! Pensei que tivesse superado aquilo, cara.

— Eu superei.

— Superou porra nenhuma. Se está *stalkeando* a garota, é porque ficou irritado com o não dela.

— Não fiquei irritado com isso, só com o fato de ela ter dito que não gostava de mim. Ela nem me conhece, Dylan.

— Se nem Jesus agradou todo mundo, por que acha que você vai agradar? — perguntou ele, dando um tapinha em meu ombro. — Esquece isso, Ray, tem uma fila de garotas atrás de você. É só pegar uma delas.

Eu fiz uma careta e continuei a caminhar ao lado dele para sairmos do centro de treinamento. Sabia que Dylan logo mudaria de assunto, porque ele não tinha muita paciência para ficar remoendo algo que poderia ser resolvido de forma simples — o que, geralmente, envolvia garotas —, mas acabei deixando escapar o que aconteceu na academia, na manhã passada. Ele ouviu tudo atentamente e soltou um assobio.

— Você chamou a garota de cuzona.

— É, chamei.

— Cara, não é assim que se conquista uma mulher, entendeu? Você não chega nela e a chama de cuzona.

— Quem disse que eu quero conquistar essa garota? Ela é estranha, Dylan!

— Olha, racionalmente, você pode até não querer pegar essa tal de Chloe, mas essa sua obsessão por ela diz outra coisa, Ray.

— Obsessão? Não acredito que ouvi isso. — Que merda Dylan tinha na cabeça?

— Você não para de pensar nela, não para de falar nela, estava *stalkeando* a menina no Instagram. Claro que isso é uma

obsessão.

— Cala a boca.

— Não, cara, me escuta — pediu, tocando em meu ombro quando ameacei acelerar os passos e deixá-lo para trás. Havíamos acabado de sair do centro de treinamento e o dia estava indo embora, dando espaço para a noite chegar. — Tem uma forma bem eficaz de acabar com isso.

— Com isso o quê, Dylan?

— Com essa obsessão — disse ele. Seus olhos estavam levemente arregalados e percebi que não estava brincando. Dylan achava mesmo que eu estava obcecado pela mentirosa. — É só trepar com a garota. — O idiota apontou um dedo para própria cabeça. — Eu sou um gênio, pode falar.

Às vezes, era muito difícil ser amigo de homens. Quando ia para casa e passava cinco minutos conversando com a minha mãe, eu tinha a sensação de estar conversando com Deus. A sabedoria dela era algo fenomenal e sempre me fazia acreditar que as mulheres eram seres superiores a nós. Ao ouvir aquela merda sair da boca de Dylan, percebi que minha teoria estava certa. As mulheres eram incríveis e os homens eram idiotas.

— Você é um babaca — falei, dando um tapa fraco na lateral da sua cabeça. — E essa foi a pior ideia que você já teve.

— O quê? Como sexo pode ser algo ruim? — perguntou ele vindo atrás de mim quando comecei a me afastar.

— Sexo é incrível, mas não para ser usado assim.

— Porra, Ray, para com isso. Eu vou mesmo me sentir um babaca.

— Que bom, o intuito é esse.

— Eu só queria te ajudar, cara. Se a garota está mexendo com a sua cabeça, investe nela. Prova que Raymond King é muito mais do que ela imagina. Tira essa impressão ruim que a tal Chloe tem de você. — Ele conseguiu me alcançar enquanto eu ia em direção ao meu carro, um Corolla 2010 que comprei há dois anos. Não chegava nem perto dos Audi que os riquinhos da UCLA dirigiam, mas era meu e eu me orgulhava dele. — E então, depois que fizer tudo isso, você vai poder transar com ela sem nenhum peso na consciência.

— Eu não quero transar com Chloe Davidson, Dylan — falei, abrindo a porta traseira para colocar minha mochila no banco de trás. Vi Dylan parar na porta do passageiro e arregalar os olhos para mim. Estava mesmo surpreso por eu não querer levar a garota antipática para a minha cama? — Coloca essa merda na sua cabeça! A garota é gostosa? Claro que sim. Me atraiu no bar quando chegou usando aquela calça justa e aquela blusinha que deixava a barriga de fora? Com certeza.

— Ray...

— Mas ela é louca, cara. Deus me livre ficar perto de uma garota assim, eu mereço mais do que isso.

— Ray, cala a boca, cara. Cala a boca! — Os olhos de Dylan pareciam que iam saltar das órbitas.

— Calar a boca por quê? Você ficou enchendo o meu ouvido até agora, só estou deixando bem claro que eu não quero trepar com...

— Comigo, já entendi.

Observei Dylan fechar os olhos e balançar a cabeça em derrota, enquanto meu cérebro tentava processar a merda que havia acabado de acontecer. No automático, quase que em câmera lenta, eu me virei e dei de cara com Chloe Davidson na minha frente, de braços cruzados, com as bochechas vermelhas e uma expressão furiosa. Puta merda. Caralho. Puta que me pa... Não, isso não. Minha mãe não merecia ser insultada porque eu era a porra de um idiota.

— Chloe... — Eu não sabia o que dizer. As palavras simplesmente evaporaram da minha cabeça.

— Não precisa dizer nada, King. Na verdade, acho que é bom mesmo você ficar quieto, assim pode ouvir sem interrupção que *eu* jamais iria para a cama com você. Sou *eu* que mereço mais do que *isso.* — Ela apontou para mim. — Babaca!

Era a segunda vez que a garota esbarrava comigo e ia embora depois de me xingar, no entanto, agora, eu sentia que merecia. Observei enquanto ela se afastava, parecendo mais furiosa do que no nosso encontro na academia, e engoli em seco, sem saber o que deveria fazer. Ir atrás dela e pedir desculpas? Ou deixar que desaparecesse da minha vida de uma vez?

— Que merda, Ray. Se tinha qualquer chance com essa garota, nem que fosse de zero vírgula um por certo, você acabou de arruinar tudo.

— Eu não queria trepar com ela — afirmei entredentes, o que era meia verdade. Naquela noite no bar, quando a vi e constatei que era gostosa pra caralho, claro que eu queria que rolasse alguma coisa. Depois que ela falou toda aquela merda para a amiga dela, o cenário mudou e eu recuei. Ainda assim... Não queria que Chloe tivesse ouvido aquilo.

"Regra número um: nenhuma mulher quer ser chamada de louca, querido. Esse é um dos maiores insultos que existe!", a voz da minha mãe soou em meus ouvidos e eu fechei os olhos, irritado comigo mesmo, e um pouco culpado. Homem era mesmo um ser idiota por natureza!

— Que bom, cara — Dylan disse, apertando o meu ombro. — Porque pode ter certeza de que o seu pau nunca vai encontrar o caminho para o meio daquelas pernas bonitas.

— Cala a boca, porra! Vamos embora.

Não queria que Dylan ficasse falando das pernas de Chloe. Era estranho pra caralho. Na verdade, não queria que Dylan *falasse*. Seria muito bom se ele pudesse ficar quieto até chegarmos em casa, para que eu pudesse colocar a minha cabeça no lugar e pensar no que iria fazer.

Pedir desculpas ou me afastar completamente?

Eis a questão.

5

"Você já se sentiu
Se sentiu tão frágil
Como um castelo de cartas
A um sopro de desmoronar?"

FIREWORK - KATY PERRY



Chloe

— Não acredito que você me chamou para beber em plena segunda-feira! Quem é você e o que fez com a minha amiga?

Senti que Kim queria que eu risse da sua piadinha, mas tudo o que consegui fazer foi apertar o copinho de tequila entre os meus dedos. Quando abri o aplicativo do *Uber* para sair da universidade, meu plano era pedir um carro para ir para casa, mas, quando me dei conta, estava digitando o endereço do bar do Thommy's. Assim que o motorista chegou, enviei uma mensagem para Kim pedindo para que fosse me encontrar com urgência e, mais uma vez, minha amiga provou que era incrível quando me mandou um áudio avisando que estava desmarcando seu encontro com Theo, o carinha com quem saiu no sábado à noite, para poder se encontrar comigo.

Melhores amigas faziam aquilo uma pela outra. E os homens que se ferrassem. Eu estava muito tentada a declarar uma guerra contra o gênero masculino naquele momento.

— O que aconteceu? Seu encontro com Ray foi um desastre?

Assim que a aula da Sra. Silverstone terminou, eu liguei para Kim, desesperada. Não podia — e ainda não conseguia — acreditar que aquilo realmente estava acontecendo, que eu teria que entrevistar Raymond King. Não apenas isso, claro, porque o trabalho era complexo e levaria muito mais do que meia hora de conversa. A Sra. Silverstone queria uma *história*. E uma história não se contava em um encontro de trinta minutos.

Foi Kim quem me acalmou e disse que eu conseguiria me sair bem. Se minha carreira como escritora não desse certo, eu trabalharia como jornalista e precisaria ser imparcial. E se tivesse que entrevistar um criminoso? Ou um político corrupto e que eu odiava? Eu precisaria lidar com qualquer tipo de situação. Ouvir aquilo colocou a minha cabeça no lugar e me animou um pouco. Não seria tão difícil, afinal, se o nome de King estava naquela lista, era porque ele tinha aceitado dar a entrevista previamente e sabia que teria que passar um tempo com um aluno no seu pé. Eu conseguiria.

Antes mesmo de sequer falar com ele sobre a entrevista, percebi como Kim e eu estávamos erradas sobre tudo.

— Eu fui até o centro de treinamento falar com ele, como você me aconselhou.

— Sim, você me disse que iria. — Ela fez um sinal para Bob, um dos barmen, e pediu mais uma rodada de *shots* de tequila. Como o bar estava vazio àquela hora, ele acenou para dizer que levaria nossos pedidos em poucos minutos. Eu ia me arrepender por estar bebendo em plena segunda-feira, sabia disso, mas precisava do álcool para tentar aplacar um pouco da minha raiva e da minha vergonha. — Agora me diz o que aconteceu para te deixar assim.

Virei o restinho da tequila que ainda estava em meu copo e tomei coragem para contar tudo.

— Como você mesmo disse, o treino terminou perto das seis horas e eu fiquei do lado de fora, esperando. Estava quase desistindo, quando vi Raymond sair com aquele outro jogador ruivo que esqueci o nome...

— Dylan. Com certeza era o Dylan, eles são melhores amigos. — O conhecimento de Kim sobre os jogadores do Bruins sempre me deixava assustada. — E o Dylan é um gostoso, vamos combinar.

Eu só concordei com a cabeça, sem querer admitir que havia prestado pouca atenção no amigo de Raymond. Quando eles saíram do centro de treinamento, tudo o que consegui ver foi King usando um short de academia, regata que deixava seus braços fortes à mostra e o cabelo úmido pelo banho recente. Logicamente, briguei comigo mesma por dar uma secada no inimigo, mas quem podia me julgar? O filho da mãe era bonito, para a minha infelicidade. E eu era heterossexual, o que era uma droga, pois me atraía sexualmente por homens. Minha vida era uma porcaria.

— Enfim, eu cheguei a abrir a boca para chamar por ele, mas não sou do tipo de pessoa que faz escândalo na rua e decidi me aproximar e abordá-lo. Ele parou em frente a um carro preto e eu percebi que era a minha chance, então, cheguei perto dele... E foi aí que tudo desandou. Ele estava falando sobre mim para o tal do Dylan e...

— Espera, ele estava falando sobre *você*? — Kim perguntou com um sorriso enorme. Bob se aproximou com as nossas bebidas e Kim quase pulou sobre a cadeira. — Os *shots* chegaram na hora certa! Eu *sabia* que Raymond estava na sua, ele ficou te olhando o tempo todo no sábado e ainda puxou assunto com você ontem na academia! Vamos fazer um brinde a isso, porque King é um gostoso e você vai ficar com ele sim, não importa o que diga. Eu já *shippo* esse casal! Aliás, precisamos mesmo pensar em um *shipp*! RayLoe? ChloMond? Nossa, péssimo esse segundo, mas RayLoe é tudo...

— Não, Kim, para! — pedi, tocando suas mãos que se agitavam sem parar.

— Parar por quê? Não me diga que quer continuar a dizer não para Raymond King, Chloe!

— Se você apenas me escutar, vai saber por que eu nunca, nunca mesmo, vou chegar perto desse idiota outra vez!

— Uau! Eu já te vi irritada antes, mas nunca assim. O que ele estava falando sobre você?

— Ele disse que eu sou louca! — A boca de Kim caiu aberta por um segundo, antes de suas sobrancelhas se franzirem.

— Como é o que é?

— Isso mesmo. Quando cheguei mais perto, ouvi ele falar para o amigo que nunca transaria comigo, porque, ainda que eu fosse gostosa e tivesse despertado o interesse dele no sábado à noite, eu era uma louca, que jamais ficaria perto de uma garota assim e que merecia mais do que isso!

Acho que eu já estava ficando um pouco bêbada. Só isso explicaria as lágrimas que invadiram os meus olhos quando me calei. Com raiva, virei o *shot* de tequila sem lamber o sal antes ou chupar o limão depois, porque só queria sentir o gosto do álcool e a sensação de estar pegando fogo que ele espalhava em minha garganta.

— Que idiota! — Kim xingou, dando um tapa na mesa. — Não acredito que estava *shippando* vocês dois a um segundo atrás. É ele quem não merece a mulher incrível que você é!

Eu balancei a cabeça para cima e para baixo, querendo concordar, mas me sentindo péssima.

— Foi horrível — murmurei e Kim se esticou para tocar em meu braço.

— Eu imagino, amiga, mas você não acredita em nada do que ele disse, não é? Raymond ao menos te conhece!

— Por isso mesmo. Será que é essa a impressão que eu causo nas pessoas?

E se todo mundo pensasse que eu era louca? Eu poderia ser um pouco excêntrica, não curtir a vida de universitária como todo mundo fazia, não gostar de fumar maconha e querer passar meio despercebida entre os alunos no campus, mas não era louca.

— Claro que não! Chloe, você é maravilhosa! Qualquer um que tiver a oportunidade de conviver com você, vai saber disso. Sério, se continuar dando ouvidos ao que aquele babaca disse, eu vou ser obrigada a ir à casa dele dar um chute naquele pau grande.

— Como sabe que o pau dele é grande? — questionei, apoiando o meu rosto na mão. Kim estava levemente turva na minha frente, culpa dos três *shots* de tequila que eu havia tomado. Os dois primeiros eu engoli antes de ela chegar.

— Eu não sei, mas é o que dizem por aí.

— Ele já deve ter enfiado o pau em noventa por cento das garotas da UCLA — concluí com uma careta, sem entender ao certo o sentimento estranho que apertou o meu peito. Devia ser nojo.

— Não sei se foi isso tudo, mas sei que em você ele não vai enfiar o pau. Nunca! Aquele babaca não vai chegar perto de você...

— Talvez eu deva escrever sobre isso, sabe? — Divaguei, pegando o *shot* de Kim.

— Sobre isso o quê? Ei, essa bebida é minha!

— Sobre King ser o maior safado da UCLA. A manchete pode ser: “Raymond King: astro do basquete ou babaca que só trepa com garotas que não são loucas?”. Vai ser uma história e tanto.

Virei o *shot* e, quando voltei a encarar Kim, ela parecia um pouco horrorizada.

— Não me culpe amanhã pela sua ressaca — disse ela, tirando o copinho da minha mão. — Acho que você está dando crédito demais ao Raymond, amiga. Ele é só um cara idiota, esqueça que ele existe.

— É um idiota bonito — ressaltei.

— Sim, é bonito.

— Mas o que tem de bo-bonito, tem de babaca.

— Exatamente. Acho que é melhor você parar de beber agora. — Senti a mão de Kim sobre a minha em cima da mesa. — Por que você não segue com o seu plano original e pede para a professora para entrevistar o técnico de futebol? Kristen não disse que adoraria entrevistar o Raymond?

Sim, ela realmente havia dito. Assim que fui sorteada para entrevistar o armador principal — ou o que quer que isso seja — do Bruins, Kristen me chamou de sortuda e disse que daria tudo para estar no meu lugar. No mínimo, era mais uma das admiradoras do babaca. Eu daria Raymond para ela com prazer!

— Vou fazer isso. Não quero chegar perto desse i-idiota de novo — solucei. Por que eu estava soluçando? — Mas eu não sou louca, né?

— Claro que não! Você é a mulher mais incrível do mundo — reafirmou.

Eu assenti, mas senti algo estranho em meu peito. Por que estava dando tanta importância para aquilo? E o pior, por que sentia que Raymond, talvez, tivesse motivos para achar que eu era doida?



Acordei com a pior ressaca da minha vida. Precisava confessar que a maior parte dela era moral, porque eu me recusava a acreditar que havia bebido por causa de Raymond, mas decidi que não iria me torturar por causa daquilo. Tinha coisas mais importantes para fazer, como melhorar fisicamente e ir assistir às aulas. Depois de passar quase dez minutos debaixo do chuveiro, tomei um remédio para enjoo e dor de cabeça e fui para a faculdade com a esperança de conseguir prestar atenção nas matérias.

Claro que isso não aconteceu.

No início da tarde, deixei a sala de aula com a sensação de que minha cabeça poderia explodir a qualquer momento. Tudo o que eu queria era ir para casa, mas precisei procurar pela Sra. Silverstone e solicitar uma conversa com ela, torcendo para que ainda estivesse na universidade. Para a minha sorte, esbarrei com a professora a caminho da sua sala e ela me recebeu com um sorriso no rosto. A Sra. Silverstone era conhecida pela sua simpatia e eu me agarrei a isso quando me sentei à frente da sua mesa e pedi para que me deixasse entrevistar o técnico de futebol no lugar de Kristen.

— E por qual motivo você quer entrevistar o técnico Stone, Chloe?

— Na verdade, o motivo não é ele, especificamente. O problema, é que eu e Raymond King não nos damos bem e eu me sinto desconfortável em ter qualquer tipo de contato com ele. Pensei no técnico Stone, porque Kristen e eu somos amigas e ela disse que não teria problema em trocar comigo.

— Hm, entendo. — A Sra. Silverstone ficou alguns segundos em silêncio e eu esperei com expectativa, torcendo pelo seu sim. — Mas você sabe que durante a sua vida profissional, não vai poder dispensar um trabalho só porque tem um problema pessoal com alguém, certo?

Senti meu estômago ficar gelado e nem foi por causa da ressaca.

— Sim, eu sei.

— Exatamente por isso que eu acho que você deve entrevistar o armador principal do Bruins! Você não está aqui apenas para conseguir um diploma, mas, também, para lidar com qualquer tipo de adversidade. Encare esse trabalho como um desafio pessoal e profissional. Você é uma ótima aluna, tem ética e responsabilidade, com certeza vai se sair bem.

O sorriso que consegui dar para a Sra. Silverstone foi, de longe, o mais amarelo e sem-graça de todos. Depois de agradecer por ter me doado aqueles minutos do seu tempo, saí da sua sala com a sensação de que estava indo direto para a forca. O que eu havia feito para merecer passar por aquilo? Por que o destino parecia me odiar tanto? Será que Deus não podia interceder por mim?

Desanimada, fui direto para casa e me joguei na cama assim que cheguei em meu quarto. Deixei todas as cortinas fechadas e apaguei, acordando apenas com o toque do meu celular, que havia parado debaixo do meu travesseiro em algum momento. Pensei em ignorar a ligação, mas quando vi que era minha mãe, me esforcei para atender.

— *Oi, querida! Como você está*?

— Oi, mãe. Com dor de cabeça, mas estou bem. E você e o papai?

— *Dor de cabeça? O que houve? Já tomou um analgésico?*

— Sim, não se preocupe. Acho que é por causa da rotina.

Minha mãe não era tão rígida ou protetora quanto o meu pai, mas não lidaria muito bem com o fato de a sua filha ter ficado bêbada em uma noite de segunda-feira. Havia limite no que podíamos ou não contar para os nossos pais, mesmo quando eles eram muito legais.

— *Você se dedica muito, meu amor, tenho muito orgulho de você.* — Droga, eu estava sensível mesmo. Foi só ouvir aquilo e senti minha garganta ficar apertada com um nó. — *Seu pai e eu estamos ótimos e cheios de saudade de você! Mal podemos esperar para te ver no feriado!*

— Também estou com muita saudade. Nem acredito que vou comer a sua comida.

Minha mãe era a melhor cozinheira do mundo e o seu peru do almoço de Ação de Graças era de comer rezando — e o trocadilho nem era brincadeira.

— *Vou caprichar, pode ter certeza, só que não vamos almoçar em casa. Seu pai fez amizade com um funcionário da empresa e ele e a esposa nos convidaram para passar o Dia de Ação de Graças com eles. Estou animada, nós jantamos juntos no sábado e eles são incríveis. Você vai adorá-los.*

— Que bom, mãe, fico feliz que já estejam fazendo novas amizades.

— *Você sabe que eu não consigo me conter, já conheço todos os nossos vizinhos*.

Eu sorri ao ouvir o seu entusiasmo e passamos os próximos minutos com ela contando algumas curiosidades sobre o novo bairro onde estavam morando e a vizinhança. Eu havia passado todos os feriados na casa nova deles em San Francisco, mas conhecia pouco do lugar. Estava ansiosa pelas férias de inverno, assim, poderia passar mais tempo com os meus pais. O fato de ter passado praticamente toda a minha vida de universitária morando com eles, me deixou mal-acostumada. Talvez fosse por isso que eu não fosse parecida com a maioria das alunas.

— *Já combinou direitinho a carona que você vai pegar com a sua amiga para vir passar o feriado conosco?* — Mamãe perguntou, mudando de assunto.

Kate, uma das meninas da fraternidade, também iria para San Francisco no feriado e eu pegaria uma carona com ela. Seria melhor do que ir de *Uber* ou fazer o meu pai vir me buscar, pois era uma viagem de seis horas de carro, ou ter que ir de ônibus. Também poderia ir de avião, mas eu adorava Kate e seria incrível viajar com ela.

— Combinei, sim. Kate e eu vamos juntas de carro, vai ser legal.

— *Espero que sim, querida. Seu pai acabou de chegar, vou passar para ele. Te amo.*

— Também te amo, mãe.

Um segundo depois, ouvi a voz grave do meu pai do outro lado da linha:

— *Minha princesa, como você está?*

James Davidson era o melhor pai do mundo! E o mais protetor e careta também. Meu pai achava que homem algum era digno da sua princesa — eu — e que qualquer um precisava passar pelo seu crivo para poder chegar perto de mim. A primeira e última vez que namorei, havia sido um horror. Eu tinha dezesseis anos e a experiência de ver o meu pai interrogando Miles, meu ex-namorado, foi meio traumática. Na época, estávamos apaixonados um pelo outro e Miles provou que o que sentia por mim era mesmo verdadeiro, pois se manteve firme mesmo sob a pressão do meu pai.

Namoramos por dois anos e nos separamos quando ele passou para a Universidade do Michigan. Foi com ele que perdi a minha virgindade e, quando mais nova, achava que iríamos nos casar e formar uma família. Não foi o que aconteceu, mas o nosso término não foi traumático ou qualquer coisa parecida com isso. O sentimento entre nós dois apenas perdeu a sua intensidade e percebemos que nosso namoro não resistiria à distância de 3.673km que nos separaria. Hoje, ele estava namorando uma menina da sua universidade e parecia muito feliz, então, também estava feliz por ele. Nos seguíamos no Instagram e, raramente, trocávamos mensagens. Miles tinha um lugar especial no meu coração e na minha memória.

Depois dele, tive apenas alguns casos sem importância, nada que valesse a pena a dor de cabeça de apresentar um garoto ao meu pai. Ele achava que eu estava intocada depois de Miles e eu deixava que seguisse firme nessa ilusão, porque não queria que sofresse um infarto ou qualquer coisa do tipo ao descobrir que eu já havia feito sexo casual com alguns alunos da UCLA — e chegado à conclusão de que eu não havia sido feita para ter casos de uma noite só. Como tinha dito anteriormente, havia um limite sobre o que podíamos ou não contar aos nossos pais e, no caso do meu pai em específico, era bom que ele não soubesse de nada.

Após alguns minutos conversando com ele, encerramos a ligação e resolvi dar uma olhadinha no Instagram. Eu não era uma

usuária assídua, do tipo que postava sobre toda a minha vida, mas como qualquer outra pessoa, conseguia perder uma hora ou mais rolando o *feed* e vendo os *stories* alheios. Assim que entrei na rede social, percebi que havia uma solicitação de mensagem em meu *direct* e abri, tendo a certeza de que seria um daqueles perfis que vendiam seguidores ou uma empresa qualquer apresentando algum produto inovador, mas tomei um susto ao ver quem era.

Raymond King havia me enviado um *direct*.

A forma como o meu coração deu um solavanco no peito foi muito inapropriada. O órgão idiota não tinha que se manifestar de forma alguma quando o assunto era Raymond, a não ser, é claro, que fosse com raiva. Nervosa, sentei-me na cama e acendi a luz do abajur, pensando se deveria ou não abrir a mensagem. Logo entendi que não conseguiria viver em paz se não soubesse o que o jogador de basquete queria comigo, por isso, cliquei na conversa e comecei a ler.

Raymond King: E aí, Chloe, tudo bem? Sei que, provavelmente, você vai ver o meu nome e vai excluir essa mensagem sem ao menos ler, mas, caso esteja lendo nesse momento, quero que saiba que eu sinto muito sobre o que aconteceu ontem. Não deveria ter dito aquilo sobre você e me senti muito mal que tenha ouvido. Juro que não sou um babaca, apesar de você acreditar muito nisso nesse momento (e eu ter te dado todos os motivos para pensar desse jeito).

Raymond King: Enfim, só queria mesmo me desculpar e avisar que deixei um par de ingressos no seu nome na bilheteria do Pauley Pavilion para que possa assistir ao nosso jogo de amanhã. Vai ser incrível se você for, espero poder te encontrar lá para me desculpar pessoalmente.

Raymond King: Bom, era só isso mesmo. Abraços!

Precisei ler a mensagem mais duas vezes, só para ter a certeza de que não estava em um sonho muito louco, onde Raymond King me enviava mensagens pelo Instagram e ainda me dava dois ingressos de presente para assistir a uma partida de

basquete do Bruins. Chocada, tirei um *print* e mandei para Kim, que me respondeu em menos de um minuto.

Kim: É CLARO QUE A GENTE VAI! Já escolha um *look*, de preferência, azul e branco, cores do Bruins!

Eu sabia que deveria negar. O que eu faria em um jogo de basquete, se ao menos ligava para o esporte? Era só fingir que eu não havia lido aquela mensagem — apesar de saber que King saberia que eu li — e seguir com a minha vida, no entanto, antes que eu pudesse pensar em dizer não, me peguei me levantando da cama e indo em direção ao *closet* para escolher a porcaria de uma roupa azul e branca.

— Só vou porque preciso ter uma conversa civilizada com Raymond para poder o entrevistar — disse para mim mesma enquanto pegava uma calça *jeans*. Será que servia para ser a peça de roupa azul? — Apenas por isso.

Talvez falando em voz alta, eu conseguiria convencer a mim mesma.

6

"E eu preciso que você saiba que estamos
Entrando nessa tão rápido, caindo como as
estrelas"

FALLING LIKE THE STARS - JAMES ARTHUR



Chloe

O Pauley Pavilion era a casa dos times de basquete feminino e masculino da UCLA. Localizada no campus, a arena tinha lugares para mais de duas mil pessoas e, naquela noite em específico, estava lotada. A maior parte do público usava as cores do Bruins e eu fiz uma nota mental de agradecer a Kim por ter me feito vestir azul e branco — apesar de ela ter vetado a minha calça *jeans* e me feito usar um vestido azul com uma jaqueta branca por cima.

— Meu Deus, você tem noção de que estamos no melhor lugar da arena? Isso é demais!

Kim teve que gritar em meu ouvido, porque o falatório do público quase não me deixava ouvir nada. Seu entusiasmo para assistir ao jogo só não era maior do que o dos fãs fanáticos pelo Bruins, que estavam cantando o grito de guerra do time há quase vinte minutos. Apesar de eu nunca ter parado para assistir a uma partida completa de basquete — ou de qualquer outro esporte —, não podia mentir. Estar ali, tão perto da quadra, vendo os jogadores se aquecerem e ouvindo o público cantar, era uma baita

experiência. Eu estava com um frio intenso na barriga e ainda não sabia ao certo se havia tomado a melhor decisão quando aceitei o convite do jogador.

Somente em um universo paralelo eu receberia uma mensagem de Raymond King querendo me falar *qualquer coisa*. Nos conhecemos pessoalmente há poucos dias, cheguei à conclusão de que eu odiava o cara e, com certeza, ele não se sentia muito diferente sobre mim. Portanto, estar aqui agora, convidada por ele, me parecia algo muito surreal. Precisava confessar que parte de mim chegou a pensar que ele só queria zoar com a minha cara e que a atendente da bilheteria iria rir de mim e falar que não havia ingressos algum à minha espera, mas King provou que não era tão infantil assim.

— Ali está ele! — Kim voltou a gritar em meu ouvido e apontou para a frente com o queixo. — Poxa vida, por que ele tem que ser tão gato?

Meus olhos bateram em Ray se aquecendo no centro da quadra, o sobrenome KING e o número 16 logo abaixo na parte de trás das suas costas. Ele estava ao lado de Dylan e de um outro cara do time, que eu não conhecia. Os três eram enormes, pareciam uma geladeira inox *frost free* de duas portas, altos, fortes e impenetráveis. Talvez a analogia não fosse tão boa assim, mas era só nisso que eu conseguia pensar. Raymond começou a quicar uma bola de basquete entre as pernas musculosas e foi impossível não notar como suas mãos eram grandes, com dedos longos, veias subindo pelos braços até os cotovelos. Deveria ser crime um homem ser tão lindo daquele jeito.

Sem que eu pudesse impedir, minha mente gravou cada detalhe do seu corpo — coberto, infelizmente — para que eu pudesse transcrever tudo depois. Assim que me dei conta do que minha cabeça estúpida estava fazendo, tive vontade de me estapear. Eu nunca me inspiraria em Raymond King, ainda que ele fosse um gostoso de marca maior. *Jamais* passaria por tal humilhação!

— Aceitar esse convite foi uma péssima ideia!

— O quê? Como assim? — Kim perguntou ao meu lado e eu revirei os olhos para mim mesma. Não era para eu ter falado em voz

alta. — Ele foi gentil, Chloe. Viu que errou, se desculpou e ainda te deu dois ingressos para assistir ao jogo do Bruins. Seria falta de educação recusar.

Kim mudava muito rápido de opinião. Na segunda-feira à noite, estava odiando Raymond ao meu lado, assim que recebeu o *print* da mensagem dele, mudou rapidinho de ideia. O pior, era que eu sequer poderia julgá-la. Meu coração idiota também amoleceu depois do que Raymond me escreveu por *direct* e a sensação esquisita me manteve acordada por boa parte da noite. O maior problema de ser escritora e leitora de romances, era que a *fanfic* rolava solta quando a gente colocava a cabeça no travesseiro. A melhor parte, era que ninguém poderia ler meus pensamentos insanos quando a madrugada chegava.

— Sei disso — murmurei na esperança de que ela não fosse ouvir, mas Kim estava praticamente com a orelha enfiada na minha boca. — Só estou querendo manter a pose de durona.

— Você é a durona mais fofa que eu conheço! — Kim disse, passando o braço pelos meus ombros. — Tenho certeza de que o Ray vai perceber isso quando vocês passarem mais tempo juntos.

— Eu nem sei se ele vai aceitar me dar a entrevista. E se por um acaso ele aceitar, vou tentar reduzir os nossos encontros ao máximo.

— Claro que ele vai aceitar, não tem para onde fugir, ele deu a sua palavra para a Sra. Silverstone previamente. E o fato de ter pedido desculpas a você e ter te dado um par de ingressos, já prova que ele não te odeia tanto assim.

— Ele só deve ter feito isso porque estava com a consciência pesada, Kim.

— Pode até ser, mas nós duas sabemos que a maioria dos caras não ligam para o peso na consciência. Se Raymond fosse *tão* babaca quanto a gente pensou que era, não teria te pedido desculpas.

Eu apenas concordei com a cabeça, porque era orgulhosa e não queria admitir em voz alta que Kim poderia estar certa. Observei Raymond de longe, rindo para um colega de time por alguns segundos, antes de voltar a ficar sério e se concentrar. Pelo pouco que sabia, ele era extremamente focado na carreira e com certeza

queria entrar para uma liga profissional. Eu era leiga no que dizia respeito a esportes, mas podia notar como Raymond parecia se desligar para o que acontecia à sua volta enquanto se aquecia, apesar de ter acenado para o público algumas vezes. Será que tinha me visto? Se sim, fingiu que não me reconheceu, pois não acenou para mim.

O aquecimento terminou e os jogadores sumiram da quadra, deixando para trás o burburinho cada vez mais alto do público. Ao meu lado, Kim abriu o Instagram e começou a gravar alguns *stories* da arena lotada, antes de inverter a câmera e focar em nós duas. Depois de fazer um *boomerang*, ela escreveu alguma coisa na tela que não consegui ver e postou no momento em que as luzes se apagaram.

— Vai começar! — Comemorou, gritando junto com o público.

Luzes coloridas se acenderam sobre a quadra e os dois times entraram, o adversário, CSU Bakersfield, em cores branca, amarela e azul e o Bruins em seu tradicional uniforme branco e azul. Eles se reuniram no centro da quadra, cada um em sua posição, e o árbitro jogou a bola para cima. Depois disso, tudo aconteceu muito rápido. A bola sequer conseguiu chegar ao chão, Dylan a pegou ainda no ar, jogando-a para Raymond, que quicou com ela até perto da linha de três pontos — pelo menos o básico eu sabia sobre basquete. Um jogador do CSU marcou firme em cima de King, sem deixar que ele arremessasse a bola para a cesta, fazendo-o jogar a bola para um outro companheiro do seu time.

Em um passe rápido, o jogador com a posse de bola pareceu observar que Raymond estava perto o suficiente e jogou a bola para ele de novo sem ao menos olhar em sua direção. O passe precioso fez com que King conseguisse, ainda na linha de três pontos, arremessar a bola na cesta e pontuar para o Bruins.

— Isso! Boa!

Aquele grito, no meio da multidão enlouquecida, foi meu. Demorei meio segundo para me dar conta de que eu havia acabado de vibrar para Raymond King no meio de um jogo de basquete. Por um momento, parecia que todos os olhos estavam sobre mim, mas era só a minha consciência me apontando o dedo e rindo da minha cara. Nem mesmo Kim pareceu se importar muito com o meu

entusiasmo, pois ela vibrava tanto quanto eu. No meio do meu choque, o CSU conseguiu fazer uma cesta de dois pontos, mas logo Raymond tinha a posse de bola de novo e fez um passe para Dylan, que marcou mais uma cesta de dois pontos. Foi impossível não comemorar de novo, porque a alegria do público era contagiante.

No caminho para a arena, Kim me explicou que, diferente da NBA, em que os jogos eram disputados em quatro tempos de 12 minutos, na NCAA[3], os jogos eram disputados em dois tempos de vinte minutos. Quando soube disso, achei que a hora demoraria a passar, mas me enganei completamente. Em meio à emoção do jogo, só me dei conta de que o primeiro tempo havia acabado quando soou o apito e os jogadores se dispersaram. O placar estava 45 para o Bruins e 40 para o CSU.

— Acho que você está gostando da experiência. — Kim sorriu ao meu lado e eu não pude deixar de negar, dando um gole na minha Coca.

— Estou adorando, na verdade, mas não conte a ninguém. — Ri, dando de ombros. — É legal. Assistir o jogo na arena é completamente diferente do que assistir pela TV.

A ESPN transmitia a temporada de basquete universitário, mas nunca me importei muito em assistir. Quando morava com meus pais, ele acompanhava os jogos, mas não era um programa em família e, na mansão da Alpha, nenhuma menina gostava de basquete o suficiente para se reunir em frente à TV. Elas gostavam mais do pós-jogo, quando geralmente acontecia festas ou o time se reunia no Thommy's.

— Com certeza, o entusiasmo do público faz a gente torcer também! Só estou um pouco preocupada com esse placar. Percebeu como aqueles dois jogadores do CSU jogam em sincronia? Eles também marcam demais em cima dos meninos.

— Eu percebi, sim, mas Raymond e Dylan são quase imbatíveis.

Eu estava realmente impressionada. A forma fluída como jogavam, como passavam a bola um para o outro, muitas vezes sem nem mesmo perder tempo observando a posição de cada um, era de se admirar. E Raymond era *realmente* imbatível. A maior parte das cestas de três pontos foi feita por ele, sua agilidade era

impressionante, a forma como conseguia desviar do bloqueio dos seus adversários era inexplicável. Eu não imaginava que ele jogava daquele jeito, apesar de todo mundo tecer elogios sobre a sua performance em quadra.

— Eles precisam melhorar um pouquinho a defesa — Kim disse ao meu lado. — Mas sei que vão rever as falhas lá dentro e vão arrasar quando voltar.

Eu concordei com a cabeça, ansiosa, apertada para fazer xixi por causa do nervosismo, mas não ousei me levantar. O intervalo terminou e assim que o time voltou para a quadra, eu senti meu coração ficar mais acelerado. Coloquei a culpa na adrenalina pelo jogo e não porque meus olhos não conseguiam se desviar de Raymond. O árbitro jogou a bola para cima e foi King quem a pegou dessa vez, passando como um foguete pelo CSU. Um jogador do time adversário o bloqueou, mas ele girou o corpo para o lado contrário de onde o jogador estava e marcou uma cesta de dois pontos.

O jogo começou a se desenrolar de forma diferente e percebi que Kim tinha razão, eles voltaram ainda melhores, quase sem deixar brechas para que o CSU pontuasse. Bloquearam a maior parte das cestas do outro time, que conseguiu chegar a cinquenta pontos em oito minutos de jogo, enquanto o Bruins estava com sessenta e cinco. Nem mesmo a sincronia entre a dupla principal do CSU conseguiu impedir que os meninos passassem por cima deles como um rolo compressor.

A cada cesta, eu me vi vibrando e gritando com Kim, embriagada pelo clima dentro da arena e pela iminente vitória do Bruins. Faltando poucos minutos para o jogo acabar, nosso time já havia batido a marca de noventa pontos, enquanto o CSU tinha apenas cinquenta e seis. Nos últimos segundos, eles conseguiram chegar a cinquenta e oito, mas o Bruins já estava com noventa e cinco e o público foi à loucura quando o jogo terminou. Aquela vitória parecia ter um sabor especial, talvez pelo tempo em que o time precisou ficar longe das quadras por causa da pandemia ou pela nítida emoção nos olhos dos jogadores.

Nos olhos de Raymond King, especificamente.

Foi inevitável chegar à conclusão de que eu precisava abordar aquela noite na matéria que escreveria para o trabalho acadêmico. Também fiz uma nota mental de pedir para que Raymond me contasse como se sentiu após vencer o primeiro jogo da temporada dentro de casa, cercado pelo público fiel do UCLA Bruins, depois de tanto tempo longe da quadra. Tinha certeza de que aquela parte da entrevista tornaria a matéria mais emocionante. A Sra. Silverstone queria uma história e eu sabia que Raymond estava começando a contar parte da sua história naquela noite. Sem poder conter a emoção, me senti grata por ele ter me permitido participar daquele momento “ao seu lado”.



Precisava muito fazer xixi! Segurando a mão de Kim, passamos por entre a multidão tentando achar o banheiro, sentindo que minha bexiga poderia explodir a qualquer momento, até que finalmente conseguimos achar o corredor onde ficavam os sanitários. Como eu era uma azarada, a fila estava enorme e precisei ficar dando pulinhos para que o xixi simplesmente não escorresse pelas minhas pernas.

— Não era para eu ter tomado todo aquele refrigerante — choraminguei, vendo Kim rir da minha cara. — Isso é sério, Kim! Sabia que prender o xixi faz mal? Eu posso ter uma infecção urinária, que pode se agravar e me levar à morte!

— Minha nossa, a sua versão dramática não é a minha favorita. Olha só, a fila andou. — Sim, tinha andado mesmo. Agora só tinha dez garotas na minha frente. — Por que não manda uma mensagem para o Raymond e pergunta se não pode usar o banheiro do vestiário? — Por um momento, quase acreditei que ela estava falando sério, mas assim que um sorriso sardônico se abriu em seus lábios, entendi que só estava *zoando* com a minha cara. — Eu adoraria ver aqueles homens enormes tomando banho.

— Você tem o contato do Raymond King? — Uma voz esganiçada atingiu o meu ouvido e eu me virei para a garota à minha frente, que não sabia se sorria ou se mascava um chiclete. —

Meu Deus! Sério, você precisa me passar! Eu faço o que você quiser!

— Não! Eu não...

— Ela não vai te passar — Kim me interrompeu, passando o braço sobre os meus ombros. — Sabe quem é ela, bonitinha?

— Não. — A garota me olhou de cima a baixo, torcendo a boca. — Quem é você?

— Eu sou...

— A futura namorada do King.

Eu podia sentir que Kim estava sorrindo, mas nem consegui reagir, porque tive medo de que a minha pressão abaixasse de repente, tão rápido que o sangue pareceu se esvair do meu corpo. A garota do chiclete abriu a boca e a goma de mascar toda babada quase escapuliu pelos seus lábios.

— Mentirosa! — Grunhiu ela, colocando as mãos na cintura. Usava um *croped* azul e uma saia branca que deixava os dois quilômetros das suas pernas de fora. — Raymond não namora! Todo mundo sabe disso!

— Mas ele está louquinho para namorar a minha amiga aqui. — Kim apertou o meu ombro e eu a olhei em choque. O que ela tinha na cabeça? — King deu um par de ingressos para ela assistir ao jogo hoje, sabia? No melhor lugar da quadra. E ainda disse que cada cesta que faria nessa noite, seria para ela.

— Kim.... — Seu nome saiu por entre os meus dentes. — Para com isso.

— Ela é tímida, não quer que ninguém saiba sobre o relacionamento deles ainda, porque as pessoas são muito invejosas, sabe? — Kim olhou a menina do chiclete de cima a baixo e as bochechas da garota ficaram vermelhas, não sabia se de fúria ou de vergonha.

— Eu não acredito nisso! Vocês são loucas! Raymond nem deve saber que vocês existem!

Sem nos dar chance de resposta, a garota saiu pisando duro, arrastando consigo a menina que estava na sua frente na fila, provavelmente sua amiga. Assim que ela desapareceu do corredor, a risada Kim ecoou em meus ouvidos.

— O que deu em você? Ficou doida? — questionei, sem saber se ria ou se dava um tapa naquela maluca.

— Viu a cara dela? Meu Deus, eu amo perturbar essas garotas! Assim que a vi, percebi que era uma das fanáticas pelo King. — Ela limpou as lágrimas nos cantos dos olhos.

— E se ela espalhar essa história para todo mundo?

— Ela nem sabe o seu nome. Pode ter certeza de que a fofoca pode até rolar, mas ninguém vai descobrir a sua identidade. — Kim apontou para frente e percebi que eu já era a próxima da fila. — Nem precisa agradecer por eu ter tirado aquelas duas do seu caminho. Vai logo fazer xixi, porque não quero ser a responsável pela falência dos seus rins!

Corri para o banheiro e, enquanto me aliviava, acabei rindo tardiamente daquela história inventada por Kim. Eu e Raymond quase namorando. A piada já veio pronta. Se a garota tivesse ao menos um neurônio funcionando, entenderia logo que era mentira, porque King e eu não tínhamos nada em comum. Literalmente nada! Como água e óleo, sal e açúcar, Pelé e Maradona — esses dois eu só sabia que existiam porque meu pai adorava futebol e torcia pelo Brasil na Copa do Mundo —, e qualquer outra coisa que fosse oposta.

E, no nosso caso, os opostos *não* se atraíam.

Deixei a cabine do sanitário e encontrei Kim encostada ao balcão onde ficavam as cinco pias, enviando uma mensagem para alguém, provavelmente para Theo. Lavei a minha mão e estava prestes a pegar o batom em minha bolsa, quando ela se virou para mim e disse:

— Os meninos vão deixar o vestiário daqui a cinco minutos! Vamos!

— O quê? — Parei com o batom a caminho dos lábios. — Como assim “vamos”? E como você sabe disso?

— Theo é amigo do Ryan, lembra? O pivô do time. Parece vai rolar uma festa na casa de um amigo do Ryan e ele mandou uma mensagem para Theo, convidando-o. Disse que o time vai chegar lá daqui a pouco, pois estão prestes a deixar o vestiário. Precisamos nos apressar, se quisermos pegar o King antes de ele ir para a festa.

— Pegar o King? Sério, Kim, você está bem? A bola bateu em sua cabeça em algum momento e eu não vi? Porque você só pode estar com algum parafuso frouxo aí dentro. — Apontei para a sua cabeça e Kim cruzou os braços.

— Se você acha que vai sair daqui e ir direto para casa sem agradecer a gentileza do Raymond, está muito enganada! Ele disse que queria te ver para se desculpar pessoalmente.

— Não, ele disse que *esperava poder me encontrar*. É diferente.

— Não tem diferença alguma para mim.

— Claro que tem. Eu não quero me meter no caminho dele, Kim. Só vou mandar uma mensagem agradecendo pelos ingressos, dizendo que aceitei as desculpas e que vim assistir o jogo. Depois vou pedir para entrevistá-lo.

— Pelo *direct* do Instagram?

— Sim.

— Cadê o seu profissionalismo? Você tem que pedir a ele pessoalmente, Chloe.

Fiz uma careta e me virei para passar o batom. Sim, eu sabia que tinha que falar com ele pessoalmente, até porque, não poderia entrevistá-lo por mensagem, certo? Uma das regras do trabalho, era que houvesse um contato real com o entrevistado, o que não aconteceria se a nossa conversa fosse feita de modo remoto, como por videochamada, por exemplo. Só que eu não me sentia... Pronta para ficar cara a cara com King. Não depois daquela noite, em que vibrei pelo time — e por ele — como se eu fosse a menina do chiclete.

Eu não queria ser uma menina do chiclete, de verdade. Ao mesmo tempo, sabia que Kim tinha razão. O mínimo que eu poderia fazer, era encarar Raymond e agradecer pelos ingressos. Ele errou comigo, correu atrás, se desculpou e foi gentil. Por outro lado, eu ainda poderia ser uma cuzona aos seus olhos e aquilo me incomodava. Não queria ser uma cuzona, porque sabia que eu era mil vezes melhor do que a versão irritada que apresentei ao jogador de basquete.

— Tudo bem — respondi, colocando meu batom na bolsa. Covardia era um sentimento que eu repudiava, portanto, não

poderia ser covarde e ficar me escondendo como uma menininha de cinco anos de idade. Eu era adulta, afinal. — Vamos atrás do King.

— É assim que se fala, garota! — Kim sorriu e me deu um tapa na bunda quando passei por ela. — Gostosa. Se eu fosse o Raymond, te pegava.

— Sua doida, fica quieta!

— Só estou falando a verdade. Você é um mulherão.

— Você que é — falei, abraçando-a pela cintura. — E é a melhor amiga de todas.

— Isso eu nasci sabendo, sua boba.

7

"E suas idéias sobre mim continuam
Eu bancaria o bobo por você
Eu mudaria as regras por você
Diga qualquer coisa, que eu faço
Apenas faça isso acontecer"

CAN'T LET HER GET AWAY - MICHAEL JACKSON



Raymond

— Vocês foram fodas hoje à noite! Fodas pra caralho! Parabéns!

Poderia ser o técnico Brown dizendo aquelas palavras, mas era só eu mesmo, no meio do time, parabenizando os meninos por um jogo espetacular. Eu sabia que iríamos ganhar. Confiava no meu time, estávamos em sincronia, todos em busca do mesmo objetivo — tornar o UCLA Bruins o campeão da temporada —, mas eu ficava no pé deles.

Como armador principal, eu era uma espécie de capitão e sentia que estava ali não apenas para cobrar dos meus jogadores, mas para parabenizá-los também. Gostava de tirar alguns minutos depois de cada partida para ressaltar como eles eram talentosos, porque havia aprendido com o meu primeiro técnico, ainda na adolescência, que elogios estimulavam muito mais do que cobranças e eu acreditava cegamente nisso.

— Agora, vamos beber! — Dylan gritou, girando a camisa no ar, ainda de torso nu depois do banho.

Quando o jogo era fora de casa, precisávamos ir direto para o hotel, sem distrações, mas como não era o caso, estávamos liberados para curtir a vitória no melhor estilo de todos. Estava animado para tomar uma cerveja gelada com os meus amigos e curtir o gostinho da vitória.

— Somos eu e você contra o mundo, cara! — Dylan disse, erguendo o punho para bater no meu quando deixamos o vestiário em direção à saída da arena. — Não tem duplinha nenhuma que barre a gente!

— É isso. Viu que eles tentaram, né? E aquele tal de Travis é um babaca. O filho da puta ficou xingando na porra do meu cangote o jogo inteiro — grunhi, irritado.

Comparado ao futebol americano e ao hóquei, o basquete era um jogo relativamente tranquilo. O embate corpo a corpo era inevitável, mas a violência que havia nos outros dois esportes não cabia na nossa modalidade, por isso, alguns jogadores marrentos gostavam de xingar ao pé do nosso ouvido para tentar nos desestabilizar, pois sabiam que se cometêssemos sete faltas, eles teriam direito a um lance livre, e até dois lances, caso acertassem o primeiro. Também havia a regra de que após cinco faltas, um jogador era expulso da partida. Portanto, mexer com a nossa cabeça era algo que alguns idiotas tinham o prazer de fazer e Travis Mayer, armador principal do CSU, era um deles.

— Ele fez isso comigo também. Senti vontade de dar um soco na cara dele? Claro que sim, mas preferi dar um banho de sangue em quadra. Foi bem mais prazeroso.

— Com certeza. — Sorri, concordando com o meu melhor amigo.

O pessoal do time, tanto titulares quanto os reservas, se juntaram a nós dois e saímos juntos da arena. Do lado de fora, alguns fãs nos esperavam, inclusive garotas, que geralmente eram convidadas por um dos jogadores para sair dali. Eu não tinha o feitio de fazer isso, preferia arrumar uma companhia no lugar onde seria a festa ou no bar do Thommy's.

Odiava generalizar, mas algumas das meninas que ficavam por ali não entendiam muito bem o conceito de uma noite só e eu sempre era sincero com quem me envolvia. Não estava em busca

de um relacionamento, meu foco estava em minha carreira e nos estudos. Mesmo deixando isso claro, algumas garotas acabavam me enchendo de mensagens no *direct* no dia seguinte e algumas até mesmo descobriam o número do meu celular. Por esse motivo, havia estabelecido uma regra de que não me aproximaria de nenhuma garota que estivesse do lado de fora da arena à nossa espera, só não esperava dar de cara com Chloe assim que pisei na calçada.

Usando um vestidinho azul que terminava no meio das coxas, as mesmas botas de cano curto de sábado à noite e uma jaqueta branca, a garota estava linda. As cores do Bruins caíram muito bem nela e eu não sabia ao certo se o que havia me deixado mais surpreso era o fato de ela ter simplesmente aceitado os meus ingressos e ido ao jogo ou ter feito tudo isso *usando* as nossas cores. Vi pelo canto de olho que Dylan se afastou para falar com um conhecido e aproveitei aquele momento para me aproximar. Chloe estava conversando com a amiga com quem estava no bar na noite de sábado, de costas para mim. Pensei que conseguiria surpreendê-la, mas sua amiga me viu e apontou com o queixo em minha direção, fazendo com que Chloe se virasse e me encarasse.

Ok, de frente ela estava ainda mais bonita. Seus cabelos estavam soltos, seus lábios estavam pintados em tom de vermelho claro — se é que isso realmente existia — e ela havia feito aquele lance de gatinho no olho, que eu não sabia como chamar, mas que deixou o castanho dos seus olhos mais vívidos. Ela era uma visão e tanto e eu sentia que poderia mandar a minha própria regra para a puta que pariu e beijar a boca dela agora mesmo.

— Ei, você veio — falei o óbvio porque, de repente, não sabia ao certo o que dizer.

Certas pessoas conseguiam intimidar as outras a sua volta com a beleza, outras, com a inteligência. Poderia não conhecer muito sobre Chloe, mas algo me dizia que ela era inteligente pra caralho. Ela tinha uma carinha fofa de *nerd*, mas era melhor que eu mantivesse aquela impressão para mim mesmo, porque a garota era bem arisca. Se fosse para levar algum arranhão vindo daquelas unhas pintadas de rosa, preferia que fosse com ela na minha cama.

— Sim, eu vim. Foi muita gentileza da sua parte me dar os ingressos, Raymond.

Ela parecia um pouco incerta, suas mãos estavam agitadas e seu peito subia e descia por causa da respiração levemente ofegante. Eu afetava aquela garota e ter consciência disso me deixou mais feliz do que era aceitável.

— Foi o mínimo que eu poderia fazer depois de tudo.

— Também acho — disse a amiga dela, estendendo a mão para mim. — Não sei se consegue se lembrar de mim, mas meu nome é Kim. Sou a melhor amiga da Chloe e você se livrou de um chute nas bolas ao se desculpar com ela.

— Uau. — Eu ri, mesmo sabendo que não deveria, e apertei a mão que estendeu para mim. — Eu me lembro de você, Kim. E é bom saber que Chloe tem uma amiga que a defenda dessa forma.

— Você nem imagina o que sou capaz de fazer por essa garota — disse ela, apertando o braço de Chloe rapidamente. — Portanto, não volte a pisar na bola com a Chloe, King. Eu sou uma ótima amiga, mas como inimiga, eu sou ainda melhor. — Sua ameaça fez com que o meu sorriso vacilasse, porque Kim não estava brincando. Por fim, ela sorriu. — Parabéns pelo jogo, vocês arrasaram! Agora vou deixar que conversem em paz.

Kim passou por mim já acenando para alguém às minhas costas. A curiosidade levou a maior e vi quando se aproximou de Ryan, o que fez todo o sentido, já que havia sido ele que tinha levado ela e Chloe para o bar naquela noite, junto com o outro cara que eu não conseguia me lembrar o nome.

— Não liga para Kim, ela é doida — Chloe disse, voltando a chamar a minha atenção. — Sério, não acredite em tudo o que ela diz por aí.

— Desculpa, mas eu acredito sim. Acho que ela seria capaz de dar um chute nas minhas bolas.

— Ok, ela seria. — Foi a primeira vez que Chloe sorriu para mim. *Para mim*. Eu não sabia por que aquilo era algo que meu cérebro fez questão de ressaltar, mas acabei sendo guiado por ele e fiquei olhando para o seu sorriso por mais tempo do que deveria. Como ela podia ficar ainda mais bonita só por que estava mostrando

os dentes? — Mas nem precisaria se dar ao trabalho, porque eu sei me defender muito bem.

— Ah, sobre isso eu não tenho a menor dúvida. — Percebi que suas bochechas ficarem levemente coradas e sorri. — O que achou do jogo?

— Eu não sou a maior fã de basquete...

— Que animador ouvir isso — murmurei, fazendo uma careta e ela sorriu de novo. Porra, aquela parecia ser mesmo a minha noite de sorte.

— Mas vocês mandaram muito bem. — Eu arqueei uma sobrancelha, esperando mais, porque sabia que *merecíamos* mais. Acho que Chloe entendeu o meu sinal. — Tudo bem, vocês arrasaram, como Kim disse. Amei assistir tudo ao vivo e estando tão perto da quadra... Foi surreal!

Fiquei feliz ao saber daquilo, mas também me frustrei por não ter tido um único vislumbre dela no meio do público. Eu focava tanto no jogo, que não conseguia gravar o rosto de ninguém nas arquibancadas. Deveria ter sido mais detalhista e procurado por Chloe.

— Que bom que você gostou. Espero que eu tenha subido um pouquinho no seu conceito.

— É, acho que subiu sim.

— Jura? — Encurtei um pouco a nossa distância, me permitindo dar uma olhada no seu decote. Não era profundo, mas me deu um vislumbre do seu colo e do formato arredondado dos seios. — Em que patamar eu estou agora?

Não sabia explicar o porquê, mas havia decidido que eu queria aquela garota. Para ser sincero comigo mesmo, eu queria Chloe desde o sábado à noite, quando ela entrou no bar usando aquela blusinha curta, com os olhos arregalados, parecendo uma gatinha assustada. Nossa rivalidade parecia ter apenas colocado um pouco mais de lenha na fogueira que me consumiu quando soube o seu nome e me dei conta de quanto era bonita. Agora que estávamos finalmente conseguindo conversar como dois seres humanos civilizados, acho que conseguiria fazer Chloe perceber que poderíamos nos divertir juntos por uma noite inteira.

— Eu... Eu ainda não sei — respondeu com a voz baixa, passando a língua pelos lábios bem-desenhados.

Dei mais um passo em sua direção, depois mais outro, até quase invadir o seu espaço pessoal. Estávamos afastados das demais pessoas e, pelo barulho cada vez mais distante das vozes dos meninos, poderia apostar que a maioria já havia ido para a festa.

— Não sabe? Chloe, eu esperava mais de você. — Sorri e ela franziu as sobrancelhas, a expressão meio confusa e meio raivosa. Eu gostava dela com raiva, ainda que fosse um sentimento contraditório. Chloe ficava ainda mais bonita quando estava irritadinha.

— O que quer que eu diga? Ainda não te conheço, Raymond.

— Ainda? O que isso quer dizer? Que quer me conhecer melhor?

— Sim. Hm, quer dizer... — Ela pareceu limpar a garganta e seus olhos desceram até a minha boca. *Isso mesmo, Chloe. Quero os seus olhos bem aí*. — Eu preciso te conhecer melhor.

— A gente pode resolver isso.

Seus olhos se arregalaram levemente quando coloquei uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. Senti a sua respiração sair em um arquejo e um arrepio desceu pelo meu corpo quando passei o meu polegar pela linha delicada da sua mandíbula. Estava tão perto dela, que podia sentir o cheiro do seu perfume, baunilha misturada com alguma outra essência que não consegui identificar, mas que me afetou do mesmo jeito.

— O q-que está fazendo? — gaguejou baixinho, mas não saiu do lugar. Levei aquilo como uma permissão para ir mais longe.

— Estou tocando em você e percebendo como fica ainda mais bonita assim, estando bem perto de mim. — Seus lábios se separaram e eu quase toquei neles com o meu polegar. *Quase*, porque não queria que o filho da mãe tivesse o privilégio de tocar neles antes da minha boca. — Passe a noite comigo, Chloe.

Uma das primeiras lições que aprendi na vida, era que eu deveria sempre ser direto. Direto em meus objetivos, direto com a bola quicando em minhas mãos, direto para arremessá-la e acertar a cesta. Logo entendi que ser direto me abria muitas portas e levei

isso para minha vida pessoal. Por que enrolar quando podia deixar bem claro o que eu queria? Até aquele exato momento, achei que estivesse no caminho certo, no entanto, quando os olhos de Chloe ameaçaram saltar das órbitas e ela me empurrou pelo peito, percebi que eu havia cometido um erro — ainda que eu não soubesse exatamente em que havia errado.

— Foi por isso que me deu os ingressos? Por que queria me levar para a cama? — Acusou com aquela cara de brava que, mesmo linda, eu percebi que não me daria abertura para fazer qualquer tipo de brincadeira.

— Não, Chloe. Claro que não! — Ela se afastou e eu achei melhor permanecer no mesmo lugar. — Eu juro que não tinha qualquer intenção além de me desculpar.

— É mesmo? Por isso que, do nada, decidiu pedir para que eu passe a noite com você? Que coincidência! — Esbravejou com ironia. — Você precisa se decidir, King. Uma hora diz que jamais transaria comigo, agora está aqui, querendo me levar para a cama. O que você quer? — Abri a boca para responder, mas, antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ela balançou a cabeça. — Não, nem me diga. Não quero saber. Fui uma idiota por ter vindo!

Ela começou a se afastar e eu demorei um segundo inteiro para poder reagir. Caramba, que merda havia acabado de acontecer ali? Antes que pudesse chegar perto de Kim, que estava bem longe de nós dois, falando com alguém ao celular, eu consegui alcançar Chloe e tocar em seu braço. A irritadinha puxou o cotovelo da minha mão e se virou para mim com o rosto vermelho de raiva.

— Chloe, você entendeu tudo errado...

— Entendi errado? Só falta você me chamar de louca de novo!

— Não! Eu juro que nunca mais vou chamá-la daquele jeito, foi errado da minha parte. Não sei que tipo de imagem você tem a meu respeito, mas juro que não sou um idiota, apesar de eu estar constantemente agindo como um quando estou perto de você. — Algo em sua expressão vacilou, mas eu prossegui. — Acabei metendo os pés pelas mãos, achei que estava rolando um clima entre a gente e confundi tudo... Me desculpa, de verdade. Prometo

que não vou mais me aproximar de você, acho que ficou bem claro que não damos certo juntos.

Era isso. Eu havia, finalmente, depois de longos cinco dias, chegado à conclusão de que Chloe e eu éramos como dois fios desencapados, que quando se encontravam, soltavam faíscas — que eu nem poderia falar que eram sexuais, porque era só da minha parte — e davam choque.

— É. — Foi tudo o que ela disse, seu olhar ainda vacilando e a expressão irritadinha desaparecendo.

— É melhor eu ir embora. — Dei um passo para trás, ainda que algo me impelisse a ficar. Uma vozinha irritante no fundo do meu cérebro, que logo ignorei. — Desculpa de novo, Chloe. De verdade.

Queria dizer a ela que, se me desse uma oportunidade, eu poderia mostrar que não era um babaca. Sabia que eu não estava completamente errado naquela história, que tudo começou porque ela foi arrogante comigo, mas o fato de eu ter a minha parcela de culpa me deixava com uma sensação ruim no peito. Contudo, permaneci quieto. Não achava que Chloe queria me conhecer de verdade, estava bem claro que a trégua que ela estava quase me oferecendo, havia sido enterrada a sete palmos depois que eu confundi tudo.

— Talvez a gente possa conversar depois — ela disse quando eu estava quase me virando para ir embora. Foi a minha vez de ficar confuso. Ela era bipolar? — Quer dizer, nós *precisamos* conversar depois.

— Precisamos? Como assim?

Chloe entrelaçou as mãos na altura da barriga e olhou para o chão, chutando uma pedrinha invisível. Foi a primeira vez que a vi daquele jeito: tímida. Tímida de verdade e não quieta, como na cozinha da mansão da Alpha.

— Eu vou ter que... você. — Sua voz saiu quase inaudível.

— O quê?

Ela respirou fundo e ergueu a cabeça, tentando me dar um olhar firme.

— Eu vou ter que entrevistar você.

Oh. Uau. Aquilo, sim, era surpreendente.

— Como é que é?

— Para a aula de Técnicas de Entrevista Jornalística, da professora Alicia Silverstone. Foi um sorteio e, bem, nós dois caímos juntos.

Eu tentei conter, Deus sabia que sim, mas, sem que eu pudesse segurar, a gargalhada escapou do fundo do meu peito e irrompeu pela minha garganta. Um segurança ao longe me olhou um pouco esquisito, mas logo desviou o olhar, enquanto Chloe voltava a apertar a mandíbula.

— Não contei nenhuma piada, King.

— Ah, contou sim — falei em meio à crise de risos, precisando me apoiar nos joelhos. Minha barriga doía. — Não acredito. Sério, eu não acredito nisso, Chloe.

— Eu também não acreditei quando a Sra. Silverstone nos sorteou — murmurou a contragosto, cruzando os braços. Inferno de garota linda. Eu precisava parar de ficar deslumbrado com ela. — Mas é isso, eu preciso te entrevistar, então, vamos fingir que isso aqui nunca aconteceu e agir como dois adultos. Se você puder me passar o número do seu celular, amanhã nós podemos acertar tudo por mensagem e...

— Ei, espera — pedi, erguendo as mãos. — Não tem como fingir que nada disso — apontei para nós dois — aconteceu. Quando rolou esse sorteio? Antes ou depois da noite do bar?

— Depois.

— Impressionante! — Balancei a cabeça, ainda rindo. Não conseguia acreditar naquilo. — Então, quer dizer que você precisa de mim para tirar uma boa nota nesse trabalho?

Chloe cerrou os olhos e apertou ainda mais os braços na frente da barriga. Seus seios ficaram mais firmes, mas preferi não olhar por mais de um segundo para eles, pois tinha medo de que a irritadinha ameaçasse arrancar os meus olhos.

— Por que essa pergunta está soando como uma ameaça?

— Ameaça? Chloe, eu seria incapaz de ameaçar uma mulher — falei, colocando a mão sobre o peito. Apesar de ser uma verdade, minha voz saiu com sarcasmo e ela sentiu.

— Não importa. Saiba que eu não *preciso* de você. Não é assim que isso funciona.

— Bom, acho que você precisa de mim, sim. Já pensou se eu recusar dar a entrevista para você?

— Você não faria isso!

— Talvez eu possa fazer, sim.

Ela balançou a cabeça e algo em sua expressão mudou. Não entendi muito bem o que, mas, assim que ela abriu a boca, me senti um pouco nauseado.

— Só falta me dizer que, para me dar a entrevista, vai querer que eu vá para a cama com você.

— Se isso foi uma piada, saiba que não teve a menor graça — falei bem sério e ela engoliu em seco. — Eu jamais faria algo assim. Sinceramente, depois disso, acho que realmente não tem a menor possibilidade de existir algum diálogo entre nós dois. Vou falar com a Sra. Silverstone e avisar que não estou mais disponível para participar do trabalho.

Chloe arregalou os olhos e eu me afastei, disposto a ir até o meu carro e ir embora dali. Sabia que ela não me conhecia e que isso dava brechas para que pensasse qualquer coisa de mim, mas não admitiria que suspeitasse do meu caráter, pois nunca dei qualquer indício de que eu fosse um filho da puta.

— Droga! Raymond, espera! — Ela pediu, mas eu destravei o carro, sem paciência para continuar aquela conversa. Pude ouvir os seus passos e, antes que eu pudesse abrir a porta do motorista, ela parou na minha frente. — Me desculpa. Por favor, me desculpa! Agora você tem toda a razão em me achar uma cuzona, eu fui mesmo, me perdoe. — Olhei para ela e, mesmo sem querer, vi o arrependimento real em seus olhos. Aquilo abrandou parte da minha raiva. — É só que... Depois daquela sua proposta, eu acabei, sabe, delirando. Fui longe demais.

— É, foi mesmo — falei, apoiando minha mão na lataria do carro. — Tem certeza de que quer me entrevistar, Chloe? Eu posso falar com a Sra. Silverstone.

— Eu quero. Quer dizer, se você realmente não quiser ser entrevistado por mim, eu vou entender, mas...

— Por que você quer me entrevistar?

A surpresa em seus olhos me provou que ela não esperava por aquela pergunta, mas não recuei. Precisava saber. Se parecia

me odiar, por que insistia em continuar com aquilo, quando sabia que eu podia cair fora sem prejudicá-la?

— Porque, depois do jogo de hoje à noite, eu percebi que podemos contar uma boa história juntos. Eu senti a sua emoção no final do jogo e queria muito saber mais sobre como você se sentiu, sobre como você começou no mundo do esporte.

Sua resposta foi convincente e, antes que eu pudesse pensar uma segunda vez, me vi concordando com a cabeça.

— Tudo bem, eu topo. Anota o meu número. — Chloe rapidamente tirou o celular do bolso da jaqueta e anotou o número do meu celular. — Me manda uma mensagem e vamos conversar melhor amanhã.

— Ótimo. Muito obrigada, Raymond, e me desculpe mais uma vez.

— Eu também errei com você, acho que estamos quites.

Eu não deveria sorrir, mas acabei sorrindo de qualquer forma, já esquecido da raiva. Chloe retribuiu e se afastou, me deixando entrar no carro. Enquanto dava partida e me afastava, decidi ser honesto comigo mesmo. Eu não havia aceitado ser entrevistado por ela apenas por causa do motivo que me deu. Foi, também, porque eu queria passar mais um tempo ao lado da garota irritadinha e intrigante.

8

"Deitada na minha cama
Ouço o tique-taque do relógio e penso em você
Presa em círculos
Confusões, não há nada de novo"

TIME AFTER TIME - CYNDI LAUPER



Chloe

Foi difícil pegar no sono quando me deitei. A cada interação que tinha com Raymond, eu sentia que uma parte minha ficava presa a ele, o que era meio assustador. Talvez eu estivesse sendo dramática, como Kim gostava de falar, mas só isso poderia explicar o fato de eu sempre me descontrolar quando estava na presença do jogador e como minha mente tinha a tendência de elevar as palavras dele a um outro nível.

Repassei a nossa conversa em minha cabeça várias vezes. Por um lado, eu achava que ninguém poderia me julgar por ter pensado que King havia me dado os ingressos para tentar transar comigo. Poxa vida, o cara havia deixado claro para o amigo que jamais tocaria em mim sexualmente e, de repente, estava me chamando para passar a noite com ele. Suspeito. Muito suspeito *mesmo*. Mas depois, quando vi a sinceridade em seus olhos, consegui sentir algo além da raiva e da sensação de ter sido feita de boba ao cair como uma idiota em seu suposto plano e entendi que sua intenção era mesmo a de se desculpar comigo.

E então, veio a história da entrevista. E aí, sim, eu podia afirmar que fui uma babaca com ele. Moral da história? Raymond King dissolvia o meu cérebro. A forma como me afetava com aquela beleza extraordinária, o sorriso que havia me dado, o modo como colocou o meu cabelo atrás da orelha, como tocou a minha mandíbula, como invadiu o meu espaço pessoal e me deixou paralisada, quase que hipnotizada, me desestabilizou completamente. Não me lembrava de já ter me sentido daquela forma por qualquer outro cara, nem mesmo por Miles, meu ex-namorado, por quem fui apaixonada durante a minha adolescência.

O que havia em Raymond que me atraía e me irritava tanto? Talvez fosse justamente o fato de ele me atrair, que me deixava com raiva. A prova disso foi o tempo precioso que perdi durante a noite, *stalkeando* o seu perfil no Instagram. Depois de ficar pensando na nossa conversa, ainda fui atrás dele na rede social. Eu era mesmo uma idiota, mas foi mais forte do que eu. Diferente de mim, Raymond era um usuário assíduo. A prova estava no seu número enorme de seguidores e nas mais de duas mil e quinhentas postagens em seu perfil. Ele também fazia muitos *stories* e, torcendo para que ele não fosse do tipo de pessoa que ficava observando os perfis que visualizavam o que ele postava em tempo real, acabei assistindo todos eles.

Pela manhã, ele mostrou a sua rotina de alimentação e exercícios. Mostrou o *shake* que tomava antes de ir para a academia, depois, postou um vídeo fazendo abdominal. Alguém gravou para ele, lógico, e a pessoa pegou um ângulo muito bom, focando bem em seu tanquinho sarado, molhado de suor. A pele bronzeada pelo sol da Califórnia parecia brilhar e percebi que não consegui piscar durante os quinze segundos do vídeo, obcecada pela forma como seus músculos se enrijeciam. Era impressionante e eu queria lamber — sozinha no meu quarto, eu poderia admitir que queria passar a língua pelo abdômen sarado do King, fora do meu quarto, nunca. Jamais!

Depois, ele postou uma foto na frente do espelho segurando livros da faculdade, para mostrar que era estudioso, em seguida, mostrou um pouco do seu treino de basquete. Então, postou uma foto com a camisa do Bruins, deixando claro que estava pronto para

ganhar naquela noite. Em sequência, repostou vários *stories* em que foi marcado durante o jogo e, a partir dali, tudo o que vi foi comemoração. Ele no vestiário comemorando com o time, ele em uma festa, comemorando com as pessoas que ali estavam, e, então um novo *repost*, feito às duas e meia da manhã. Não consegui entender ao certo o porquê de terem o marcado, já que ele não estava no centro do vídeo, mas logo o encontrei. Ao fundo, Raymond estava praticamente engolindo a boca de uma garota, com uma mão em sua nuca e a outra na bunda dela.

Eu vi o *story* mais de uma vez, sem saber ao certo o porquê de aquele sentimento de ter sido facilmente substituída estar atravessando de novo o meu peito, como na noite do bar. Raymond realmente estava virando a minha cabeça pelo avesso, porque só isso explicava a minha irritação. Ele era um homem solteiro, conhecido pela fama de pegador, por que deixaria de passar a noite com outra garota apenas por que eu lhe disse não?

— Entenda, Chloe, você não significa nada para ele — falei para mim mesma, saindo do Instagram e desligando o *Wi-Fi* para poder dormir. — Deixa de ser boba, porque foi você mesma que disse não para ele. E estava certa mesmo em recusar, você sabe que não funciona para ter casos de uma noite só, sexo casual não é muito a sua praia e isso é tudo o que um homem como Raymond King quer de uma mulher.

Queria dizer que colocar aquelas palavras para fora em voz alta havia me estabilizado, mas era mentira. Demorei para pegar no sono e, quando acordei, cheia de dor de cabeça pela noite maldormida, ainda me sentia esquisita. Por que aquele homem mexia tanto comigo, afinal? Antes de sair de casa para ir para a aula, conversei de novo comigo mesma e fiz de tudo para deixar aquele mau humor de lado. Eu não merecia ter um dia ruim só porque estava ficando louca da cabeça.

Assim que pisei no campus, notei que algo estranho estava acontecendo. Eu era só mais uma entre os milhares de alunos que passeavam por aquele lugar todos os dias em direção ao *Royce Hall*, prédio que abrigava o curso de Jornalismo da UCLA, portanto, ninguém perdia o seu precioso tempo entre uma aula e outra para poder olhar para mim uma segunda vez. A maioria ali sequer sabia

sobre a minha existência, o que não me incomodava nem um pouco, porque nunca tive a pretensão de ser a garota popular da faculdade. Por isso que me dei conta de que os planetas haviam se desalinhado de novo, porque parecia que *todo mundo* estava me olhando e cochichando sobre mim.

— *Tô* delirando. Claro que estou delirando — murmurei, passando por um grupinho de garotas que estavam na entrada do *Royce Hall*. Uma delas me olhou com certa pena e eu senti meu rosto ficar vermelho de vergonha. Ser o centro das atenções não era *nada* agradável.

— Pobrezinha. Eu sinto muito mesmo — disse uma delas em minha direção. Eu ainda olhei para trás, só para ter a certeza de que estava mesmo falando comigo e quando confirmei que sim, me vi obrigada a questionar:

— Sente muito? Pelo quê?

Minha cabeça começou a rodar com um monte de possibilidades. Será que havia acontecido algo com os meus pais? Estaria dando na TV? Não que eles fossem famosos, pois estavam bem longe disso, mas se tivesse acontecido uma tragédia com eles, a mídia logo daria um jeito de descobrir suas identidades e jogar os seus nomes para o mundo. Não havia aberto nenhum site de notícias naquela manhã. Meu Deus! Será que eles haviam se metido em um acidente?

— Eu já quis muito estar no seu lugar, mas nunca para passar por isso — disse uma outra garota com o cabelo pintado de verde nas pontas.

— Por isso o quê? Pode me dizer o que está acontecendo?

As três arregalaram os olhos e se entreolharam boquiabertas.

— Você ainda não viu? Em que mundo você vive? — perguntou a que ainda não havia dirigido a palavra a mim. — Você é Chloe Davidson, não é?

— Sim, mas por que está me perguntando is...

— Chloe! — A voz alta de Kim no meio da multidão de alunos no campus me cobriu de alívio. Correndo em minha direção com os cabelos crespos e volumosos brilhando sob o sol fraco de novembro, ela me alcançou e me tirou de perto das três meninas. — Você já viu? Amiga, que loucura!

— Vi o quê? Do que está falando? Por que todo mundo está me olhando como se eu fosse a mais nova celebridade da UCLA?

Kim me olhou com uma careta e os olhos brilhando de surpresa.

— Você ainda não viu?

— Não vi o quê? Se você não me disser agora o que está acontecendo, eu vou enlouquecer, Kim!

Pegando-me pela mão, Kim me levou até um canto do *Royce Hall*, parando atrás de um dos arcos do prédio. Senti meu coração disparar quando ela tirou o celular da bolsa. Era algo com os meus pais, eu sabia. Meu Deus, precisava comprar uma passagem de avião para San Francisco! E se eles estivessem em um hospital? E se estivessem feridos?

— Alguém colocou isso no Twitter ontem de madrugada e agora todo mundo só sabe comentar sobre essa fofoca.

— Fofoca? Como assim? Alguém fez fofoca sobre os meus pais?

— Seus pais? O que os seus pais têm a ver com isso? — Kim perguntou e, então, arregalou os olhos. — Meu Deus, não me diga que o seu pai já descobriu! Ele usa Twitter? Como nunca soube disso? Não achei que ele tinha rede social. Já falou com ele? Precisa dizer que é tudo mentira, Chloe.

Parecia que alguém havia me jogado em um daqueles brinquedos de parques diversões que girava sem parar, porque sentia minha cabeça rodar, tentando entender que porcaria estava acontecendo.

— Você não está falando nada com nada, Kim. Vamos por partes. Aconteceu alguma coisa com os meus pais? — Aquilo era tudo o que importava para mim.

— Com os seus pais? Não. A não ser que o seu pai tenha descoberto sobre tudo isso...

— Tudo isso o quê? Me conta logo, pelo amor de Deus!

Ela virou o celular em minha direção e apontou para algo na tela.

— Isso aqui. Alguém postou essa foto ontem no Twitter. — Peguei o celular da sua mão e senti meu coração se alojar perto da garganta. — E disse que você e Raymond King estão namorando.

Estava bem ali, em uma das redes sociais mais usadas pelos estudantes da UCLA, uma foto minha e de King em frente à arena de basquete do Bruins. De alguma forma, conseguiram capturar justamente o momento em que Raymond se aproximou de mim e tocou no meu rosto, o problema, era que o ângulo da foto dava a entender que havia muito mais do que um simples polegar passando pela linha da minha mandíbula. Ray estava inclinado sobre mim — afinal, eu era bem mais baixa do que ele — e parecia estar me beijando.

Me beijando.

Como se isso não fosse ruim o suficiente, a legenda conseguiu piorar tudo:

"Raymond King e sua nova namorada, Chloe Davidson, estudante de Jornalismo, aos beijos em frente à arena Pauley Pavilion. Acho que perdemos o nosso jogador, meninas!"

Aquela porcaria havia se transformado em uma *trend*:

@lilicat: COMO ASSIM? Quem disse que Ray está namorando? Isso não pode ser real!
@feers: Certeza que é mentira, King não namora, todo mundo sabe.
@sweetkisses: Boatos de que ele deu um par de ingressos para ela assistir ao jogo de ontem. ELE NUNCA FEZ ISSO ANTES!
@feers para @sweetkisses: E quem te disse isso?
@sweetkisses para @feers: A prima de uma amiga da minha amiga estava saindo do banheiro da arena ontem à noite e ouviu a amiga da Chloe contando isso para uma garota na fila.
@feers para @sweetkisses: Com certeza isso é mentira, eu não acredito.
@dianab: Se for verdade, já estou com pena dela. Ray pegou uma garota na festa do Ethan ontem à noite. Chloe já é corna!

Ah, não.

Não.

Não mesmo.

Ser taxada como namorada do Raymond King já era ruim o suficiente, mas levar fama de *corna*? Isso era inadmissível!

— Quem foi que postou a porra dessa foto? — Minha voz saiu esganiçada e eu precisei me segurar para não jogar o celular de Kim contra a parede.

— Eu não faço ideia, foi um perfil *fake*, amiga! Criaram só para postar isso.

— Como descobriram o meu nome? Como sabem que estudo Jornalismo?!

— Chloe, eu não sei! — Kim respondeu, exasperada, tão nervosa quanto eu. — Posso estar sendo maldosa, mas tenho quase certeza de que foi aquela garota com quem conversamos na fila. Ou alguém que estava por ali, ouviu e decidiu investigar se eu estava falando a verdade. Ninguém inventaria isso do nada, Chloe. Raymond pega todo mundo e nunca surgiu um boato como esse sobre ele. Aquela garota deve ter feito isso porque estava com raiva. A culpa foi toda minha!

Eu sacudi a cabeça, me arrependendo de ter saído de casa naquela manhã. Não, me arrependendo de ter acordado! Pior ainda, me arrependendo de ter ido à porcaria daquele jogo! Kim me olhou com pesar e, mesmo com raiva da situação, a puxei para um abraço.

— A culpa não foi sua. Você só fez uma brincadeira, se foi mesmo aquela garota que espalhou isso, a culpa é toda dela.

— Mas ela não teria espalhado isso se eu não tivesse aberto a minha boca grande!

— Esquece isso — pedi, me afastando. Sentia todo mundo olhar para mim, mas ignorei. — Eu vou falar com Raymond e mandar ele desmentir tudo isso. Daqui a pouco uma fofoca nova vai surgir e todo mundo vai se esquecer desse boato.

Kim me olhou com lágrimas nos olhos e concordou com a cabeça. Odiava ver minha melhor amiga daquela forma, porque ela era uma mulher incrível. Podia ter feito mesmo aquela brincadeira com a garota, mas não tinha como imaginar a proporção que aquilo

tomaria. Eu realmente não a culpava. Devolvendo o celular para ela, abri a minha bolsa e peguei o meu aparelho. Tomei um susto ao ver o tanto de notificações no Instagram e como o meu *WhatsApp* estava bombando. Em meio às mensagens, a de King foi que a saltou aos meus olhos. Eu havia mandado um oi para ele ontem à noite quando foi embora da arena, só para que salvasse o meu número. Ainda bem que ele havia respondido naquela manhã, esperava que fosse para falar que desmentiria aquele boato, assim, me pouparia do trabalho de ter que pedir para que o fizesse.

Raymond: Em que momento você deixou de ser a garota que me deu um fora e se tornou a minha namorada?

Revirei os olhos. Era pedir demais que ele levasse aquela situação a sério? Claro que ser disputado na internet amaciaria o seu ego, mas eu estava sendo taxada como corna e, no mundo machista em que vivíamos, aquela imagem pesava muito mais sobre mim — a suposta namorada traída — do que sobre ele — o suposto namorado traidor.

Eu: Não faço a menor ideia, mas se você puder começar a desmentir esse boato, eu agradeceria muito.

Tomei um susto ao receber a sua resposta quase que imediatamente:

Raymond: Por quê? A ideia de ser minha namorada é tão repugnante assim? Você está me magoando mais uma vez, Chloe.
Eu: Raymond, eu estou sendo taxada como corna. Leu bem? CORNA! Acha mesmo que vou aceitar passar por essa humilhação?
Raymond: Em minha defesa, eu não sabia que estávamos namorando ontem à noite. Juro que vou ser fiel ao nosso relacionamento.

Eu: Não existe relacionamento! Pelo amor de Deus, não me faça cometer um assassinato em plena manhã de quinta-feira. Desmente logo isso. *Tá* todo mundo me olhando com pena, achando que sou chifruda!

Raymond: Só de pensar que você conseguiu se tornar a minha namorada sem que eu ao menos tenha te beijado na boca primeiro, sinto vontade de largar tudo e ir agora provar o seu beijo.

Não era possível. Não conseguia acreditar naquela mensagem, muito menos na forma como o meu coração ameaçou parar de bater por um segundo inteiro. E aquele arrepio idiota que desceu pela base da minha coluna? Qual era o meu problema? Boquiaberta, virei o celular para que Kim pudesse ler e ela arregalou os olhos, em seguida, começou a rir.

— Puta merda, ele *tá* jogando pesado!

— Jogando pesado? Ele é um... Um idiota! Um insensível! — Kim continuou a rir. — Para com isso, Kimberley!

— Desculpa, amiga, mas você precisa concordar comigo que Raymond é insistente. Achei que depois de ontem, ele recuaria, já que ameaçou parar de olhar na sua cara.

— Ele é bipolar, só isso explica a forma como age.

Raymond: Posso levar o seu silêncio como um sim? Onde você está agora?

Ele só podia estar de brincadeira!

Eu: Raymond, a única coisa que eu quero de você, é que desminta esse boato. Eu realmente não estou a fim de me tornar a corna da UCLA! Você não tem ideia de como o olhar de pena e de julgamento desse povo está me deixando mal.

Aquilo era verdade. Nunca gostei de ser o centro das atenções e, de repente, eu havia deixado de ser uma anônima para me tornar a namorada chifruda de Raymond King. A cada olhar que eu encontrava sobre mim, sentia vontade de vomitar.

Raymond: Sinto muito, Chloe, eu só estava tentando aliviar o clima entre a gente, é claro que vou desmentir tudo. Você tem alguma ideia de como esse boato surgiu?
Eu: Não. Deve ter sido alguma das suas fãs malucas que inventou isso.

Uma mentirinha não faria mal a ninguém, certo? Ou meia mentira, já que eu realmente não sabia de nada, apenas suspeitava.

Raymond: Vou ver se consigo descobrir, mas pode ficar tranquila, vou gravar um vídeo e postar agora, ok? Posso falar que você é minha amiga?

Meu coração disparou. Não faria mal ser vista como a amiga de King. Com certeza, seria bem melhor do que ser a sua namorada traída.

Eu: Claro, pode sim.
Raymond: Vou fazer isso. Sobre o nosso encontro para falarmos da entrevista, acho melhor deixarmos esse boato diminuir primeiro. Se nos virem juntos, não vão acreditar em mim. Podemos nos encontrar na quarta-feira à tarde, o que acha? Muitos alunos já terão viajado por conta do feriado de Ação de Graças e alguma outra fofoca já vai ter surgido até lá.
Eu: Tem razão. Obrigada por ter pensado nisso, King.
Raymond: De nada, irritadinha.
Eu: Irritadinha? Que porcaria é essa?
Raymond: Meu apelido para você.

Eu: Essa é a coisa mais absurda que já li!

Raymond: Bom saber disso, prova que ter lido que é a minha mais nova namorada não é algo tão ruim assim. Meu coração ficou em paz agora.

Eu: Vou fingir que não li isso, King. Você tem meia hora para desmentir essa história de namoro.

Raymond: Ou vai fazer o quê? Vir me bater? Se me machucar, vai ter que dar um beijinho para sarar depois.

Eu: Tchau, Raymond!

— Você está *sorrindo* enquanto conversa por mensagem com o King? — Kim praticamente gritou e eu automaticamente parei de sorrir. Eu estava mesmo sorrindo?

— Obrigada. Quem ouviu essa mentira, vai ter ainda mais motivos para acreditar que eu sou namorada dele!

— Não estou mentindo, você realmente estava sorrindo. O que foi que ele disse?

— Nada de mais.

— Rá! E o Papai Noel passou a existir agora. Me mostra!

— Não — falei, começando a andar em direção à entrada principal do *Royce Hall*.

— Chloe Davidson, você é minha melhor amiga! Não se esconde nada de uma melhor amiga!

— Estou atrasada para a aula.

Não queria que Kim visse aquela interação estranha entre mim e King. Pelo menos não agora, enquanto eu estava dividida entre a vergonha por ter o meu nome na boca do povo e a sensação esquisita que deixava meu coração aquecido por ter trocado aquelas mensagens com ele.

— Mais tarde, você não vai escapar de mim! — disse ela, me dando um beijo na bochecha. — Agora eu preciso correr para a minha aula. Se alguém te perturbar, anota o nome e sobrenome para que a gente possa dar uns tapas no idiota depois.

— Maluca. Vai logo. Te amo.

— Também te amo, amiga.

Kim saiu correndo e eu caminhei até a minha sala de cabeça erguida. Poderia ser tímida e odiar o que estava tendo que vivenciar agora, mas nunca daria brechas para que me chamassem de covarde.

9

"Você brinca com minhas emoções
Estou fluindo como o oceano"

MY OASIS - SAM SMITH FT. BURNA BOY



Chloe

A primeira coisa que eu fiz após o final da minha primeira aula, foi ir direto ao banheiro para assistir aos *stories* de Raymond. Com meus *iPods* conectados ao celular, sentei-me sobre a tampa do vaso sanitário e entrei em seu Instagram, sentindo meu coração ficar acelerado só em pensar em ouvir a voz dele — o que logo fiz questão de afastar da minha mente. A voz de Raymond não me afetava em nada. Pelo menos, era o que eu tentava dizer para mim mesma. Abri seu *story* e percebi que ele estava dentro de um quarto, provavelmente o dele, pois havia uma cama ao fundo.

"Acordei com a notícia de que estou namorando. Acho que vocês viram no Twitter, né? O engraçado, é que fui pego tão de surpresa quanto todos vocês, porque até ontem, eu ainda era um cara solteiro."

O filho da mãe já era lindo, sorrindo daquele jeito, com uma pitada de ironia, ficava quase irresistível. Ainda bem que eu era uma mulher muito forte.

“O que quero dizer com tudo isso é: pessoal, eu não estou namorando! Chloe e eu somos apenas amigos e aquela foto tendenciosa deu a entender algo que sequer existiu. Nós nunca nos beijamos e, naquele momento em específico, eu só estava tirando uma sujeirinha do cabelo dela, nada de mais. Amigos cuidam um do outro, certo? Não deixaria a minha melhor amiga andar suja por aí.”

Melhor amiga. Era um nível maior do que simplesmente amiga, mas logo me dei conta de que enfatizar aquilo provaria que o nosso “relacionamento” era mesmo diferente. Raymond era conhecido por pegar mulheres e não ser amigo delas. Talvez começassem a pensar que ele havia aberto uma exceção para mim.

“Então, é isso. Ainda estou solteiro e pretendo continuar assim por tempo indeterminado. Chloe também está solteira, mas eu sou amigo dela, então, qualquer babaca que quiser se aproximar, vai ter que passar por uma inspeção da minha parte...”

Como é que é? O que Raymond tinha na cabeça?

“E eu sou bem criterioso, não vou deixar qualquer um chegar perto da minha garota...”

Eu ia matar aquele idiota! Minha vida amorosa já era um desastre, fazia meses que eu não beijava na boca, agora Raymond King estava tentado destruir o que praticamente não existia. Não podia acreditar naquilo.

“É isso que os amigos fazem e eu sou o melhor amigo de todos os tempos. É isso, pessoal, King está livre para curtir a sua solteirice como sempre esteve e Chloe Davidson também está disponível, mas não para qualquer idiota. Quer conhecer a minha garota? Entra em contato comigo e vou ver o que posso fazer por você. Agora preciso correr, porque estou atrasado para a aula.”

E foi assim que os *stories* terminaram, com ele batendo continência com dois dedos na testa e dando uma piscadinha sensual para a câmera. Eu continuei a olhar para o celular por um tempo, presa entre o choque e a raiva, até a tela se apagar. Desde que conheci Raymond, meu mundo parecia ter virado de cabeça para baixo. Nada do que havia acontecido nos últimos dias fazia sentido e isso aqui, toda essa... Besteira que ele disse, só comprovava que eu estava presa em um universo paralelo. Não podia ser verdade.

Ao mesmo tempo, meu coração idiota estava muito tendencioso, querendo ler nas entrelinhas o que Raymond disse, *quase* me fazendo pensar que ele poderia ter falado tudo aquilo porque estava interessado em mim. O que era um absurdo, lógico. Raymond até poderia querer me levar para a cama, como deixou claro ontem à noite, mas a atração acabava aí. Eu que era uma romântica tola, que sempre queria ver mais do que existia. Exatamente por isso, que eu lutava tanto para ser o mais racional possível quando o assunto era o meu coração.

Escrever, ler e respirar romances não era nada fácil. Nossas expectativas se tornavam bem altas e, ainda que racionalmente soubéssemos que todas aquelas histórias não passavam de ficção, era muito fácil acreditar que um cara lindo, gostoso, popular e pegador, poderia se apaixonar e mudar toda a sua vida por causa de uma garota, só que aquela era a vida real. E na vida real, esse tipo de coisa não acontecia.

— E eu nem quero que aconteça — murmurei, desbloqueando o meu celular. — Deus me livre me envolver com Raymond King!

Agarrei-me a raiva e, sem pensar direito, liguei para ele. Enquanto a chamada se iniciava, saí do banheiro e caminhei até a saída do *Royce Hall* ainda sentindo alguns olhares sobre mim. Quando cheguei a parte gramada em frente ao prédio, ouvi a voz de Raymond do outro lado da linha:

— *Ei, amiga!* — Pude sentir que ele estava sorrindo e precisei olhar a minha volta, só para ter certeza de que eu poderia xingar o filho da mãe sem chamar ainda mais atenção para mim.

— Qual é o seu problema? O que você tem na cabeça, Raymond?!

— *O que foi que eu fiz?*

— Você sabe muito bem o que fez!

— *Eu segui o nosso combinado e falei que somos apenas amigos. Ainda tem alguém te perturbando?*

— Sim, você!

— *Mas foi você quem me ligou, Chloe*.

Ele realmente estava rindo de mim, eu ouvi nitidamente. Olhei para o céu por um segundo, só para pedir paciência a Deus,

porque Raymond sabia me irritar como ninguém. E o pior, ele parecia *gostar* disso.

— Você não precisava ter falado toda aquela besteira sobre precisar aprovar um cara para sair comigo! Tem noção de que pode ter arruinado qualquer chance que eu tinha com algum aluno?

— *Está de olho em alguém, Davidson? Me fala quem é, preciso saber se o cara presta ou não*.

— King, você não tem nada a ver com isso! Nós nem somos amigos de verdade!

— *Você tem uma capacidade impressionante de me magoar. Depois de tudo o que passamos juntos, como consegue dizer que não somos amigos? Já temos certa intimidade, irritadinha.*

— Não sei se eu quero ser sua amiga, olha como você me chama.

— *Nós sabemos que você já me chamou de coisa pior do que isso* — disse ele e eu nem pude retrucar, o que era uma droga. — *Você só tem a ganhar sendo minha amiga, posso continuar arrumando ingressos dos jogos para você e para a Kim, posso deixar que você assista a um dos treinos, você vai poder passar mais tempo comigo para poder escrever a matéria para o trabalho da Sra. Silverstone... E como se isso já não fosse bom o suficiente, terá a minha* companhia*. Olha que incrível, Chloe!*

— Nossa, que privilégio. Eu deveria agradecer?

Era para o meu sarcasmo ter soado mais agressivo, mas, infelizmente, eu estava sorrindo, o que transpareceu em minha voz. Ainda estava irritada com a ousadia de Raymond, é claro, mas havia algo nele que me desarmava e aquilo me deixava um pouco insegura. Viver na defensiva era bem melhor do que ficar me derretendo pelo cara, porque assim, eu conseguiria manter uma distância segura entre nós dois, só que Raymond estava começando a dificultar as coisas para mim.

— *Não precisa, é só ser minha amiga também. Eu juro que sou o melhor amigo de todos os tempos. Lembra que falei isso nos meus* stories*?*

— Você falou muita coisa, Ray. É melhor não fazer com que eu repita, ou vou ficar irritada com você de novo.

— Você acabou de me chamar de Ray, irritadinha. Pode ficar com raiva de mim, mas depois disso, nós dois sabemos que o sentimento não é tão genuíno assim. Você está me deixando entrar, de uma maneira diferente do que eu pensava e queria, mas está.

— Como assim?

— Ah, Chloe, você sabe... Meu pau queria entrar primeiro do que eu.

— Minha nossa, que nojo, Raymond! Você é um escroto!

Ele gargalhou do outro lado da linha e eu senti o meu rosto ficar quente de vergonha, mas também de excitação, o que era um absurdo. Estava começando a entender que estar perto de Raymond, fosse pessoalmente ou apenas através de um simples telefonema, mexia demais comigo. Aquilo era perigoso. Perigoso demais.

— Pode até ser, mas sou sincero, meu bem — disse, me fazendo soltar um suspiro inaudível. Ele não podia simplesmente me chamar de “meu bem”. Era um ponto fraco, chegava a ser covardia. *— Também respeito muito as mulheres, já entendi que seremos só amigos e, por mim, está tudo bem. Contanto que você não volte a ser uma cuzona.*

— Não serei, contanto que você se comporte.

— Eu sou o cara mais comportado dessa universidade.

— Não sabia que Raymond King contava piadas tão boas — ironizei, sorrindo. — Preciso desligar.

— Ok. Nosso encontro está de pé na quarta-feira?

— Sim, mas precisa ser depois do almoço. Eu vou viajar à tarde.

— Eu também. A gente acerta tudo quando estiver mais perto. Um beijo, irritadinha.

— Beijo.

Encerrei a ligação e fiquei parada no meio do campus, tentando entender o que havia acontecido ali. Eu tinha ligado para Raymond com a intenção de brigar com ele, como o cara tinha conseguido inverter o jogo daquele jeito e me deixar como uma gatinha mansa?

Raymond transformava o meu cérebro em uma geleia! Mas tudo bem, eu poderia lidar com isso. Nós só teríamos um problema,

se ele começasse a fazer o mesmo com o meu coração.



A quarta-feira chegou mais rápido do que eu esperava, mas foi bom, porque eu estava cheia de saudade dos meus pais e não via a hora de passar o feriado com eles. Na faculdade, depois dos *stories* de Raymond, eu finalmente voltei a ser só mais uma aluna entre milhares e parei de receber olhares estranhos a cada vez que atravessava o campus. Claro que ainda era alvo de algumas garotas, porque, aparentemente, ser amiga de Raymond também era um insulto a elas, mas com isso eu conseguia lidar. O fato de o Bruins ter vencido o Bellarmine no jogo de sábado, em Las Vegas, e de Raymond ter sido visto ficando com uma garota em uma festa no domingo, já de volta à Los Angeles, também contribuiu para que os fofoqueiros de plantão acreditassem que éramos mesmo só amigos.

Como eu sabia que ele tinha ficado com alguém no domingo? Bom, tínhamos começado a seguir um ao outro no Instagram e Raymond não tinha pudor ao repostar os *stories* em que era marcado, então, o vi mais uma vez aos beijos com uma garota. E no Twitter, o pessoal fez questão de compartilhar o vídeo, só para reafirmar que o armador do Bruins continuava livre e desimpedido.

Pelo menos eu poderia dizer que também curti o meu fim de semana, havia saído com Kim para uma boate que tinha sido inaugurada há alguns meses e acabei beijando um cara bem gostoso na pista de dança. Eu não tinha problema algum em beijar na boca, o sexo era mais complicado, mas isso não me impediu de dar uns amassos com Michael no corredor perto do banheiro. Ele me fez gozar com os dedos e foi incrível. Tinha tempo que eu não sentia uma pegada tão boa e quando voltamos para a pista, eu estava soltinha, alegre por causa do álcool e do orgasmo. Nem liguei para o *story* que Kim gravou de nós dois dançando e beijando na boca, e acabei repostando quando cheguei em casa.

No dia seguinte, acordei com dois *directs*, um de Michael, que havia começado a me seguir ainda na noite de sábado, e um de Raymond. Eu sabia que deveria abrir o de Mike primeiro, ele era um

cara legal e muito interessante, mas o de Raymond me deixou muito curiosa e foi o dele que acabei lendo.

Raymond: Quem é esse cara? Se estuda na UCLA, deve se esconder de mim, porque não o conheço.

Raymond havia me enviado aquele *direct* às seis e meia da manhã. Quem em sã consciência acordava às seis e meia da manhã de um domingo?

Eu: Ele não estuda na UCLA. E por que acordou tão cedo?
Raymond: O jogo foi em Las Vegas, esqueceu? Nosso voo era muito cedo. Já estou de volta em L.A.
Eu: Verdade! Parabéns pelo jogo, aliás. Soube que ganharam.
Raymond: Você tinha que ter ficado em casa assistindo. É isso que os amigos fazem, Chloe, mas não, me trocou por um cara qualquer.
Eu: Não fique chateado, Ray.
Raymond: O que me magoa, é que eu poderia te dar o que esse cara te deu, sabe? E eu faria ainda melhor do que ele.
Eu: Amigos não dão em cima um do outro, King.
Raymond: Essa é a primeira vez que sou jogado na *friendzone*. Será que estou perdendo o meu encanto?

Ele mesmo respondeu àquela pergunta quando pegou uma garota na festa em que foi no domingo, e eu acabei passando os últimos dias trocando mensagem com Michael, que tinha vinte e sete anos e trabalhava com marketing digital. Tudo indicava que iríamos nos encontrar no próximo final de semana depois do feriado e pela primeira vez em muito tempo, eu estava animada para conhecer alguém.

Terminei de checar a minha mala para a viagem e dei uma olhada rápida no espelho antes de sair para me encontrar com

Raymond em um café. Kate, minha colega de fraternidade com quem eu viajaria até San Francisco, estava na casa do namorado, mas chegaria logo para podermos pegar a estrada perto das cinco da tarde, então, eu tinha um tempo razoável para acertar todos os detalhes da entrevista com King. O *Uber* me deixou em frente ao café e me surpreendi quando encontrei Raymond sentado em uma mesa no canto.

— Oi. Me atrasei? — perguntei ao me sentar. Será que havia perdido o horário?

— Não, eu já estava aqui por perto e acabei chegando mais cedo. — Ele fez um sinal para a atendente, que logo se aproximou. — O que vai querer?

— Um caramelo *latte*, por favor.

— Eu vou querer o mesmo e dois *pretzels*.

— E a sua dieta de atleta? — questionei quando a atendente se afastou. Raymond sorriu e deu de ombros.

— A nutricionista do time não precisa saber que eu dou uma escapulida de vez em quando... — Ele ia falar mais alguma coisa, mas o seu celular tocou e acabou me pedindo um segundo para atender. Para lhe dar privacidade, peguei o meu próprio aparelho para poder passar alguns minutos nas redes sociais, mas acabei ouvindo a sua conversa do mesmo jeito. — Oi, bebê! Claro que eu ia te ligar, achou mesmo que ia me esquecer de você? — Uma pausa e Raymond riu. — Estou morrendo de saudade também. Como você está?

Foi impossível não olhar para ele rapidamente enquanto ouvia a pessoa do outro lado da linha. Acho que nunca tinha ouvido aquele tom de voz em Raymond, algo meio meloso e feliz. Feliz de verdade. E seus olhos também pareciam brilhar. Senti algo esquisito no peito. Com quem ele estava falando? Seria uma garota?

— Você viu o jogo? E aí, arrasei, não foi? — perguntou, convencido. — Claro que fiz as cestas para você. Para quem mais seria?

Com certeza era uma garota. Era bem do feitio dos atletas falarem que marcaram pontos pensando em uma garota, para fazer com que elas se derretessem. Não que King precisasse usar esse

tipo de cantada barata, porque as meninas suspiravam por ele gratuitamente.

— Também estou louco para ver você. Vamos nos divertir muito, *tá* bom? — Outra pausa e ele sorriu todo carinhoso. Meu Deus, Raymond estava apaixonado? E todo aquele discurso de homem solteiro? Para onde tinha ido? — Beijos. Amo muito você.

Amo muito você.

Caramba. Eu já conseguia ver metade da UCLA chorando e a outra metade querendo matar o alvo da paixão de King.

E eu? Bem, eu estava engolindo em seco, ainda sem entender o porquê de aquilo me incomodar tanto. Raymond enfiou o celular no bolso e desviou os olhos dos meus quando a atendente voltou com os nossos pedidos.

— E então, como vai funcionar essa entrevista? Vai ter que tirar fotos minhas para ilustrar a matéria? Posso posar pelado? Com certeza você vai tirar um dez se eu estiver pelado — disse ele quando a atendente se afastou, me fazendo revirar os olhos.

— Eu vou ser banida da faculdade se você aparecer pelado, Raymond. — Sorri, já sem ficar irritada com aquele seu ego gigantesco.

— Acho que não. O máximo que pode acontecer, é a Sra. Silverstone se apaixonar pelo meu pau. Mesmo sem estar duro, ele é um pau de respeito.

— Raymond, cala a boca! — Ele gargalhou quando fiz uma bolinha com o guardanapo e o lancei em sua direção, o que acabou me fazendo rir também. — Eu não quero saber nada sobre o seu pau.

— Que pena, não sabe o que está perdendo — murmurou, dando uma mordida no *pretzel*.

— Vamos falar sério, por favor.

— Eu estou falando sério.

— Ok, vou colocar isso na matéria então.

— O quê? Que eu tenho um pau digno de um anel de campeão da NBA?

— Não, que o seu ego e a sua prepotência são maiores do que o seu talento em quadra.

— Pode até ser... — Ele parou por um segundo para tomar um gole do café, muito tranquilo. — Mas o meu pau supera tudo isso.

Que Deus me ajudasse a fazer com que Raymond parasse de falar do próprio pau, pois eu precisava manter a minha sanidade, que corria um risco de vida enorme a cada encontro que eu tinha com aquele jogador gostoso e abusado.

10

"E tudo o que eu quero é me jogar nas profundezas
Mas ainda não estamos perto de cruzar a linha"

INTO YOU - ARIANA GRANDE



Raymond

Ficou combinado que nos encontraríamos algumas vezes por semana, sempre depois do meu treino de basquete, para conversarmos. Gostei da ideia de Chloe de transformar tudo aquilo em algo natural e não em uma entrevista robotizada, onde ela me fazia as perguntas e eu dava as respostas. Isso também poderia nos aproximar um pouco mais. Eu havia sido verdadeiro quando disse que queria a sua amizade. Não tinha nenhuma amiga mulher e já que Chloe não me daria outro tipo de abertura — apesar de eu querer muito —, aceitaria facilmente o que quer que ela quisesse me dar.

Dylan provavelmente me olharia como se eu estivesse com duas cabeças sobre o pescoço quando contasse que a história de Chloe ser minha amiga havia se tornado verdadeira. Ele riu muito da minha cara quando inventaram aquela fofoca sobre mim e a irritadinha e se divertiu ainda mais quando viu os meus *stories*, mas não levou muito a sério quando eu disse que queria conhecê-la melhor. O filho da mãe ia ver que eu era bom em ter amizade com

garotas, apesar de eu mesmo não saber como me sairia sendo amigo de uma mulher.

— Tem alguma coisa que você não vai querer me contar de jeito algum? — Chloe perguntou depois de anotar algo em seu *iPad*. — Preciso saber se há algum assunto delicado que você não queira abordar.

Precisei de um tempo para pensar. Apesar do que muita gente acreditava, minha vida não era um livro aberto. Eu compartilhava apenas parte dela nas redes sociais e isso fazia com que muitos se sentissem próximos de mim, ao ponto de especularem sobre a minha vida privada no Twitter, como havia acontecido dias atrás, no entanto, eu não tinha nenhum segredo ou algo sério que eu preferisse não falar.

— Acho que posso falar sobre tudo.

— Acha ou tem certeza?

— Tenho certeza — afirmei, convicto. — Não tenho nenhum segredinho sujo que precisa ser escondido a sete chaves. Nem nunca cometi nenhum crime.

— O universitário exemplar. — Ela sorriu e eu gostei de ver como estava mais receptiva a mim. Nem havia ficado irritada comigo desde que nos encontramos, o que era um recorde se tratando de Chloe Davidson.

— Eu tento.

— Aliás, o que você estuda?

— O que acha que eu estudo?

— Não sei. Algo voltado ao esporte? — Arriscou, fazendo uma careta. — Não faço ideia.

Eu sorri e balancei a cabeça. O café já havia terminado há muito tempo, mas não queria encerrar aquele encontro ainda. Era divertido estar perto de Chloe. Ela era intrigante e muito inteligente, tinha a língua afiada e me olhava com certo desafio, o que era excitante. Sem contar que era linda pra caralho, mas isso meu cérebro já estava cansado de saber.

— Estudo Sociologia. — Seus lábios se separaram em choque e isso só me fez sorrir mais. Era bom pegar a espertinha de surpresa. Chloe tinha mania de pré-julgar as pessoas e vinha fazendo isso comigo constantemente. — O que foi? Não acredita?

— Não, é que... Isso é inesperado.

— Já viu o meu tamanho, Chloe? Eu não caibo em uma caixinha, ainda que você tente muito me enfiar dentro dela.

— Eu? — Ela apontou para si mesma, chocada, antes de franzir as sobrancelhas. — Eu nunca fiz isso.

— Ah, fez sim. Várias vezes, inclusive, mas tudo bem, já entendi que você é um pouco mentirosa de vez em quando. Ou acha que me esqueci que mentiu para mim ao dizer que não era você na cozinha da Alpha?

Suas bochechas ficaram vermelhas e eu fiquei tentado a olhar no relógio do meu celular, só para saber por quanto tempo conseguimos conversar sem que ela se estressasse comigo.

— Eu não menti!

— Mentiu, sim. Nós dois sabemos que era você, Chloe. — Apoiei meus braços na mesa e me inclinei um pouco para ficar mais perto dela, que estava sentada à minha frente. — Por que você ficou me olhando naquela noite?

Seus lábios se abriram e se fecharam e fiquei muito tentado a mandar aquela história de sermos amigos para a puta que pariu e beijar a boca dela. Só de pensar nisso, sentia o meu pau dar sinal de vida dentro da calça. Nós dois concordávamos que beijar aquela boquinha seria uma experiência incrível.

— Eu só... Eu fiquei distraída. Não estava olhando para você especificamente.

— Mesmo? Então, por que mentiu ao dizer que não era você naquela noite?

— Porque... — Suas sobrancelhas se franziram um pouco mais, enquanto tentava encontrar uma desculpa minimamente convincente. — Porque eu não queria alimentar mais o seu ego. Acha mesmo que eu perderia o meu tempo olhando para você, Raymond? Eu nem te conhecia.

— Mas sabia quem eu era.

— Todo mundo dentro da UCLA sabe quem você é, isso não quer dizer que todo mundo vai beijar os seus pés.

— Quem disse que eu quero que você beije os meus pés? — perguntei, sorrindo e passando o meu dedo sobre o dorso da sua

mão em cima da mesa. — Se fosse para ganhar um beijo seu, seria em um lugar um pouco mais acima, Chloe.

Ela riu de repente, atraindo a minha total atenção.

— Eu nunca beijaria o seu pau, King.

— Quem disse que eu estava falando do meu pau? — Foi a minha vez de sorrir. — Você é muito safadinha, Chloe. Eu estava falando da minha bochecha.

Seu rosto ficou ainda mais vermelho e meu cérebro trabalhou rápido, pensando em jogar mais uma piadinha para cima dela, mas seu celular tocou, me impedindo de continuar. Afastando-se do meu toque em sua mão, ela pegou o aparelho que estava no canto da mesa e atendeu. Fiquei atento, sem nem conseguir disfarçar, pensando naquele carinha com quem ela ficou no sábado. Seria ele ligando para ela?

— Oi, Kate. Desculpa, nem vi o tempo passar. Já chegou em casa?

O cara não se chamaria Kate, com certeza. O alívio que me atingiu me deixou intrigado, mas deixei a sensação passar e fiquei observando Chloe enquanto ouvia a pessoa do outro lado da linha. Seu rosto ficou pálido e tenso de repente, me deixando ainda mais curioso.

— O quê? Como assim você não vai mais? Kate, por favor, me diz que é brincadeira! — Chloe fez uma pausa e fechou os olhos com força, jogando a cabeça para trás. — Não posso acreditar nisso! Poxa, Kate, estava tudo certo para irmos juntas. Como você me deixa na mão assim, de uma hora para a outra? Tem noção de que provavelmente todos os voos e ônibus já estão lotados? Eu vou perder o feriado com os meus pais!

Quando Chloe abriu os olhos, percebi que estavam marejados com lágrimas. Droga, eu odiava ver uma garota chorar, não sabia ao certo o que fazer, ainda mais com Chloe. Ela era arisca, capaz de me dar um tapa se eu me aproximasse para consolá-la.

— *Tá,* eu vou dar o meu jeito aqui. Ok. Tchau.

Ela desligou de repente e largou o celular sobre a mesa, escondendo o rosto entre as mãos em seguida. Fiquei sem saber o

que fazer. Não sabia nem o que falar. Segundos longos se passaram, até que resolvi ser firme e tomar uma atitude.

— Chloe, o que aconteceu? Eu posso ajudar em alguma coisa?

Ela sacudiu a cabeça e tirou a mão da frente do rosto, usando a ponta dos dedos para limpar as lágrimas que escorreram pelas suas bochechas.

— Eu ia pegar uma carona com a Kate para passar o feriado de Ação de Graças com os meus pais, mas parece que ela e a mãe discutiram e agora ela não vai mais. Decidiu ir para San Diego passar o feriado com os pais do namorado. — Seu suspiro de tristeza encheu o meu peito de pesar. — Não acredito que vou furar com os meus pais. Eu não os vejo há mais de dois meses, estava tão ansiosa para passar esse feriado com eles!

Senti vontade de abraçá-la, mas tudo o que fiz foi esticar minha mão e pegar a dela sobre a mesa, passando o meu polegar pela sua pele.

— Sinto muito, Chloe. Seus pais moram muito longe daqui?

— Sim, em San Francisco. São seis horas de carro, mais ou menos. Imagina quanto vai dar um *Uber* daqui até lá? Sem contar que eu acho difícil que algum motorista aceite uma viagem tão longa na véspera do feriado de Ação de Graças. — Ela bufou, chateada e prestes a chorar de novo. — Que droga! Pior é que vou passar o feriado sozinha, todas as meninas da Alpha vão viajar e Kim já foi para a casa dos pais em Riverside.

— Não, você não vai passar o feriado sozinha de jeito algum.

Chloe ergueu os olhos e me encarou, fungando baixinho.

— Como assim?

— Parece que hoje é o seu dia de sorte. Meus pais também moram em San Francisco e eu estou indo para lá agora à tarde. Posso te dar uma carona.

— Oh! — Sua boca caiu aberta e seus olhos se arregalaram. — Está falando sério? Meu Deus, seria incrível! Mas eu não quero te incomodar, Raymond...

— Não será incômodo algum. Contanto que você não mexa na minha *playlist* de viagem...

— Ah, não. O que você escuta quando está na estrada?

— Eu sou bem eclético. Uma hora está tocando um rock clássico e, um segundo depois, começa a tocar um *hip hop* cheio de putaria... — Dei de ombros e Chloe riu.

— Ok, acho que posso lidar com isso — murmurou, apertando a minha mão. — Muito obrigada, Ray, de verdade.

— É para isso que servem os amigos, irritadinha.



Chloe mexeu na porcaria da minha *playlist*. Quando uma música da Ariana Grande começou a tocar, foi que me dei conta de que a garota havia conectado o *bluetooth* do seu celular no som do meu carro, sem ao menos me pedir permissão. Assim que a encarei, seu sorriso culpado me saudou.

— Desculpa, mas não aguentava mais ouvir o Trey Songz cantando que ia deixar uma mulher de calcinha molhada.

Estávamos há pouco mais de duas horas no carro e eu poderia mesmo ter mentido um pouquinho sobre o rock clássico. Até havia uma ou duas faixas na *playlist*, mas o *hip hop* ainda predominava.

— Mas o que essa música difere da letra do Trey Songz? Ariana Grande está cantando sobre ficar acordada a noite toda e foder até de manhã.

— Ele é bem mais explícito.

— *Foder*, Chloe. Ariana Grande acabou de mencionar a palavra *foder*. — Sorri ao vê-la se encolher sobre o banco do carona ao meu lado, sem dar o braço a torcer. — Sabe o que isso significa?

— O quê?

— Que você é tão safada quanto eu, só esconde isso atrás dessa carinha fofa de *nerd*.

Ufa, havia colocado para fora! Bom, eu estava dando uma carona para ela, Chloe ia se lembrar disso antes de surtar.

Claro que ela *não* ia se lembrar disso, pois acabou surtando do mesmo jeito.

— Carinha fofa de *nerd*? Como você tem coragem de falar isso para uma garota?

— Você não é uma garota qualquer, é a minha amiga.

— Estou pensando seriamente em terminar essa amizade. Mal começou e você já está me humilhando, Raymond!

— Segunda vez...

— Segunda vez o quê? — perguntou, me olhando de lado.

— Segunda vez que você fica irritada comigo hoje. Levando em consideração que você *nunca* se acalmava quando ficava ao meu lado nas últimas vezes em que nos vimos, posso começar a acreditar que estamos evoluindo no nosso relacionamento, não é?

Chloe ficou quieta por alguns segundos e uma nova música da Ariana Grande começou a tocar. Aquela eu conhecia, mas nunca havia prestado atenção na letra e uma das partes dizia que o cara deveria deixá-la acesa, então, talvez ela o deixaria ficar por cima. Desde quando Ariana Grande, com aquela cara de menininha, cantava músicas tão indecentes?

— Acho que sim — Chloe respondeu. — Mas você ainda é irritante, King.

— Não, eu gosto de te irritar, é diferente. — Pisquei para ela, que lutou para não abrir um sorriso. Desarmá-la era ainda mais gostoso do que irritá-la. — Vou acelerar um pouco, ok? Estava dando uma olhada na previsão do tempo e parece que vai cair uma chuva forte, quero chegar em San Francisco antes dela.

— Será que posso confiar em você ao volante?

— Não é como se você estivesse cheia de opções de carona, não é? Parece que vai ter que confiar nesse jogador gostoso aqui.

Chloe revirou os olhos enquanto ria baixinho e eu acabei deixando que sua *playlist* tocasse até o fim. Em algum momento, ela acabou cochilando e consegui voltar a ouvir as minhas músicas, pensando em como a vida era irônica. Quando eu poderia imaginar que estaria viajando tendo Chloe Davidson como companhia? Tudo bem que ela era uma péssima parceira, pois dormiu e me deixou sozinho, mas, ainda assim, era algo surreal.

Faltando pouco menos de uma hora para chegarmos, a chuva que a meteorologia prometeu que iria chegar, desabou com tudo. O barulho da água contra o carro ficou tão alto, que acabou acordando Chloe, que me encarou um pouco sonolenta e assustada.

— Meu Deus, o mundo está desabando.

— Pois é. Precisei reduzir a velocidade. Segundo o GPS, chegaremos em San Francisco em quarenta e sete minutos.

— Vou olhar aqui no meu celular para saber se lá também está chovendo assim. — Eu concordei com a cabeça e esperei que ela verificasse. Sua careta não foi nada animadora. — *Tá* caindo uma tempestade por lá.

— Que ótimo — suspirei, vendo o relógio pelo painel do meu carro.

Minha previsão era de que chegaríamos em San Francisco às dez da noite, mas com essa chuva e tendo que dirigir devagar, chegaríamos bem depois das onze. Com Chloe agora atenta ao meu lado, dirigi pelos próximos minutos tentando enxergar pelo vidro encharcado, que nem o limpador de para-brisas estava dando conta de deixar visível.

— Vire à esquerda. — A voz do GPS mandou e eu respirei mais aliviado por finalmente estar entrando na cidade.

— Agora falta pouco — Chloe disse ao meu lado. — Você é mesmo um ótimo piloto, Ray.

— Eu sou o melhor em tudo o que me proponho a fazer. — Sorri, vendo-a retribuir enquanto balançava a cabeça. — E só para que você não diga que sou mentiroso, finalmente chegou a vez do rock clássico na minha *playlist*.

Bon Jovi começou a cantar *Always* e Chloe sorriu com entusiasmo, começando a cantar baixinho. Até que ela tinha uma voz bem gostosa de ouvir e foi inevitável não pensar em como ficaria gemendo em meu ouvido, enquanto eu estivesse por cima dela, metendo meu pau na sua...

— Puta merda! — Xinguei, precisando frear bruscamente. À minha frente, a entrada para o bairro de Chloe estava completamente alagada. Alguns carros que tentavam passar pela rua, estavam dando ré.

— Não acredito nisso! — Sua voz saiu esganiçada.

— Vou precisar dar ré, não vai ter como passar por aqui, Chloe.

— Mas eu preciso chegar em casa.

— Sim, eu sei, mas não vou arriscar passar por esse rio. Vamos ficar afogados.

Ela arregalou os olhos e balançou a cabeça, atordoada. Dei ré e parei o carro um pouco antes de chegarmos à parte alagada da rua, dando espaço para que os outros carros pudessem passar por mim.

— Será que dá para passar a pé? Pela calçada?

— Eu acho que não. — Tirei meu celular do suporte do carro e abri o GPS, tentando buscar uma nova rota. Segundo o aplicativo, toda aquela região estava sofrendo com alagamentos. — Olha isso. — Mostrei para Chloe e ela quase choramingou. — Sinto muito, mas não vai dar para te levar para casa agora.

— Como é que é? E para onde eu vou, Raymond?

— Para a minha casa. Ou acha que vou te deixar na rua?

— Mas... — Chloe parou de falar e olhou para o lado de fora. — O que eu vou falar para os meus pais?

— Eles sabem que você estava vindo comigo?

— Não, ainda acham que estou vindo com a minha amiga.

— Então, diga que não dá para chegar em casa, pois está tudo alagado, e que vai dormir na casa dela. Amanhã bem cedo eu te deixo na porta deles.

Chloe mordeu a pontinha do lábio e sacudiu a coxa esquerda, nervosa. Por fim, pegou o celular e ligou para os pais. Enquanto ela falava com a mãe, eu dei a volta para sair da rua alagada e comecei a dirigir em direção ao meu bairro, torcendo para que ele não tivesse sido afetado pela chuva. Minutos se passaram até que Chloe conseguiu encerrar a ligação.

— O que ela disse? — perguntei.

— Falou que a nossa rua também está cheia, não muito, mas que é melhor mesmo que eu passe a noite na casa da minha amiga. — A forma debochada como disse a palavra amiga me fez rir. — Não tem graça, Raymond.

— Ah, para, nunca contou uma mentirinha para os seus pais?

— Eu já omiti, mas nunca menti.

— É a mesma coisa.

— Claro que não é.

— É, sim — afirmei, olhando rapidinho para ela antes de voltar a olhar para a estrada. — E o que você *omitiu*? Posso saber?

— Não.

— Me conta, vai. Eu sou muito curioso.

— Problema seu — disse, bagunçando o meu cabelo. Foi a primeira vez que me tocou por livre e espontânea vontade e eu adorei. — Já estamos chegando? Estou apertada para fazer xixi.

— Em dez minutos.

Ela concordou com a cabeça, me deixando na curiosidade, e eu voltei a focar na direção. Seu bairro não era tão longe do meu, mas o dela havia sido bem mais castigado, pois, quando entrei na minha rua, percebi apenas alguns bolsões d'água aqui e ali. Como o previsto, chegamos perto da meia-noite e, depois de colocar o carro na garagem, atrás da picape do meu pai, e tirar as malas do carro, percebi que todo mundo já estava dormindo quando entramos em casa.

— Quer comer alguma coisa? — perguntei quando passamos pela cozinha. Havíamos pegado um lanche do MC Donald's no meio da viagem e eu ainda estava satisfeito.

— Não, eu estou bem. Só me leve até o quarto de hóspedes e depois até o banheiro, por favor — pediu com uma careta, quase dançando na minha frente para não fazer xixi.

— Vem comigo — pedi, já indo em direção à escada que nos levaria ao segundo andar. — Então, tenho algo para te dizer...

— Pode ser depois? Preciso mesmo fazer xixi, Ray.

— Ok. — Abri a porta do quarto e puxei a mala da sua mão. — O banheiro é naquela porta ali, depois venha me encontrar aqui.

Nem precisei falar uma segunda vez, Chloe passou por mim feito um raio e entrou no banheiro, fechando a porta silenciosamente atrás de si. Eu aproveitei aquele momento sozinho para colocar sua mala e a minha no chão e me sentei na beirada da cama, dando uma olhada rápida no *WhatsApp*. Todos os meninos do time haviam viajado e o nosso grupo estava cheio de fotos deles com suas famílias.

— Pronto. Nossa, estou tão aliviada! — disse Chloe, entrando no quarto e dando uma olhada geral no cômodo. — Então, é aqui que você dorme quando vem para a casa dos seus pais.

— Sim. — Não tinha como negar que aquele era o meu quarto, pois havia enfeites de basquete e fotos por todo o lugar.

— E onde fica o quarto de hóspedes?

— Era sobre isso que eu queria falar. Nós não temos um quarto de hóspedes.

Chloe ficou quieta por um momento.

— E onde eu vou dormir?

— Aqui. Comigo.

Seus olhos se arregalaram e ela deu um passo para trás. Porra, havia mesmo soado muito ruim.

— É brincadeira, não é?

— Não. Quer dizer, eu não disse nessa intenção que está pensando — falei, me levantando da cama. — O que quero dizer, é que você vai dormir aqui no meu quarto e que eu vou dormir aqui também. No chão, é claro.

— Eu... Eu posso dormir na sala, não tem o menor problema.

— Claro que não, Chloe. Minha mãe me criou para ser um cavalheiro.

— Eu não vou te tirar da sua cama, Ray — disse com bastante convicção, dando uma olhada para a minha cama de casal. — Ela é grande o suficiente para nós dois, é só cada um dormir em uma ponta.

Eu olhei o mesmo que ela e, sim, era uma cama bem espaçosa. Não tínhamos muito luxo, mas eu trabalhava durante o verão quando estava no Ensino Médio e consegui comprar algumas coisas para mim com o dinheiro que sobrava, já que uma parte eu dava para os meus pais, para poder ajudar na despesa da casa. Uma das minhas conquistas foi a cama de casal. Sempre fui um garoto alto e a rotina pesada de exercícios acabou me deixando muito forte, mesmo quando eu ainda era jovem. Ter um lugar confortável para dormir era uma prioridade para mim.

— Tem certeza? — perguntei. — Prometo que não vou tocar em você.

— Raymond, eu passei as últimas seis horas dentro de um carro com você. Se não confiasse na sua índole, sequer teria aceitado a sua carona.

Aquilo me pegou de surpresa, pois achei que Chloe só havia aceitado porque estava desesperada. Em nenhum momento pensei que havia aceitado porque também confiava em mim. Foi inevitável não sorrir.

— Viu como estou subindo no seu conceito? Nem adianta negar.

Ao invés de me responder, ela me deu um sorrisinho e foi em direção à sua mala.

— Posso tomar um banho rápido?

— Claro, fique à vontade.

Depois de pegar algumas roupas, ela saiu do meu quarto e eu comecei a arrumar a cama, ainda surpreso com a sua revelação e tentando me acostumar com o fato de que, pela primeira vez na vida, eu ia dormir acompanhado por uma garota, sem transar com ela.

11

"E eu não suporto você
Tudo o que você faz, me faz querer sorrir
Será que eu posso não gostar disso por um instante?"

HATE THAT I LOVE YOU - RIHANNA FT. NE-YO



Chloe

Eu havia colocado um pijama comum na mala para poder dormir na casa dos meus pais. Regata de alcinha e um short, ambos azuis e de algodão, confortáveis, simples, perfeitos, mas por que pareciam tão indecentes agora? Em frente ao espelho do banheiro da casa de Raymond — preciso fazer uma pausa aqui para ressaltar como ainda é surreal admitir que vou dormir com Raymond na casa dos pais dele —, eu só conseguia notar como os meus mamilos apontavam sob o tecido da blusa e como a poupa da minha bunda ficava de fora.

Que péssima ideia escolher esse pijama. Que péssima hora para essa chuva torrencial ter caído, me deixando ilhada justamente na noite em que peguei uma carona com Raymond King. O que me confortava, era a certeza de que, depois de hoje, nada mais bizarro poderia acontecer. Porque, vamos combinar, o que era mais bizarro do que ser deixada na mão por uma amiga, ter que pegar uma carona com um cara que até dias atrás você nutria um profundo ranço e que agora era seu amigo, se deparar com uma enchente e

ter que dormir ao lado dele sem sequer ter trocado um beijo com o homem? Com certeza, nada. Eu havia batido o meu recorde de situações inusitadas pelos próximos dez anos, no mínimo.

— Vamos lá, Chloe — falei comigo mesma, esticando o pescoço para ver se liberava um pouco da tensão. — É só ir até o quarto dele, se deitar na ponta da cama e fechar os olhos. Ah, e se cobrir, é claro. Você não pode dormir com a bunda de fora, lembre-se de manter o respeito.

Eu parecia muito tranquila quando disse a Raymond que poderíamos dormir juntos, mas, por dentro, estava surtando. Minha mente começou a criar um monte de cenários loucos, como, por exemplo, eu perdendo o controle e simplesmente me jogando em cima de King e atacando a boca dele. Sabe quando sua cabeça cria situações malucas? A minha estava assim, mas eu era mais forte do que ela. Respirando fundo, destranquei a porta e girei a maçaneta, caminhando em direção ao quarto de Raymond, que estava com a porta encostada. Encontrei-o mexendo em sua mala e tirando uma regata branca de lá de dentro e um short de dormir — ambos mais decentes do que os meus.

— Qual é o seu lado favorito da cama? — perguntei, indo direto para a minha mala. Pude sentir os olhos de Ray me acompanhando pelo cômodo.

— Não tenho um lado preferido, geralmente, eu durmo no meio, todo espalhado — disse ele, fazendo uma pausa. Acho que foi proposital porque, quando me virei para olhá-lo, ele sorriu. — E completamente nu. — Minha boca caiu aberta e Raymond gargalhou. — Você fica tão linda com as bochechas vermelhas, Chloe.

— Minhas bochechas não estão vermelhas! — acusei, colocando a mão sobre elas. Estavam quentes e eu sabia que estavam vermelhas, mas não quis dar o braço a torcer. Raymond fechou a sua mala e caminhou em minha direção, pousando dois dedos sob o meu queixo.

— Fica tranquila, hoje eu vou dormir totalmente vestido, olha só. — Ergueu as roupas em sua mão, me fazendo olhar para elas rapidinho. Seu rosto bonito e aquele sorriso de menino convencido

eram bem mais interessantes do que a sua roupa de dormir. — A não ser que você me queira ao seu lado como vim ao mundo.

— Não, muito obrigada. — Consegui responder, me afastando do seu toque. Meu coração ficou acelerado só de pensar em dormir com ele estando nu.

— Tem certeza?

— Claro que sim. Não vai ser hoje que você vai realizar o desejo de dormir pelado comigo, King.

— Chloe, Chloe, se você soubesse que dormir pelado com você é algo tão pequeno perto do que quero fazer contigo... — Sua voz sumiu no ar e algo em sua expressão mudou. Como naquela noite em frente ao estádio, seus olhos brilharam de desejo, descendo rapidamente pelo meu corpo, até voltarem aos meus. Acho que durou apenas cinco segundos antes que ele voltasse ao normal, mas foi o suficiente para me deixar com a respiração presa na garganta. — Vou tomar banho, fique à vontade para escolher o seu lado da cama.

Raymond passou por mim e saiu do quarto encostando a porta atrás de si, finalmente me deixando livre para respirar. Que magnetismo era aquele que havia naquele cara? Poucos minutos ao seu lado e eu conseguia entender o porquê de ter tantas mulheres aos seus pés. Raymond era um conquistador nato, ele sabia o que falar, como olhar, que palavras poderia usar para deixar uma garota com as pernas bambas — ao ponto de querer abri-las para que ele se abrigasse entre elas. O filho da mãe era um sedutor gostoso e barato, mas eu não cairia na sua armadilha.

Minhas experiências com sexo casual não foram tão ruins, mas também não foram as minhas favoritas. Eu tinha me acostumado a terminar o sexo e ficar de conchinha com a pessoa, conversando sobre tudo, fazendo planos e tendo a certeza de que estaríamos juntos no dia seguinte. Depois de alguns poucos casos na faculdade, decidi que aquilo não era para mim e estava muito bem assim. Não ia regredir agora só porque Raymond havia me dito meia dúzia de palavras sedutoras e me deixado com os bicos do peito duros. Nossa relação seria apenas de amizade e eu aprenderia a lidar com as suas provocações conforme o tempo fosse passando. Esperava ter logo intimidade com ele para lhe dar

um tapa a cada vez que me perturbasse com algum comentário de cunho sexual.

Escolhi o lado esquerdo da cama e puxei o edredom até a altura dos meus seios. Deitada de costas, peguei o meu celular e digitei uma mensagem para Kim, contando tudo o que havia acontecido naquela noite surreal. Já passava das duas da manhã, mas ela dormia tarde, por isso, não me surpreendi quando recebi a sua resposta minutos depois.

Kim: VOCÊ VAI DORMIR COM O RAYMOND?

Lendo a sua mensagem, a situação parecia ser muito mais complicada — e proibida — do que realmente era.

Eu: Vou dormir ao lado dele na cama e não *com* ele, Kim. É diferente.

Kim: Gata, é tudo a mesma coisa, a diferença, é que ele não vai enfiar o pau grande na *Chloezinha*, o que, sinceramente, eu acho um absurdo. Dá logo para esse cara, amiga!

Eu: Oi? Você fumou maconha? Que brisa é essa?

Kim: Só estou falando o óbvio. Raymond claramente te deseja e você está na cama dele. Quer um momento melhor para transar com esse deus?

Eu: Eu não quero transar com o Raymond, Kim.

Kim: Isso só prova que não sou eu que estou presa na brisa da maconha, é você. E, sinceramente? Eu não acredito.

Eu: Que bom. Se você me dissesse que acredita que eu fumo maconha, ia ter que rever a nossa amizade. Nada contra a quem fuma, mas a gente já experimentou e é horrível.

Kim: Não, maluca. Eu não acredito que você não queira transar com o Raymond. Todo mundo quer transar com o Raymond.

Eu: Minha mãe sempre diz que eu não sou todo mundo.

Kim: Você precisa de terapia.

Eu: Não, você e o pessoal da faculdade que precisa. Não é saudável todo mundo desejar um único homem.

Kim: Amiga, é aí que você se engana. A gente deseja o Ray e todos os outros caras gostosos... É que ele, no momento, é o mais famoso. Todo mundo quer tirar uma casquinha. Menos eu, é claro, porque não furo o olho de amiga minha.

Eu: Você não estaria furando o meu olho.

Kim: Eu estaria, sim.

Raymond entrou no quarto no momento em que eu estava digitando uma resposta para Kim. Acabei apagando tudo e explicando a ela que o objeto de desejo da UCLA havia chegado para dormir e me despedi, sendo obrigada a ler a sua torcida para que eu mudasse de ideia e fosse quicar no pau do King. Revirando os olhos, deixei o meu celular sobre a mesinha de cabeceira e observei Raymond apagar a luz e vir se deitar ao meu lado. Ele estava um grande gostoso com aquela regata branca e os braços musculosos de fora, mas fiz de tudo para tirar aquela imagem da minha cabeça. O abajur que ficava do seu lado da cama ainda estava aceso e a luz me permitiu enxergar o momento em que ele colocou a cabeça sobre o travesseiro.

— Tem certeza de que não quer comer nada? Nem tomar uma água?

Eu estava nervosa e sempre ficava um pouco enjoada quando me sentia daquele jeito, por isso, apenas balancei a cabeça e murmurei:

— Eu estou bem.

Senti quando ele se ajeitou debaixo do edredom e prendi a respiração, temendo que acabasse encostando em mim, mas Ray cumpriu com a sua promessa de não me tocar, o que foi bom. Eu me orgulhava de ser uma mulher forte, mas, e se acabasse fraquejando caso sentisse alguma parte do seu corpo em contato com o meu? Sem falar nada, Ray se esticou e apagou o abajur. O quarto foi coberto pela penumbra e pelo som da chuva que ainda caía do lado de fora.

— Boa noite, Chloe — ele sussurrou meio rouco e eu suspirei baixinho, torcendo para que não estivesse ouvindo.

— Boa noite, Ray. Obrigada por tudo o que fez por mim hoje.

— Só aceito esse agradecimento se for em forma de beijo. — Eu podia sentir a risada em sua voz e não me contive. Tateando pelo colchão, encontrei o que pensei ser o seu braço e belisquei de leve, ouvindo o seu gemido.

— Cala a boca, King.

— Você beliscou o meu pau, Chloe!

— O quê?

Acho que gritei, mas tampei a boca no meio do caminho. Não podia ser. Eu senti que era o seu braço, ele estava tensionado e... Meu Deus, e se realmente tivesse sido o seu pau? E se ele estivesse duro?

— Mentira — falei, o som da minha voz saindo abafado pela minha mão, que precisei tirar de cima da minha boca. — Você está com uma ereção do meu lado?

— Bom, não seria algo impossível de acontecer, certo? Você é gostosa pra caralho, não posso fazer nada se o meu corpo corresponde ao seu.

Senti vontade de me enterrar naquele colchão quando algo entre as minhas pernas pulsou. Talvez a minha calcinha tenha começado a ficar molhada e eu estivesse prestes a perder a minha sanidade. Dormir ao lado de Raymond não era nada saudável. Como poderiam espalhar aos quatro ventos que passar a noite com ele era a melhor coisa do mundo?

— Espalham por aí que passar a noite comigo é a melhor coisa do mundo?

Ah, não. Não, eu não tinha falado em voz alta, não era possível.

— Você falou, sim. — Ele estava sorrindo. Eu podia sentir. Com os olhos arregalados, voltei a colocar a mão sobre a minha boca, só para ver se conseguia manter a minha língua dentro dela. — Você é uma caixinha de surpresas, Chloe Davidson. Toda *controladinha* desse jeito, não podia imaginar que pensava em voz alta.

Comecei a responder, mas a minha voz saiu abafada de novo e precisei tirar a mão de cima da minha boca. Respirando fundo e tentando conter a vergonha, voltei a falar:

— É um defeito que eu tenho.

— Não é um defeito, eu achei maravilhoso.

— Achou maravilhoso porque não é você que passa vergonha.

— Essa sua mania já te colocou em alguma saia justa antes? — Eu apenas concordei com a cabeça e acho que Raymond deve ter sentido ou visto de alguma forma, já que as luzes da rua conseguiam penetrar o seu quarto através da cortina fina. — Agora você precisa me contar o que aconteceu.

— Foi assim que o meu ex descobriu que eu era apaixonada por ele — expliquei, sem saber ao certo porque me sentia tão à vontade ao lado de Raymond para contar algo íntimo.

— Como assim? Você pensou em voz alta e ele ouviu?

— Basicamente. Nós estávamos no refeitório do colégio com o nosso grupo de amigos e eu estava que nem uma idiota olhando para ele. De repente, todo mundo parou de falar e olhou para mim. Eu fiquei sem entender o porquê, até que Kim se inclinou e disse no meu ouvido que eu havia acabado de falar em voz alta que achava que Miles era o garoto mais lindo do mundo e que eu era louca por ele. Foi o pior dia da minha vida. Eu nunca me senti tão envergonhada antes, só queria morrer. — Ouvi Raymond rir baixinho e quase o belisquei de novo, mas me segurei. — Não ria de mim, King. Eu tenho um trauma por causa desse dia.

— Não estou rindo de você especificamente, só da situação, que foi bem inusitada. Se eu fosse o Miles, ia me achar o máximo se uma garota linda como você estivesse louca por mim.

— Você é muito galanteador, Ray, mas não vou cair no seu papinho.

— Eu juro que estou sendo sincero — disse ele e senti meu coração se agitar, porque uma parte minha, bem pequena, acreditou em suas palavras. — E o que aconteceu depois disso?

— Bom, eu fugi para o banheiro e Kim foi atrás de mim, comecei a chorar de nervoso e de vergonha, ameacei mentir que estava passando mal para poder sair mais cedo da escola e, claro, nunca mais pisar ali. Kim conseguiu me acalmar um pouco e quando decidi que iria seguir com o meu plano de tentar escapar da escola, encontrei com Miles esperando por mim no corredor. Eu fiquei paralisada, juro. Pensei que ele ia começar a rir de mim ou me

dar um fora, mas foi o contrário. Ele disse que também me achava linda e que gostava muito de mim e perguntou se poderíamos tomar um sorvete quando saíssemos do colégio.

— Porra, que filho da puta esperto!

— Ei, não fale assim dele.

— Ele não é o seu ex? Posso falar mal dele, sim.

— Não pode não.

— Como assim? Vocês ainda se falam?

— Não com regularidade, mas o nosso término não foi traumático ou algo do tipo. Ele passou para a Universidade do Michigan e eu passei para a UCLA, então, decidimos terminar, porque não daria certo manter um relacionamento à distância.

— Vocês ainda se gostam, então?

— Não. Nós namoramos por dois anos e foi incrível, mas acho que era um sentimento de adolescente. Quando decidimos que iríamos nos separar, percebemos que a paixão havia se transformado em amizade, do contrário, doeria muito ficar longe um do outro... Enfim, foi um relacionamento muito saudável e fomos felizes juntos, depois que o meu pai nos deixou em paz, é claro.

— O que quer dizer?

— Meu pai sempre foi muito... Protetor. Ele não aceitava muito bem o fato de a sua filhinha não ser mais uma criança. Na verdade, ele ainda não aceita muito.

— Ou seja, ele surtaria se visse aquele seu *story* beijando o cara na boate — concluiu.

— Com certeza! Ainda bem que meu pai não tem o costume de acessar as redes sociais todos os dias.

— Que sorte a do cara. Me lembre de nunca dar em cima de você na frente do Sr. Davidson — pediu e eu ri.

— Pode deixar. Bom, como eu disse, Miles e eu tivemos momentos incríveis juntos. Hoje em dia, ele namora uma menina da universidade onde estuda e algo me diz que ainda vai se casar com ela.

— E você não sente nada estranho quando pensa nisso?

— Não. Só me sinto feliz por ele.

Não havia percebido que eu tinha me virado de lado na cama para conversar com Ray, mas, agora, estávamos de frente um para

o outro. Com a visão já acostumada com o ambiente escuro, eu podia notar o formato do seu rosto, o arco do nariz, os lábios bonitos e a mandíbula forte. Gostaria de poder olhar em seus olhos, só para ter um vislumbre do que ele poderia estar pensando.

— Para dois adolescentes, vocês eram bem conscientes. Geralmente, um término nessa idade sempre é meio trágico.

— Verdade, acho que tivemos sorte. E você? Já teve algum relacionamento sério?

— Sim. — Aquilo me surpreendeu. De alguma forma, senti ele sorrir ao completar: — Com o basquete.

— Fala sério, King.

— Estou falando sério. Sempre fui muito focado no basquete e nos estudos. Ter a responsabilidade de me envolver com alguém era algo que nunca me interessou. Eu me jogo de cabeça em tudo o que me proponho a fazer e nunca gostei de nada que tirasse o meu foco.

— Um relacionamento tiraria o seu foco — concluí.

— Exatamente. Não tenho nada contra a quem namora, pelo contrário, fico feliz quando meus amigos se apaixonam, mas tento a todo custo não me envolver com alguém a ponto de sentir algo mais forte por essa pessoa. Até que eu esteja com um contrato assinado com um grande time da NBA, vou continuar fugindo de relacionamentos.

Pelo menos ele era sincero. Quantos homens não mentiam e enrolavam as mulheres quando, na verdade, sequer pensavam em firmar um relacionamento? De forma consciente, eu aplaudia a sua atitude, mas o meu lado sentimental havia ficado abalado, o que era uma grande idiotice.

— Imagino quantos corações você já não partiu ao deixar claro que é um homem de uma noite só.

— Pode ter certeza de que nenhum deles doeu mais do que o da minha mãe. O sonho da vida dela é que eu chegue em casa com uma namorada.

— Coitada. — Eu ri baixinho, mas senti pena da Sra. King. Se dependesse do seu filho, ela ia demorar bastante para ter uma nora. Percebi quando Raymond começou a bocejar, o que me fez bocejar também e me dar conta do quão tarde estava. Ele também havia

dirigido por mais de seis horas, precisava dormir. — Acho melhor a gente descansar, Ray. Não esqueça que precisa me levar para casa amanhã. Já coloquei o meu celular para despertar.

— Não vou esquecer, irritadinha. — Tomei um susto quando senti a sua mão tatear sobre o colchão até encontrar a minha. — Só segurei a sua mão, Chloe, não a sua boce...

— Entendi. — O interrompi, ouvindo a sua risada. — Seja sincero comigo, eu não belisquei o seu pau, não é?

— Até onde eu sei, os pelos pubianos cobrem apenas o osso púbico, a virilha e o os testículos, não o pênis. Não sentiu os meus pelos quando me beliscou?

Senti meus lábios se separarem em choque e subi meus dedos pelo seu braço. Ali estavam, os pelos que eu senti quando o belisquei, mas meu cérebro pareceu travar quando ele disse que eu tinha apertado o seu pau.

— Idiota! Você nunca mais vai me enganar, Raymond.

— Nunca foi o meu intuito te enganar, só brincar com essa sua cara fofa de *nerd*. Porra, Chloe! — Ele xingou quando o belisquei de novo, mais forte dessa vez.

— Bem feito — murmurei com uma risada, sem conseguir realmente ficar irritada com ele. Por fim, dei um aperto rápido em seus dedos. — Boa noite, Ray.

— Boa noite, Chloe.

Nunca pensei que me sentiria tão confortável ao relaxar a cabeça contra o travesseiro ao lado de Raymond King, no entanto, antes que eu pudesse me dar conta, já estava dormindo.



Havia um braço pesado em torno da minha cintura e uma respiração forte em minha nuca. Pernas estavam entrelaçadas nas minhas e eu nunca me senti tão bem por estar nos braços de alguém. Um alguém *bem* forte, por sinal. Sonolenta, abri os olhos, mas logo os fechei, cansada, querendo dormir um pouco mais e ignorar o barulho de passos que vinha de algum lugar distante. Estava quase pegando no sono de novo, quando, de repente, uma voz feminina soou, me fazendo despertar de leve.

— Fica tranquilo, vou pegar uma camisa emprestada aqui no quarto do meu filho para que você possa trocar. Vem comigo.

— Não quero incomodar, posso ir em casa rapidinho e... — Hm, aquela voz... Eu a conhecia de algum lugar.

— Não vai incomodar, imagina!

Uma porta se abriu. Alguém disse um “oh” e soltou uma risadinha, seguida por um “ah” e mais uma risadinha, só que mais grave. Senti o sono ir embora rapidamente quando a lembrança da noite passada me atingiu como um caminhão sem freio. Raymond e eu no carro. Raymond e eu ilhados. Raymond e eu dormindo juntos na casa dos seus pais. Eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo! Fechei os olhos bem forte e torci para que saíssem logo. Não podia ser flagrada pelos seus pais. Que vergonha, meu Deus!

— Desculpa, não sabia que meu filho já tinha chegado, muito menos que estava acompanhado.

— Ele deve ter chegado de madrugada, com aquela chuva de ontem... Acredita que minha filha não conseguiu chegar em casa? Teve que dormir na casa de uma amiga. Mandamos uma mensagem para ela, avisando que já estávamos aqui. Ela deve passar em casa e depois vir para cá.

Abri os olhos. Foi inevitável. A única coisa que enxerguei, foi a mesinha de cabeceira, mas era como se eu estivesse enxergando o bicho papão. Estava apavorada. Não podia ser ele... Podia?

— Pelo menos ela teve um lugar para ficar, pior se tivesse ficado naquela chuva e... — Uma mulher loira, entrou em meu campo de visão de repente e me deu um sorriso. — Oh, bom dia, querida.

O edredom me cobria até o pescoço e formava uma barreira muito pequena em frente ao meu rosto, quase me protegendo, mas era uma barreira muito frágil. Sem que eu esperasse, Raymond simplesmente chutou o edredom e subiu aquela mão enorme pela minha barriga até o meu seio, bem ali, na frente da sua mãe e na frente do...

— Chloe Davidson, o que significa isso?!

Eu quis chorar. Assustado, Raymond deu um pulo na cama, parando sentado no meio do colchão, enquanto eu tomava coragem

para me virar e encarar James Davidson, meu pai. Por fim, nem precisei fazer qualquer movimento, pois meu pai foi mais rápido. Em um segundo, ele estava ocupando o lugar da mulher loira e parando bem na minha frente

— Oi, pai — murmurei, sem conseguir me mover na cama.

— Pai? — Ouvi Raymond perguntar com a voz rouca de sono. — Como assim?

— Eu sou o pai dela e você... Você e a minha filha... Você e ela... Você se aproveitou dela, seu moleque!

Meu pai agarrou a regata de Raymond e o tirou da cama, fazendo o jogador passar por cima de mim. O choque passou bem rápido e, assim que ele deixou Ray rente ao seu corpo, seus rostos bem próximos, apesar da diferença nítida de altura, eu me levantei, ouvindo a mulher loira gritar pedindo para que meu pai parasse, enquanto Raymond erguia as mãos em um claro sinal de quem estava rendido.

— O que você fez com a minha filha? Me diz!

— Pai, para com isso! Meu Deus!

— James, o que você... Chloe, o que está fazendo aqui? — A voz esganiçada da minha mãe atingiu os meus tímpanos e me virei para ela, que estava parada na porta, com um homem alto atrás de si.

— Mas o que é isso? James, larga o meu filho! — O homem pediu, passando pela minha mãe.

— O seu filho se aproveitou da minha filha. Da minha filhinha!

— Senhor, não foi nada disso, senhor... Não é o que está pen...

— Não é o que estou pensando? Eu vi vocês dois nessa cama! Eu vi a sua mão nos seios dela!

— Foi em um peito só! — Tentei justificar, mas logo percebi que era melhor se eu tivesse ficado de boca fechada. Os olhos arregalados de Raymond encontraram os meus. — Pai, largue o Ray, deixe a gente explicar...

— Largue o meu filho! — A mulher loira, mãe de Ray, quase socou as costas do meu pai.

— O seu filho levou a *minha filha* para a cama! Está achando que ela é uma qualquer? Ela tem família, seu moleque!

Eu poderia revirar os olhos para o machismo do meu pai, no entanto, antes que eu ou qualquer outra pessoa pudesse fazer alguma coisa, Raymond tomou a frente e soltou a bomba de uma vez só.

— Eu nunca pensei isso da sua filha, senhor. E jamais a levaria para a minha cama sem antes firmar um relacionamento com ela. Nós estamos namorando!

12

"Gosto do sentimento que você está me causando
Apenas me abrace, meu bem, e entro em êxtase"

THE WAY YOU MAKE ME FEEL - MICHAEL JACKSON



Raymond

Merda!

Merda, merda, merda! Que porra eu havia acabado de fazer?

— Vocês estão namorando? — O pai de Chloe perguntou cheio de ironia.

— Vocês estão namorando? — Meu pai questionou, confuso.

— Vocês estão namorando?! — A voz da minha mãe soou alegre e cheia de esperança.

— Você tem um namorado e não me contou, Chloe? — A Sra. Davidson parecia decepcionada.

O Sr. Davidson ainda me segurava pela gola da regata com as mãos trêmulas. Eu tinha 1,99m de altura, ele deveria ter no máximo 1,80m, ainda assim, era forte e me enfrentava como se fosse um gigante. Eu não era nenhum covarde e havia aprendido desde cedo que se fosse atacado, deveria atacar de volta, mas aquela era uma situação diferente. Eu não queria levar um soco do pai de Chloe no Dia de Ação de Graças e algo me dizia que era exatamente isso que iria acontecer — ou talvez algo pior. Chloe me

contou como seu pai era protetor e ele havia acabado de me flagrar na cama com ela. O velho com certeza queria me matar e eu ainda tinha muitos sonhos a realizar, uma carreira à minha espera... E se ele quebrasse as minhas pernas? Porra, eu estaria fodido.

— Não... Não, isso não é ver...

— Baby, eu sei que você queria contar durante o almoço, mas é melhor esclarecer tudo logo — falei, olhando incisivamente para Chloe. Ela tinha que embarcar naquela comigo. Se tivesse um pouquinho de empatia por mim, ela mentiria. Seus olhos se arregalaram e o sangue sumiu do seu rosto.

— Isso é verdade, Chloe? Você está namorando com esse garoto? — Seu pai perguntou, ainda furioso.

— Eu... E-eu...

— Claro que está. Por que mentiríamos sobre isso?

— Para livrar você de uma surra e ela de um castigo pelos próximos dez anos!

— Pai, eu não sou mais uma criança!

— Não é importa! É minha filha e não vai ficar pulando de cama em cama só porque está na faculdade!

— Isso nunca aconteceu, Sr. Davidson. Chloe é a garota mais incrível que já conheci e só tivemos momentos íntimos depois que eu a pedi em namoro.

Momentos íntimos.

Puta merda, nunca pensei que aquele termo sairia da minha boca algum dia.

— E quando foi isso? — A mãe de Chloe perguntou, parando ao lado da filha.

— Há algumas semanas — respondi.

— *Semanas?* E você não me contou, Chloe?! — A Sra. Davidson parecia prestes a chorar.

— Eu... Eu ia contar ho-hoje — Chloe gaguejou.

— Por que a gente não espera pelas crianças lá na sala? Eles precisam pelo menos escovar os dentes antes de termos essa conversa.

Porra, eu amava a minha mãe! Mesmo que ela ainda me chamasse de criança, quando eu já tinha mais de vinte anos na cara. De alguma forma, o Sr. Davidson pareceu deixar que a voz

dela entrasse em sua cabeça, pois me soltou devagar, como se fosse me pegar à força de novo caso eu respirasse errado. Pude notar uma mancha de vinho na sua blusa branca de linho e uma questão começou a me corroer. O que os pais da Chloe estavam fazendo na minha casa?

— Vocês têm dez minutos! — O pai de Chloe avisou, passando por mim feito um raio, seguido pela minha mãe, depois pelo meu pai, que apertou o meu ombro, como se me desejasse força, e a mãe de Chloe, que tinha lágrimas nos olhos.

Quando a porta se fechou, eu soltei o ar preso em meus pulmões e me sentei na beirada da cama, apoiando os cotovelos em minhas coxas e o rosto em minhas mãos. Aquele era para ser apenas mais um almoço de Ação de Graças com a minha família. Que merda havia acontecido ali?

— Você perdeu a cabeça? Que porcaria de história é essa sobre sermos namorados, Raymond?!

A voz de Chloe soou baixa, mas rouca de raiva. Quando a encarei, pude observar suas mãos na cintura, as pernas afastadas e as bochechas vermelhas.

— O que você queria que eu fizesse? Seu pai ia arrebentar a minha cara, Chloe!

— Acredite, seria bem melhor do que inventar que é o meu namorado!

— Claro que seria melhor, não seria a sua cara que ficaria roxa, não é mesmo? — perguntei, irritado, me levantando da cama. Ela precisou erguer o rosto para me encarar e eu achei inapropriado pra caralho que a garota ficasse bonita até com a cara ainda amarrotada por causa do contato com o travesseiro. — É só nós dois fingirmos que estamos namorando pelo dia de hoje. Semana que vem você liga para eles e dá uma desculpa sobre o nosso término.

Chloe começou a rir e sacudiu a cabeça em negativa, antes de cruzar os braços abaixo dos seios. Eu havia mesmo tocado no peito dela? Por que não me lembrava disso? Era inadmissível que eu tivesse colocado a minha mão naquele peito e não tivesse uma única memória para bater punheta depois.

— Isso não vai colar, Raymond! Você não conhece o meu pai.

— Eu conheci o suficiente agora.

— Isso não foi nada. Agora que disse que estamos namorando, ele vai querer revirar a sua vida toda, vai querer acompanhar de perto esse relacionamento, para ver se aprova ou não.

— De perto como? Ele mora a seis horas de distância da gente, Chloe!

— De carro. De avião, ele estará a apenas uma hora de distância.

— Não é possível que ele vai pegar um voo apenas para monitorar a porcaria do seu namoro!

— Acredite, ele faria isso. — Chloe respirou fundo e esfregou os olhos, irritada e frustrada. — Eu amo o meu pai, mas esse jeito dele me irrita. Infelizmente, ele tem esses pensamentos retrógrados, é machista e isso se reflete no seu comportamento comigo.

— Eu percebi isso quando ele disse sobre você não ser uma qualquer, como se as mulheres que gostam de sexo casual, fossem vagabundas.

— Ele nunca disse algo assim.

— Não precisa dizer, Chloe. Você não precisa descer o nível para insultar alguém, há inúmeras formas de xingar uma pessoa sem precisar usar palavras pejorativas.

Os ombros delas caíram e eu me senti um pouco mal por ter falado daquele jeito sobre o seu pai, ainda que fosse verdade. No fundo, Chloe também sabia que eu não estava exagerando. Ainda que amássemos demais os nossos pais, eles eram pessoas comuns e tinham defeitos.

— Vem aqui — pedi, batendo ao meu lado no colchão. Chloe se sentou e eu passei meu braço pelos seus ombros. Aquela foi a primeira vez que a toquei de verdade, de uma forma mais íntima, e isso não passou despercebido por mim. — Vamos fazer isso juntos, ok? Vai ser uma mentirinha de nada, Chloe.

— Meu pai vai querer confirmar se estamos mesmo juntos, Ray. Eu não duvido que ele bata na porta da Alpha de repente ou

que comece a usar o Instagram que fiz para ele para poder acompanhar as nossas vidas e a sua é *bem* agitada.

Engoli em seco, porque era mesmo. Eu não tinha pudor em compartilhar as coisas que me marcavam e, geralmente, eu sempre estava acompanhado por alguma garota.

— Por quanto tempo você acha que a gente vai precisar mentir? — Ela deu de ombros e eu suspirei. Ótimo, aquilo ajudava muito. — Por que você tinha que fazer um Instagram para ele?

— Eu fiz porque ele gosta de acompanhar os perfis dos times de futebol e porque agora é sócio da empresa de contabilidade para a qual trabalhava e gosta de acompanhar as mídias sociais de longe.

— Isso só vai atrapalhar a nossa vida, Chloe.

— A *sua* vida, você quer dizer — murmurou, irritadinha. — E não coloque a culpa em mim! Quem inventou essa história de namoro foi você.

— Prefiro perder algumas semanas de liberdade do que passar semanas quebrado por causa de uma surra de um pai ciumento — falei, tocando em sua nuca e fazendo com que olhasse em meus olhos. — Parece que você vai ter que me aturar por mais tempo do que estava combinado, irritadinha.

— Nada disso. A gente só precisa mentir para o meu pai, não para todo mundo.

— E que explicação eu vou dar quando tiver que negar os beijos de uma garota em uma festa? — questionei e continuei sem dar tempo para ela responder: — Vamos ter que contar para todo mundo que estamos namorando, Chloe.

Seus olhos se arregalaram e aqueles lábios lindos, que eu estava louco para provar, se separaram.

— Não!

— Claro que sim. O seu pai não quer veracidade? Vamos dar isso a ele.

Agora aquilo havia se tornado um desafio pessoal. O velho Davidson iria acreditar no nosso namoro, ou eu não me chamava Raymond King.



Chloe logo descobriu o porquê de termos perdido a hora para levá-la para casa. Seu celular acabou a bateria no meio da madrugada e dormimos direto. Se o aparelho tivesse cumprido com a sua função, eu a teria deixado na porta dos seus pais e todo esse problema teria sido evitado.

— Custava ter olhado a porcentagem de bateria do celular antes de dormir? — perguntei depois que me contou o que havia acontecido.

Havíamos acabado de usar o banheiro e eu estava fazendo de tudo para não olhar demais para a sua bunda marcada pelo *jeans* que usava ou para a sua cintura fina, que a blusa branca colada ao corpo desenhava. O *All Star* rosa em seus pés era um caso a parte.

— Custava ter me lembrado de olhar?

— Agora a culpa é minha?

— Claro que sim, a culpa sempre é do homem, Raymond.

— Isso é tipo um machismo reverso, você *tá* ligada, né? — perguntei enquanto tirava a minha regata. Tinha me lembrado apenas de levar a calça *jeans* para o banheiro. Assim que joguei a peça de roupa sobre a cama, flagrei Chloe olhando fixamente para o meu peitoral. — Gosta do que vê?

Passei a mão pela minha barriga trincada e ela ficou com o rosto corado, antes de se virar para enfiar o carregador na tomada. Sua bunda ficou bem na minha direção e, como ela perdeu bons segundos olhando para o meu torso nu, me permiti olhar para a sua bunda também.

— Machismo reverso não existe. É a mesma coisa sobre racismo reverso. Nada disso existe, Raymond.

— Eu sei, só estava brincando. Homem realmente é o ser mais idiota do mundo — comentei enquanto pegava uma blusa azul dentro da minha mala. — Mas esse lance do seu celular não foi culpa minha.

— Eu sei disso — murmurou, virando-se para mim. — Vamos logo enfrentar todos eles? Antes que meu pai volte a invadir o seu

quarto.

— Vamos. Ainda quero entender o que os seus pais estão fazendo aqui.

— Minha mãe disse que nós iríamos almoçar na casa de um casal de amigos... Esse casal só pode ser os seus pais.

— Uau, que sorte a nossa, hein? — A ironia em minha voz arrancou uma risada curta de Chloe, o que me deixou meio bobo. — Parece que o destino quer mesmo que a gente fique juntos, Chloe.

— Que fiquemos juntos? Juntos tipo... Juntos?

Eu não entendi direito o que ela quis dizer, mas dei de ombros mesmo assim.

— Você sabe, como amigos e tudo mais.

— Ah! — Seus olhos se arregalaram um pouco antes de ela desviar o olhar. — Claro que sim, como amigos. De que outra forma poderia ser? Eu nem aguentaria estar próxima de você por muito tempo mesmo... Ser sua amiga já é mais do que posso suportar!

Foi a minha vez de rir.

— Até parece. Você está adorando ter mais tempo para passar comigo, irritadinha.

— Só nos seus sonhos, King.

Saímos juntos do meu quarto e senti Chloe ficar tensa ao meu lado quando peguei em sua mão para descermos a escada, mas pelo menos não se afastou. Acho que ela tinha entendido que precisaríamos entrar no personagem, caso quiséssemos que o seu pai acreditasse no nosso namoro falso.

— A gente tinha que ter pensado no tipo de pergunta que meu pai vai fazer, para darmos respostas iguais — ela sussurrou enquanto descíamos.

— Vamos treinar rapidinho. Nos conhecemos em uma festa e...

— Melhor não. Meu pai não vai gostar de saber que a gente se conheceu na farra.

Puta merda, aquele homem havia saído direto da década de cinquenta? Que porra!

— Ok, então, nos conhecemos por causa do trabalho da Sra. Silverstone. Melhor assim?

— Certo. Depois, tivemos um encontro.

— Isso aí. Nos conhecemos melhor, nos apaixonamos e eu te pedi em namoro. Parece um bom enredo para mim.

— É um enredo bem mediano, mas aceitável.

— Mediano? Você sabe que muitos filmes que estão na Netflix têm um enredo parecido, né?

— Eles possuem muito mais detalhes e o principal, bons atores.

— Eu sou um ótimo ator. Vamos ver se você vai se sair bem como minha namorada, *amor*.

Chloe revirou os olhos e eu sorri, apertando seus dedos entre os meus e voltando a descer a escada. Nem me dei conta de que havíamos parado no meio de um degrau para discutir os detalhes da mentira. Assim que chegamos na sala, os mais velhos pararam de discutir e nos encararam como se fôssemos algum experimento científico. Cada um a sua maneira parecia tentar entender como Chloe e eu tínhamos nos transformado em um casal. Meus pais eu conseguia compreender, afinal, sempre fui categórico ao afirmar que não queria um relacionamento sério, já os pais de Chloe, eram uma incógnita.

Sentamo-nos lado a lado na ponta do sofá e mantive a mão de Chloe na minha, em cima da sua coxa. Percebi que seu pai havia trocado a camisa branca de linho por uma camisa minha de botões, que eu nem lembrava qual tinha sido a última vez que havia usado. Que ironia ele estar vestindo a roupa do seu genro tão amado.

— Então, vocês estão namorando. — Foi o Sr. Davidson que começou, sentado ao lado da esposa em uma poltrona. Apesar do olhar sério, seu semblante era indecifrável. Pude perceber que Chloe havia herdado dele as sobrancelhas desenhadas, que lhe davam aquela expressão de brava quando estava com raiva. Nela, era sexy, nele, era meio aterrorizante.

— Sim, senhor.

— Desde quando?

— Nós já dissemos, pai. Há algumas semanas.

— Quero saber o dia exato.

— Quem é que se lembra de uma coisa como essa? — questionei, rindo baixinho.

— Eu me lembro do dia exato em que conheci Brittany. Foi em uma tarde de outubro de 1993, dia 15, para ser mais específico — disse o pai de Chloe.

Olhei apressado para o meu pai, quase pedindo socorro, mas ele apenas deu de ombros. Claramente, Robert King era como a maior parte dos homens que caminhavam sobre a Terra e se esquecia de datas como aquela.

— Você deveria ser assim, amor — minha mãe disse, apertando o braço dele. Era bom saber que eu não era o único a estar encrencado naquela sala. Limpando a garganta, meu pai desconversou.

— Bom, se vocês estão namorando, é porque se gostam e isso é o suficiente para mim.

— Claro que é, a filha não é sua, Rob!

— Se ela fosse minha filha e estivesse namorando um cara maravilhoso como o meu filho, eu estaria tranquilo — meu pai disse bem sério. Eu sabia como aquilo mexia com ele. — Coloco minha mão no fogo por esse moleque, James. Se Ray decidiu que quer namorar a sua filha, ele vai honrar esse compromisso, porque foi assim que nós o criamos.

Acho que aquela foi a primeira vez que James Davidson pareceu ficar minimamente sem jeito. Remexendo-se sobre a poltrona, ele voltou a nos encarar sem toda aquela pose de dono da razão de meio segundo atrás.

— Não duvido da criação que deu ao seu filho, Rob — disse ele, voltando a olhar para o meu pai. — Mas foi você mesmo que me contou que Raymond estava focado em três coisas: no basquete, nos estudos e em curtir a vida de solteiro.

Ah, que legal! Meu pai queria me foder?

— Isso não quer dizer que ele não possa ter se apaixonado pela nossa filha e decidido mudar.

— É isso aí — falei, apontando para a minha sogra. — É exatamente isso. Eu estou completamente apaixonado pela sua filha, Sr. Davidson, por isso, estamos namorando.

— Eu vivi para ouvir o meu filho falar algo assim! — Minha mãe comemorou, se levantando. — Agora que está tudo resolvido, vamos arrumar a mesa para o almoço?

— Mas nós ainda não terminamos...

— Terminamos sim, James. Você não vai transformar esse almoço em um interrogatório, pelo amor de Deus. Vamos ter tempo para conhecer o Raymond melhor. O que importa, é que a nossa filha está feliz. Você está feliz, não é, querida?

Todos nós olhamos para Chloe e eu torci para que não gaguejasse ou ficasse vermelha, como geralmente acontecia quando era o centro das atenções. Por sorte, ela sorriu e concordou com a cabeça.

— Sim, eu estou imensamente feliz e imensamente apaixonada por esse homem lindo.

A forma como disse a palavra *imensamente* foi um pouco exagerada, mas pelo menos ela conseguiu disfarçar ao me abraçar pela cintura e colocar a cabeça em meu peito. Eu aproveitei o momento para dar um beijo em sua testa, em um sinal de respeito — e um pouco de medo, talvez — ao seu pai. Se beijasse a boca dela, será que ele atiraria o peru do almoço de Ação de Graças na minha cabeça?

13

"Você faz minhas mãos tremerem
Eu vejo o vidro se quebrar
Ao redor do meu coração protegido essa noite"

THUNDER - JESSIE J

Chloe

Nossos pais saíram da sala e eu finalmente pude respirar direito. Havia prendido o ar por tanto tempo durante aquela conversa, que sentia o meu peito doer.

— Acho que nos saímos bem — Ray sussurrou ao meu lado, ainda com a mão na minha. — Pelo menos eu ainda estou vivo.

Eu só consegui concordar com a cabeça, ainda muito chocada com tudo o que estava acontecendo. Entre os milhões de casais que existiam em San Francisco, meus pais tinham que ter virado amigos justamente dos pais de Raymond? Qual era o problema do universo comigo e com o jogador de basquete? Porque havia claramente um complô, algo que ia além da minha capacidade de raciocínio, que parecia querer manter Raymond e eu o mais próximo possível.

O barulho da campainha soou pela casa e Raymond se levantou, gritando para os pais que iria atender. Continuei no meu lugar, ficando tensa de repente. Que outra surpresa o destino

guardava para mim agora? Estava realmente ficando com medo do que mais poderia acontecer naquele dia louco.

— Ei, bebê!

Raymond ficou parado em frente a porta, com um sorriso enorme no rosto, enquanto, ao fundo, a voz de uma mulher invadiu os meus ouvidos. Foi inevitável não me lembrar do nosso café juntos e de ele ao celular, todo derretido, chamando a pessoa do outro lado da linha de bebê. Não era possível que ele estivesse prestes a receber uma mulher em casa depois do que havia acabado de acontecer aqui, era? Tudo bem, ele poderia ter planos com a garota antes, mas o cenário havia mudado. Se quisesse mesmo que meu pai acreditasse naquela historinha de namoro, ia ter que dispensar a menina.

Eu estava prestes a me levantar e ir despretensiosamente para o seu lado — ainda que eu não tivesse nada a ver com o seu assunto com a tal garota —, quando Raymond abriu mais a porta, claramente mandando-a entrar. Segurei firme na beirada do sofá e mal pisquei, minha atenção toda dirigida para o que acontecia a alguns metros à minha frente.

— Entra. — Ele a mandou entrar! Raymond estava maluco? E os nossos pais? Indignada, abri a boca para lembrá-lo de que *não* deveria receber uma futura ficante em casa, quando havia acabado de comunicar que estava namorando, quando a pessoa que passou pela porta fez a minha voz desaparecer. — E aí, bebê. Você se divertiu?

— Eu não sou mais um bebê, tio Ray!

— Você vai ser o meu bebê para sempre. Isso nunca vai mudar!

A risadinha baixa chegou aos meus ouvidos e Raymond terminou de fechar a porta, antes de começar a empurrar a cadeira de rodas em minha direção. Sentado nela, estava um garotinho que não deveria ter mais do que dez anos. Ele usava óculos de grau, uma blusa do Homem de Ferro e uma bermuda jeans. Suas pernas eram mais magras do que o restante do corpo, sendo a esquerda torta para fora a partir da linha do joelho, descendo até o pezinho. Os dedos do seu pé direito eram levemente enrijecidos e curvados

para dentro. Ele usava uma sandália que parecia ser bastante confortável e me olhava com curiosidade.

— Eliot, essa é Chloe, minha namorada. — Raymond me apresentou e os lábios do garotinho se separaram em choque. — Chloe, esse é Eliot, o bebê da família. Ele é meu sobrinho.

Oh. Eu não imaginava que Raymond tivesse irmãos. Abrindo um sorriso, eu me levantei e fui em direção a Eliot, que me olhou rapidinho de cima a baixo antes de ajeitar os óculos sobre a ponte do nariz. Parei na sua frente e estendi a minha mão.

— É um prazer conhecer você, Eliot.

O garotinho sorriu de volta para mim, mostrando uma janelinha na lateral da boca por conta da troca dos dentes de leites, e apertou a minha mão gentilmente.

— Oi, Chloe. O que você fez para o tio Ray querer namorar contigo?

— Eliot! — Raymond gargalhou e bagunçou o cabelo do sobrinho, que era alguns tons mais claro que o dele.

— Preciso confessar que eu não estava muito a fim de namorar com ele, mas então, Ray me disse que tinha um sobrinho muito lindo e eu fiquei curiosa para te conhecer.

Eliot me deu um sorriso lindo e suas bochechas ficaram levemente coradas. Acima dele, Raymond me deu um sorriso diferente, e a forma como o meu coração disparou me deixou preocupada.

— É verdade, tio Ray? — Eliot perguntou, levantando a cabeça para olhar para Raymond.

— Claro que é verdade.

— Então agora você está me usando para poder conquistar as mulheres? Perdeu o seu encanto?

Foi a minha vez de gargalhar. Eliot era espirituoso e muito espertinho para a sua idade, com certeza já conhecia a fama do tio e tinha todo o direito de zoar um pouco com a cara de Raymond. Dando a volta e parando ao meu lado, Ray o encarou com uma sobrancelha arqueada.

— Eu nunca perdi o meu encanto, não é, meu bem?

— Hm, não sei se posso concordar com isso. Você sabe que foi difícil fazer com que eu me apaixonasse por você. Eu só mudei

de ideia quando ele me falou sobre você, Eliot.

— Eu até entendo o tio Ray precisar me usar, sabe? Eu sou... Como foi mesmo que você disse naquele dia, tio?

— Irresistível.

— Isso, irresistível, e faço muito sucesso com as mulheres. — Eliot passou a mão pelos cabelos e piscou de leve para mim.

— Meu Deus, eu estou apaixonada por você! — falei, colocando a mão sobre o meu peito. Aquela era a verdade, eu estava apaixonada por aquele garotinho fofo.

— Eliot, você não tem vergonha de roubar a minha garota de mim? — Raymond perguntou, passando o braço pelos meus ombros.

— Tio Ray, você sabe que eu tento passar despercebido pelos lugares, mas as pessoas acabam me notando do mesmo jeito. É o meu charme irresistível.

— Você puxou ao vovô aqui! — O pai de Raymond entrou na sala de repente e Eliot soltou um gritinho tipicamente infantil quando ele se abaixou para coçar a sua barriga. — Você se divertiu na casa do Davis, garotão?

— Sim! A tia Reese fez pipoca enquanto assistíamos Os Vingadores: Guerra Infinita. Depois, nós jogamos videogame até de madrugada, escondidos dela. Não conta para ninguém, é um segredo.

— Você sabe que eu sou o melhor em guardar segredos. — Rob piscou para ele e se levantou depois de dar um beijo em sua testa. — Vamos almoçar? Chloe, seu pai acabou de tomar uma taça de vinho, algo me diz que o álcool o deixa mais maleável.

Eu sorri, porque era verdade.

— Sim. Eu sinto muito por toda essa confusão, Sr. King.

— Hm, Sr. King, hein. Você está importante, vovô — Eliot zoou o avô, dando um soquinho em sua barriga e arrancando uma risada de todos nós.

— Não, isso me faz parecer um velho.

— Você é um avô. Todo avô é velho — Eliot concluiu.

— Ei, eu vou ser um avô jovem e gostoso — Raymond anunciou e Eliot me olhou um pouco desconfiado.

— Você vai ter um bebê com o tio Raymond, Chloe?

— O quê?! Eu? — Apontei para mim mesma e Eliot me deu um olhar como se dissesse “você é a única Chloe que eu conheço”. Uma risada sem-graça escapou da minha boca. — Não! A gente nunca... — Ah, meu Deus! Quase que eu falei na frente da criança que Raymond e eu nunca havíamos transado! — A gente nunca parou para pensar sobre bebês. Está muito cedo para isso, Eliot. Tipo, muito cedo *mesmo*.

— Chloe está certa, querido. E eu não sou velho, ou seja, você pode me chamar de Rob, Chloe. Agora, vamos almoçar.

Rob saiu andando na frente e Raymond sorriu ao começar a empurrar a cadeira de rodas de Eliot até a sala de jantar.

— Ele é velho sim, mas não conta para ninguém — Raymond sussurrou no ouvido do menino e eu dei um tapinha em seu braço. — Ei, o que é isso? Eliot, sabia que Chloe é agressiva?

— Minha avó sempre diz que um homem merece um tapinha de vez em quando — Eliot respondeu, piscando para mim de novo quando comecei a andar ao seu lado.

— É impressão minha ou você está puxando o saco da minha namorada, Eliot?

— Desculpa, tio Ray. É mais forte do que eu.

— Seu moleque abusado! — Raymond sacudiu de novo o cabelo dele, arrancando uma gargalhada gostosa do sobrinho.

Assim que entramos na sala de jantar, a mãe de Ray soltou um gritinho animado e veio correndo abraçar o neto. O encheu de perguntas sobre como foi a sua noite e eu logo entendi que havia dormido na casa de algum amiguinho, por isso ouvi a voz de uma mulher do outro lado da porta. Reese, a mãe do seu amigo, que o trouxe para casa. Era bom saber que Eliot estava cercado por pessoas que o amavam, porque ele com certeza era um menino muito especial. Meus pais logo o conheceram e ele, claro, os conquistou imediatamente. Enquanto empurrava a própria cadeira até a mesa, conversou um pouco com o meu pai sobre super-heróis. Pelo visto, a presença de Eliot ali tiraria um pouco o foco do meu pai de cima de Raymond e eu.

Logo nos acomodamos à mesa, com Ray sentado ao meu lado e Eliot sentado ao lado dele. Na nossa frente, estavam Cameron, mãe de Ray, minha mãe e meu pai, e à cabeceira da

mesa, estava Rob. Nos primeiros minutos, foi aquela confusão gostosa de passar pratos e pegar a comida, depois, Cameron pediu para que Eliot começasse a oração. Meu coração se derreteu ao ouvir aquele garotinho agradecer a Deus pela comida, por ter a sua família reunida e pedir a Ele para que todas as crianças do mundo tivessem um lar. Talvez eu tenha ficado com lágrimas nos olhos, mas foi inevitável.

Enquanto começávamos a comer, inúmeras perguntas pipocaram em minha mente. Se Eliot era sobrinho de Ray e neto dos pais dele, onde estava sua mãe ou o seu pai? Que ele morava com os avós ficou bem claro para mim. Será que seus pais haviam morrido? O que havia acontecido com as suas perninhas? Teria sido um acidente? Eu queria saber de tudo, mas fiquei quieta, porque jamais daria uma de curiosa, principalmente no meio do almoço. Quando a conversa se acalmou, acabei mudando de assunto.

— Vocês dois — apontei para meu pai e Rob. — trabalham juntos? Foi assim que se conheceram?

— Sim. Eu trabalho no almoxarifado da empresa do seu pai.

— Esse mundo é muito pequeno mesmo — Ray murmurou ao meu lado.

— Coloca pequeno nisso! — Minha mãe disse, mais animada, assim como Cameron estava. Ela mal conhecia Raymond, mas já parecia aprovar aquele “namoro”. — Vocês formam um casal tão bonito!

— Sua filha é maravilhosa, Sra. Davidson — Ray disse, pegando a minha mão e dando um beijo entre os meus dedos.

Coração, pelo amor de Deus, para de ficar animado com qualquer migalha. Isso é uma encenação!

— Mas ela já está apaixonada por mim, tio Ray, você sabe disso.

— Eu acho que Chloe deveria esperar você ficar mais velho e se casar com você, Eliot — meu pai disse em tom de brincadeira, mas logo olhou mais sério para Raymond. — Não sei se o seu tio merece a minha princesa.

— Ele merece, sim. Sabia que meu tio é o melhor jogador de basquete de todos os tempos? E que, um dia, ele vai estar na NBA? Ele até vai ganhar aquele anel cheio de diamante! Aí, ele vai poder

comprar um anel de diamante para Chloe quando a pedir em casamento. — Eliot estava animado e eu pude ver o sorriso emocionado de Raymond. — O tio Ray é tipo um pai para mim, sabia? E ele é o meu melhor amigo para sempre!

Droga, eu ia chorar! Pelo menos eu não era única. A mãe de Raymond estava claramente emocionada e minha mãe apertava o cantinho dos olhos. Algo me dizia que ela sabia sobre a história de Eliot, talvez Cameron tenha contado a ela, ou Rob tenha contado ao meu pai e ele tenha repassado a informação. De qualquer forma, eu parecia ser a única a não saber de nada naquela mesa. No fundo, apesar da minha curiosidade, não importava muito o fato de eu não saber sobre a história de Eliot. Ele era um garotinho incrível e isso era tudo o que importava.

— Você também é o meu melhor amigo para sempre, garotão — Raymond disse com a voz rouca pela emoção, esticando-se para dar um beijo em Eliot.

— Eu sei disso. Eu até deixo você ser o pai dos bebês da Chloe, sabia?

Meu pai se engasgou com o pedaço do peru que havia acabado de colocar na boca e minha mãe começou a bater nas costas dele. Até Raymond se engasgou ao meu lado. Jesus Cristo, aquele almoço ia virar um enterro!

— O q-quê? Você está grá... — Meu pai tossiu e minha mãe deu um tapa tão forte em suas costas, que doeu até em mim.

— Você está grávida, querida? — Cameron perguntou e eu podia jurar que seus olhos estavam brilhando de expectativa.

— Não! — Neguei logo, vendo o rosto do meu pai vermelho pelo esforço. Minha mãe respirou mais aliviada e a mãe de Ray murchou um pouco na cadeira. A mulher estava tão sedenta assim para ser avó de novo? — Eliot está falando sobre o futuro, não é, bonitão?

— É. — Ele confirmou, espetando uma batata com o garfo. — Mas eu ia gostar de ter um primo para brincar todos os dias. Eu ia o ensinar a jogar basquete.

— Você gosta de jogar basquete? — perguntei, antes que Eliot nos colocasse em mais uma saia justa.

— Eu amo! Tio Ray que me ensinou tudo o que sei, sabia? E meu avô também, claro. A gente vai jogar mais tarde, não é, tio Ray?

— Claro que sim.

— Você vai querer ir com a gente, Chloe?

— Com certeza. Não posso perder os dois melhores jogadores de basquete do mundo em quadra.

Eliot sorriu todo bobo e Rob logo mudou de assunto, graças a Deus, porque não aguentava mais ter o foco do almoço em mim e em Raymond. Por debaixo da mesa, senti a mão de King tocar de leve o meu joelho. Ele se inclinou e sussurrou em meu ouvido:

— Obrigada por estar sendo tão incrível com ele.

Aquilo fez o meu coração ficar apertado. Se Ray estava me agradecendo por aquilo, era porque Eliot não encontrava a gentileza com facilidade.

— Ele é maravilhoso, Ray.

— Eu sei. Eliot é um dos grandes amores da minha vida.

Agora eu entendia o porquê de ele ter se derretido ao celular ontem à tarde. Estava bem claro o quanto Raymond amava aquele sobrinho e como o sentimento era recíproco. Não sabia o que Eliot já havia enfrentado na vida sendo tão novo, mas ele com certeza tinha muita sorte por ter uma família que o amava tão imensamente.

14

"E não tem jeito de voltar atrás
Quando o seu coração está sob ataque
Vou dar tudo o que tenho
É o meu destino
Eu nunca vou dizer nunca"

NEVER SAY NEVER - JUSTIN BIEBER FT. JADEN





Raymond

Eliot salvou o meu pescoço naquele almoço. Sempre soube que aquele molequinho tinha a capacidade de conquistar o mundo todo, mas a forma como conquistou o pai de Chloe e tirou o foco dele de cima de mim, o transformou literalmente em meu colete de salva-vidas. Depois do almoço, ele levou o meu “sogro” até o seu quarto — que antigamente era um escritório, mas o adaptamos para que se tornasse o seu lugar favorito da casa — para mostrar a ele toda a sua coleção de quadrinhos de super-heróis. Eliot era um grande fã de todos os heróis, fossem eles da DC ou da Marvel, e quando achava alguém que gostava minimamente de qualquer um deles, poderia passar horas e horas conversando sobre o mundo fantástico dos seus heróis favoritos.

Chloe e eu aproveitamos aquele momento para ajudar as nossas mães a tirar a mesa, mas elas logo nos expulsaram da cozinha quando tentamos lavar a louça. Minha mãe ainda teve a ousadia de dizer que deveríamos ir namorar um pouco no meu quarto e Chloe ficou com o rosto corado. Eu me senti uma espécie

de adolescente, recebendo o aval da mãe para dar uma sarradinha com a namorada no quarto, com a porta fechada. Péssimo.

— Tio Ray! — Eliot me chamou quando Chloe e eu decidimos ir para a sala. Um campo neutro, onde ficaríamos na frente de todo mundo e seu pai poderia conter os seus instintos assassinos. — Vamos jogar basquete agora?

Viu? Eu disse que o garoto era o meu anjo da guarda!

— Claro, vamos agora. Vai lá pegar a sua bola. — Não precisei falar duas vezes. Eliot logo virou a cadeira e voltou para o seu quarto. — Você vai com a gente? Tem uma quadra pública a alguns minutos daqui, prometo que será mais divertido do que assistir a um dos meus jogos.

— Tenho certeza que sim — Chloe concordou com um sorriso animado, antes de se inclinar em minha direção para sussurrar em meu ouvido: — Espero que, ao voltarmos, meu pai esteja bêbado o suficiente para nos deixar em paz.

O Sr. Davidson havia tomado mais uma taça de vinho durante o almoço e algo me dizia que ele e meu pai passariam as próximas horas conversando e bebendo mais um pouco. Silenciosamente, torci para que Chloe estivesse certa e que seu pai realmente saísse do nosso pé quando voltássemos para casa. Deixei-a na sala por alguns minutos, apenas para checar se Eliot havia conseguido achar a sua bola e o encontrei com ela em suas coxas, prestes a sair do quarto.

— Preparado?

— Para vencer você? Sempre, tio Ray.

— Abusado. A sua sorte, é que eu te amo, Eliot.

— Eu também te amo, tio.

E era assim que ele conseguia derreter o meu coração e me transformar em um tio babão. Como sabia que gostava de ser independente, deixei que empurrasse a cadeira até a sala e avisei a meu pai que iríamos passar um tempo na quadra de basquete. Senti os olhos de James em cima de mim e talvez eu tenha engolido em seco quando seu dedo apontou em minha direção e depois na direção de Chloe, que estava ao meu lado.

— Quando voltarem, vamos ter uma conversinha.

Mais uma? Meu Deus, agora eu entendia o que os meus amigos da escola passavam quando queriam pedir alguma garota em namoro. Só que na época eles tinham no máximo dezesseis anos, eram apenas crianças. O pai de Chloe realmente a enxergava como uma mocinha indefesa e virgem?

— Vamos logo — ela pediu baixinho ao meu lado.

Eu concordei com a cabeça e comecei a empurrar a cadeira de Eliot para fora de casa. Como o carro do meu pai já estava fora da garagem, iríamos nele mesmo.

— Por que o tio James está bravo com vocês? — Eliot questionou. *Tio James*. *Tente namorar a filha dele e vamos ver se ele será tão legal assim com você, Eliot!*

— Porque ele não gosta muito que eu esteja namorando o seu tio, Eliot.

Correção: porque ele é um velho chato pra caralho.

— Por quê? O meu tio é muito legal, não é, tio Ray?

— Eu sou o melhor, bebê — falei enquanto abria a porta traseira do carro.

— É isso aí, ele é o melhor. — Eliot parou por um minuto quando o peguei em meu colo para colocá-lo no banco do carro. Depois de colocar a bola ao seu lado, ele mesmo puxou o cinto de segurança e o prendeu. — Eu vou pedir ao tio James para deixar vocês namorarem, *tá*?

Chloe abriu um sorriso derretido para Eliot e eu soltei um suspiro. Aquele moleque seria o terror da mulherada. A paralisia em suas pernas não o impediria de merda alguma. Deixei que Chloe continuasse trocando algumas palavras com ele enquanto eu fechava a sua cadeira e a colocava no porta-malas. Quando terminei, fechei a porta do lado de Eliot e aproveitei que estava perto da porta do carona para abrir para Chloe.

— Uau, que gentil — Chloe comentou ao se sentar e eu pude ouvir a voz de Eliot ao fundo:

— Vovó diz que nos criou para sermos cavaleiros.

Eu sorri e dei a volta no carro para ocupar o banco do motorista.

— O correto é cavalheiros, bebê.

— Então, foi o que eu disse. — Ele apertou o cinto entre os dedos e sorriu animado. — Vamos logo! Você pode ligar para o pai do Davis e pedir para que ele o leve até lá, tio Ray? Seria muito legal jogar com ele também.

— Claro, vou fazer isso quando chegarmos.

Dei uma olhada rápida em Chloe, que logo se virou no banco para continuar conversando com Eliot, e dei partida no carro. A quadra pública de basquete ficava a alguns quarteirões da minha casa, em frente a um prédio residencial bem antigo. Aquele era um bairro calmo e não me surpreendi quando encontramos o lugar vazio. Geralmente, ele começava a ficar movimentado à noite, quando os adolescentes se reuniam para jogar.

Coloquei Eliot na cadeira de rodas e ele mesmo a empurrou até a quadra. Eu sabia que aquele era um dos seus lugares favoritos e era algo que eu sentia muita falta quando estava na faculdade, pois eu ia com ele à quadra todos os dias quando ainda morava na casa dos meus pais.

— Você sabe jogar, Chloe? Na verdade, eu posso te chamar de tia Chloe? Porque agora você é namorada do meu tio, então, é minha tia também.

— Claro que pode, eu vou adorar ser a sua tia — disse ela com uma voz que combinava muito mais com a sua carinha fofa do que a voz irritadiça quando estava com raiva de mim. Eliot já tinha Chloe em suas mãos.

— Oba! Então, você sabe jogar, tia Chloe?

— Não. Para falar a verdade, eu mal conheço as regras do basquete.

— Isso é uma vergonha — falei, sentindo minhas mãos coçarem para pegarem a bola no colo de Eliot e começar a quicar com ela pela quadra. — Como tem coragem de falar uma coisa dessas sendo que namora comigo?

Chloe arqueou uma sobrancelha e me deu um olhar como quem dizia que não éramos namorados coisa nenhuma, mas eu apenas ri. Pelo menos havia algo de bom em toda aquela loucura: eu teria mais um motivo para perturbar a garota ao meu lado. Tirar Chloe do prumo estava se tornando o meu segundo esporte favorito.

— Você deveria ensinar a ela, tio Ray.

— Ah, não precisa... Eu só quero assistir a você dois.

— Mas jogar basquete é a melhor coisa do mundo, tia Chloe. Ganha até mesmo de ir ao cinema assistir o Homem-Aranha!

— Uau, parece mesmo ser a melhor coisa do mundo. — Chloe deu alguns passos para trás. — Eu vou ficar ali no canto assistindo tudo, *tá* bom?

Eliot soltou um suspiro.

— Está bem. Tio Ray, você precisa mesmo mostrar à tia Chloe que jogar basquete é legal. Minha avó sempre diz que para um relacionamento dar certo, as duas pessoas precisam ter algo em comum.

Pelo amor de Deus, o que a minha mãe ficava conversando com aquele garoto? Eliot só tinha nove anos e parecia saber mais sobre namoros do que eu. Ouvi Chloe rir baixinho e, quando a encarei, ela me deu um olhar condescendente.

— Eu adoro ler romances, sabia, Eliot? — Chloe perguntou e Eliot fez uma careta, que acabou passando despercebida por ela, que tinha os olhos fixos em mim. — Se eu preciso aprender sobre basquete, Ray precisa aprender a ler romances.

— Mas romance é chato. Eu não gosto de filme de romance.

— Mas gosta que o Homem-Aranha fique com a Mary Jane, certo?

— Sim, isso é legal.

— Então, o que eles têm é um romance — Chloe explicou e Eliot abriu a boca em choque. Coitado do meu sobrinho, estava sofrendo uma lavagem cerebral. — Ou seja, romance também é muito legal!

— Eu não sabia disso... — Eliot refletiu e me olhou segundos depois. — Tio Ray, você precisa ler livros de romances!

Ah, que ótimo. Agora o *meu* sobrinho estava ao lado de Chloe. Fantástico. Sem querer prolongar aquela conversa, tomei a bola do seu colo, mesmo sob os seus protestos, e comecei a quicá-la entre as minhas pernas.

— Vamos conversar sobre isso depois, ok? Agora, foco no jogo!

— Ligue para o pai do Davis antes, por favor!

Tirei o meu celular do bolso e o desbloqueei, deixando-o direto na agenda de contatos e passando-o para Chloe antes que ela se afastasse.

— Ligue para o pai do amiguinho dele, por favor? Seu nome é Harlan.

Chloe assentiu e eu me afastei para começar a jogar com Eliot. Mesmo que a sua cadeira de rodas não fosse propícia para jogar em quadra, ele era ágil e logo se aproximou de mim, tomando a posse de bola. Claro que com o meu sobrinho de nove anos, eu não era tão competitivo, mas também não dava mole para ele. Eliot odiava ser tratado de forma diferente apenas porque tinha uma deficiência e percebia logo quando estávamos facilitando algo para ele, fosse na quadra em uma simples brincadeira, ou no seu cotidiano.

Fiz a minha primeira cesta de três pontos e o danado já correu para pegar a bola, fazendo uma cesta de dois pontos. Como estávamos apenas em duas pessoas, usávamos só um lado da quadra, para que ele não se cansasse muito. Chloe vibrou quando Eliot marcou os seus dois pontos e percebi que filmava a partida com o meu celular.

— Arrasa, Eliot! Minha torcida é sua! — Ela gritou ao fundo e Eliot sorriu, aproximando-se de mim.

— Tio Ray, acho que a tia Chloe gosta mais de mim do que de você, mas não fica triste, *tá* bom?

— Eu também estou começando a acreditar nisso — falei, aproveitando que estava distraído para tomar a bola. Achei que ficaria bravo comigo, mas ele apenas se inclinou como se fosse me contar um segredo.

— Faz uma cesta para ela e depois vai lá e dá um beijo nela, que nem a gente vê nos filmes. A tia Chloe vai amar! — O espertinho apontou para a cesta com o queixo. — Aproveita que eu estou deixando você me ganhar.

Quis dizer a ele que Chloe odiaria aquilo, no entanto, munido pelo olhar decidido e corajoso do meu sobrinho, decidi entregar a minha vida a Deus naquele momento e fiz como ele aconselhou. Se fosse para morrer, pelo menos seria Chloe a me matar e não o seu

pai. Talvez ela até tivesse piedade de mim por estar na frente de Eliot e deixasse para me trucidar depois.

Danado do jeito que era, Eliot encenou muito bem, quase bloqueando o meu passe, mas acabou “deixando” que eu fizesse uma cesta de três pontos. O garoto era um ótimo ator, pois bufou e gritou um “droga” enquanto eu corria em direção à Chloe, que estava parada ao lado da trave do outro lado da quadra. Ela ainda estava com o celular erguido, filmando tudo, e soltou um gritinho de susto quando a peguei pela cintura, aproximando seu corpo do meu.

— O q-que você...

— Meu sobrinho me deu um tutorial de como ser um namorado romântico... Não posso desapontá-lo agora, irritadinha.

Era só uma desculpa, mas Chloe não precisava saber daquilo.

— Co-como assim...

— Beija ela logo, tio Ray! Chloe, o tio Ray fez a cesta para você! — Eliot gritou e Chloe soltou uma risada engasgada no fundo da garganta.

— Que romântico, mas não precisa do beijo...

— O beijo é a melhor parte — sussurrei, descendo meus olhos até a sua boca. — Não podemos desapontar uma criança, Chloe. É pecado.

Ela cerrou os olhos para mim, como se não pudesse acreditar naquilo, e eu aproveitei aquele exato momento para prender o seu lábio inferior entre os meus, ainda com os olhos levemente abertos. Capturei o momento exato em que Chloe fechou os dela e ouvi Eliot comemorar ao fundo. Sua voz animada, no entanto, não soou mais alta aos meus ouvidos do que o suspiro rendido de Chloe, que relaxou o maxilar e retribuiu o beijo lentamente, deixando-me cobrir seus lábios macios com os meus.

Eu queria enfiar a minha língua em sua boca e lhe dar o beijo mais selvagem e depravado que já havia recebido na vida. Também gostaria de encostá-la de verdade contra a trave e me enfiar entre as suas pernas. Erguer a sua blusa. Tocar os seus seios, mamar neles... Mas claro que não fiz nada disso. Ainda assim, ela gemeu baixinho quando mordi o seu lábio inferior, aprofundando o que era um simples selinho em um beijo lento, provocante, que quase me

deixou de pau duro no meio de uma quadra pública de basquete às quatro horas da tarde. Quando desci minha mão e tentei apertar a sua bunda, louco para sentir a sua língua na minha, ela pareceu ter um estalo e se afastou, fazendo minha cabeça seguir o movimento repentino da sua, à procura de mais.

— Acho q-que foi o suficiente — gaguejou, ofegante. Abri os meus olhos e encarei a sua boca molhada pela nossa saliva, levemente avermelhada e longe de estar inchada como eu queria que estivesse.

Puta merda, quando Chloe me deixasse levá-la para a cama, eu deixaria aqueles lábios com o dobro do seu tamanho natural. Faria o mesmo com os lábios da sua boceta, só para eles não ficarem com ciúmes da sua boca.

— Oba! Davis chegou! — Eliot comemorou e eu deixei que Chloe se afastasse. Ela ajeitou o cabelo, colocando uma mecha para trás da orelha, e encarou o chão.

— Está tudo bem? — perguntei.

Será que eu havia ido longe demais? Ela pareceu curtir o beijo, até mesmo gemeu. Seus olhos se ergueram e eu respirei aliviado ao ver que não havia ressentimento neles, só um pouco de vergonha, o que eu já havia percebido que era algo característico de Chloe.

— S-sim... Está tudo ótimo.

— Eu adoro quando você gagueja assim. Fica bonitinha pra caralho, Chloe.

Fiz o comentário de propósito, só para ela ter um motivo para ficar irritadinha e esquecer a timidez por causa do beijo. Deu certo, pois sua carinha fofa logo se transformou naquela expressão enfezada que eu amava.

— Eu não gaguejei! — disse ela, mostrando o porquê de eu a chamar de mentirosa de vez em quando. — Vai lá falar com o amigo do Eliot. O pai dele vai achar que você é um tio irresponsável, que ignora o sobrinho para ficar agarrando uma garota no canto da quadra.

— Agarrando, é? Isso não é verdade. Tentei apertar a sua bunda e você nem deixou.

— Estamos em um lugar público, Raymond!

— Isso quer dizer que, se estivéssemos em um local privado, você deixaria?

Seus lábios se separaram em choque, sem palavras, e eu sorri, vendo-a ficar vermelha.

— Claro que não! Você nunca vai apertar a minha bunda!

Tomei meu celular da sua mão e abri o *app* de música, logo escolhendo uma para tocar. Devolvi para ela e falei:

— Escuta essa música enquanto eu vou lá cumprimentar o amiguinho do Eliot e o pai dele.

Never Say Never, do Justin Bieber com Jaden, começou a tocar, e eu ri ao ouvir Chloe me chamar de idiota enquanto eu me afastava. Como eu adorava perturbar aquela garota!

15

"Posso ir aonde você vai?
Podemos ser próximos assim para todo o sempre?"

LOVER - TAYLOR SWIFT



Raymond

Harlan, Davis, Eliot e eu jogamos duas partidas de basquete até o pai do amiguinho do meu sobrinho ficar cansado e pedir arrego. Ele resolveu comprar *milk-shakes* para os meninos e eu decidi deixar as crianças brincando sozinhas um pouco e fui até Chloe, que havia se sentado no chão perto da trave, ainda do outro lado da quadra. Infelizmente, não havia bancos por ali e ela se recusou a esperar no carro, pois queria assistir de perto os meninos derrotarem os mais velhos. Isso deu gás a eles e percebi que, assim como havia conquistado Eliot, ela acabou conquistando Davis também.

Sentei-me ao seu lado a tempo de ter um vislumbre da tela do seu celular. Percebi que trocava mensagens com alguém e preferi acreditar que era com Kim. Não sabia exatamente o porquê, mas pensar em Chloe trocando mensagens com algum idiota me deixava um pouco irritado. Ela bloqueou a tela e deixou o celular de lado antes de olhar para mim.

— Parabéns, foi a derrota mais honrosa que você já teve na vida.

Eu sorri e concordei, observando Davis parar ao lado de Eliot e mostrar algo a ele em seu celular.

— Essas crianças são verdadeiros prodígios, impossível vencê-las.

— Tendo como companheiro de time o pai de Davis, eu até consigo entender a derrota — ela comentou baixinho para que o amigo de Eliot não ouvisse e eu ri.

— Realmente, Harlan não é o melhor jogador de todos, mas é um cara incrível, então, isso compensa. Ele e Reese são pessoas maravilhosas.

— Eu imagino. Davis é um garotinho muito fofo. — Eu havia apresentado Chloe a Davis e o seu pai antes de começarmos a jogar. Pude ver a surpresa nos olhos de Harlan quando disse que Chloe era a minha namorada. Ele me conhecia desde que eu era um moleque e sabia que meu foco sempre esteve no basquete, conseguia entender o seu espanto por eu, de repente, estar em um "relacionamento sério" com alguém. — Eles são amigos há muito tempo?

— A vida toda, praticamente. Eliot veio morar conosco quando estava prestes a completar três anos e Harlan e a esposa eram nossos vizinhos na época. Hoje eles moram a alguns quarteirões da minha casa.

— Me desculpa perguntar, mas... Onde estão os pais do Eliot?

Eu sabia que Chloe deveria estar curiosa e entendia totalmente, porque, em seu lugar, eu também estaria. Apesar de aquele ser um assunto muito delicado para mim e toda a minha família, eu sabia que não seria justo simplesmente não contar a ela tudo o que havia acontecido. Também confiava em Chloe e esse, acima de tudo, era o fator determinante para que eu contasse aquela parte da minha vida para qualquer pessoa.

— Eliot é filho da minha irmã mais velha — falei, observando suas sobrancelhas arquearem em surpresa. — Pois é, eu era o caçula.

— Era?

— Minha irmã morreu ao dar à luz a Eliot.

— Ah, meu Deus... — Chloe pousou a mão sobre a minha e entrelaçou os nossos dedos. — Ray, eu nem sei o que dizer...

— Tudo bem, não precisa dizer nada. — Precisei limpar a garganta, porque reviver toda aquela época era difícil demais para mim. — Lilly, minha irmã, era seis anos mais velha do que eu, mesmo assim, nós éramos melhores amigos... Até ela se envolver com o filho da puta do progenitor de Eliot. — Eu me recusava a chamar aquele imbecil de pai. — Ela tinha acabado de completar dezoito anos quando o conheceu. O babaca tinha vinte e quatro anos, se não me engano, era completamente fodido da cabeça, se metia com drogas, mas a família tinha uma boa condição financeira, então, ele nunca foi pego com nada. Só sei que ele conseguiu transformar a minha irmã em uma pessoa que ela não era. Meus pais sempre foram incríveis, não a proibiam de muita coisa, mas quando perceberam que ela estava mudando, ficando rebelde, saindo sem avisar, voltando de madrugada, tentaram intervir e proibi-la de ficar com ele, só que isso piorou tudo e Lilly acabou fugindo de casa.

— Minha nossa, Ray.

— Pois é. Meus pais fizeram de tudo para ela voltar, chegaram a pedir ajuda para a polícia, mas Lilly já era maior de idade e deixou bem claro que queria ficar com aquele fodido do Colton. Nós tínhamos certeza de que ela estava usando drogas com ele e isso se comprovou quando ela bateu em nossa porta, grávida e desesperada.

— Ele a abandonou?

— Não. Quer dizer, em um primeiro momento, ele disse que não queria o bebê, que não estava pronto para ser pai e toda aquela baboseira que babacas dizem quando não querem assumir a responsabilidade, no entanto, depois que Lilly voltou a morar conosco, ele correu atrás dela e pediu para reatarem.

— E ela aceitou — Chloe concluiu e eu concordei com a cabeça. Aquele era um roteiro bem previsível.

— Novamente, meus pais fizeram de tudo para Lilly não ir com ele, mas não adiantou de nada. Foi então que a situação saiu do controle. Lilly voltou a usar drogas, mesmo estando grávida de

Eliot, e deu entrada no hospital em trabalho de parto quando completou sete meses de gestação. Ela estava muito debilitada, não havia feito o pré-natal direito, só ia às consultas quando minha mãe a obrigava... Foi um parto muito difícil, precisaram fazer uma cesariana de emergência, mas ela sofreu uma eclampse e não resistiu. Eliot quase morreu também... O dia dezesseis de abril de 2012 vai ficar gravado na minha memória para sempre. — Foi, com certeza, um dos dias mais aterrorizantes e dolorosos da minha vida.

— Meu Deus, Ray...

Chloe passou a mão livre pelo meu braço e eu senti vontade de chorar, mas me segurei. A saudade que sentia da minha irmã era absurda e eu também sentia muita culpa. Eu tinha apenas treze anos na época, não entendia nada da vida e senti muito raiva dela quando tudo aconteceu. A culpei por ter morrido e quase ter matado o meu sobrinho. Agora, eu tinha consciência de que ela havia feito apenas duas escolhas erradas: ter se envolvido com Colton e experimentado a droga quando ele ofereceu. O resto, foi apenas consequência.

Tinha certeza de que ela não quis se transformar em uma viciada, muito menos ter colocado a sua vida e a de Eliot em risco. Nas semanas que morou conosco, no início da gestação, ela havia deixado bem claro que já amava aquele bebê e lutaria por ele... Só que o vício a venceu.

— É por isso que ele tem essa deficiência? Por conta da sequela das drogas? — Chloe perguntou depois de um tempo.

— Não. A história consegue tomar um rumo ainda mais trágico — murmurei, observando o meu sobrinho e o amiguinho brincarem juntos de super-heróis. — Eliot quase não teve sequelas causadas pelas drogas, precisou passar um mês na UTI neonatal por ter nascido prematuro, mas, fora isso, ficou bem. O problema começou quando ele recebeu alta. O filho da puta do Colton não quis abrir mão da guarda de Eliot e o levou para morar consigo.

— Como assim? Ele nem queria o filho!

— Foi o que os meus pais alegaram. Quando minha irmã morreu, minha mãe deixou bem claro que queria que Eliot morasse conosco e, no início, Colton aceitou, no entanto, assim que ele recebeu alta, o babaca mudou de ideia, dizendo que amava o filho e

que ele era a única coisa que havia restado da minha irmã. Meus pais tentaram tomar a guarda de Eliot na justiça, mas, como eu disse, a família de Colton tinha grana e, perante a lei, ele era um homem livre, com a ficha limpa na polícia, tinha uma casa bacana, dinheiro na conta bancária... O cenário perfeito para poder criar o próprio filho. Ainda que meus pais tivessem alegado que ele havia viciado a minha irmã, não tínhamos provas e a justiça deu a guarda para ele.

— Que absurdo! Eu não acredito nisso, Ray.

— Nós também não acreditamos. Eu era um moleque na época, tinha acabado de completar quatorze anos, mas acabei amadurecendo demais nessa fase da minha vida. Foram meses intensos, estávamos enfrentando dois lutos, um pela perda da minha irmã e outro pela perda do meu sobrinho. Tínhamos direito a visita, mas isso não era nada. A cada vez que íamos até a casa daquele idiota, só percebíamos como Eliot era negligenciado. Teve uma vez que minha mãe o encontrou cheio de assaduras, porque o babaca não trocava a fralda do próprio filho. Os avós paternos de Eliot nunca ligaram muito para ele, então, meu sobrinho ficou totalmente nas mãos daquele imbecil. Voltamos à justiça, alegamos maus-tratos, mas, novamente, foi constatado que não tínhamos provas suficientes. O advogado daquele merda era muito bom e nós não tínhamos dinheiro para ficar bancando um profissional à altura do dele.

— O dinheiro, realmente, é o que faz esse mundo girar — Chloe comentou com indignação.

— Eu sempre soube disso, Chloe, mas vivenciar uma situação assim é desesperador. O tempo foi passando e a gente foi se dando conta de que só venceríamos aquela guerra, se algo muito ruim acontecesse a Eliot, e era claro que não queríamos que nada acontecesse com ele. Mas aconteceu.

Eu parei por um momento, olhando para o meu sobrinho. Ele sorria e a felicidade por estar passando aquele momento com o seu melhor amigo era quase contagiante, mas a minha vontade era de chorar de raiva. Porque ele não merecia estar naquela cadeira de rodas. Ele não merecia ter que enfrentar tanto preconceito, ter que erguer a cabeça perante as risadas dos babaquinhas no colégio,

nem ter que aprender, desde cedo, a se defender de comentários cruéis.

— O que aconteceu? — Chloe perguntou baixinho, apertando a minha mão. Eu precisei respirar fundo para poder continuar.

— Eliot teve poliomielite[4]. — Consegui encontrar os olhos de Chloe e vi a surpresa dentro deles. — Quando dissemos ao juiz que Eliot era negligenciado em tudo, até em cuidados básicos, não imaginávamos que o buraco era bem mais embaixo. Aquele imbecil não vacinou o meu sobrinho, Chloe. Eliot nunca tomou uma vacina sequer enquanto esteve nas mãos dele e o resultado foi quase fatal. Quando Eliot deu entrada no hospital, vomitando, com muita febre e praticamente inconsciente, foi quase tarde demais. A infecção havia se espalhado e atacado o sistema nervoso. Ele tinha apenas dois anos na época. Por sorte, a infecção não tinha atacado as células dos centros nervosos que controlam os músculos respiratórios e a deglutição, se não, ele não estaria mais aqui.

Observei Chloe balançar a cabeça, claramente atordoada, e com lágrimas nos olhos. Eu também me sentia prestes a chorar, mas isso sempre acontecia quando precisava contar sobre aquela história.

— Como ele pôde ser tão irresponsável? Ray, esse monstro brincou com a vida do próprio filho! Uma simples vacina poderia ter evitado tudo isso!

— Eu sei, também sinto raiva, Chloe. Sinto tanta raiva, que se eu vir esse filho da puta na minha frente, sou capaz de arrebentar a cara dele até a morte! — falei entredentes, abaixando o meu tom de voz porque não queria que meu sobrinho ouvisse aquilo. — Eliot está vivo e sou muito grato a Deus por isso, mas não era para ele viver assim. Meu sobrinho não merecia passar por tudo isso, Chloe, sofrer uma paralisia dos membros inferiores, precisar passar por sessões diárias de fisioterapia, sofrer preconceito dos idiotas fora de casa, viver em uma cadeira de rodas pelo resto da vida... Ele não merecia isso!

Meu queixo tremeu e eu cerrei meus dentes com força, tentando controlar a emoção. Mal percebi Chloe largar a minha mão e foi com surpresa que senti seus braços rodearem os meus ombros largos. Deveria ser engraçado ver aquela baixinha tentando me

passar conforto, mas deixei que me segurasse naquele momento e deitei minha cabeça na curva do seu pescoço. Infelizmente, algumas lágrimas caíram, porque não consegui ser forte o bastante para segurá-las.

— Eu daria qualquer coisa para que Eliot não tivesse que enfrentar tudo isso, Chloe. Ele tem apenas nove anos e é tão resiliente, ele é um menino fantástico, mas poucas pessoas olham para ele e o enxergam além da perninha torta e dos dedos enrijecidos... Uma criança não deveria ser tão cruel com outra criança, mas o mundo é uma droga.

— Eu sei disso, o mundo realmente é muito cruel, mas acho que Eliot não se deixa atingir por essas pessoas ruins, Ray. Ele é tão incrível. A forma como me recebeu, sem ao menos me conhecer, mostra que ele está aberto para conhecer novas pessoas, que a crueldade não atingiu o seu coração. Ele está cercado por muito amor, tem pessoas maravilhosas ao seu lado, que não vão deixar que a maldade dos outros o corrompa.

— Sim, meus pais e eu lutamos muito para que ele não se abale com tudo o que precisa enfrentar no dia a dia. Além das sessões de fisioterapia, ele também frequenta uma psicóloga infantil e isso faz muito bem a ele. Sempre tivemos muito medo de que o preconceito o afetasse, que sua autoestima ficasse abalada por ele não ser como as outras crianças.

— Isso é incrível. Graças a Deus vocês conseguiram a guarda dele.

— Depois de tudo o que aconteceu, não tinha como o juiz negar o nosso pedido. Se o fizesse, eu seria capaz de entrar naquele tribunal e quebrar tudo.

Chloe riu baixinho e o som acalmou um pouco as batidas do meu coração. Sabia que eu deveria me afastar, mas não tive coragem. Queria ficar ali até o momento em que ela me expulsasse.

— Você é mesmo como um pai para Eliot e age ferozmente como um.

— Eu tento. Quando ele veio morar conosco, eu tinha dezesseis anos e me lembro de ter me tornado o centro das suas atenções. Conforme os anos foram se passando, ele começou a querer me imitar em tudo. — Foi impossível não rir com as

lembranças. — E eu sempre o incentivei. O sonho dele é jogar basquete e eu vou fazer de tudo para que isso se transforme em realidade. Esse é um dos motivos para eu querer tanto entrar para a NBA, Chloe. Meus pais se matam de trabalhar para dar o mínimo de conforto para Eliot, a minha bolsa de estudos é praticamente toda para pagar as despesas dele, mas ainda é tão pouco perto do que ele merece. Quando eu me tornar um jogador profissional, a primeira coisa que farei com o dinheiro que receber, vai ser comprar uma casa maior, totalmente adaptada para ele. Eliot terá acesso aos melhores profissionais, ele vai se desenvolver e vai se tornar um jogador de basquete paraolímpico. Ele terá todo o suporte para se tornar o que quiser ser.

Ouvi Chloe fungar baixinho e isso me fez levantar a cabeça para encará-la. Ela riu e limpou as lágrimas que desciam livres pelas suas bochechas.

— Desculpa — pediu e eu observei como ficava linda até mesmo com a ponta do nariz vermelha. — É que é impossível ouvir tudo isso e não se emocionar. Eu também quero me desculpar por, em alguns momentos, ter pensado tão pouco de você, Ray. Achei que você era um cara vazio, que só pensava em curtir e que ser intitulado o melhor jogador era só uma questão de ego, mas me enganei. Os motivos por trás de tudo o que você faz são honrosos e Eliot tem toda a razão em querer se espelhar em você.

Aquilo me pegou totalmente de surpresa. Eu sabia que Chloe tinha um pré-conceito sobre mim — foi por isso, aliás, que acabamos nos aproximando —, mas não achei que, ao ouvir a história de Eliot, ela começaria a me enxergar de forma diferente.

— Não quero que pense que estou usando o meu sobrinho para tentar mudar aos seus olhos...

— Não! Nunca pensei isso, Ray. Sei que posso ser uma cuzona às vezes, mas não nesse nível. — Ela riu e eu acabei rindo também.

— Até que enfim você admitiu que é uma cuzona.

— Ei, eu não *sou* uma cuzona, eu *fui* uma cuzona em um momento específico, só isso.

— Ok, você tem razão.

— Geralmente, eu sempre tenho.

Ela empinou o queixo e, caralho, eu quis muito dar um beijo na sua boca naquele momento. Seria incrível capturar aquele sorrisinho com os meus lábios, no entanto, algo me deteve. Provocá-la depois de brincar com o meu sobrinho, era uma coisa, beijá-la depois de toda aquela conversa regada a lágrimas, era outra completamente diferente. Eu poderia me sentir atraído por Chloe, querer levá-la para a minha cama, fingir que era namorado dela, mas jamais poderia misturar as coisas.

— Agora que estou me dando conta de uma coisa... Dezesseis é o número da sua camisa. É por causa da data de nascimento do Eliot?

— Do renascimento dele, na verdade. Eliot saiu do hospital exatamente um mês depois do seu nascimento, no dia dezesseis de maio.

— Uau. — Ela sorriu emocionada e apertou a minha mão. — É muito lindo da sua parte ter colocado esse número na sua camisa, Ray.

Eu apenas concordei com a cabeça, sentindo minha garganta ficar apertada de novo, mas resolvi falar sobre algo alegre.

— Ele fica se achando por causa disso. Conta para todo mundo que o número nas minhas costas é o dia dele.

— Você vai poder levar esse número quando assinar um contrato com um time da NBA?

— Se nenhum jogador do time usar esse número, sim. A escolha do número da camisa sempre fica por nossa conta, o único que nenhum jogador pode usar, é o número vinte e três, porque é uma marca registrada do Michael Jordan.

— Nossa, não sabia disso.

— Esse é o nível de importância dele no mundo do basquete. Um dia, vou chegar nesse patamar.

— Eu tenho certeza que sim. — Fiquei feliz ao ver que ela estava sendo verdadeira. O barulho de um carro estacionando me fez parar de olhar para os seus olhos amendoados.

— Harlan chegou — comentei, ouvindo os meninos gritarem ao verem os *milk-shakes* nas mãos dele.

— Ele trouxe hambúrgueres e fritas também. Acho melhor irmos lá ajudá-lo.

Foi o que fizemos, mas uma parte de mim ainda ficou presa à nossa conversa, ao momento em que ela me abraçou e me deixou chorar em seu ombro. Nunca imaginei que um dia Chloe Davidson me daria aquele tipo de suporte, mas já estava entendendo que coisas inusitadas aconteciam quando a irritadinha mais fofa do universo estava ao meu lado.

16

"E você me conta sobre seus sonhos
Acho que sei qual é seu lugar
Acho que sei que é comigo"

YOU BELONG WITH ME - TAYLOR SWIFT



Chloe

Eu ainda estava muito emotiva com toda a história de Eliot, mesmo assim, ao olhar para ele e ver aquele sorriso lindo com um dentinho faltando, não consegui não me sentir contagiada pela sua felicidade sincera e infantil. Raymond conseguiu convencer Harlan para que deixasse que Davis passasse o resto da noite com Eliot em sua casa, prometendo que o levaria de volta antes das onze horas, e a volta para a residência dos King foi bem animada, com os meninos cantando uma música qualquer que havia viralizado no TikTok.

Eu sentia Raymond mais calado ao meu lado, talvez pelo fato de ter revivido aquela parte dolorosa do seu passado. Se em mim doía, eu não podia imaginar como tudo aquilo ainda o afetava. Olhando para Eliot, eu conseguia compreender totalmente a sua raiva. Criança alguma no mundo merecia ser negligenciada e Eliot era tão especial. Eu o conhecia há menos de vinte e quatro horas e já sabia que nunca iria me esquecer dele.

Quando chegamos à casa de Raymond, seus pais receberam Davis com um abraço bem apertado e Cameron avisou que levaria um pedaço de bolo para eles no quarto. Isso foi o suficiente para que eles quisessem sair correndo e foi muito bonitinho ver os dois apostando uma corrida, mesmo sob os protestos de Rob, alertando que eles poderiam se machucar. Era visível como Davis entendia a limitação do melhor amigo, mas isso não os impedia de brincar como dois garotos de nove anos. Ele não o tratava de forma diferente só porque tinha uma deficiência.

— Tia Chloe! — Eliot me chamou antes de ir para o seu quarto e eu me virei para ele. — Eu adorei a nossa tarde. Você podia salvar o número do meu celular, né? Assim, a gente vai poder se falar todos os dias, igual eu falo com o tio Ray.

— Eliot, Chloe não tem que falar com você todos os dias. Ela tem as coisas dela para fazer — Raymond alertou ao meu lado e eu sacudi a mão em sinal de desdém para ele.

— É claro que a gente pode se falar todos os dias, querido. Me passa o seu número — pedi e Eliot o fez com um sorriso no rosto. — Pronto, te mandei um oi no *WhatsApp*. Depois é só salvar o meu contato.

— Valeu, tia Chloe! E tio Ray, não fique com ciúmes, eu prometo que não vou roubar a tia Chloe de você.

Molequinho danado! Eu comecei a rir e Raymond passou o braço sobre o meu ombro, quase marcando território.

— Claro que não vai, ela já é minha.

— Não, ela é nossa. Você me disse um dia que tudo o que era seu, também era meu, lembra?

— Por que você precisa ter uma memória tão boa?

— Porque eu sou um super-herói! — Afirmou como se fosse óbvio antes de dar uma piscadinha para mim e se virar para ir para o seu quarto.

— Não acredito que ele está usando a piscadinha. Assim até eu não resisto — Raymond reclamou, mas vi que estava rindo.

— Você pode parar de agarrar a minha filha agora — disse meu pai vindo do corredor onde ficava o banheiro. Raymond se afastou imediatamente e eu revirei os olhos.

— Pai, por favor!

— Eu ainda não permiti esse namoro, Chloe. Para falar a verdade, nem sei se confio muito nessa história de vocês. Eu sei como são os jovens hoje em dia.

— James, pare com isso. Chloe tem vinte e dois anos, ela pode namorar com quem quiser. — Minha mãe ficou ao meu lado, graças a Deus.

— Não é assim que as coisas funcionam, Brittany...

— Acho melhor nós irmos para casa — minha mãe anunciou, se levantando do sofá. — Você já bebeu o suficiente e está ficando tarde.

— Fiquem mais um pouco, ainda está cedo — o pai de Raymond pediu, mas eu achei que minha mãe havia tomado a melhor decisão. Não queria que todo o drama do meu pai voltasse a monopolizar a casa dos King.

— É melhor nós irmos mesmo — concordei.

Meu pai soltou um suspiro quase derrotado, sendo vencido por nós duas e começou a se despedir de Robert. Apesar de claramente não gostar de eu estar namorando o filho de Rob, os dois pareciam ser bons amigos.

— Eu falaria para você dormir aqui, mas quero continuar respirando — Raymond sussurrou ao meu lado, tomando a minha mão na sua.

Eu já estava acostumada a ter que erguer a cabeça para olhar nos seus olhos, afinal, o homem tinha quase dois metros de altura, só não estava nem um pouco acostumada a sentir o seu toque despretensioso em qualquer parte do meu corpo. Sua mão na minha fazia o meu coração disparar.

— Eu não aceitaria, King. Você já passou a mão no meu peito, se eu dormir aqui, o que mais vai fazer comigo?

Era para ter soado como uma brincadeira, mas pareceu mais uma provocação, que Raymond adorou ouvir. Apesar do brilho de surpresa em seus olhos, seu sorriso foi arrebatador.

— Eu ia mamar neles. Com você bem acordada e o meu pau pressionando a sua boceta.

Eu me engasguei com a minha própria saliva. Foi tão ridículo, que, por um momento, pedi para Deus me matar ali mesmo e me levar embora, nem que fosse por pena, porque era lógico que

Raymond começaria a sentir dó de mim. A pobre garota idiota, que se engasgava sozinha com uma provocação sexual. Com cuidado, Raymond bateu em minhas costas, só para fechar a situação humilhante com chave de ouro.

— Puta merda, irritadinha. Você está bem?

— E-estou ótima... — respondi ofegante, observando os olhos dos nossos pais sobre mim. Cameron havia voltado para a sala, porque eu tinha que passar aquela vergonha na frente dela também.

— Não achei que ficaria tão emocionada assim só com a menção da minha boca nos seus seios. Imagine quando eu chupar a sua boce...

— Cala a boca, King! — Pedi entredentes e o babaca riu, acariciando as minhas costas.

— Desculpa. Você está bem mesmo? — Eu assenti e ele tomou a minha frente, me escondendo da visão dos nossos pais. Suas mãos enormes tomaram o meu pescoço e parte do meu rosto e eu precisei respirar devagar para não me engasgar de novo. — Agora eu vou ter que te beijar, ok?

— Meu pai vai te matar.

— Nós precisamos passar veracidade para eles — sussurrou, fazendo meu coração bater mil vezes mais rápido.

Passei a língua pelos meus lábios, lembrando-me da sua boca na minha naquela quadra. Nem foi um beijo de língua, mas me deixou com as pernas bambas como se fosse. E se eu ficasse toda mole em seus braços na frente dos nossos pais? Pelo amor de Deus, eu não iria me perdoar. Tentando ser racional como ele, respirei fundo e assenti.

— Ok. Mas vai ser um beijo rápido e sem língua.

— Deixa eu colocar só um pouquinho de língua, vai... — pediu, sorrindo de lado e se abaixando. O fato de ele precisar flexionar os joelhos para me beijar mexia demais comigo.

— Não.

— Você é muito malvada, Davidson...

Foi a última coisa que ouvi antes de ele tocar os lábios nos meus. O sabor de King era como uma droga poderosa, havia ficado gravada na minha mente e me deixado com vontade de mais. Ele

beijou o meu lábio inferior lentamente, depois o superior, descendo a mão esquerda pelas minhas costas até a minha cintura, onde apertou e me puxou para si. Sua pegada me deixou sem ar e minhas mãos, que haviam parado em seus ombros, acabaram subindo até o seu pescoço.

— Chega disso! Chloe, vamos embora!

Meu pai conseguia acabar com qualquer clima e graças a Deus por isso, porque eu não conseguiria ser forte por muito mais tempo. Se King metesse a língua na minha boca, eu ia me abrir para ele que nem uma perereca no cio. Raymond deixou meu lábio escapar do cativeiro dos seus dentes e se afastou, me dando uma piscadinha. Diferente da de Eliot, a dele me deixou com a boceta molhada. Ainda bem que ele não conseguia saber disso.

— Gosto de saber que meus beijos deixam os seus peitinhos eriçados — sussurrou olhando rapidamente para os meus seios. Eu olhei também e fiquei chocada ao me deparar com os meus bicos duros.

— Isso aqui não é nada. Eu estou com frio.

Raymond gargalhou de repente e apertou de novo a minha cintura.

— Você é uma mentirosa, Chloe Davidson, mas ainda bem que isso só aumenta o seu charme. — Arrogante! Sem conseguir responder nada, esperei que ele liberasse o caminho, mas o abusado pegou a minha mão e me levou para perto de onde os nossos pais estavam. Foi com surpresa que percebi que ele estava prestes a se dirigir ao meu pai. — Sr. Davidson, sei que ainda não tivemos tempo para conhecer melhor um ao outro, mas quero que saiba que o que há entre mim e a sua filha é verdadeiro e que irei respeitá-la.

Claro que ele iria me respeitar, falando que queria mamar os meus peitos e esfregar o pau entre as minhas coxas. Raymond King era um grandessíssimo cara de pau!

— Os seus pais são pessoas incríveis e isso com certeza se reflete em você, Raymond. Eu faço muito gosto desse namoro — minha mãe disse, sorrindo de orelha a orelha.

— Eu também! Estou tão feliz! Você poderia vir almoçar conosco amanhã, Chloe, quero muito te conhecer melhor —

Cameron disse, animada. — Preciso me tornar amiga da mulher que roubou o coração do meu filho!

Bom, pelo menos Cameron seria uma sogra maravilhosa quando Raymond trouxesse uma namorada de verdade para casa. O frio que tomou o meu estômago ao pensar nisso foi ignorado com noventa por cento de sucesso, os outros dez por cento me deixaram tensa.

— Eu adoraria, mas...

— Mas eu preciso voltar para Los Angeles amanhã, lembra, mãe? Eu tenho um jogo no sábado — Raymond disse, nos salvando daquela saia justa. Sua mãe fez uma careta.

— É verdade, que pena. Mas não faltarão oportunidades, Chloe!

— Com certeza — concordei com um sorriso que só pareceu verdadeiro, porque Cameron era uma mulher incrível.

Depois de mais alguns minutos de despedida, fui até o quarto de Eliot e o abracei com muita força. Precisei prometer novamente que nos falaríamos todos os dias e senti o meu coração ficar apertado ao ter que me afastar dele. Já estava com saudades daquele garotinho. Raymond e seus pais nos acompanharam até a porta, mas Ray foi além e me levou até o carro, abrindo a porta para mim.

— Você poderia voltar comigo para LA. O jogo vai ser na arena do Bruins.

— Não vai dar. Eu realmente estou com saudade dos meus pais e agora só vou vê-los no Natal. Quero passar um tempo aqui.

— Você está certa. Se eu pudesse, também ficaria aqui com os meus velhos — disse ele, me fazendo rir.

— Tenha respeito pelos seus pais, Raymond.

— Eu os respeito muito, eles sabem disso. — Ele olhou para trás, só para encontrar meus pais ainda conversando com os seus em frente à porta da sua casa. — Acho que se a gente der mais um beijo, seu pai nem vai ver.

— Mas o objetivo do beijo não era ele *ver*?

— Sim, mas o fato de ele não ver vai me dar a chance de te beijar de língua.

Eu ri alto, mas, no fundo, estava bem nervosa.

— Você só vai me beijar de língua quando eu quiser, King.

— Eu sei que você quer.

— Você se esqueceu que esse namoro é de mentirinha?

— Desde quando a gente precisa namorar para se beijar? — Ele perguntou como se fosse bem óbvio e, no fundo, era mesmo. O problema era eu e meu coração doido, que não parava de bater rápido na presença daquele homem. Os passos dos meus pais se aproximando me salvaram de ter que falar alguma coisa. — Vou querer uma resposta para essa pergunta, irritadinha.

— Cai fora, King.

Raymond sorriu e me soprou um beijo antes de se afastar e me deixar entrar no carro. Ele fechou a porta e, ao perceber que era minha mãe que iria dirigir, deu a volta correndo para abrir a porta para ela. Um galanteador nato!

— Como você é gentil, querido. Obrigada — minha mãe agradeceu, acomodando-se no banco do motorista.

— De nada, Sra. Davidson. Vão em segurança.

Queria lhe lançar o meu melhor olhar condescendente, mas Raymond foi para a calçada ao lado dos pais e minha mãe deu partida no carro. Assim que se afastou da residência dos King, ela suspirou.

— Que menino educado! Ele é maravilhoso, Chloe.

— Maravilhoso... Esqueceu que pegamos eles dois na cama, Brittany?

— James, eles são jovens e estão namorando.

— Não sei se acredito nesse namoro...

Meu pai foi resmungando até chegarmos em casa e eu soltei um suspiro. Por que ele tinha que ser tão machista e antiquado?



Não consegui dormir. Deitada no quarto que meus pais reservaram para mim na casa nova, fiquei rolando de um lado para o outro na cama, enquanto tocava uma música qualquer pelos meus fones de ouvido. Em minha cabeça, apenas uma pessoa ocupava cada pequeno espaço dos meus pensamentos: Raymond.

Raymond e eu deitados em sua cama, conversando e rindo.

Raymond me abraçando naquela manhã e a sua mão subindo até o meu seio.

Raymond inventando o nosso namoro.

Raymond me contando sobre a história triste de Eliot.

Raymond me beijando.

Me beijando.

Essa parte em específico não queria me deixar por nada. Nem precisava fechar os olhos, pois, mesmo fitando o teto, tudo o que eu conseguia ver, era o sorriso safado de Raymond antes de colar os lábios nos meus, seus dentes mordiscando cada um deles e me deixando toda arrepiada, sua mão descendo até a minha bunda, a vontade absurda que senti de trepar nele e não o soltar nunca mais. Claro que fiz de tudo para não externar o desejo maluco, mas ele estava dentro de mim e não dava para fingir que ele não existia.

Eu tinha certeza de que Ray me levaria para a cama assim que eu desse a oportunidade, mas, se antes, quando eu não o suportava, a ideia de transar com ele já parecia assustadora, agora, que éramos amigos e estávamos mais íntimos, pensar em fazer sexo com ele me fazia suar frio de nervoso. Eu não era desapegada como as meninas da Alpha e Ray já era alguém importante para mim. Não saberia como transar com ele e seguir em frente como se o seu toque não me afetasse.

Nós iríamos conviver por longas semanas... A minha prioridade no momento, era proteger o meu coração maluco, que não conseguia acompanhar o meu cérebro e não tinha uma única veia racional. Se tivesse, jamais ficaria acelerado por conta de Raymond King. O cara havia deixado bem claro que não queria um relacionamento sério. Seu foco estava na carreira, ele queria mudar a sua vida e a vida da sua família, namorar de verdade jamais seria uma prioridade e eu o entendia completamente. Se tivesse um menininho como Eliot na minha família, também ia querer dar a ele a melhor qualidade de vida possível.

Foi pensando nisso — em Raymond, especificamente —, que acabei me levantando e indo pegar o meu notebook de dentro da bolsa. Assim que voltei para a minha cama, abri o arquivo do meu livro e passei o olho nos primeiros cinco capítulos que havia escrito.

Sem perder muito tempo ali, abri um novo arquivo e simplesmente deixei que a minha cabeça fluísse. Minha ideia original, era escrever sobre duas pessoas completamente diferentes uma da outra, um clichê onde os opostos se atrairiam. Johnny era um músico em início de carreira e Ashley era uma estudante de astrofísica. Eles se conheceriam por acaso em um festival de música alternativa, mas a ideia simplesmente não estava fluindo. Foi então que eu mudei tudo.

Johnny agora era um jogador de basquete e Ashley... Bem, ela era uma escritora de romances.

Talvez eu estivesse escrevendo uma *fanfic* entre mim e Raymond, apenas com nomes trocados dos personagens, mas, quem se importava? Aquela, provavelmente, seria mais uma história que eu guardaria para mim e ninguém jamais iria ler...

Justamente por causa disso, eu comecei a escrever.

17

"Você faz isso parecer mágica
Pois eu não vejo ninguém, ninguém
Além de você"

EARNED IT - THE WEEKND



Raymond

Nosso jogo naquela noite de sábado era contra o UNLV Rebels, time de basquete que representava a Universidade de Nevada, em Las Vegas. Estávamos no intervalo e todos nós sentíamos que aquele não seria um jogo tão fácil quanto o nosso último confronto contra o Bellarmine, que vencemos com uma diferença de quarenta pontos.

— Quero mais bloqueio perto da cesta deles! Vocês estão perdendo a velocidade quando estão com a posse da bola, principalmente você, Logan, está 0,3 segundos mais lento do que o seu normal! Quando estiver com a posse de bola, foque mais no arremesso! Adrian, você fez um ótimo bloqueio contra Nicholas, parabéns! Mantenham o foco, meninos! — ordenou o técnico Brown.

Adrian, nosso ala, abriu um sorriso contido, mas animado. O arremesso de média e longa distância era praticamente a sua obrigação como ala, já que ele conseguia se infiltrar entre os jogadores e estar em uma posição longe da cesta, mas ele sempre ia além. Era muito bom em bloquear o ataque do time adversário.

Ouvimos o sinal de que o jogo iria recomeçar e ignorei todo o barulho a nossa volta. A arena do Bruins estava lotada, mas, como eu sempre fazia, foquei no jogo.

O árbitro jogou a bola para cima e eu fui rápido em pegá-la, repassando-a para Dylan em menos de um segundo. Ele estava com sangue nos olhos, pois tinha certa rivalidade com Owen Johnson, ala armador do UNLV, e queria ganhar aquele jogo a qualquer custo. Assim que estava com a bola em sua posse, quicou com ela até a linha de três pontos e nem o toque de Nicholas, o ala do UNLV, na bola, a impediu de cair diretamente na cesta. Com isso, abrimos uma distância de sete pontos entre nós e os Rebels, mas ainda era uma diferença pequena.

A verdade, era que eu era o tipo de jogador que só considerava o jogo ganho, quando o apito final soava. Basquete era um esporte em que os times se acostumavam rapidamente a marcar pontuações bem altas e em uma velocidade alarmante, portanto, mesmo em casos onde o Bruins estava ganhando com uma diferença de trinta ou quarenta pontos, o cenário poderia mudar. A probabilidade era pequena, claro, mas no basquete, tudo poderia acontecer.

O Rebels marcou mais uma cesta de dois pontos, mas logo recuperamos a posse de bola e consegui marcar uma cesta de três. Ryan, nosso pivô, resgatou a bola assim que ela saiu da cesta e a jogou para Dylan, que logo a repassou para Adrian, que marcou mais uma cesta de pois pontos. O grito de guerra do UCLA Bruins soava por toda a arena e foi inevitável não pensar rapidamente em como Chloe estaria se portando, se ela estivesse entre o público nas arquibancadas. Estaria cantando com os torcedores? Gritando por mim? Ou mexendo no celular, entediada por estar assistindo à partida?

Me distraí por apenas um segundo. Precisava parar de pensar em Chloe, pois eu tinha um jogo para vencer ao lado do meu time.



Eu: VENCEMOS!

Eu: Todas as cestas que fiz, foram para você. De 86 pontos, eu fiz 25. Olha como você me motiva, Chloe.

Sorri ao colocar o celular dentro do meu armário e dei um pulo quando uma cabeça apareceu ao lado do meu pescoço.

— Estava mandando mensagem para quem, seu puto?

Empurrei Dylan para que saísse de trás de mim e o babaca riu.

— Sai daqui, você está fedendo, caralho.

— É mesmo? Pode ter certeza de que você não está melhor do que eu.

— Eu uso desodorante, já você...

— Cara, eu uso até perfume, mas suor é suor, o que eu posso fazer? — Ele levantou o braço e deu uma fungada na axila. — Até que o meu suvaco está cheirosinho.

— Você é nojento, Dylan! — Ryan gritou ao fundo do vestiário, já arrancando a roupa para ir ao chuveiro.

Infelizmente, eu já estava acostumado a ver aquele bando de macho pelado. O que poderia ser o paraíso na terra para muitas garotas, para mim, era o meu inferno pessoal, porque os idiotas sempre ficavam alegres no final de cada jogo e gostavam de rebolar aquelas pirocas murchas. “Pirucóptero”, era como Dylan nomeava. Apesar de achar degradante, às vezes, — *bem* às vezes — eu participava daquela palhaçada também.

Homens. Nós éramos uma piada.

— Então, quem era a gatinha *superimportante* que te arrebatou ao ponto de você nem conseguir tomar um banho antes de enviar uma mensagem para ela? — Dylan questionou enquanto Ryan, nosso pivô, chamava os meninos para tomarem uma cerveja na casa que dividíamos.

Pelo visto, a festinha daquela noite seria na nossa residência e que Deus abençoasse a vizinhança, porque aqueles idiotas não tinham limites e colocavam o som na altura máxima.

— Que curiosidade é essa?

— Olha, eu não sou um nenhum fofoqueiro, mas vai ter que concordar comigo que essa sua reação foi... Atípica.

— Atípica? Seu vocabulário *tá* rebuscado, Dylan.

— Cara, eu estudo Administração, não posso ficar falando gíria o tempo todo e... Ei, não desconversa! Quem é ela?

Dylan não sabia que eu havia dado uma carona para Chloe na quarta-feira. Resolvemos tudo tão rápido, que nem pensei em contar para ele e, depois, toda aquela confusão sobre o namoro falso aconteceu... Simplesmente fugiu da minha mente.

— Estava falando com a Chloe. — Dei de ombros, como se não fosse importante.

E nem era tão importante mesmo. Tudo bem que ela havia ficado em meu inconsciente durante todo o jogo e, quando terminamos, fiquei animado para contar a ela sobre a vitória, mas aquilo não era nada de mais... Certo?

— Que Chloe? Filho da mãe safado, já conheceu alguma gatinha lá em San Francisco, né? Porra, Ray, nem o feriado de Ação de Graças você respeita! — Dylan me deu um soquinho no braço, rindo da minha cara.

— Claro que não, idiota. Estou falando da Chloe Davidson.

Dylan arregalou levemente os olhos e ficou em silêncio, assim como todo o vestiário. Em que momento aqueles babacas haviam parado de conversar e começaram a prestar atenção no que eu falava?

— Chloe Davidson não é aquela garota que disseram que você estava namorando? — Adrian perguntou.

— É ela sim, cara. Mas Ray disse que eles eram amigos... — Ryan respondeu.

— E desde quando o Ray tem amiga mulher? — Logan, nosso ala pivô, questionou.

— Não é bem assim. Eu acho que o Ray talvez consiga ser amigo dela. Vamos ser sinceros, de nós cinco, ele é o cara mais centrado — Dylan refletiu.

— Ah, não sei não... Vocês viram como ela é gostosa? Depois de todo aquele boato, dei uma *stalkeada* no Instagram da garota e, porra, ela é linda! Tinha uma foto dela de biquíni em frente a uma piscina postada em 2020... Que corpo! — Logan comentou.

Mas que porra era aquela?

— Perdeu o caralho da cabeça, Logan? Tenha mais respeito, filho da puta! — Chiei, batendo meu armário com força. — E parem de falar como se eu não estivesse aqui!

— Ah, qual é, Ray! Acha mesmo que eu acreditei naquele papo de que vocês são só amigos? Você deve ter dado uns pegas na garota e inventou essa história para que não ficasse mal para ela. Foi bem gentil da sua parte — ironizou.

De todos os caras do time, Logan era o que mais me irritava. Ele parecia sentir prazer em fazer comentários sem-noção em momentos inapropriados e se achava o máximo por ter uma fila de garotas dispostas a ir para a sua cama. O babaca só não percebia que isso acontecia porque ele era um dos titulares do time de basquete e não porque ele era agradável. Ouvir toda aquela merda sair da sua boca me enfureceu, mas, ao invés de perder a cabeça, agi de forma calma e centrada, como Dylan mesmo disse que eu era.

— Eu não dei uns pegas nela, Logan. Eu a pedi em namoro.

Ryan, que estava bebendo um isotônico, cuspiu tudo na cara de Adrian. Um xingou e o outro se engasgou, enquanto Logan ria e Dylan murmurava um “cacete, você *tá* de brincadeira?” ao meu lado.

— Essa foi a melhor piada que você já contou, Ray! — Logan continuou a gargalhar.

Eu peguei a minha toalha e a joguei sobre o meu ombro. Por fora, estava tranquilo, por dentro, queria arrebentar aquela cara de prepotente que o idiota tinha, mas não valeria o esforço, pelo menos não naquele momento. Comecei a caminhar em direção aos chuveiros, sendo acompanhado pelos quatro pares de olhos, e parei em frente a Logan, tocando em seu peito.

— Não contei piada alguma, sendo assim, é melhor que você nunca mais abra essa boca fodida para falar da minha garota desse jeito, ou vamos ter sérios problemas aqui, Logan.

— Ei, Ray, calma aí, cara... — Adrian tentou intervir, mas eu ergui a mão, pedindo para que parasse. Não deixei de olhar para Logan em momento algum.

— Eu estou calmo. Problemas Logan e eu teríamos, se eu quisesse arrancar esse sorrisinho de merda da cara dele no soco,

mas estou querendo ir para casa descansar e, claro, ligar para a minha garota e contar como eu arrasei no jogo, afinal, eu marquei vinte e cinco pontos... E você? — perguntei a Logan, dando dois tapinhas bem fortes na lateral do seu rosto e passando por ele em direção ao chuveiro.

Logan era um jogador mediano e eu sentia que o técnico Brown, em breve, o deixaria no banco para testar as habilidades de Hunter, o ala pivô reserva, em um jogo de verdade. Mal via a hora de isso acontecer, pois eu relevava muita coisa do que o babaca dizia para manter a harmonia no time, mas não deixaria que ele desrespeitasse Chloe. Poderíamos não ser namorados de verdade, mas a defenderia sempre.

O clima no vestiário ficou pesado depois daquele embate e os meninos logo se apressaram para tomar banho e sair dali. Logan foi o primeiro a ir embora, batendo a porta atrás de si, claramente se aproveitando que o técnico Brown não estava por perto para poder dar um showzinho, e eu revirei os olhos. O cara já não era mais nenhum adolescente para ser tão temperamental. Se alguém tinha motivo para ficar puto ali, esse alguém era eu.

— Parece que Logan não gostou de ter a sua má atuação no jogo sendo esfregada na sua cara. — Ryan riu enquanto terminava de calçar os tênis.

— Não foi a minha intenção humilhar o idiota — falei. De cabeça quente, a gente acabava deixando algumas merdas escaparem, no entanto, não podia dizer que estava arrependido.

— Você fez bem, Ray. Logan se acha o maioral, mas, a verdade, é que é um jogador mediano e gosta de sustentar a pose de popular às nossas custas — Adrian comentou e Dylan concordou ao meu lado.

— É isso aí. Pau no cu desse babaca!

Os outros dois gritaram e riram e eu apenas sorri, balançando a cabeça. Tentaria não focar muito em Logan durante os treinos a partir de agora. Sabia que o clima entre nós dois não melhoraria e eu também não fazia questão de ser coisa alguma para ele, fosse colega ou amigo. Parceiros de time já estava de bom tamanho e nem isso eu achava que ele merecia, só esperava que o técnico Brown também se desse conta disso.

Saímos juntos do vestiário e ficou combinado que Adrian iria conosco para a casa que eu dividia com Dylan e Ryan. Era o nosso último na UCLA e eu sentia que os meninos estavam saudosistas e querendo aproveitar ao máximo as festas. Eu me sentia da mesma forma, mas, naquela noite em específico, só queria ficar quieto e tomar uma cerveja. Dylan pegou uma carona comigo e, assim que entramos no carro, ele perguntou:

— Aquela história de namoro é mentira, né?

Claro que ele não acreditaria, Dylan era meu melhor amigo e me conhecia como ninguém. Só por isso que contei a verdade a ele sem hesitar. Ele ficou quieto enquanto eu narrava os últimos acontecimentos do feriado e uma risada ridícula escapou da sua boca quando terminei.

— Puta merda, isso parece um roteiro de filme adolescente dos anos dois mil, cara! Mas eu adorei, me manteve entretido pelos últimos oito minutos e meio — disse, dando uma olhada no *Apple Watch* em seu pulso. — Agora me fala a verdade, você inventou tudo isso só para tirar uma onda com a minha cara, né?

— Sim, Dylan, eu passei o feriado inteiro pensando em cada detalhe dessa história que acabei de te contar, só para zoar você.

— Porra, muito bom! Você é criativo, Ray. Já pensou em escrever um livro?

Não era possível. Ele estava achando *mesmo* que eu estava mentindo?

— Dylan, é verdade.

— O que é verdade? — Ele ainda estava rindo enquanto eu estacionava o carro em frente à nossa casa.

— Tudo o que eu acabei de te contar, porra! Não inventei nada, estou falando muito sério. Chloe e eu vamos fingir que estamos namorando por um tempo.

Dylan parou de sorrir e seus olhos se arregalaram. Uma careta surgiu em seu rosto e eu não soube interpretar se era de pesar ou não.

— Por causa do pai dela? — Eu concordei com a cabeça. — Cara, isso é loucura, você sabe, né? O velho vai fazer o quê? Te matar?

— Eu achei que ele faria isso quando nos pegou na cama juntos.

— Mas você nem comeu ela!

— Eu sei disso, mas ele não. Era lógico que não iria acreditar em mim e, no seu lugar, eu também não acreditaria. Um homem e uma mulher dormindo juntos na mesma cama? Qualquer um pensaria que rolou sexo.

— Ele mora em San Francisco, Ray! É longe pra caralho!

— Sim, eu sei, mas olha isso aqui. — Tirei o meu celular no bolso e entrei no Instagram. — Ele me seguiu e... — Entrei em meus *stories* e subi a barrinha para poder mostrar os perfis que tinham visualizado o que postei nas últimas horas. — Viu todos os meus *stories*. O Sr. Davidson não está brincando em serviço, ele *tá* marcando em cima, Dylan.

— E daí?

— E daí que eu percebi que ele é um machista do caralho. Agora que inventei essa história de namoro, vou levar isso por mais um tempo, porque não quero que ele fique no pé da Chloe, achando que ela faz sexo casual por aí.

Nem tinha sido por isso que eu havia inventado que era namorado dela. Em um primeiro momento, foi sim para limpar a minha barra com James, mas, depois, quando Chloe foi embora e eu subi para o meu quarto, comecei a pensar mais seriamente no que havia me metido e as palavras do pai dela soaram de novo em minha mente. Ele tinha mesmo um pensamento retrógrado e senti receio por Chloe. Entre acreditar na nossa mentirinha e achar que a filha fazia sexo casual, quando ele claramente repudiava esse tipo de comportamento, a primeira opção era com certeza a melhor de todas.

— Que merda você foi se meter, cara.

— É, eu sei.

— E como você vai fazer agora? Vai virar celibatário? Ou vai comer a Chloe? Ai, seu babaca! — Ele gemeu quando dei um tapa na sua nuca.

— Tenha mais respeito com ela, idiota. E eu não sei. Você sabe que o povo dessa faculdade ama uma fofoca, quando a notícia de que Chloe e eu estamos namorando começar a se espalhar,

todos os olhos estarão voltados para cima de mim. Acho que não vou poder pular a cerca.

— Mas você não tem que se manter fiel a um namoro que não existe! — Dylan estava indignado.

— Eu sei, mas devo respeito a Chloe. Ela ficou furiosa quando a chamaram de corna no Twitter na semana passada, não vou deixar que isso aconteça de novo.

— Dizem que altruísmo é uma qualidade, mas estou começando a achar que é um defeito.

— Não seja babaca.

— Eu sei que você está certo, mas... Cara, você vai estar preso a um relacionamento que não terá sexo, entende? Tipo, a melhor parte não vai existir! — Ele balançou a cabeça em desalento. — A não ser que você comece a trepar com a garota.

— Não é como se eu não quisesse transar com ela. — Deixei escapar, tendo sua total atenção. — Mas Chloe é durona, nem beijar de língua ela quis.

— Cacete, Ray. Você *tá* fodido.

— Eu sei.

— Mas você é um jogador, cara! Se quer ficar com ela, corra atrás, insista. Você é um cara legal, que está fazendo algo mais legal ainda por ela, Chloe precisa reconhecer isso. E, antes que diga que estou sendo um babaca, não estou falando que ela tem que transar com você em troca dessa sua fidelidade forçada e, sim, que ela tem que perceber que você não é o idiota que ela pensava que você fosse. Quando a garota enxergar isso, tudo vai se abrir, até as pernas dela.

— É impressionante como a cada dez palavras que saem da sua boca, nove são besteiras, Dylan! — Eu ri, sendo acompanhado por ele. — Mas acho que você tem razão.

— Opa, gostei de ouvir isso! O que vai fazer? Seduzir a Chloe?

— Não. Eu vou deixar que as coisas entre nós dois aconteçam naturalmente. Ela se sente atraída por mim, pode até dizer que não, mas seu corpo não mente.

— Então está no papo, Ray! Essa garota ainda vai ser sua.

Eu concordei com a cabeça, querendo soar confiante, mas tendo em mente que Chloe era uma caixinha de surpresas. Literalmente qualquer coisa poderia vir da parte dela, eu só precisava estar preparado para receber o que ela estivesse disposta a me dar.

18

"Me diga do que você gosta
Querida, eu posso esperar
Nós não precisamos brigar
Vamos dar um passo de cada vez"

I FEEL IT COMING - THE WEEKND FT. DAFT PUNK



Raymond

Em menos de meia hora, nossa casa já estava lotada. Eu ainda me surpreendia com o quão fácil era repassar o convite de uma festa pelos grupos do *WhatsApp*, mas não estava reclamando. Apesar de querer tomar apenas uma cerveja naquela noite, eu gostava de comemorar com os meus amigos e os amigos dos amigos dos meus amigos — e pessoas desconhecidas, também.

Sentei-me em uma das poltronas da nossa sala de estar e tomei um gole da minha cerveja gelada, observando Dylan se dar bem com uma garota em um canto, provavelmente passando uma cantada péssima ao pé do seu ouvido e a fazendo rir. Nossa casa era bem espaçosa, os quartos ficavam no segundo andar, cada um tinha o seu banheiro, o que era o mais importante, na minha opinião. Eu jamais conseguiria pagar o aluguel daquele lugar sozinho, mas Dylan tinha pais ricos e acabava dando a maior parte da grana.

No começo, lutei muito para aceitar vir morar com ele, mas compartilhar um dormitório da faculdade estava começando a atrapalhar a minha rotina. Ainda que eu ficasse em uma

acomodação superior, com sala, dois quartos e um banheiro compartilhado — privilégios de ser atleta —, o cara com quem eu dividia o quarto tinha uma rotina louca e muita falta de noção. Chegava tarde, ligava o som alto, fumava maconha na sala e gostava de fazer umas festinhas no quarto — regado a álcool e a garotas. Tudo aquilo era proibido, mas ele não era muito bom em seguir regras e mesmo eu pedindo para que diminuísse um pouco com a farra, não adiantou. Já que o ditado dizia que os incomodados que deveriam se mudar, foi o que fiz. Agarrei o convite de Dylan e me mudei para a sua casa ainda no primeiro ano da faculdade.

Depois disso, Ryan se juntou a gente e morávamos juntos desde então. Apesar de Dylan bancar a maior parte do aluguel, Ryan e eu fazíamos questão de dividir as despesas por igual, o que não era tão difícil. Na geladeira, só tinha isotônico, água e cerveja de bebidas, o *freezer* vivia abastecido de frango e carne, porque precisávamos comer muita proteína, os armários eram recheados de suplementos, pão e macarrão — o que deixava a nossa nutricionista de cabelos em pé, apesar de eu fazer a minha parte e focar na dieta. Com isso, eu conseguia guardar um pouco de dinheiro para passar o mês, o resto, eu enviava para os meus pais. Estava muito longe de ser rico como a maioria dos estudantes da UCLA, mas isso não me afetava, só me impulsionava ainda mais a atingir os meus objetivos.

Senti meu celular vibrando no bolso da calça e um sorriso idiota se abriu em meus lábios quando peguei o aparelho e vi o nome de Chloe na tela. Ela finalmente havia respondido às mensagens que enviei uma hora atrás.

Irritadinha: Acabei de ver o resultado na internet, parabéns, Ray! E não pense que me engana, eu sei que você deve mandar essa cantada barata para todas as garotas da sua agenda.

Eu: Sabe quantos números de garotas eu tenho na minha agenda?

Irritadinha: Não faço ideia. Deve ser algo entre cem e mil.

Eu: Puta merda, Chloe. Só para te lembrar, eu tenho um pau e não uma máquina de fazer sexo, kkkkk.

Irritadinha: Mas o boato que rola por aí, é de que você *é* uma máquina de fazer sexo.

Eu: Não está a fim de provar essa teoria? Vai ser um prazer ser o seu experimento científico.

Irritadinha: Não.

Eu: Pensa bem, eu acho até que ajudaria na matéria que você precisa escrever sobre mim. No final, você pode fazer uma lista do que eu sou bom e o sexo precisa estar entre os itens dessa lista.

Irritadinha: Você é apenas bom? Sinceramente, King, desse jeito vou começar a acreditar que você não jus a fama que carrega.

Eu: Já falei que você deveria vir aqui tirar a prova, mas fica se fazendo de difícil...

Irritadinha: Eu acho que você deveria aproveitar os seus últimos dias de homem solteiro. Não está rolando uma festa na sua casa?

Eu: Como sabe disso?

Irritadinha: Theo, o carinha com quem Kim estava ficando, está por aí. Ele postou um *story* dançando com uma garota e Kim viu... Ela ficou chateada.

Olhei a minha volta e tentei achar o tal Theo, mas não o encontrei. Lembrava-me da sua fisionomia, porque sabia que era o mesmo cara com quem Kim foi acompanhada ao bar naquela noite.

Eu: Eles estavam tendo um lance mais sério?

Irritadinha: Para Kim, sim, mas para o Theo, logicamente não. Por que homem tem que ser tão babaca?

Eu: Não generalize, irritadinha. Eu sou um cara incrível, por exemplo.

Irritadinha: Seu ego é maior do que qualquer coisa que eu já vi, Ray.

Eu: Isso é porque você ainda não viu o meu pau.

Irritadinha: Você é tão baixo, Raymond! Enfim, não quis generalizar, mas a maioria dos homens é babaca sim. Se ele não queria ter algo sério com a Kim, por que deu a entender que sim? Eu não entendo.

Eu: Porque homem é um ser idiota. A maioria acha que se não falar o que a mulher quer ouvir, vai acabar ficando sem ninguém, então, mente. Por isso que eu sempre sou sincero, nunca prometo nada que não vou cumprir.

Irritadinha: Parece que eu vou ter que admitir que você é um safado diferente dos demais.

Eu: Não sou safado, sou um homem solteiro. “Era”, quer dizer.

Irritadinha: Você ainda é um homem solteiro, aproveite a sua noite, King.

Eu: Falei para os meninos do time que estou namorando com você.

Irritadinha: Já? Por quê?

Pesei as minhas opções. Não queria ser um babaca e mentir, mas também não queria contar para Chloe as besteiras que Logan falou a seu respeito. Aos seus olhos, ela pareceu uma peça de carne na porra do açougue. Eu sabia como Chloe era tímida e que o comentário dele não a deixaria com o ego inflado ou coisa parecida.

Eu: Dylan me viu mandando a mensagem para você e os meninos do time ficaram me zoando... Acabei contando para todos eles que estamos namorando, mas para Dylan, eu falei a verdade. Ele é meu melhor amigo e sei que não vai contar para ninguém.

Irritadinha: Uau! Então quer dizer que está rolando uma festa na sua casa e você vai ter que ficar chupando dedo a noite toda?

Eu: Parece que sim. Olha as coisas que faço por você, Chloe.

Irritadinha: Não posso dizer que estou triste. Sinceramente? Acho que esse celibato forçado vai te fazer bem.

Filha da mãe! Não havíamos parado para conversar sobre como nos portaríamos longe um do outro, mas, como eu esperava, Chloe queria que eu fosse fiel ao namoro de mentirinha. O pior era eu ter aceitado aquela porcaria sem nem pensar duas vezes.

Mas quem começou essa história de namoro foi você... Olha o erro estúpido que cometeu, Raymond!

Eu: Você sabe que essa regra vale para nós dois, certo? Nada de ficar com algum babaca por aí, Chloe.

Irritadinha: O destino me odeia, sabe? Justo agora, que eu estava animada para conhecer o Mike, isso acontece.

Eu: Quem é Mike?

Irritadinha: Aquele cara com quem fiquei na balada.

Eu me lembrava daquele *story* e de como senti inveja — e raiva, devia confessar — daquele idiota que estava com as mãos no corpo dela e a boca na sua. Também fiquei um pouco puto. Se Chloe podia ficar com ele, por que não podia ficar comigo? Uma nova mensagem sua chamou a minha atenção:

Irritadinha: Pensando bem, acho que a gente não precisa ser fiel de verdade um ao outro... É só sermos discretos.

Ela não havia dito aquilo. Eu não podia acreditar. Era por causa daquele babaca? Só por causa disso, enviei:

Eu: Pois eu acho que deveríamos, sim, ser fiel um ao outro. Eu sou um cara conhecido na UCLA, qualquer deslize meu, e você vai ficar com fama de chifruda de novo. E eu com certeza não quero ser nomeado como o corno da faculdade, Chloe.

Irritadinha: Eu já disse, é só sermos discretos.

Eu: Não, nem pensar. Se o problema é sexo, a gente pode resolver isso juntos. Eu sei que você me deseja.

Irritadinha: Eu não te desejo e não estou falando sobre sexo apenas, Raymond.
Eu: E está falando sobre o que, mentirosa?
Irritadinha: Sentimentos. Relacionamento.
Eu: Nós não estamos em um relacionamento?
Irritadinha: De mentira.
Eu: E daí? É só na hora do sexo, você fingir que o que há entre nós dois é de verdade.

Era tudo tão simples. Por que Chloe queria complicar?

Irritadinha: Não dá para conversar com você, sério! Pode se incluir no pacote dos homens babacas. Tenha uma ótima festa!

Chloe saiu do *WhatsApp* depois daquilo e eu fiquei durante um minuto inteiro olhando para o celular, tentando entender que merda havia acontecido. O que eu tinha dito de errado? Pensei em ligar para ela, já que enviei um “Chloe, volta aqui” e ela não apareceu *on-line* de novo, mas uma garota se sentou no braço da poltrona onde eu estava e sorriu para mim, me fazendo bloquear a tela do celular.

— Oi, Ray. Posso pegar mais uma cerveja para você?

Nem havia percebido que tinha bebido tudo e colocado a garrafa vazia sobre a mesinha de centro. Senti a mão da garota em minha nuca e suas unhas em contato com a minha pele me deixou arrepiado. A minha volta, casais se formavam, Dylan estava se dando bem com aquela garota, Theo apareceu agarrado com duas meninas e eu pesei as minhas opções. Por fim, decidi:

— Não precisa, eu já vou subir. — O brilho nos olhos da menina me fez acrescentar: — Sozinho.

— É sério?

Sim, parecia inacreditável, mas era sério.

— Estou muito cansado e...

— Eu posso te deixar bem relaxado.

Seu sorriso não me deixava duvidar daquilo. Ela era muito bonita, cabelos pretos, olhos castanhos, peitos duros de silicone e um vestido apertado que eu teria muito prazer em tirar, se estivesse no clima ou se *pudesse* fazer isso.

— Eu realmente quero ficar sozinho hoje à noite — falei, me levantando. Foi então que percebi que poderia começar a fazer aquele boato sobre o meu namoro com Chloe andar mais rápido. — Na verdade, nem é por isso que vou dormir sozinho, é porque a minha namorada está na casa dos pais.

A boca da garota caiu aberta e percebi que havia um chiclete entre os seus dentes de trás. A descrença cobriu a sua expressão.

— Namorada? Como assim? Quem você está namorando?

— Chloe Davidson. — Seus olhos se arregalaram. Claro que ela se lembrava de Chloe, todo aquele boato sobre estarmos namorando ainda era recente. — Pois é, depois daqueles *stories*, eu acabei percebendo que o que existia entre a gente era mais do que amizade. Agora, estamos juntos oficialmente.

— Não pode ser...

— É verdade. Dessa vez, podem falar que eu mesmo confirmei o boato. Raymond King foi fisgado! — Sorri para ela e dei um passo para trás. — Boa festa para você.

A menina ainda tentou me chamar, mas não lhe dei mais atenção e segui até a cozinha. Peguei duas *long necks*, um pacote de batatas *chips* e um chocolate amargo que Dylan havia deixado dando sopa na geladeira. Com o combo em mãos, fui direto para o meu quarto, tomando o cuidado de trancar a porta. A música se tornou mais abafada e não precisei colocar a TV no volume máximo para poder ouvir a série que estava acompanhando na Netflix. *La Casa de Papel* era o meu novo vício.

Eu: Gosta de séries, Chloe?

Comi um pouco da batata e esperei por sua resposta. Tinha certeza de que a irritadinha deveria estar com o celular na mão, mas não estava me respondendo de propósito. Bufando, resolvi que não iria mais enviar mensagem, muito menos ligar para ela. Precisava

olhar nos olhos da garota geniosa, por isso, fiz uma chamada de vídeo. A primeira tocou até cair, mas, por fim, Chloe atendeu a segunda. Pela sua expressão, fiquei em dúvida se estava puta ou chateada.

— Posso saber qual foi a besteira que eu falei para estar sendo ignorado por você? — perguntei, vendo-a revirar os olhos.

— Para você, tudo se resume a sexo, Raymond. Eu não sou assim.

— Isso quer dizer o quê? Que a última vez que fez sexo, foi com o seu ex-namorado? — Eu não podia acreditar naquilo.

— Não.

— Foi com esse tal de Mike? — Precisei lutar para não fazer uma careta.

— Também não — murmurou, me deixando aliviado.

— Então você já fez sexo casual.

— Sim e cheguei à conclusão de que não sei lidar muito bem com isso.

— Como assim? Chloe, é só sexo.

Eu ri, porque para mim era uma questão básica. Tipo um item importante de sobrevivência. Não que eu fosse viciado em sexo, mas adorava transar e não entendia muito bem como podia existir pessoas que simplesmente optavam por *não* fazer sexo depois de terem transado pela primeira vez.

— Para mim, não é. Por isso que estava falando que sobre Michael, talvez fosse diferente entre nós dois. Ele parecia ser um cara legal.

— Eu não sou um cara legal? — perguntei e ela revirou os olhos de novo, me fazendo rir baixinho.

— Sim, você é, mas é diferente, Ray. Você foge de relacionamentos e eu sou o tipo de pessoa que *gosta* de relacionamentos e que não sabe separar o sexo dos sentimentos. Acha mesmo que eu conseguiria transar com você sem me apegar?

Puta merda. Finalmente, o pano branco que embaçava a minha visão, saiu da frente dos meus olhos e me permitiu enxergar a verdade. Chloe era uma garota romântica e aquilo era uma merda. Por mais que eu fosse sincero com ela, estava tomando ciência de

que *ela* não conseguiria lidar com qualquer envolvimento entre nós dois que fosse maior do que amizade.

— Entendi — respondi depois de alguns segundos em silêncio. — Acho que seremos apenas amigos, então.

— Sim.

— Mas eu vou ter que te beijar em público de vez em quando.

Chloe finalmente sorriu e eu senti meu estômago ficar agitado. Será que eu ia vomitar?

— Eu não vou me apaixonar só porque vou trocar alguns beijos com você, King.

— Ufa, fico mais tranquilo! — brinquei

— Agora, tome cuidado. Talvez *você* possa se apaixonar por mim.

— Isso nunca vai acontecer. Nada contra você em específico, mas eu estou...

— Focado demais na sua carreira e na faculdade, eu já entendi.

— Isso aí, portanto, paixão zero da minha parte — garanti com muita convicção, sendo atraído para uma cena importante na TV. — Você assiste *La Casa de Papel*?

— Sim! É uma das minhas séries favoritas! Estou na segunda temporada.

— Eu também! Porra, é foda demais, né? Estou no episódio quatro.

— Espera um pouco. — Vi que se levantou do que parecia ser a sua cama e logo voltou a se sentar, com o controle remoto na mão. Minutos depois, Chloe sorriu. — Eu também! Que coincidência.

— Dá o *play* aí, vamos assistir juntos.

— E a festa que está rolando na sua casa? — perguntou ela, me olhando através da câmera.

— Os meninos vão sobreviver sem mim. No momento, assistir Netflix com a minha namorada é mais importante. — Pisquei para ela, vendo o seu sorriso. Por fim, bufei. — Quem diria que eu algum dia realmente iria *ver* Netflix com uma garota... Que merda você está fazendo comigo, Chloe?

— Te adestrando, não é óbvio?

Dei o dedo meio para ela e a irritadinha — que graças a Deus não estava mais irritada — riu da minha cara. Ela deu o *play* na série e eu voltei o episódio para o início para poder assistir junto com ela. Todo o drama sobre sexo e sentimentos já esquecidos.

19

"Te vi ali, e eu pensei
Ai, meu Deus, olhe esse rosto!
Você parece com o meu próximo erro
O amor é um jogo, quer jogar?"

BLANK SPACE - TAYLOR SWIFT





Chloe

— Então quer dizer que você passou a noite de sábado assistindo série com o seu namorado? Que programa interessante...

O sorriso cheio de segundas intenções de Kim me fez ficar um pouco envergonhada, mesmo eu sabendo que aquilo era besteira.

— Pare de querer dar a isso um significado que não existe, Kimberley.

— Eu não estou fazendo nada! Só achei muito bonitinho da parte do Raymond ignorar a festa que estava rolando na casa dele, para poder assistir uma série com você. É algo que um namorado incrível faria.

— Um amigo faria a mesma coisa.

— Ah, não faria não. — Ela riu.

— Ok, talvez não fizesse, mas Raymond não fez isso por mim especificamente... Ele contou para os meninos do time que nós estamos namorando, ou seja, ele não poderia dormir com garota alguma naquela noite.

— Outro fator muito interessante nessa dinâmica de vocês. Um namoro falso em que ambos se manterão fiéis? Isso não acontece nem em um relacionamento de verdade, às vezes.

— Eu não quero ficar com fama de corna e Ray também não.

— Hm... *Ray*, né? Olha como evoluímos. Até semana passada, ele era apenas o jogador babaca.

— Mas é assim que começa os melhores relacionamentos — disse o motorista do *Uber* de repente, olhando-nos pelo retrovisor. — Minha esposa e eu éramos como cão e gato quando nos conhecemos, momentos depois, nos apaixonamos.

— Viu só, Chloe?

— Deus me livre! Isola, moço, por favor.

— Por quê? O garoto parece gostar de você — concluiu ele depois de ouvir apenas cinco minutos da minha conversa com Kim.

— Como amiga. Raymond já deixou bem claro que não quer um relacionamento e, por mim, tudo bem. Também não quero namorar um cara como ele, não conseguiria confiar totalmente. — falei e o motorista fez uma careta de desdém.

— Isso é bobagem. Ele é o pegador da faculdade?

— Sim — Kim respondeu.

— Eu também era o pegador no Ensino Médio, mas depois que conheci Mary, minha esposa, tudo mudou. O que define um homem é o seu caráter, meninas, tenham isso em mente. Sem contar que um cara apaixonado é capaz de fazer qualquer coisa por sua mulher.

Kim e eu nos entreolhamos, as duas com a mesma expressão no rosto, aquela clássica em que pensávamos como a esposa do motorista de *Uber* era uma sortuda.

— O senhor tem filhos? — Kim perguntou. Faltava um quarteirão para chegarmos na faculdade e pude ver a pressa em seus olhos.

— Tenho sim, por quê?

— São adultos?

— Adultos e casados. Meu filho mais velho já até me deu um netinho — disse ele, todo sorridente. O homem parecia ter pouco mais de cinquenta anos e achei muito fofo a sua felicidade ao falar do neto. Kim murchou ao meu lado.

— Que pena, quer dizer, que bom para o senhor! Só acho que o que falta na sua vida, é uma nora incrível como eu. Se tiver algum filho sobrando por aí e ele tiver o seu caráter, pode apresentar para mim?

Eu escondi o meu rosto nas mãos para poder abafar a minha risada, mas acabei entreolhando para o motorista após afastar os dedos da frente dos meus olhos. Ele parecia surpreso, porque Kim não sorria. Eu a conhecia, sabia que estava brincando, mas ela encenava muito bem e sua expressão séria era bem verdadeira.

— É brincadeira, bobo! — Ela deu um tapinha no ombro do motorista quando ele estacionou em frente ao campus. — Mas com um fundo de verdade, então, lembre-se de mim se achar algum filho perdido por aí.

— Não queria destruir as suas esperanças, mas acho impossível achar algum filho perdido.

— Por quê? Vai dizer que nunca transou sem camisinha antes de começar a namorar a sua esposa?

— Kimberley! — Meu Deus, minha melhor amiga perdia a noção. Por sorte, o motorista era muito simpático e começou a rir enquanto eu abria a porta do carro, querendo fugir da vergonha que Kim me fazia passar.

— Ok, mocinha, você é bem esperta. Mas não cometam esse erro, usem camisinha, sempre!

— Sim, senhor. Agora precisamos ir, pois estamos atrasadas para a primeira aula. — Era uma mentirinha, mas eu precisava tirar Kim dali antes que ela falasse mais alguma besteira. E era apenas seis e meia da manhã de segunda-feira! — Obrigada e tenha um bom dia, senhor.

— Vocês também.

Acenei para o motorista e saí do carro, vendo Kim me seguir. Assim que o carro se afastou, eu dei um tapinha em seu braço, ouvindo a sua risada.

— Você só me faz passar vergonha, Kimberley!

— Eu não fiz nada! Não é crime querer procurar um homem decente e os filhos daquele senhor, provavelmente, são pessoas decentes, caso tenham puxado ao pai.

— Você perguntou se ele já havia transado sem camisinha, Kim!

— É algo relevante. Depois do que Theo fez comigo, eu agora só vou dar brecha para homens de caráter!

Eu apertei a sua mão em solidariedade, porque sabia que Kim se fazia de forte, mas estava começando a se apegar aquele babaca. Ontem à tarde, depois que cheguei da casa dos meus pais, nós decidimos que passaríamos a noite juntas e foi ótimo. Um verdadeiro programa de meninas, onde falamos e comemos besteiras, assistimos filmes aleatórios, ouvimos músicas e desabafamos. Ela sabia da história do namoro falso desde quinta-feira à noite, pois contar tudo para ela foi a primeira coisa que fiz quando cheguei à casa dos meus pais, mas conversar pessoalmente sobre aquela loucura foi diferente. Como ela também precisava de carinho depois de mais uma desilusão com um cara, passar aquela noite juntas ajudou a nós duas.

Assim que atravessamos o campus, eu senti, novamente, os olhares em cima de mim. Pelo menos dessa vez eu estava preparada. Ontem de madrugada, Kim havia entrado no Twitter para saber se já estavam comentando sobre o meu “namoro” com Ray e nos deparamos com vários *tweets*, onde uns acreditavam e muitos duvidavam. A fama de pegador de Raymond King não passava credibilidade alguma para aquele tipo de fofoca, mas por ser um cara conhecido, todo mundo gostava de especular. Não retribuí o olhar de ninguém e me segurei para não dar meia volta e sair correndo dali. Como Kim sabia que eu odiava ser o centro das atenções, caminhou ao meu lado o tempo todo, mesmo a sua aula sendo na *Court of Sciences*, área dos estudantes de ciências em geral.

— Parece que você vai ter cada vez menos motivos para chamar o Ray de babaca — Kim sussurrou em meu ouvido, apontando para frente com o queixo. — Olha quem está te esperando ali na frente do *Royce Hall*.

Meu coração sofreu um solavanco quando meus olhos bateram com King parado em uma das pilastras enormes, com o pé esquerdo escorado nela e os braços fortes cruzados. O jogador gostoso parecia mesmo o rei do lugar, estava muito relaxado e

confiante, usando um *jeans* que abraçava as suas pernas longas e grossas, uma blusa branca que se agarrava aos músculos dos seus braços e a alça de uma mochila preta pendurada no ombro esquerdo. Era um *look* simples, porém, *nada* parecia ficar simples em Raymond.

Ele se desencostou da pilastra quando cheguei mais perto e a maioria dos alunos que estavam por ali o acompanharam com o olhar. Acho que muitos queriam testemunhar o que aconteceria nos próximos minutos, se Raymond passaria por mim como se não me conhecesse, colocando um fim no novo boato sobre nós dois, ou se confirmaria a fofoca que estava rolando solta nas redes sociais. Eu sabia o que ele ia fazer, mas não *como*. Era claro que falaria comigo, mas o que mais ele faria? Apertei a alça da minha bolsa, sentindo as palmas das minhas mãos ficarem suadas, e respirei fundo quando o homem de quase dois metros de altura parou na minha frente. Perdi o fôlego quando seus dedos colaram uma mecha do meu cabelo para trás da orelha.

— Oi, irritadinha.

Eu me recusava a ficar de pernas bambas por causa de duas míseras palavras ditas por aquele homem. Seria humilhante demais.

— Ok, Deus, me dê forças...

— Por quê? Vai desmaiar? — Raymond perguntou, encurtando ainda mais a distância entre nós dois.

— E-eu só pensei alto...

— Eu sei. — Ele abriu um sorrisinho convencido e desceu o polegar pelo meu pescoço. O arrepio que atingiu a minha coluna me fez estremecer. — Você sabe o que eu vou ter que fazer agora, não sabe?

Sua voz era nada mais do que um sussurro. Eu podia imaginar o que os alunos estariam vendo: um casal conversando baixinho, provavelmente falando coisas fofas um para o outro. Ou falando sacanagem. Será que eles podiam sentir a tensão que eu sentia? *Tensão sexual, complete o seu pensamento, Chloe!* Meu Deus, eu queria calar a voz do meu cérebro.

— Eu sei. Só faça logo.

Acabe com essa tortura, quis dizer. Achei que Raymond se aproveitaria do momento e daria logo um beijão na minha boca —

não que eu estivesse ansiosa por isso, porque não estava —, mas ele me pegou de surpresa ao dar um beijo na minha testa. Na. Minha. Testa! Acho que todo mundo ali conseguiu ver a indignação nos meus olhos.

— Isso é sério?

— Está com pressa? — sussurrou ele, seu hálito com um leve cheiro de hortelã tocando a minha bochecha.

— Só me beija logo — pedi, apoiando minhas mãos em sua nuca.

— Suas mãos estão suadas. Você está nervosa, Chloe?

— Estou ficando irritada com você, isso sim.

Raymond gargalhou e desceu uma mão até a base das minhas costas, quase tocando a minha bunda, e colando seu corpo ao meu, a outra, ele infiltrou em meu cabelo e tocou a minha nuca. Cheguei a prender a respiração rapidinho, só para não soltar um gemido involuntário.

— Agora os astros se alinharam. Se você está irritada comigo, é porque estou indo pelo caminho certo.

O filho da mãe resolveu que aquele era um bom momento para não me deixar retrucar e finalmente colou os lábios nos meus. Esperei um beijão — por que eu estava com essa ideia fixa na cabeça, afinal? —, mas Raymond parecia ter PHD em beijos lentos e tortuosos, que me deixavam com a calcinha molhada e uma vontade louca de pedir por mais. Sua língua não encostou na minha, mas seus lábios eram tão sedutores, que eu sentia que poderia ter um orgasmo só com eles descendo pelo meu corpo e indo parar na minha boceta. Ray se afastou lentamente e deixou um beijo de brinde em meu pescoço, antes de passar a língua por ali *na frente de todo mundo*. Ele queria me matar.

— Acho que é o suficiente para eles saberem que eu estou com os quatro pneus arreados por você, não? — sussurrou antes de morder o lóbulo da minha orelha.

— É, a-acho que sim. — Eu estava sem fôlego. Senti o seu sorriso contra a pele fina do meu pescoço e o vislumbrei quando se afastou e tomou a minha mão na sua.

— Vou te deixar na sua sala — avisou.

Eu olhei para o lado, vendo Kim a alguns passos de mim. Ela acenou para Raymond, que a cumprimentou com um sorriso, depois disse um “caralho, sua vadia sortuda!” para mim sem som. Eu só dei de ombros, ainda em choque com o que havia acabado de acontecer ali, deixando-me ser guiada para dentro do prédio por Raymond. Todo mundo olhava para nós dois como se fôssemos celebridades da música pop, mas nem consegui sentir vergonha. O beijo dele... Eu ainda estava presa naquele maldito beijo dele.

— Não acredito que você está sem palavras, Chloe — disse ao meu lado, soltando a minha mão para passar o braço pelos meus ombros.

A nossa diferença de altura era enorme, sendo assim, era quase impossível não me sentir acolhida nos braços dele, mas fiz de tudo para agir de maneira racional.

— Eu sou calada pela manhã.

— Hm... Acho que a gente precisa dormir juntos mais vezes para eu comprovar se isso é verdade ou não. — Uma garota que estava passando ao nosso lado ouviu tudo e eu quis esconder meu rosto no abdome sarado de King. Ele riu baixinho. — Nós somos namorados, Chloe. Namorados transam.

— Fica quieto.

— É uma coisa normal...

— Chegamos na minha sala! — Avisei, saindo debaixo dos seus braços e parando em frente à porta fechada. — Nos vemos mais tarde? Não se esqueça da entrevista.

— Não me esqueci. Vou esperar você do lado de fora do centro de treinamento.

— Tudo bem. A gente pode tomar um café e...

— Por que não vamos para a minha casa? A gente pode conversar com mais privacidade lá.

Eu ponderei a sua proposta. Por um lado, seria bom mesmo ficarmos longe dos olhos das outras pessoas, por outro, seria perigoso ficar sozinha com Raymond. Ele mexia com partes minhas que deveriam permanecer intactas na sua presença.

— Perfeito. — Acabei aceitando, porque eu não era covarde e sabia me controlar. Raymond e eu éramos amigos, eu precisava me lembrar disso. Sua mão tocou a minha e ele deu um passo em

minha direção, até flexionar os joelhos para ficar próximo da minha altura. Por que ele tinha que ter quase dois metros, pelo amor de Deus?

— Namorados se beijam ao se despedir, então...

Ele me puxou de leve pela nuca e tocou os lábios nos meus de novo, mais rápido dessa vez, mas não menos intenso. E sem língua. Parecia que Ray estava mesmo disposto a seguir com todas as regras que, indiretamente, eu estipulei. Dando um passo para trás, ele se afastou e apontou para a direção da escada.

— Minha aula é no segundo andar. Nós podíamos comer juntos depois, o que acha?

— Só porque é o que namorados fazem?

— Porque é o que amigos fazem. — Sorriu para mim, me deixando com o estômago agitado. — Te vejo depois, meu bem.

Deixando um beijo no cantinho da minha boca, Ray passou por mim e eu ainda fiquei alguns segundos parada no mesmo lugar, tentando recuperar um pouco da minha compostura. Foi impossível. Acabei desistindo e entrei na sala de aula.



Raymond: Você fugiu de mim.
Raymond: Não vou perdoar isso, Chloe.

Li as suas mensagens e abri a câmera do meu celular, tirando uma foto do meu notebook aberto.

Eu: Desculpa, estou presa terminando esse trabalho. Até hoje de manhã, eu adorava trabalhos em grupo, agora, posso dizer que odeio. Temos que entregar a atividade amanhã e os integrantes fizeram um serviço de porco. Estou tendo que arrumar tudo, porque não estou a fim de tirar uma nota baixa.

Deixei o celular ao meu lado, com a tela acesa ainda na conversa com Ray e consertei mais um parágrafo. Como aquele pessoal tinha coragem de dizer que queria ser jornalista, quando não sabia redigir um texto? Pior, como conseguiram chegar tão perto da conclusão do curso? Meu celular vibrou e passei um olho na resposta de Ray.

Raymond: Sinto muito, irritadinha. Sendo assim, eu te perdoo. Parece a *Powell Libary* ao fundo da foto. Acertei?

Eu: Sim, sempre venho aqui para estudar, é a biblioteca mais perto da *Royce*.

Raymond: Ok.

Ele não enviou mais nada e eu voltei a ler o texto. Estava com fome e estressada, mas eu era muito certinha com tudo o que dizia respeito à faculdade e não conseguiria ficar em paz até deixar aquele trabalho minimamente apresentável. Donald, um dos integrantes do grupo, ficou responsável pela impressão e eu tinha que entregar o arquivo para ele até às dezesseis horas. Precisava ser mais rápida.

Praticamente reescrevi toda a parte do trabalho que foi feita por Charlie e dei uma olhada nas minhas anotações. O professor Arnold era conhecido por ser muito rígido com a estrutura do texto e a ortografia, ainda bem que sempre fui boa em inglês. Estava prestes a voltar a digitar, quando um copo enorme de *milk-shake* de morango foi depositado na minha frente, junto com um sanduíche de rosbife, o meu preferido. Um gritinho involuntário escapou da minha boca quando Raymond puxou uma cadeira e se sentou ao meu lado.

— Perguntei para Kim o que você gostaria de comer — explicou antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa. Minha barriga roncou sem elegância alguma e King sorriu. — Acho que cheguei na hora certa.

— Minha nossa, Ray! — Empurrei o notebook para longe e ataquei o *milk-shake*, tomando um gole generoso. — Como você adivinhou que eu precisava disso, sendo que nem eu mesma sabia?

— Eu tenho um sexto sentido muito bom. — Ele tirou uma barra de proteína da mochila.

— Esse é o seu almoço?

— Não, eu já almocei. Esse aqui é só um complemento de proteína que eu preciso comer diariamente. — Seus olhos caíram para o meu sanduíche. — Eu adoraria poder me encher de *fast food* com você de novo, mas não posso. Tenho que manter o foco na dieta.

— Você é muito dedicado — falei, dando uma mordida. Ofereci, mas ele recusou. — E muito gentil. Obrigada, sério. Quer dizer, agradecer apenas parece ser muito pouco.

E era mesmo. Uma gentileza inesperada sempre mudava o nosso dia e eu realmente não esperava que Raymond viesse me trazer um lanche. Foi incrível da sua parte.

— Eu pediria um beijo como agradecimento, mas esqueci que agora somos apenas amigos.

— Nós sempre fomos apenas amigos.

— Sim, mas, antes de sábado, eu achava que poderíamos ser algo mais. Tipo, amigos coloridos e tal... — Ele deixou a frase no ar e eu me remexi na cadeira. Longe de Raymond, eu sempre estava muito convicta sobre tudo, mas ao lado dele, minha mente parecia desistir de trabalhar. — Mas tudo bem, nós formamos uma dupla incrível de qualquer jeito, isso é o que importa.

— É isso aí — falei com um sorriso enorme, meio forçado, que logo disfarcei tomando um gole do meu *milk-shake*. — Seu treino começa que horas?

— Ainda tenho dez minutos livre, não me expulse, Davidson.

— Idiota, não ia te expulsar, só fiquei preocupada que tivesse se atrasado por minha causa.

— Ficou preocupada comigo? — O sorriso dele foi de surpresa dessa vez. Se não o conhecesse tão bem, poderia até afirmar que foi um sorriso tímido.

— Sim. Eu sei que não parece, mas gosto de você, King.

— Gosta muito ou pouco?

— Gosto médio.

— Médio? Preciso me esforçar mais. Me fala a sua sobremesa favorita. — Pensei que ele estivesse brincando, mas

quando pegou o celular e abriu o bloco de notas, colocando como título “Coisas favoritas da Chloe”, entendi que era sério. — Me diga.

— Nossa, eu não sei... Eu amo comer, Ray.

— Mas deve ter alguma coisa que seja mais especial do que todas as outras.

Parei um tempo para pensar, mas não demorei muito.

— Chocolate. Qualquer tipo de chocolate, menos aqueles vagabundos com gosto de gordura hidrogenada.

— Certo... — Ele digitou rapidamente. — Parece que vai ser difícil viver ao seu lado. Você só enche a bunda de coisa que eu não posso comer, Chloe.

— Encho a bunda? Que linguajar horrível, Raymond King. Minha sogra com certeza não o criou assim.

Ray gargalhou e um estudante ao fundo fez um “shiu”. A biblioteca era enorme, mas claro que o garoto tinha que se sentar a apenas algumas mesas longe da gente.

— Sua sogra, gostei disso. — Raymond olhou para o relógio no celular e fez uma careta. — Preciso ir, irritadinha. Espero que a comida te dê um gás. Não que você precise, com essa carinha de *nerd*, vai tirar a nota máxima.

— Só vou te perdoar, porque você quis dizer que sou inteligente. E por causa do lanche, claro. Aliás, como conseguiu falar com a Kim?

— Dylan tinha o número dela. Não me pergunte como, mas ele tem o número de praticamente todo mundo dessa faculdade. — Deu de ombros, se levantando. Para a minha surpresa, ele se inclinou em minha direção, apoiando a mão na mesa. Seu braço musculoso e cheio de veias me fez salivar. — Te vejo mais tarde, baby.

Seus lábios encostaram rapidamente nos meus e, em um piscar de olhos, Raymond já estava se afastando. Engoli com certa dificuldade, sentindo meu coração entrar em colapso dentro do peito. Por que eu sentia que o pobre coitado não ficaria em paz enquanto Raymond estivesse em nossas vidas?

20

"Estou com essa sensação, sim, você sabe
Na qual estou perdendo o controle
Porque há mágica nos meus ossos
Estou com essa sensação na alma"

BONES - IMAGINE DRAGONS



Raymond

— Cara, o vídeo do seu beijo e da Chloe já chegou a vinte mil visualizações em um perfil de fofoca da UCLA no Instagram. Viu isso?

— Perfil de fofoca da UCLA? Que merda é essa?

Dylan se aproximou de mim com o seu celular na mão e me mostrou o vídeo. Eu tinha imaginado que algum dos alunos poderia filmar, mas achei que seria apenas para passar o vídeo nos grupos do *WhatsApp,* não para postar dessa forma na internet.

— Criaram esse perfil hoje e já tem quinze mil seguidores. Espalharam o *arroba* do perfil no Twitter. A fofoca agora está se tornando uma coisa mais profissional, sabe?

— As pessoas estão ficando sem-noção, isso sim.

— Você quer mesmo falar sobre noção quando está fingindo que namora a Chloe?

— Cala a boca, babaca! — Mandei, olhando a nossa volta. Estávamos sozinhos na sala de vídeo do centro de treinamento,

mas isso não queria dizer nada. As paredes daquela faculdade tinham ouvidos.

— Só falei a verdade. Agora, fala sério, acha mesmo que vai aguentar ficando dando beijinhos nela e não partir pra ação? Coloca logo em prática o plano de sedução, Ray.

Balancei a cabeça e cruzei os braços. Será que Chloe já tinha visto aquele vídeo? Puta merda, ela ia querer me matar, mas a culpa não era minha. Eu nem sabia que existia a porra de um perfil de fofoca da UCLA nas redes sociais.

— Nunca foi o meu plano seduzi-la, isso soa muito mal, Dylan.

— Eu sei, bobinho, é só uma forma de falar.

— Acho bom — falei, porque Dylan às vezes andava com uns babacas da faculdade e perdia o pouco da noção que tinha. Eu era praticamente a sua rocha para que agisse com o mínimo de civilidade. — Mas, mesmo que eu quisesse seduzi-la, não faria isso. Tivemos uma conversa no sábado e entendi que Chloe é diferente.

— Diferente? Como assim?

— Ela gosta de relacionamento sério e tudo mais e eu não posso dar isso para ela.

Dylan coçou o queixo, pensativo. Achei que ele abriria a boca para falar que tudo aquilo era besteira, que eu poderia dobrar a Chloe, mas ele me surpreendeu.

— Eu deveria ter imaginado isso. Naquela noite no bar, ela simplesmente cagou na sua cabeça, então, é meio lógico que ela não faça o tipo de que gosta de sexo casual.

— Pois é. Ou seja, seremos apenas amigos — falei mais baixo e Dylan riu. — Qual é a graça?

— Cara, depois desse beijo, eu duvido que vocês fiquem nesse lance de amizade por muito tempo.

— Esse beijo não foi nada. Nem língua teve, Dylan.

— E desde quando um beijo precisa ter língua para ser bom? Você estava claramente envolvido, não foi fingimento.

Ainda bem que eu já estava de braços cruzados, assim, ele não poderia falar que eu estava agindo como um menino birrento ao contrariá-lo.

— Eu não estava *tão* envolvido assim.

— Se está negando, é porque estava mais envolvido do que imaginei. Eu te conheço, Ray, aquela garota mexeu com você na noite do bar.

— Claro que mexeu. Chloe é uma mulher linda, qualquer homem ficaria interessado em transar com ela.

— Concordo, mas a forma como você ficou, prova que ela te tocou de um jeito diferente. Eu não sou o cara mais inteligente do mundo nem entendo muito de sentimentos, mas você ficou com a Chloe na cabeça desde aquela noite e, depois disso, a garota continuou aparecendo no seu caminho. Acho que isso é um sinal, Ray.

— Sinal? De quê?

— De que, provavelmente, vocês serão mais do que amigos.

— Eu queria que fôssemos mais do que simples amigos mesmo, mas não vai rolar, Dylan.

— Posso dar a minha opinião?

— Você vai dar de qualquer maneira.

— Para mim, duas coisas podem acontecer entre vocês nas próximas semanas: ou ela vai desistir dessa história de relacionamento sério e vai transar com você ou *você* vai desistir de se manter distante de relacionamentos e vai começar a namorar com ela de verdade.

Eu o olhei por um momento e tentei enxergar o meu melhor amigo, pois aquele na minha frente não poderia ser o Dylan que eu conhecia desde o início da faculdade. A não ser que ele estivesse zoando com a minha cara.

— Isso é sério?

— Claro que é serio.

— Quem é você e o que fez com o Dylan? Porque o meu melhor amigo jamais falaria algo assim para mim. Ele me conhece.

— Justamente por te conhecer, é que sei do que estou falando. É fácil enganar a UCLA inteira com esse papinho de que é um pegador, quando se recusa a passar mais do que uma noite ao lado de uma garota, agora, tendo que *conviver* com uma delas? E sendo essa garota toda geniosa como essa tal de Chloe aparentemente é? Eu duvido que você consiga se manter indiferente.

Que baboseira. Dylan não sabia do que estava falando. Apesar de também querer seguir para o basquete profissional depois da faculdade, Dylan não pensava como eu. Ele já havia tido sua cota de namoradas na vida, seu último relacionamento havia terminado ano passado e ele sabia equilibrar os dois lados da sua vida muito bem. Eu não queria soar como um babaca, mas, quando seus pais eram ricos, era fácil não se preocupar muito com o futuro que você teria que construir. Se Dylan não desse certo no basquete, ele teria a empresa do pai para se tornar um diretor executivo ou qualquer coisa do tipo. Já eu, não saberia o que fazer da minha vida.

Estudava Sociologia, porque era um curso que sempre me atraiu. Eu gostava de aprender sobre o convívio em sociedade e as relações humanas e sociais, mas sabia que não era um diploma que me abriria muitas portas, caso a minha carreira no basquete não desse certo, por isso, eu me esforçava em dobro para me destacar, para ser o melhor e não gostava de nada que pudesse tirar o meu foco.

— Eu tenho um objetivo, Dylan, você sabe disso. Quero me tornar um atleta profissional e dar uma vida melhor para mim e para a minha família, por isso, abri mão de muita coisa desde muito jovem. Não sei se eu seria capaz de mudar tudo isso só por causa de uma garota.

— Você nunca se apaixonou, meu amigo, então, não pode afirmar algo assim — disse ele. — E eu não acho que ter uma garota ao seu lado vai atrapalhar tanto assim os seus planos. Você está no final da faculdade, Ray...

— Exatamente. Vou me formar e ser *draftado*, posso parar em qualquer time profissional de basquete e ter que me mudar para o outro lado do país, enquanto isso, Chloe vai se formar em Jornalismo e, provavelmente, vai continuar por aqui depois que arrumar um emprego. Um namoro jamais daria certo.

Por que mesmo eu estava pensando sobre aquilo? Dylan estava dando um nó na minha cabeça.

— Se você continuar com esse pensamento, não vai dar certo mesmo.

— Mas eu não quero namorar com ela, Dylan. Para de ficar enchendo meus ouvidos com essa merda.

— Ok, não vou falar mais nada. — Prometeu, erguendo as mãos em rendição. — Mas vocês formam um casal bonito e têm química. Só mantenha isso em mente.

Graças a Deus o técnico Brown entrou na sala de vídeo naquele momento, acompanhado pelos outros jogadores, tanto os titulares quanto os reservas. Observei Logan surgir logo atrás de Adrian e fiz uma careta. A antipatia que eu sentia pelo cara havia alcançado um nível estratosférico desde o jogo de sábado. Ele encontrou o meu olhar e ergueu o queixo, quase que me desafiando a sair da poltrona e dar um outro tapinha amigável em seu rosto, mas não caí na sua provocação.

O que havia acontecido no vestiário, não iria se repetir. Eu não queria ser conhecido como o jogador que metia a porrada em seus companheiros de time, pois isso só sujaria a minha imagem para os times profissionais. Nenhuma liga de basquete queria assinar contrato com um atleta rebelde e violento e não seria Logan que conseguiria macular o currículo que eu vinha construindo desde a adolescência.

O técnico Brown começou a falar depois que os jogadores se sentaram e eu foquei minha atenção nele, deixando Logan, Chloe e a conversa com Dylan, de fora dos meus pensamentos.



A irritadinha já estava me esperando encostada em meu carro quando saí do centro de treinamento. Distraída, Chloe mexia no celular e nem tinha me visto, o que deu tempo para que Dylan desse um cutucão em minha costela.

— Ainda bem que vim com o meu carro hoje, hein. Deus me livre ficar de vela entre você e a sua garota.

— Ela não é a minha... — Parei de falar antes de concluir a frase. Quer saber? Chloe era minha sim, pelo menos por enquanto e de mentirinha. Era bom ter isso em mente, para manter qualquer babaca longe dela. — É só amizade, Dylan.

— Eu sei, eu sei, você já disse isso mil vezes. — Ele revirou os olhos. — Por que ela está esperando por você?

— Ela vai lá para casa comigo. Tenho que dar a entrevista para ela, esqueceu?

— Hm... Interessante essa história de entrevista, né? É tipo o destino conspirando para manter vocês dois juntos.

Eu só suspirei, porque não podia contrariar aquilo. Apesar de não acreditar muito em destino e tudo mais, tinha que admitir que era bem estranho tudo o que vinha acontecendo nas últimas semanas. Parecia que algo maior queria fazer com que Chloe e eu ficássemos lado a lado. Ela ergueu a cabeça quando sentiu que era alvo do meu olhar e eu me aproximei com Dylan em meu encalço. Só naquele momento me lembrei que ainda não havia apresentado os dois oficialmente.

— Ei, irritadinha. — Merda. O olhar com as sobrancelhas arqueadas que Dylan me deu me fez ter a certeza de que ele zoaria com a minha cara quando estivéssemos sozinhos por causa daquele apelido. Dei um beijo em seu rosto e apontei para o babaca ao meu lado. — Esse é Dylan, o idiota mais conhecido como meu melhor amigo. Dylan, essa é Chloe, minha namorada de mentirinha.

Porra, era tão patético falar aquilo em voz alta, que nem pude brigar com Dylan por ter começado a rir. Por sorte, Chloe sorriu de volta.

— Eu sei, tudo isso é bem surreal — Chloe disse antes que Dylan pudesse falar alguma coisa. — Mas o que eu posso fazer se o seu melhor amigo não sabe mais viver sem mim?

— Puta merda, garota, gostei de você! Zoar com a cara do Ray também é o seu novo esporte favorito?

— Com certeza.

— Então, agora nós dois seremos melhores amigos — Dylan disse, estendendo a mão para Chloe, que logo a apertou. — Prometo te contar todos os podres do Ray para você ter mais munição contra ele.

— Eu vou adorar!

— Podem parar de conspirar contra mim, por favor? Dylan, e toda aquela história de união masculina? Você enfiou no cu?

— Cara, que boca suja, respeita a Chloe! — Ele brigou comigo. Repetindo, aquele idiota sem-noção, que vivia falando merda, *brigou comigo*.

— Infelizmente, eu já estou me acostumando com esse linguajar do Ray.

— Ele é assim, tem a boca mais suja do que uma privada.

— E eu estou tendo que beijar a boca dele. — Chloe fez uma careta e Dylan a imitou.

— Que droga, Chloe... E todo mundo testemunhou esse ato nojento hoje. Sinto muito por você.

— Você viu o vídeo? — ela questionou e Dylan assentiu.

— Todo mundo viu o vídeo, gatinha.

Gatinha? Que porra era aquela?

— Ok, já chega. Estou arrependido por ter apresentado vocês dois.

— Não fique com ciúmes, bobinho. — Dylan apertou a minha bochecha e Chloe riu. — Vou deixar vocês dois em paz. Gosta de pizza, Chloe?

— Adoro.

— Ótimo, vai ser o nosso lanche mais tarde. Eu precisava mesmo de uma desculpa para fugir da dieta hoje. — O babaca piscou para ela e se afastou, indo até o seu Audi que estava estacionado a alguns metros a frente.

— Não sabia que Dylan era tão legal.

— Não acredite nessa versão que ele apresentou a você. No fundo, ele é um idiota.

— Tadinho, não fala dessa forma dele.

Eu fiquei chocado com aquela defesa, mas, no fundo, gostei. Era bom saber que Chloe e o meu melhor amigo tinham se dado bem. Abri a porta do carro para ela e, depois que se acomodou ao banco do carona, dei a volta e ocupei o lugar do motorista.

— Então, você viu o vídeo... Como está se sentindo? — perguntei enquanto colocava o carro em movimento.

— Sinceramente? Eu estou bem. Achei que ficaria assustada quando Kim me enviou o *link* do perfil pelo *WhatsApp*, mas acho que eu já esperava que tivessem gravado tudo para colocar na internet, então, não foi uma surpresa.

— Eu sinto muito por isso, não era a minha intenção que você fosse exposta daquela maneira.

— A culpa não é sua, Ray.

— Só filmaram, porque gostam de falar da minha vida, Chloe.

— Você disse bem, *filmaram*. Não foi você que gravou o beijo e colocou na internet, então, a culpa não é sua. Eu estou bem, sério.

Olhei em seus olhos por alguns segundos, só para me certificar de que estava sendo sincera, e fiquei aliviado ao perceber que sim. Decidi mudar de assunto:

— Conseguiu finalizar o trabalho?

— Sim! Graças a Deus estou no fim da faculdade, sabe? Porque não conseguiria passar por uma situação assim de novo.

— Foi a primeira vez que se deu mal em um trabalho em grupo?

— Sim. Agora eu entendo por que todo mundo odeia esse tipo de atividade.

— Você deu sorte. A maioria dos meus trabalhos em grupo foi uma merda. Não entendo como esses babacas não conseguem ter responsabilidade com um trabalho acadêmico. Imagina o tipo de profissional que serão.

— Foi o que me questionei hoje — disse ela em um suspiro. — Mas como foi para você conciliar sua carreira com o estudo?

— Essa pergunta já faz parte da entrevista?

Chloe sorriu e deu de ombros.

— Não fazia, mas agora faz.

Gostei de ouvir aquilo, significava que ela realmente estava interessada em me conhecer e não apenas em coletar informações para a matéria que precisaria escrever sobre mim.

— Foi uma loucura, de verdade. No Ensino Médio era mais fácil, mas na faculdade, a cobrança se torna mil vezes maior, principalmente quando você ganha uma bolsa de estudos. Eu preciso manter minhas notas altas para poder continuar a jogar basquete, então, nunca pude vacilar. Já passei muitas noites acordado para fazer um trabalho ou estudar para provas, mesmo tendo que acordar cedo para ir para a academia no dia seguinte e sabendo que não poderia descansar à tarde, pois tinha treino com o time... Enfim, não foi fácil e ainda não é.

— Nunca parei para pensar em como um atleta precisava se dedicar ao time e à faculdade... Agora estou me sentindo um pouco idiota.

— Por quê?

— Porque é fácil esquecer que vocês são estudantes. As pessoas focam apenas no *glamour* e no *status* que vocês carregam e espalham isso pelo campus, então, uma pessoa como eu, que nunca se importou muito com esportes, acaba colocando todos os jogadores no mesmo molde.

— Eu disse que não caibo em uma caixinha, lembra?

— Sim, eu me lembro, e sinto muito por ter feito isso com você.

— Tudo bem. Está sendo bom ver você mudando de opinião a meu respeito.

— Tradução: está sendo bom me ver quebrar a cara. Vai, pode falar isso, eu sei que é o que você quer.

Eu gargalhei e estacionei o carro em frente à minha casa, vendo Chloe rir baixinho.

— É isso mesmo, estou adorando ver você quebrar a cara, irritadinha. Satisfeita?

— Não, mas posso conviver com isso.

Senti vontade de apertar aquele queixo empinado que ela tinha, mas me contive e avisei que havíamos chegado. Encontrei com ela na calçada depois de sairmos do carro e vi a surpresa em seus olhos.

— Que casarão!

— Pois é. Moro aqui com Dylan e Ryan, nós dividimos as contas, mas os pais do Dylan pagam uma parte maior do aluguel.

— Eles são ricos?

— Sim. Têm uma empresa de engenharia automotiva, que vem passando de geração em geração, ou seja, Dylan é um herdeiro milionário.

— Deveria imaginar pelo carrão dele — comentou ela enquanto passávamos pela porta da sala.

A casa estava vazia, pois Ryan tinha ido direto para o Thommy's encontrar uma garota que conheceu no Tinder e Dylan precisou encontrar dois colegas de curso para discutirem sobre um

trabalho acadêmico. Apresentei os cômodos de baixo para Chloe, que consistiam na sala de estar, de jantar e a cozinha, e a levei para o andar de cima até o meu quarto. Ela sorriu assim que viu uma foto minha e de Eliot na minha mesinha de cabeceira.

— Nós nos falamos hoje! — Chloe anunciou, pegando o porta-retratos.

— Como assim? Nem eu falei com o meu sobrinho hoje, Chloe.

— Não tente me enganar, Eliot me contou que vocês só se falam à noite.

— Não acredito que Eliot já está contando todos os nossos segredos assim.

— Você sabe que ele me ama — disse ela, virando-se para mim. — Ele ligou no final da tarde e conversamos por alguns minutos. Como eu adoro o seu sobrinho, Ray! Eliot é um amor de menino.

— Ele é o melhor — falei, tocando no rosto dele na foto que ela ainda segurava. — Mas você não vai roubá-lo de mim.

— Já roubei.

— Nem pensar, o moleque é só meu.

— Não seja egoísta. — Ela deu um empurrãozinho no meu peito enquanto ria, me fazendo sorrir também.

— Tudo bem, eu o divido com você, porque sei que Eliot é um espertinho e não vai querer te largar.

Joguei-me de costas na cama e me apoiei nos cotovelos para poder olhar para Chloe. Aquele ângulo era fantástico. Ela usava uma calça *jeans* preta, tênis *All Star* da mesma cor e uma blusinha rosa de meia manga que deixava um pouco de decote à mostra. Se rolasse algo mais entre nós dois, pediria para ela montar em minhas coxas até se encaixar no meu pau, mas logo tirei aquela ideia da minha cabeça, porque éramos apenas *amigos*.

— Ele se parece com você — disse de repente, enquanto voltava a colocar o porta-retratos no lugar. Um segundo depois, ela já estava acomodada na minha cama, sentada ao meu lado, mas de frente para mim.

— Pode falar que ele é lindo como o tio.

— Ele é lindo mesmo, já você...

— Você sabe que, ao admitir que ele se aparece comigo e afirmar que ele é lindo, automaticamente, você está falando que eu sou lindo, gostoso e irresistível também, né?

Chloe riu e se deitou de lado na cama, apoiando o cotovelo no colchão e o rosto em sua mão.

— Você nunca sofreu com baixa autoestima na vida, pode admitir, King.

Eu fiquei alguns segundos em silêncio e voltei a me deitar, colocando meus braços atrás da minha cabeça.

— Queria falar que sim, mas, a verdade, é que não.

— Como assim? — O tom de Chloe ficou mais sério.

— Quando criança, minha família passava por muita dificuldade financeira. Meu pai não pôde ir para a faculdade nem minha mãe, então, eles sempre arrumavam empregos que pagavam pouco. As crianças da escola onde eu estudava sabiam disso e, ainda que a família da maior parte delas também não tivessem uma vida financeira estável, algumas faziam *bullying* comigo, principalmente quando eu falava que, um dia, me tornaria um grande jogador de basquete.

— Nossa, Ray... Eu não podia imaginar.

— Está tudo bem. Meu pai sempre me ensinou a ser forte e não me deixar abalar com as piadinhas que faziam, ele, mais do que qualquer outra pessoa, sempre acreditou em mim e me incentivou. Dizia que eu rebatia qualquer comentário ruim com o meu talento. — Sorri um pouco ao me lembrar das palavras do meu pai. — Eu acreditava nele, mesmo nos dias mais difíceis.

— Difíceis como? Eles batiam em você?

— Depois de um tempo, quando viram que eu não abaixava a cabeça para as piadinhas que faziam, começaram a me bater, sim, mas eu sempre revidei. Nunca apanhei calado, Chloe.

— E você fez bem. Valentões desse tipo não têm coragem de mexer com quem revida as merdas que eles fazem.

— Exatamente. Quando perceberam que eu não ficaria quieto, finalmente me deixaram em paz, mas minha vida só melhorou de verdade quando consegui uma bolsa para uma boa escola no Ensino Médio. Foi lá que comecei a jogar basquete de verdade e foi onde consegui chamar a atenção de diversas

faculdades. Optei pela UCLA porque era a mais próxima da casa dos meus pais. Não queria ficar longe deles e do Eliot.

— O fato de você ser apegado a sua família é tão bonito. Não conheço muitas pessoas que são assim.

— Meus pais lutaram muito por mim e pela minha irmã, o mínimo que posso fazer, é retribuir tudo o que já fizeram por nós dois. Sei que ainda não sou capaz de dar muito a eles, mas, um dia, eu vou.

— Você já dá muito orgulho a eles, Ray — disse ela, passando a mão pelos meus cabelos. Porra, eu adorava ser tocado por aquela garota.

— É fácil conversar com você, sabia?

— Sério?

— Sim. Não sei se percebeu, mas acabei de contar uma boa parte da minha vida para você, irritadinha. Acho que já tem um bom material para começar a sua matéria.

Seus olhos se iluminaram e Chloe se sentou na cama. Uma pena que sua mão saiu do meu cabelo, eu estava gostando tanto...

— Posso mesmo escrever tudo o que me contou aqui?

— Claro. Eu sei que você precisa escrever sobre a minha história, a Sra. Silverstone me explicou como funcionaria o trabalho.

— Exatamente. Nossa, Ray, prometo que vou dar o meu melhor! Eu... Gosto de escrever, juro que vou respeitar cada detalhe que me contou.

— Imaginei que você gostasse de escrever, afinal, faz Jornalismo.

— Não se engane. Nem todo jornalista gosta de escrever, percebi isso quando precisei arrumar aquele trabalho em grupo hoje. — Ela bufou, cruzando os braços. Gostava de vê-la toda estressadinha, mas não por causa de alguns babacas da sua turma.

— Não fique assim, o que importa, é que você conseguiu arrumar a bagunça deles e que vai tirar a nota máxima — falei, esticando meu braço para tocar o seu joelho.

— A nota máxima eu não garanto, mas espero pelo menos não tirar uma nota baixa.

— Tenho certeza de que vai arrasar — falei, me levantando. — Vou lá embaixo pegar alguma coisa pra gente beber, ok?

— Tudo bem, vou pegar o meu notebook e tentar começar a sua matéria.

Observei-a ir até a sua bolsa, que ela havia pendurado no gancho atrás da minha porta. Foi inevitável não olhar para a sua bunda empinada dentro daquela calça. Quando meu pau se agitou, entendi que era melhor mesmo que eu descesse e pegasse algo para beber, de preferência, bem gelado.

21

"Tentar não te amar, só é possível até certo ponto
Tentar não precisar de você, está acabando
comigo"

TRYING NOT TO LOVE YOU - NICKELBACK



Chloe

Eu não estava preparada para vislumbrar um Raymond vulnerável. Foi dessa forma que o vi enquanto me contava parte da sua infância e como sua época na escola foi difícil. Sozinha em seu quarto, com o Word aberto em meu notebook, eu tentava ainda me recuperar do impacto que seu olhar triste e distante me causou. Era óbvio que as lembranças o machucavam de certa forma, mas ele era forte e lutava diariamente para provar para si mesmo e para todos aqueles que um dia o perturbaram, que ele chegaria ao topo, o lugar onde sempre sonhou estar.

Gostaria muito de poder começar aquela matéria escrevendo que os alunos da sua escola eram idiotas e que eu torcia para que o universo estivesse devolvendo a eles tudo o que um dia causaram a outras pessoas, mas eu tinha que deixar os meus sentimentos de lado naquele momento e ser profissional, por isso, comecei repassando cada detalhe que me lembrava da minha conversa com Raymond para, depois, tirar daquele rascunho detalhes que

colocaria na matéria. Seria interessante que na nossa próxima conversa, eu me lembrasse de ligar o gravador do meu celular.

O problema, era que com Raymond a entrevista sequer havia acontecido de fato. Nós conversamos, simples assim e, se ele achava que era fácil conversar comigo, eu tinha que admitir que era mais fácil ainda conversar com ele. Raymond era descrito pelo campus como um cara vazio, que só queria jogar basquete e trepar — inclusive, escrevi essa frase no Word para poder puxar um gancho dali e abordar como as pessoas tinham uma visão deturpada sobre ele —, mas ele era muito mais do que isso. Era um homem sensível, que amava e valorizava muito a família, que tinha um objetivo e lutava por ele porque queria mudar a sua vida e a vida das pessoas a sua volta.

Era muito mais do que uma questão de ego, ele não queria ser o melhor apenas para ser visto e aclamado, ele queria ser o melhor porque isso significaria que ele tinha chegado ao topo, lugar onde muitos achavam que ele não tinha capacidade de alcançar.

Parei por um momento, percebendo que eu já havia escrito quase seiscentas palavras naqueles poucos minutos. Percebi que o texto estava confuso, pois acabei transcrevendo o nosso diálogo seguido por parágrafos mais longos, onde eu narrava os meus pensamentos. Claro que o texto real não ficaria daquele jeito, mas gostei de trabalhar daquela forma, pois, apesar de ter que me manter distante sentimentalmente para poder escrever aquela matéria, um bom jornalista tinha que passar sentimentos no texto. Era um trabalho complexo, mas que parte de mim adorava.

Escrever, pura e simplesmente, era o que eu mais gostava de fazer, por isso que Jornalismo foi a minha primeira opção de curso. Eu estaria em contato com o texto de uma forma ou de outra.

— Sei que é segunda-feira, mas, os meninos acabaram de chegar com uma pizza gigante e um *pack* de cerveja — Raymond disse, entrando no quarto com as mãos vazias. — Acho melhor a gente descer logo, ou eles vão comer e beber tudo sozinhos em minutos.

— Impossível — falei, salvando o arquivo e fechando o notebook.

— Nunca duvide da capacidade daqueles dois, eles poderiam devorar um elefante.

— Credo! — Apesar do exemplo ridículo, eu ri. — Tudo bem, vamos logo. Estou mesmo com fome, só comi aquele sanduíche que você levou.

— O que seria da sua vida sem mim? — questionou ele, me fazendo revirar os olhos, mas sem conseguir tirar o sorriso do meu rosto. Raymond me deixava meio boba. Senti suas mãos em meus ombros antes de me deixar chegar à porta do seu quarto. — Antes de descermos, preciso avisar que Ryan não sabe que o nosso namoro é de mentira, então, vamos ter que agir como um casal lá embaixo.

Meu estômago ficou gelado automaticamente. Eu não sabia me portar direito como a *namorada* de Raymond, porque isso queria dizer que eu teria que tocá-lo e ser tocada por ele, provavelmente ser beijada por ele e receber aquele seu olhar intenso, o mesmo que havia me dado naquela manhã. O filho da mãe era um bom ator, já eu, era péssima.

— Tudo bem.

Ray sorriu de lado e eu podia jurar que soltaria alguma piadinha infame, mas acabou se segurando e se manteve calado. De mãos dadas, saímos do seu quarto e fomos para o primeiro andar, onde os meninos conversavam em voz alta, disputando com o volume da televisão. Observei a reação dos dois assim que nos viram. Dylan nos deu um sorrisinho que logo identifiquei que tinha segundas intenções e o outro, um homem negro, absurdamente alto e forte, que só poderia ser o Ryan, parou com a pizza a caminho da boca, parecendo assustado.

— Raymond, você não disse que ia trazer a sua namorada para casa hoje à noite, cara — disse ele, abaixando a pizza.

— E por que eu precisava te falar? — Ray perguntou, me levando pela mão até o sofá vazio.

— Porque eu teria esperado por ela para comer. — Ryan se dirigiu a mim. — Agora você deve estar achando que eu sou um troglodita.

— Mas você é um troglodita — Dylan concluiu e Raymond riu ao meu lado.

— Idiota, cala a boca...

— Ei, vocês podem fingir que são civilizados enquanto Chloe está aqui? — Raymond pediu, passando um braço pelo meu ombro. Ele acariciou a minha pele com o polegar e eu lutei para conter o arrepio que quis me dominar. Foi inútil, claro. — Baby, aquele é Ryan, o troglodita. Ryan, essa é a minha garota, Chloe.

— É um prazer te conhecer, Chloe, apesar de já ter ouvido falar muito sobre você.

— É um prazer te conhecer também, Ryan. E não acredite no que ouviu sobre mim por aí.

— Ah, eu não acreditei, pode deixar. Sou bom em filtrar certos comentários — disse, dando uma mordida na pizza.

— Você não estava em um encontro? O que aconteceu para que voltasse tão cedo? — Ray perguntou.

— Como você é enxerido — comentei, ouvindo a risada dos outros dois homens na sala.

— Todo mundo aqui é fofoqueiro, Chloe — Dylan admitiu. — Agora conta sobre o seu encontro desastroso, Ryan.

Ryan soltou um suspiro de pesar, mas pude ver que grande parte da sua expressão era fingimento. Além de jogador, parecia que Ryan também era um bom ator.

— A garota passou o tempo todo falando do ex.

— Porra, que merda, cara — Ray lamentou.

— Pior não foi isso. Ela *chorou*. Que tipo de pessoa marca um encontro para ficar chorando sobre o ex?

— Isso acontece com certa frequência. As meninas da Alpha às vezes têm uns encontros bizarros assim. Homem também gosta de chorar com dor de cotovelo — falei e Dylan ergueu a cerveja em minha direção.

— Não disse que todo mundo aqui é fofoqueiro? — salientou e percebi que eu havia acabado de confirmar a sua teoria, porque tinha mesmo feito uma fofoca.

— Por favor, que essa informação não saia daqui. Não quero que fiquem falando sobre as meninas no campus, elas são incríveis — pedi enquanto Ray me dava um pedaço da pizza. Nossa, o queijo estava derretendo!

— Não somos fofoqueiros nesse nível — Ray disse, dando uma mordida em sua pizza. Como um homem podia ficar sexy enquanto comia pizza?

— Não mesmo, mas gostei de saber disso. Significa que as meninas da Alpha precisam sair com caras de verdade e, veja só, eu sou um deles! — Dylan apontou para si mesmo, me fazendo rir.

— Elas gostam de jogadores — falei.

— Gata, quem é que não gosta de jogadores? — Ryan perguntou.

— A Chloe não gostava muito, mas já mudou de opinião, não é, amor? — Raymond perguntou e eu senti a pressão com aqueles três pares de olhos sobre mim.

— Não sei... Talvez, se você me der um outro pedaço de pizza, posso falar o que você quer ouvir.

Raymond gargalhou e os meninos o seguiram, enquanto eu ria baixinho, me sentindo diferente. Nunca pensei que um dia eu estaria em uma casa onde só moravam atletas, comendo pizza e conversando com eles e, o mais surreal, *gostando* de tudo isso. Como um dia eu pude acreditar que jogadores eram caras metidos e arrogantes? Pelo menos aqueles três que estavam ali eram incríveis.

— Agora eu entendo por que Ray mudou aquele discurso de que jamais iria namorar enquanto estivesse na faculdade e se apaixonou por você, Chloe — Ryan disse, me surpreendendo. — Mas, me conta uma coisa, como esse babaca conseguiu conquistar uma garota linda como você?

Raymond ergueu o dedo do meio para Ryan e eu dei um tapinha em sua mão. Ele aproveitou para se desvencilhar de mim e pegar mais um pedaço de pizza para nós dois.

— Ele lutou muito, tenho que confessar — falei antes de dar uma mordida.

— Mentira, ela caiu na minha muito fácil.

Dylan riu alto e tomou um gole da cerveja, chamando a nossa atenção.

— Fala sério, você que ficou rendido primeiro, tanto que deu para ela dois ingressos para assistir ao nosso jogo.

— Ele fez isso? — Ryan perguntou e Dylan assentiu. — É, cara, você se rendeu primeiro.

— A gente precisa lutar com as armas que tem na hora da conquista. — Raymond me olhou enquanto enfiava o último pedaço de pizza na boca. Eu ainda estava na metade do meu. — E foi me vendo jogar que ela se apaixonou.

— É o poder do basquete, cara, ele une as pessoas — Ryan disse, acreditando naquela historinha fajuta. Por fim, ergueu a cerveja e disse: — Um brinde ao casal.

— Espera aí, deixa eu pegar uma cerveja para eles dois — Dylan pediu, saindo da sala.

— Você bebe cerveja, não é? — Raymond perguntou e Ryan fez um muxoxo.

— Como você não sabe se a sua mina gosta de cerveja ou não, Ray? Que namorado péssimo você é!

— Mas eu sei o sanduíche favorito dela. Inclusive, comprei um chocolate para você, mas esqueci de te dar.

— Jura? — perguntei. Que fofo. Pelo amor de Deus, Raymond precisava parar de fazer aquelas coisas, porque o meu coração não sabia separar ficção de realidade.

— É verdade, está na minha mochila. Comprei quando saí da biblioteca.

— É isso aí, Ray, tem que mimar mesmo a sua garota.

Eu sorri e fiz algo impensável: me estiquei e dei um beijo rápido em seus lábios. A surpresa de Raymond foi tão grande, que ele nem conseguiu retribuir e aquilo me deixou mais animada ainda. Ele vivia me pegando desprevenida, era bom fazer o mesmo que ele, melhor ainda, era poder beijá-lo usando a desculpa do namoro de mentirinha. Aquilo era o que uma namorada fazia quando recebia um presente do namorado. Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Dylan voltou com duas *long necks* e nos entregou.

— Ao casal! Que seja um namoro duradouro e que eles me chamem para ser o padrinho do casamento e do bebê.

— Ei, eu quero ser o padrinho também — Ryan rebateu.

— Pode ser do casamento, mas do bebê vai ser eu.

— Nem pensar, eu sou muito mais legal com criança do que você.

— Eu tenho um irmão mais novo, idiota, sabe o que isso quer dizer? Que eu tenho experiência com crianças...

— Gostei do beijo — Raymond sussurrou em meu ouvido, me fazendo dar um pulinho no sofá enquanto os outros dois ainda discutiam. Seu nariz passou pela minha orelha, quase descendo pelo meu pescoço, me fazendo estremecer. — Só achei que foi muito rápido.

— Foi só para agradecer pelo chocolate e pelo lanche que me levou hoje.

— Então eu só preciso te alimentar para receber um beijo? Nunca pensei que você fosse tão fácil, irritadinha. — Ele riu quando dei um soquinho em seu abdome duro. *Muito duro*. — O que eu preciso fazer para ganhar um beijo de língua?

— Raymond...

— O que foi? Agora eu estou curioso.

— Nós somos amigos. — Lembrei, sem muita convicção. Por fim, acabei confessando. — Achei que você ia me beijar de língua hoje de manhã.

— Verdade?

— Sim. — Encontrei o seu olhar e precisei morder meu lábio para não fraquejar ainda mais.

Chloe, vai com calma. Se você se envolver com esse cara, ele vai passar por cima de você como um rolo compressor e deixará só migalhas do seu coração para trás. Raymond não é do tipo que namora!

— Então, você quer um beijo de língua meu, Chloe? — Eu não respondi, porque estava rolando uma briga entre a minha mente e o meu coração idiota, que só faltava escapar da caixa torácica de tão acelerado que estava. — Se realmente quiser, é só me pedir, e eu dou.

Olhei para Raymond um pouco chocada. Aquilo era sério? Ao ver o sorriso convencido em seus lábios e aquele olhar maroto, eu soube que sim. Como ele era... Insuportável!

— Eu nunca vou te pedir um beijo de língua! — sussurrei indignada, mas queria gritar para passar mais convicção.

— Tem certeza? — Ele ainda estava com aquele sorrisinho convencido.

— Claro que sim! Não vou alimentar o seu ego enorme, Raymond King.

— Opa, está rolando briga? — Ryan perguntou. Merda, acho que eu tinha falado alto demais.

— Não.

— Sim. — Raymond respondeu ao mesmo tempo que eu, voltando a passar o braço pelos meus ombros, muito relaxado. — Neguei um beijo a ela e Chloe ficou brava.

— Não foi nada disso — falei, sentindo meu rosto ficar quente de irritação. — O amigo de vocês é um idiota!

— A gente sabe disso, Chloe. Estamos do seu lado — Dylan disse. — Mas podemos fazer um brinde a vocês dois ou não?

Eu queria dizer que não, principalmente porque Dylan sabia a verdade, mas acabei aceitando, pois queria beber logo a cerveja e tentar me acalmar um pouco. Dylan e Ryan pareciam já ter esquecido a discussão sobre serem padrinhos de um casamento e de um bebê que não existiriam, e logo começaram a conversar sobre o jogo que estava passando na TV. Ray riu baixinho ao meu lado, dando um beijo em minha bochecha.

— Eu amo ver você toda irritadinha assim.

— Você é um chato.

— Não diga isso, ou não vou te dar o chocolate que comprei.

— Chantagem com comida não vale, King.

— Vale sim. — Ele tocou em meu queixo e ergueu meu rosto até olhar em meus olhos. — E eu falei sério sobre o beijo. Não sei se percebeu, mas é você quem me guia a cada passo que eu dou em relação a nós dois e isso nunca vai mudar.

Ai, meu Deus.

Meu Deus do céu.

Raymond simplesmente não tinha o direito de falar aquilo! Dei mais um gole na cerveja para tentar me acalmar, mas não adiantou de nada. Eu estava ficando perdida nas mãos daquele homem.

22

"Pegue minha mão, meu coração e alma
E eu só terei olhos pra você
E você sabe, tudo muda mas
Vamos virar estranhos se nós dois
continuarmos desse jeito"

ONE - ED SHEERAN





Raymond

Estacionei em frente à mansão da Alpha, me dando conta de que aquela era a primeira vez que eu via o lugar tão calmo. Geralmente, só visitava a fraternidade quando tinha alguma festa e a quantidade sempre exorbitante de pessoas não deixava muito espaço para que apreciássemos a arquitetura da mansão. Era mesmo muito bonita, mas não parecia combinar muito com Chloe. As meninas da Alpha tinham sobrenomes importantes, eram populares na faculdade, sempre engajadas em algum projeto social e famosas por terem passe livre em todas as festas. Chloe era muito reservada para fazer parte daquele estilo de vida.

— Posso fazer uma pergunta? — pedi enquanto ela tirava o cinto de segurança. Percebi que Chloe sempre usava o cinto, não importava a distância que iríamos percorrer.

— Claro. Quer dizer, contanto que não seja nada constrangedor, tipo, a cor da minha calcinha. — Deu de ombros, me fazendo rir.

Chloe era uma caixinha de surpresas. Do nada, ela soltava umas bombas no meu colo e eu que lutasse para lidar com elas.

— Ok, prefiro descobrir sozinho. Não hoje, é claro — acrescentei, vendo-a revirar os olhos. Apesar da reação exagerada, ela sorria.

— Você é muito convencido, King.

— Você precisa arrumar outras verdades para esfregar na minha cara, Chloe. Está se tornando repetitiva.

— Você também é um grande gostoso. — O quê? Aquilo, sim, era novidade. — Mas não vale nada.

Fiquei em choque por alguns segundos, tentando entender o que estava acontecendo com aquela garota. Chloe era sempre tão controlada... Foi então que eu entendi. Ela havia tomado quatro cervejas conosco e, pelas suas pálpebras levemente pesadas e o sorriso que não saía dos seus lábios, tinha certeza de que Chloe estava um pouco embriagada. Era uma merda que a irritadinha ficasse linda até mesmo quando estava mais ou menos bêbada.

— Vou te dar mais cerveja no nosso próximo encontro. Você fica soltinha quando está bêbada.

— Não estou bêbada. — Se defendeu, erguendo as mãos e fazendo um biquinho, que morri de vontade de beijar. — Só um pouco tonta. O que tinha naquela cerveja?

— Nada que vai te fazer morrer de ressaca amanhã, então, fique tranquila — falei, tocando em seu joelho. Por fim, apontei para a mansão da Alpha. — Por que você mora aqui?

Chloe seguiu o meu olhar e soltou um suspiro. Foi com surpresa que senti a sua mão cobrir a minha sobre o seu joelho.

— Até maio desse ano, meus pais ainda moravam aqui em Los Angeles e eu vivia com eles, mas meu pai foi transferido para a sede da empresa de contabilidade em San Francisco, pois se tornou sócio, e eu precisava de um lugar para ficar. Por incrível que pareça, minha mãe era membro da Alpha na época que estudava na UCLA e ainda tinha o contato da antiga presidente da fraternidade, que é sua amiga de longa data. Hoje, a filha dela que é presidente, então, acatou o pedido da sua mãe e me deixou morar aqui. É o que dizem por aí, quem tem contato, tem tudo.

Aquilo era mesmo uma grande verdade. E o fato de morar com os seus pais até o meado daquele ano também explicava muito sobre o comportamento do Sr. Davidson com a filha. Ela sempre esteve debaixo das suas asas, ao alcance dos seus olhos, agora, ele morava em outra cidade e Chloe estava sozinha por aqui. Pela primeira vez, eu entendi a sua preocupação, mas não a forma exagerada como agia.

— E você gosta de morar na Alpha?

— No começo, achei que iria odiar. As pessoas acham que meninas de fraternidade são mesquinhas e fúteis, mas, por causa da minha mãe, cresci não acreditando muito nisso. Mesmo assim, quando a ficha caiu e entendi que eu realmente faria parte da Alpha, senti medo. Achei que não me encaixaria, temi que a cultura do lugar tivesse mudado desde a época da minha mãe, mas, convivendo com as meninas, entendi que a minha insegurança era bobagem. Posso não ser tão parecida com elas, mas gosto de todo mundo... Quer dizer, estou com um pouco de ranço da Kate, porque me deixou na mão no feriado, mas daqui a pouco passa.

Eu sorri ao ouvi aquilo e Chloe perdeu alguns segundos olhando para a minha boca. Ora, ora... O álcool parecia ter tirado mesmo um pouco do autocontrole da irritadinha.

— Pensa bem, foi por causa do furo da Kate que você começou a namorar um cara incrível como eu.

— A única parte boa por ter sido deixada na mão por ela, foi a oportunidade de conhecer Eliot.

— Mas o Eliot você não pode beijar na boca... — salientei e Chloe me olhou com uma sobrancelha arqueada.

— E quem disse que eu quero beijar a sua boca?

— Seus olhos dizem — afirmei, vendo seu rosto ficar corado. — Mas tudo bem, eu sou um homem paciente. Quando você quiser admitir, eu estarei aqui, te esperando.

— O que um celibato forçado não faz... — Ela comentou baixinho e eu não entendi.

— Como assim?

— Não é óbvio? Você está insistindo muito para ficar comigo, porque vai ficar um tempo na seca. — Chloe usou a mão livre para

tocar a lateral da cabeça com o dedo indicador. — Eu sou inteligente, King.

— Acha mesmo que é apenas por isso que eu quero ficar com você?

— Sim.

Sua resposta saiu em sussurro e, apesar de achar que Chloe pensava mesmo daquela forma, pude ver um brilho de insegurança nos seus olhos. Foi aquilo que me impediu de ficar com raiva, porque estava começando a acreditar que suas palavras diziam mais respeito a ela do que a mim. Virei-me de lado no banco do carro e toquei em sua bochecha com o meu polegar.

— Eu quero ficar com você, porque é uma mulher linda, incrível e que me enche de tesão. Sei que quer ser apenas minha amiga, que não gosta de sexo casual e te respeito por isso, mas gosto de te perturbar, de te deixar com as bochechas vermelhas quando falo besteira e de te ver lutar contra isso. — Apontei para nós dois e Chloe lambeu os lábios, fazendo o meu pau começar a endurecer dentro da cueca.

— I-Isso o quê? — Puta merda, eu adorava quando ela gaguejava, e o seu olhar perdido entre a minha boca e os meus olhos, só estava me deixando mais duro ainda.

— O desejo que há entre nós dois.

— Eu não te desejo, King.

— Deseja, sim — falei, subindo minha mão em seu joelho até o meio da sua coxa. — E eu te desejo ainda mais. Nunca vou te forçar a nada, nem te pressionar a ficar comigo, só quero que saiba que o que sinto é genuíno e que ficarei esperando o seu aval para poder avançar. Enquanto isso... — Desci meu polegar até o seu lábio inferior, que ainda estava úmido pela sua saliva. — Essa boca é minha para beijar. Sem língua, é claro.

Chloe mordeu o lábio inferior, bem perto de onde o meu polegar estava, e subiu a ponta dos dedos pela minha mão que estava em sua coxa até o meu braço. Foi impossível não ficar arrepiado e ela estava apenas tocando a porra do meu braço! Eu parecia um adolescente cheio de hormônio. Se aqueles dedinhos macios chegassem perto do meu pau, era capaz de eu gozar que nem um menino de quinze anos. Patético, mas eu estava no auge

do tesão e isso não tinha nada a ver com o fato de que eu não transava há quase uma semana. Era só o poder daquela garota abusada sobre mim.

— Posso usar o álcool como desculpa para confessar uma coisa? — ela pediu em um sussurro e eu torci para que me pedisse um beijo e acabasse logo com aquela tortura. Apesar disso, eu ri baixinho da sua cara de pau.

— Sim, pode.

— Eu tenho medo.

— Medo de quê?

Quando os seus olhos se encontraram com os meus, eu senti que as palavras que sairiam da sua boca seriam bem sérias.

— De me apaixonar por você. — Antes que eu pudesse ter qualquer reação, Chloe continuou: — E sim, eu sei que você não quer um relacionamento e te respeito muito por ser um cara tão forte e focado em seus objetivos, mas eu sou meio romântica, Ray... Se sentir qualquer coisa por você que vá além de amizade, vou acabar saindo machucada dessa história e não é isso que eu quero.

Talvez aquela tenha sido a primeira vez que Chloe foi brutalmente honesta comigo e eu gostei de ouvir o que verdadeiramente sentia, ainda que estivesse um pouco assustado. Sexo e sentimentos sempre estiveram em lados opostos da minha vida e acho que acabei acreditando que todo mundo funcionava da mesma forma que eu. Era confortável estar na minha posição, tinha que admitir. Eu era um cara popular na faculdade, sempre tinha uma garota à minha disposição, acreditava que ser sincero sobre as minhas intenções automaticamente excluiria da minha vida alguma situação contrária ao que eu queria viver, mas, então, chegou a Chloe. E ela era a curva fora do caminho, a mudança no roteiro detalhado que escrevi, a situação contrária que eu não queria viver.

Eu não queria um relacionamento, mas estava em um, mesmo sendo de mentira. Não queria nada que tirasse o meu foco, mas Chloe havia alugado um tríplex na minha cabeça. Não queria sentimentos, mas algo dentro do meu peito batia mais forte por ela... E eu não sabia o que fazer com nada daquilo.

— Eu não quero machucar você, nunca. — Afirmei com convicção, levando sua mão até a minha boca e dando um beijo nos

nós dos seus dedos. — Por isso, quero que façamos uma promessa juntos.

— Que promessa?

O que eu estava prestes a fazer... Jesus Cristo, o que eu estava prestes a fazer?! Pela primeira vez na vida, decidi que seria guiado pelos meus sentimentos e não pela minha cabeça. Sempre fui muito racional... E se eu arriscasse apenas um pouco?

— Só vamos nos envolver se estivermos na mesma página, Chloe.

— Ray... — Ela parou por um segundo, como se estivesse procurando as palavras certas. — Eu não acho que um dia estarei na mesma página que você. Já fiz sexo casual antes e percebi que não sirvo muito para isso.

Ok, suas experiências anteriores me deixavam um pouco desconfortável, mas logo tirei aquela porcaria da minha cabeça. Se fôssemos comparar o nosso passado, o meu me condenava mil vezes mais.

— Não estou falando sobre sexo casual, estou falando sobre... — Certo, eu ia mesmo fazer isso e algo me dizia que não teria mais volta. — Estou falando sobre sentimentos.

— Sentimentos? Mas você disse que não...

— Eu sei o que eu disse e, até esse exato momento, ainda é o que eu quero, mas você é diferente, Chloe. Você mexe comigo de um jeito diferente e... Acho que eu quero descobrir o que tudo isso significa.

Seus olhos arregalados me falaram tudo o que eu precisava saber. Chloe estava assustada com aquela minha mudança repentina e eu também, mas pelo menos estava sendo sincero. Chloe não era como as outras meninas com quem já me envolvi. Desde o princípio, tudo foi diferente. Ela havia me invadido e *permanecido*. Isso era novo e eu não sabia ao certo como lidar com aquela situação, mas poderia aprender.

— E-eu não sei o que dizer...

— Só me diz se aceita fazer essa promessa comigo ou não — falei, apertando os seus dedos entre os meus. — Não estou te pedindo em casamento nem nada do tipo, irritadinha.

— Você está namorando comigo e nem fez o pedido oficial, King. Vamos combinar que você não é muito bom em seguir o *script* — falou, me arrancando uma risada.

— É, acho que eu não sou, mas isso significa que eu sou original.

— Isso eu não posso negar. — Chloe sorriu, me fazendo perder o fôlego por um segundo. Era *isso* que tornava tudo entre nós dois diferente. Minha reação a ela, a forma como tudo naquela garota me chamava a atenção. — Tudo bem, podemos fazer essa promessa.

Foi naquele momento que me dei conta de que não era só o meu pau que agia como um adolescente perto dela. Era o meu coração, também. Pela forma como o filho da mãe ficou acelerado, comecei a pensar que pular etapas da minha vida não foi nada saudável. Não sabia muito bem como lidar com aquele turbilhão de emoções, mas esperava que Chloe pudesse me ajudar.



Irritadinha: Bom jogo, Ray! Espero que você arrase!
Irritadinha: Fale para Dylan e Ryan que eu desejei boa sorte para eles também.

Sorri ao ler a mensagem de Chloe ainda no quarto do hotel. Três dias haviam se passado desde a nossa conversa em meu carro, mas eu ainda tinha cada uma das nossas palavras — principalmente as minhas — gravadas em minha mente. Foi difícil pegar no sono naquela noite, com inúmeros pensamentos correndo pelo meu cérebro, mas não poderia mentir e dizer que havia me arrependido. De certa forma, colocar tudo aquilo para fora me deixou aliviado.

Eu: Não vou falar nada para eles. Vão ficar se achando.

Irritadinha: Não seja malvado. Agora, me conte como é o Colorado. É tão bonito quanto nas fotos? Sempre achei um lugar tão lindo. Um dia, quero escrever sobre ele.

Eu: Escrever? Como assim? Tipo, fazer uma matéria para um jornal ou uma expedição sobre os pontos turísticos?

Chloe demorou um tempo para responder e eu caminhei até o banheiro. Tinha uma hora livre antes de precisar encontrar com o time no *lobby* do hotel para irmos para a arena jogar contra o Colorado Buffaloes. Sua mensagem chegou enquanto eu estava tirando a roupa para tomar banho.

Irritadinha: Sim, tipo isso.

Eu: Bom, em todas as vezes que vim jogar aqui, não tive tempo de conhecer muita coisa. Nossa agenda é muito apertada, então, não posso afirmar nada sobre o lugar, muito menos sobre a beleza dele, mas posso falar sobre algo bem mais bonito.

Irritadinha: Jura? O quê?

Foi inevitável não sorrir enquanto eu digitava.

Eu: Meu pau. Estou olhando para ele agora mesmo.

Irritadinha: Minha nossa, Raymond! Você é um escroto!

Eu: Desculpa, mas eu estou apenas falando a verdade. Quer uma foto para tirar a prova?

Irritadinha: Não, muito obrigada.

Perturbar a Chloe era, talvez, a minha missão na Terra, por isso, sem pensar duas vezes, iniciei uma videochamada com ela. Para a minha surpresa, Chloe atendeu no segundo toque, e me fez gargalhar ao dar de cara com a sua mão cobrindo os olhos.

— Achou que ia me pegar desprevenida, King? Eu sei me defender das suas armadilhas sexuais.

— Armadilhas sexuais? É só um pênis, Chloe.

— Só um pênis? Nossa, que decepção. Pela propaganda que você faz, achei que era tipo um *superpênis* ou algo assim — desdenhou, separando o indicador do dedo médio para poder me enxergar com um olho só. Quando viu que eu estava mostrando apenas o meu rosto, afastou completamente a mão.

— É mais do que um *superpênis*. Quer ver?

— Não, muito obrigada.

— Safadinha, quer que eu te mostre pessoalmente, não é? Assim você vai poder não apenas ver, mas tocar, ajoelhar, chupar...

— Você não tinha, que, sei lá, estar se aquecendo para o jogo?

— Sabia que o sexo é um ótimo exercício físico?

Observei Chloe do outro lado da tela, se levantando da cama. Foi com surpresa que percebi que ela usava um top branco e que seus mamilos estavam rígidos. A irritadinha podia fingir o quanto quisesse, mas eu sabia que a afetava.

— Eu sei, por isso que transo com o meu vibrador. — Do nada, ela puxou um vibrador rosa de uma gaveta, me deixando chocado. — Não é lindo? Diga olá para o Henry.

— Henry? — Fiz uma careta. Qual era mesmo o nome do ex-namorado dela?

— Henry Cavill, simplesmente o macho mais gostoso da face da Terra.

— Ah. — Nossa, eu realmente estava aliviado. — Bom, tenho que concordar, o cara é bonito mesmo.

— Uau, acho que é o primeiro homem que admite isso!

— Admitir que um cara é bonito não afeta a minha masculinidade. — Dei de ombros. — Mas eu sei que o nome desse vibrador é Henry, porque você ainda não descobriu a potência do Raymond King. Quando isso acontecer, tudo vai mudar.

Chloe gargalhou e se inclinou para guardar o vibrador dentro da gaveta de novo. Tive o vislumbre de algumas peças de *lingerie* de renda. Porra, ela ficaria fantástica usando qualquer uma delas.

— Eu amo o seu ego, Ray. Me diverte muito.

— Estou falando a verdade. — Sorri. — Vou ter que desligar, baby. Preciso tomar banho e ir encontrar com os jogadores para ir

para a arena.

— Tudo bem. Traga mais uma vitória para casa, King.

— Sempre. — Pisquei para ela, recebendo um beijo do outro lado da tela. — Última chance para ver o meu pau...

— Tchau, Raymond!

Gargalhei e mandei um beijo para ela antes de desligar e ir em direção ao chuveiro.



Perdemos.

Não foi uma derrota humilhante, marcamos 71 pontos contra os 78 do Colorado Buffaloes, mas a minha raiva não passaria de uma hora para a outra, muito menos a raiva do resto do meu time. Assim que entramos no vestiário, Adrian, que era conhecido por ser um jogador calmo, empurrou Logan contra o armário e praticamente gritou em sua cara:

— Que merda você tem na cabeça, porra? Uma das suas funções é desequilibrar a defesa deles e você não fez nada durante o último tempo do jogo, caralho!

Eu fui o primeiro a me aproximar para tentar separá-los, mas as palavras de Logan me detiveram.

— Eu não sou uma marionete, porra! Queria vencer? Jogasse direito! — Ele empurrou Adrian e Dylan aproveitou para se colocar entre eles.

— Abaixa a sua bola, Logan!

— Nós somos um time — falei, chamando a sua atenção. — Isso significa que para ganharmos, precisamos jogar *juntos*, Logan. Se você perdeu o seu espírito de equipe, o que ainda está fazendo aqui?

Logan se desencostou do armário e deu um passo ameaçador em minha direção. Ele queria me intimidar? Infelizmente, a minha raiva me impediu de rir de deboche.

— Eu sei o que você quer, Raymond...

— Não, você não sabe. — Eu queria muito socar a cara dele. Era isso que eu queria.

— Você quer me tirar do time!

— Sinceramente? Sim, eu quero. — Fui sincero, pois estava de saco cheio do Logan há muito tempo. Sua displicência, a falta de comprometimento, as merdas que falava durante o treino, a forma como falou de Chloe no nosso último jogo e, agora, o que tinha feito esta noite. Não dava mais para suportar o cara. — E vou fazer de tudo para que o técnico Brown te coloque no banco nos próximos jogos.

Ele me empurrou pelo peito e eu o empurrei de volta, perdendo completamente a compostura, sendo guiado pela raiva que o babaca me fazia sentir. Quando estava prestes a meter um soco naquela sua cara de filho da puta, Ryan se colocou na minha frente e a porta do vestiário se abriu.

— Que porra está acontecendo aqui? — O técnico Brown perguntou e Dylan tomou a palavra.

— Nada, técnico. Só estamos putos pela derrota.

— Vamos conversar sobre isso depois. Quero todo mundo no chuveiro. Agora!

Logan passou por mim batendo o ombro no meu quando o técnico Brown saiu do vestiário. Ryan apertou o meu braço.

— Não caia na provocação dele, Ray. Esse babaca quer nos afundar junto com ele, não vamos permitir que isso aconteça.

Respirei fundo e concordei com a cabeça. Ryan tinha razão, eu precisava me manter frio e pensar em todos os argumentos que daria para o técnico Brown tirar aquele babaca do nosso time.

23

"Se ficar assim me olhando
Me querendo, procurando
Não sei não eu vou me apaixonar"

ENTREOLHARES - ANA CAROLINA FT. JOHN LEGEND



Chloe

— Chloe? — Ouvi a voz de Hillary atrás da minha porta depois de ter dado duas batidas e me levantei da cadeira em frente à minha mesa de estudos. — Seu namorado está aqui.

Meu namorado.

Ok, estava na hora de eu me acostumar com aquele termo, mas toda vez o frio na barriga me invadia. Limpei o suor que invadiu as palmas das minhas mãos no short curto que eu usava e abri a porta, dando de cara com a presidente da Alpha e Raymond atrás dela, usando um boné com a aba para trás e as duas mãos enfiadas no bolso da bermuda *jeans*.

— Vou deixar vocês dois a sós. Ray, sinto muito pelo jogo de ontem. Tenho certeza de que o Bruins vai arrasar na próxima vez.

— Valeu.

Hillary apertou o ombro dele amigavelmente e se afastou em direção à escada depois de dar uma piscadela para mim. Ela e as outras meninas da Alpha estavam felizes pelo meu relacionamento com Ray, apesar de não entenderem muito bem como nossa

história começou. Eu também não entendia, então, estávamos empatadas.

— Entra, Ray.

Senti-me muito mal por não receber aquele seu sorrisinho maroto. Era bem claro como Ray estava chateado pela derrota contra o Colorado Buffaloes. Eu havia assistido o primeiro tempo do jogo pela ESPN, mas acabei desligando a TV para poder escrever um pouco. Assistir à partida me inspirou a escrever uma cena importante do livro. Quando entrei na internet novamente para ver o resultado, tomei um susto ao ver que o Bruins havia perdido.

Corri para mandar uma mensagem para Ray, mas ele só me respondeu hoje pela manhã e não conseguimos nos ver durante o dia. Não esperava pela sua visita agora à noite, mas estava feliz em vê-lo. Observei-o entrar em meu quarto e dar uma olhada geral no lugar. Eu havia feito de tudo para deixar o ambiente mais parecido comigo, comprei luzinhas rosas para enfeitar a cabeceira da cama, fiz um mural de fotos atrás da mesa que usava para estudar e trabalhar e comprei uma estante, que rapidamente enchi de livros. Foi para lá que Raymond se dirigiu.

— Puta merda. Quando você me disse que era romântica, não imaginei que fosse tanto assim — disse ele, pegando um dos meus livros.

— Eu vivo andando com livros para cima e para baixo pelo campus, mas você nunca se dignou a me dar atenção... — falei em um tom provocador, finalmente tirando um sorrisinho dos seus lábios.

— Sinto muito por isso. Jogador de hóquei, hein? — Ele me mostrou a capa após ler a sinopse do livro *The Best Game*, de uma autora brasileira chamada Ariane Fonseca[5]. — Confesso que eu dei uma olhada no seu Instagram quando nos conhecemos e vi que você havia postado sobre alguns livros com atletas... Fiquei me perguntando se o seu problema era só com jogadores de basquete ou se era comigo especificamente.

Fiquei um pouco sem-graça ao ouvir aquilo, pois me dei conta, mais uma vez, de como pré-julguei Raymond antes e até mesmo depois de conhecê-lo. Acabei fazendo aquilo com os atletas em geral.

— Fui uma cuzona mesmo com você.

— Não acredito! Finalmente está admitindo isso, Davidson.

— Sim, estou — falei, um pouco nervosa. — E peço desculpas. Eu nunca me liguei muito em atletas, sabe? Pelo menos não os da vida real, e acabei sendo influenciada pelo que ouvia de vocês pelos corredores da faculdade.

— Tudo bem, confesso que eu nunca fiz nada para mudar a minha fama por aí. — Ele colocou meu livro de volta na prateleira e pegou outro.

— Por quê?

— Porque não me importo se me veem como o pegador ou não, o que importa, é que sabem que eu sou o melhor naquilo que faço, pois é para isso que eu me esforço tanto. Também era mais fácil me esconder atrás desse papel do cara que pega e não se apega, assim, as garotas já sabiam o que esperar de mim.

Foi impossível não me lembrar da nossa conversa em seu carro em frente à mansão da Alpha e da forma como me senti quando Ray se abriu para mim e propôs que fizéssemos aquela promessa. Parecia uma coisa boba de adolescente, mas, no fundo, eu sabia que não era. Estava um pouco alta por causa das cervejas que havia tomado em sua casa junto com os meninos, mas senti a sua sinceridade e até mesmo o modo confuso como se sentia.

— Por que comigo você é diferente? — Precisei perguntar.

Agora que estava sóbria e ele também, aquela conversa serviria para clarear ainda mais a minha cabeça e o meu coração, apesar de eu sentir que o órgão bobo já havia entregado os pontos. Ele estava caidinho pelo King. Ray voltou a colocar o meu livro na estante, em seguida, seus olhos se encontraram com os meus.

— Porque com você eu me sinto diferente. Eu nunca me permiti ir além com qualquer garota, Chloe, nem quando era um moleque, mas a nossa relação é diferente e com você eu estou indo por caminhos que nunca andei antes. Sinto muito se estou soando confuso, mas não sei explicar muito bem sobre os meus sentimentos.

— Acho que você deveria ler alguns desses livros — falei em meio a um sorriso, tentando acalmar as batidas do meu coração. — Inclusive, só para você não falar que eu não gosto de jogadores de

basquete, tenho um aqui que o protagonista é jogador. — Puxei o livro Fatal, de outra autora brasileira chamada Nathalia Santos, e entreguei para ele.

— O que esses protagonistas têm que eu não tenho? Eles poderiam pelo menos te influenciar a ser boazinha comigo.

— Mas eu sou ótima com você, seu dramático. — Observei Ray sorrir e folhear o livro. Acho que parou em alguma página interessante, pois arqueou as sobrancelhas.

— Que tipo de livro é esse cheio de putaria?

— É um romance erótico.

— Caramba. — Ele parecia genuinamente surpreso. — Agora eu entendo por que gosta tanto de ler. Você é uma safada, Chloe!

— As mulheres amam ler sobre sexo, Ray — falei, apontando para os meus livros. — Só que com amor. É diferente de abrir um vídeo pornô e assistir apenas o casal transando loucamente naquelas posições ridículas, entende? É sobre química, sentimento, intimidade.

— Interessante. Posso pegar emprestado?

— Quer mesmo ler?

— Claro.

— Faz parte de uma série, esse é o terceiro livro.

— Vou começar por esse, que com certeza é o melhor só porque o cara joga basquete.

— Ok, se você se sentir perdido, é só me avisar e eu te explico um pouco sobre as histórias dos outros casais.

— Fechado. — Ele colocou o livro sobre a minha mesa e deu uma olhada na tela do meu notebook. Meu coração gelou. — O que é isso? Já está escrevendo a matéria para o trabalho da Sra. Silverstone?

— Sim, mas... — Eu me aproximei, mas Ray se sentou na minha cadeira antes que eu pudesse ter acesso ao meu notebook.

— Que foda! Deixa eu dar uma olhada...

— Não! — Fechei a tela do *note* com mais força do que pretendia e Raymond me olhou assustado. — Só vou deixar você ler quando estiver pronto!

— Por quê?

— P-porque sim!

— Você está gaguejando... — Raymond se recostou contra a cadeira e cruzou os braços, olhando-me desconfiado. — O que está escondendo de mim, Chloe?

Não estava escondendo nada, imagina. Só o fato de eu estar escrevendo um livro onde o protagonista era idêntico a ele e a mocinha era idêntica a *mim*. Ou seja, nada de mais.

— *Tá* falando sério?

— So-sobre o quê?

— Está escrevendo um livro sobre a gente?

— Quem? E-eu? — Apontei para mim mesma. — Claro que não! Quem disse isso?

— Você. — Raymond apontou para mim e eu senti que poderia desmaiar. — Você acabou de falar que está escrevendo um livro onde os protagonistas são idênticos a nós dois.

— Eu pensei em voz alta? — questionei mais para mim mesma do que para ele. Ray concordou com a cabeça e eu me joguei sobre o seu colo, sentando-me de lado em cima das suas coxas, porque tinha medo de que minhas pernas falhassem antes de eu conseguir me sentar na minha cama. Um segundo depois, eu já estava afundando meu rosto em minhas mãos. — Não acredito nisso! Que vergonha!

— Vergonha? — Raymond perguntou, colocando meu cabelo atrás da orelha. Eu ainda não conseguia olhar para ele, mesmo estando sentada no colo dele. — Vergonha de quê?

— Como de quê? Não era para você descobrir isso!

— E eu posso saber o porquê?

Precisei olhar para Raymond, porque não era possível que ele não havia entendido.

— Não é óbvio?

— Não para mim.

— Você acabou de descobrir que eu estou escrevendo uma espécie de *fanfic* sobre nós dois!

— O que é *fanfic*?

— Meu Deus, Ray, em que mundo você vive? — Eu estava chocada. Como ele não sabia o que era *fanfic*?

— No mundo do basquete — falou. Senti sua mão em meu joelho, onde ele deu um tapinha de leve. — Vamos lá, me explique o

que é uma *fanfic*.

— Originalmente, é um termo usado por fãs que escrevem histórias com personagens que já existem, seja personagem de livro, filme, séries, novelas, quadrinhos... Só que acabou se expandindo, porque hoje em dia, fãs escrevem histórias fictícias com pessoas reais, como cantores, atores...

— Jogadores de basquete... — Ele incluiu, me fazendo morrer de vergonha. — Que interessante. Nunca imaginei que algo assim existia.

— Nunca ouviu falar sobre *After*? — Pela expressão em seu rosto, eu sabia que não. — *After*, primeiramente, era uma *fanfic* com o Harry Styles, um dos membros da banda *One Direction*. Fez um sucesso tão estrondoso na internet, que acabou se tornando livro de verdade e já foi até adaptado para o cinema.

— Isso é surreal, mas é muito bom. Já pensou se a sua *fanfic* estoura também? Nós dois poderíamos protagonizar o filme. — O filho da mãe sorriu e eu senti que falaria alguma besteira. — Diz para mim que tem sexo, Chloe. Nós já nos beijamos nessa sua *fanfic*?

— Não é da sua conta! — falei, querendo me levantar, mas Ray passou o braço pela minha cintura e me manteve no lugar.

— Deixa eu ler um trechinho, vai...

— Não!

— Por favor!

— Não. E, só para você saber, não é realmente uma *fanfic*, é tipo um... Livro. — Dei de ombros, tentando soar indiferente, mas estava com vergonha. Só Kim sabia que eu escrevia e eu não esperava que outra pessoa descobrisse sobre isso tão cedo. — Eu não usei os nossos nomes nos personagens, só baseei a história deles na nossa. A questão do namoro falso e tudo mais.

— Espera. Pelo que entendi, esse lance de *fanfic* é tipo uma brincadeira, não é? Afinal, você não pode ter lucros em cima de personagens que foram criados por uma outra pessoa ou em cima de pessoas reais. — Ele refletiu e eu concordei com a cabeça.

— Exatamente.

— Então você não está brincando — concluiu, arregalando um pouco os olhos. — Chloe, você é escritora?

— Não. — Eu ri, balançando a mão como se fosse bobagem. — Uma escritora é alguém importante, alguém que já lançou um livro... Eu nunca fiz nada disso.

— Você sabe que isso é besteira, não é? Eu já me considerava um jogador de basquete antes mesmo de pisar em uma quadra.

— Nem todo mundo tem uma autoestima tão boa assim... — murmurei e Ray tocou em meu queixo, puxando-o para a sua direção.

— Não é apenas uma questão de autoestima, irritadinha, e, sim, de confiança em si mesmo. Se eu fosse me assegurar apenas na minha autoestima, não teria saído do lugar, porque aqueles valentões da minha escola fizeram de tudo para me derrubar, só que eu confiei em mim mesmo e lutei para que as palavras deles não me atingissem. Não foi fácil, mas eu consegui. Se você quer ser uma escritora, tem que começar se intitulando como uma e acreditar no seu potencial.

Eu fiquei quieta, sentindo suas palavras me atingirem como um tapa na cara, só que no que bom sentido. Kim vivia falando a mesma coisa para mim e, claro, seu apoio era extremamente valioso, mas ouvir aquilo de alguém que nunca leu nada que escrevi, que até meio segundo atrás nem imaginava que eu me sentava em frente ao computador e criava histórias, foi diferente. Raymond me tocou em um lugar que eu não conhecia e me deu uma confiança que eu não sabia que precisava.

— Acho que você tem razão.

— Acha? — Ele sorriu, arqueando uma sobrancelha. — Pode falar que eu *tenho* razão. Vamos lá, quero ouvir isso.

— Você não cansa de querer ter o ego amaciado por mim?

— Não mesmo.

— Tudo bem. — Tomei seu rosto em minhas mãos, acomodando-me melhor em suas coxas grossas. — Você tem razão, Raymond King. Está coberto de razão da cabeça aos pés.

Seu sorriso enorme aqueceu o meu peito, principalmente porque eu sabia que ele havia chegado em meu quarto todo cabisbaixo pela derrota do Bruins. Era bom saber que eu o estava

distraindo, mesmo tendo quase morrido de vergonha por causa disso.

— Preciso ouvir isso mais vezes de você, sabia?

Raymond apertou a minha cintura e eu prendi a respiração rapidinho. Agora que o constrangimento estava passando, eu conseguia sentir tudo, sua mão em mim, suas coxas abaixo da minha bunda, seu cheiro dominando o meu olfato, seu olhar no meu...

— É só fazer por merecer.

— Farei. Agora você vai me deixar ler um trecho do livro?

— Não.

— Você sabe que isso é injusto, não sabe? Está me usando como inspiração e eu não posso ler uma linha do que escreveu. E se não estiver escrevendo minha beleza em detalhes? Só para que você saiba, eu tenho um metro e noventa e nove centímetros de altura, peso cento e dois quilos e meu pau tem vinte centímetros e meio de comprimento.

— O quê? — Raymond afastou um pouco o rosto quando gritei. Assustada, olhei para baixo, bem para o lugar onde aquela... monstruosidade estava. — Você é o quê? Um ator pornô?

Raymond gargalhou, mas eu ainda estava um pouco assustada. Todos os mocinhos de romance erótico tinham pau grande, mas na vida real, a gente sabia que era meio difícil encontrar um cara tão bem-dotado. Eu estava acostumada com pênis comuns de no máximo quinze ou dezesseis centímetros.

— Eu sou um homem grande, Chloe. Tudo aqui é proporcional, graças a Deus.

— Eu sei, mas... São vinte centímetros, Raymond.

— E meio. Não se esqueça disso.

Sacudi a cabeça, realmente chocada com aquilo, mas, ao mesmo tempo, curiosa... Será que caberia em mim?

— Com certeza cabe em você — ele respondeu e eu pulei do seu colo. Eu precisava de terapia, remédio controlado, qualquer coisa que me fizesse parar de pensar em voz alta.

— Vou lá embaixo para, hm... Pegar pipoca. É, isso aí, pegar pipoca. Liga a TV e coloca em *La Casa de Papel*, por favor.

Fugi do meu quarto enquanto ouvia a risada de Raymond, me perguntando se eu conseguiria sobreviver àquela noite maluca.

24

"Garota, você sabe que eu quero seu amor
Seu amor foi feito a mão para alguém como eu
Venha agora, eu te guio"

SHAPE OF YOU - ED SHEERAN

Raymond

Não era a minha intenção dormir no quarto de Chloe naquela noite de sexta-feira, muito menos acordar com o pau duro encaixado entre as polpas da sua bunda na manhã seguinte, mas simplesmente aconteceu. Em algum momento, enquanto comíamos pipoca e assistíamos *La Casa de Papel*, acabamos pegando no sono e agora eu estava aqui, bem desperto e bem *duro.* Claro, era uma ereção matinal, mas o desejo que eu sentia por Chloe logo transformaria aquilo em outra coisa.

Seu quarto estava permeado pela penumbra por causa do *blackout* na janela, mas alguns raios de sol passavam pela fresta. De alguma forma, não só havíamos pegado no sono como usado a sua coberta para nos aquecer e, mesmo sabendo que eu não deveria, quis ficar ali por mais um tempo, só para sentir o cheiro dela — depois de, obviamente, ter afastado o meu pau da sua bunda. Meu nariz estava bem perto da sua nuca, suas pernas estavam entrelaçadas às minhas, meu braço estava sobre a cintura dela e percebi que estávamos de conchinha. Chegava a ser um

pouco bizarro, pois nunca dormi de conchinha com nenhuma garota, mas com Chloe, era a segunda vez. E eu estava adorando aquilo.

— O que você está fazendo comigo, irritadinha? — questionei baixinho, passando o nariz pela nuca dela.

Chloe deveria me dar uma resposta. Eu estudava sobre a interação humana, mas me sentia perdido naquele momento, já ela, lia e escrevia romances. A ficha ainda não havia caído completamente para mim, eu tinha que confessar, porque escrever um livro parecia ser algo extremamente difícil de se fazer, mas não duvidava da capacidade dela. Chloe era geniosa e determinada, só precisava adquirir um pouquinho mais de confiança.

Senti sua mão tocar em meu pulso perto da sua barriga e subir até o meu braço. Com medo de que estivesse acordando e achasse que eu estava me aproveitando dela ou alguma merda assim, tentei me afastar completamente, mas a bunda de Chloe tocou em cheio a minha ereção e eu parei, assustado. Surpreendi-me quando ouvi a sua voz rouca:

— Seus vinte centímetros e meio são bem ativos pela manhã, King.

Eu deveria saber que ela não me deixaria em paz depois daquela informação, mas, mesmo assim, fiquei surpreso e acabei rindo.

— O que eu posso fazer? Eles gostaram da sua bunda.

— Minha bunda é mesmo fantástica.

— Sério? Posso ver?

Só para provocá-la, tirei meu braço da sua cintura e passei minha mão pelo seu quadril, quase chegando ao traseiro arrebitado. Pude sentir seu corpo estremecer.

— Não posso mesmo te dar muita liberdade, Raymond. Te estendi a mão e você já quer o braço inteiro.

— Não quero o braço, quero a boceta.

Ela se virou para mim de repente e minha mão tocou a pele nua da sua cintura, bem perto do cós do short que usava. Que porcaria de cobertor! Se ele não estivesse ali, eu estaria vendo onde estava tocando.

— Você fala cada coisa... — Ainda bem que o quarto não estava tão escuro assim. Pude ver claramente o seu rosto e o

sorrisinho em seus lábios.

— Admite, você gosta da minha boca suja.

— Talvez.

Resolvi ignorar seu orgulho e questionei:

— Minha boca suja te inspira na hora de escrever a parte da putaria?

— Eu ainda não cheguei nessa parte do livro.

— E eu sei o porquê. — Sua sobrancelha se arqueou, esperando que eu continuasse. — Não tem como escrever sobre algo que não vivenciou ainda. Você precisa dar para mim, para poder escrever com propriedade.

Chloe riu baixinho e enfiou a cara no travesseiro. Ela estava com vergonha? Que droga, a garota ficava mais fofa ainda daquele jeito.

— Pensa bem, você pode enxergar isso como um treinamento, sabe? A gente vai testando o que funciona ou não, até você ter a cena perfeita.

— Você é um cara de pau, Raymond! — Sua voz saiu abafada por causa do travesseiro e eu sorri, subindo minha mão até as suas costelas. Chloe suspirou e finalmente me encarou. — Agora que descobriu sobre esse livro, não vai me deixar em paz, não é?

— Claro que não. E não vou parar de insistir para ler.

— Isso não vai acontecer, nunca. Nem sei se esse livro vai sair do meu computador um dia.

— Por que não?

— Não sei... Eu nunca me senti pronta para tentar lançar um livro — disse, esticando a mão até tocar o meu peito. Ela ficou fazendo desenhos aleatórios com a ponta do indicador e eu precisei conversar comigo mesmo que não tinha nada de cunho sexual ali, só para tentar fazer com que meu pau se mantivesse comportado. — Já finalizei vários, mas nunca saíram dos meus arquivos.

— Quantos você já escreveu?

— Quinze, eu acho.

— Quinze? — Caralho, aquilo era surreal. — Chloe, é muita coisa! Isso é incrível.

— Calma, nem todos são publicáveis. Eu comecei a escrever desde muito nova, com quinze ou dezesseis anos, então, meus

livros dessa época com certeza precisariam ser reescritos.

— Mas você *escreveu* livros com essa idade. Tem noção de como isso é foda? Você é brilhante apenas por ter finalizado cada um deles, irritadinha.

Chloe me deu um sorriso lindo e eu podia jurar que seus olhos estavam brilhando. Eu sabia como ganhar um elogio poderia mudar o nosso dia, mas esperava que os meus elogios mudassem o rumo da vida de Chloe. Se ser escritora era o seu verdadeiro sonho, ela merecia realizá-lo.

— Você também é brilhante, Ray. Seu foco e sua coragem são formidáveis, sério. Espero que o meu personagem tenha ao menos dez por cento da sua força.

— Se o sobrenome dele for King, ele terá. — Pisquei para ela e Chloe riu.

— Posso colocar o sobrenome dele de King?

— Pode até chamá-lo de Raymond, se quiser.

— Que bom que você se tornará um jogador milionário, assim, se um dia eu publicar o livro, não vai querer me processar.

— Primeiramente, não é *se,* e sim *quando*. Em segundo lugar, eu jamais faria isso com você.

— Podemos assinar um contrato, só para garantir? — Ela brincou.

— Só se nesse contrato tiver uma cláusula garantindo que eu poderei ler o livro durante o seu processo de escrita.

— Como você é espertinho, King. Ainda bem que não está cursando Direito.

— Sorte a sua. — Apertei de leve a sua cintura e procurei pelo meu celular pela cama. Por fim, o encontrei debaixo do meu travesseiro e vi que já passava das oito da manhã. — Preciso ir, tenho que passar em casa antes de ir para a academia.

— Você malha todos os dias?

— Sim, até mesmo em feriados. E hoje nós vamos ter mais uma reunião com o técnico Brown. Quero ver se consigo chegar antes para poder conversar com ele sobre um jogador em particular.

— Quem?

Como Chloe não ligava muito para basquete e não estava envolvida com o time, resolvi que poderia me abrir com ela.

— Logan Blake, nosso ala pivô. O cara é um idiota e praticamente nos fez perder o último jogo.

Eu sabia que um time era muito mais do que um único jogador, mas quando um simplesmente parecia querer *não* colaborar com a equipe, o ritmo e o rendimento caíam. A prova disso foi a nossa derrota para o Colorado Buffaloes. Até o os primeiros sete minutos do segundo tempo, estávamos ganhando com cinco pontos de diferença, não era uma brecha tão grande, mas poderia nos dar a vitória, se Logan não tivesse agido feito um idiota pelo resto do jogo. Sua atuação estava sendo comentada não apenas na internet, mas nos veículos de imprensa e isso soava muito mal para o nosso time.

— Que droga, Ray. Ele é titular há muito tempo?

— Cerca de dois anos. Ele não está se formando, como a maioria de nós, ainda é *Junior*[6], mas não se dedica ao time, há tempos vem jogando na média, não se esforça para se destacar, não tem aquele espírito de equipe, sabe? O que ele fez no último jogo foi a gota d'água, não apenas para mim, mas para todo o time. Pela primeira vez na vida, vou chamar o técnico para conversar e tentar explicar a ele por que todos nós achamos melhor colocar o Logan no banco por um tempo.

— Você acha que isso pode te prejudicar de alguma forma? Que o técnico não vai gostar do seu pedido?

— Não sei. O técnico Brown é rígido, mas ele sempre nos ouviu, espero que isso aconteça agora.

— Será pelo bem do time. Se Logan não está somando, é melhor mesmo que seja afastado. Talvez um tempo no banco o ajude a colocar a cabeça no lugar.

— Estou contando com isso — falei, mas não acreditava muito. Logan era egocêntrico. Ele não ia gostar nem um pouco de ser colocado no banco, ainda mais se soubesse que fui eu que conversei com o técnico sobre essa possibilidade.

— Essa derrota pode atrapalhar vocês nessa temporada?

— Graças a Deus, não. Até o final de dezembro, todos esses jogos são considerados amistosos, entende? Porém, é importante que ganhemos a maioria deles, pois o comitê fica monitorando e avaliando quais são as conferências mais fortes. Depois disso, vem

a segunda fase, que é onde acontece os confrontos dos times de uma mesma conferência. O UCLA Bruins faz parte de uma das conferências mais fortes, a Pac-12[7]. Essa fase dura em torno de três meses. A terceira parte é a dos torneios e essa, sim, é a mais importante de todas, porque é mata-mata. Os times campeões nessa fase estão automaticamente classificados para o torneio final.

— O famoso *March Madness*[8].

— Exatamente. São sessenta e oito equipes, as trinta e duas campeãs de conferência e as outras trinta e seis universidades que o comitê da liga convida para a disputa. Também é no estilo mata-mata. Perdeu, acabou. Os times campeões das quatro regiões do país disputam a Final Tour.

— Eu imagino como deve ser emocionante e estressante. O fato de ter apenas aquele jogo, aquela única chance, parece algo desesperador.

— E realmente é, mas não posso mentir, eu amo a adrenalina.

— Eu sei que sim, dá para ver nos seus olhos.

— Que bom que é algo tão evidente. — Sorri, dando mais uma olhada em meu celular. — Preciso mesmo ir, irritadinha. Obrigado pela noite de ontem, eu estava precisando aliviar um pouco a minha cabeça.

— Eu sei disso, por isso que falei sobre o livro. Foi tudo proposital, King.

— Vou fingir que acredito em você. — Estiquei-me e dei um beijo rápido no cantinho da sua boca. A forma como Chloe suspirou me deu coragem para plantar um beijo mais longo nos seus lábios antes de me levantar. — Por um acaso, você é daquele tipo de pessoa que só se exercita de vez em quando?

Ela se sentou na cama e passou a mão pelos cabelos bagunçados.

— Exatamente. Quem em sã consciência gosta de exercícios físicos?

— Eu.

— Eu disse em *sã consciência,* Ray. — Ela conseguiu se defender quando joguei um travesseiro em sua direção, rindo da minha cara.

— Vamos malhar juntos amanhã. Te espero na academia às oito em ponto.

— Às oito da manhã de um domingo? Fala sério.

— Foi em um domingo que a gente se encontrou na academia, lembra?

— Sim, mas, naquele dia, eu fui correr porque estava frustrada e com raiva de você.

— Eu sempre desperto o seu melhor, já percebeu isso? Te dou raiva, então, você vai malhar, viro o seu namorado de mentirinha, e você começa a se inspirar em mim para escrever um livro, te dou comida, e você me dá um beijo... Não é impressionante o meu poder?

Foi a minha vez de ter que me desviar do travesseiro que voou em minha direção, mas valeu a pena. Chloe ainda estava rindo e eu já havia me esquecido da tensão que tinha me afligido ao pensar em conversar com o técnico Brown.

— Vai logo, Raymond, antes que eu te expulse.

— Eu vou, mas só se me disser que vai me encontrar amanhã na academia.

— Vou pensar no seu caso.

Sorri para ela e calcei rapidamente os meus tênis. Antes de ir, no entanto, acabei parando ao seu lado e dando mais um beijo na sua boca. Se eu estava viciado nos selinhos dela, o que o seu beijo de língua faria comigo?



Depois de treinar na academia, encontrei com Dylan e Ryan em casa e fomos juntos até o centro de treinamento. No dia anterior, o técnico Brown nos chamou para revermos o jogo contra o Colorado e estudar onde estávamos falhando, hoje, ele já queria falar sobre o nosso novo treino, pois enfrentaríamos o Arizona na próxima terça-feira.

— Vai mesmo falar com o técnico Brown? — Dylan perguntou enquanto caminhávamos até a quadra.

— Sim. Quero falar com ele antes de iniciarmos o treino, assim, se ele acatar o nosso pedido, já pode colocar Logan no

banco e chamar o Hunter para ocupar o seu lugar.

Dylan assentiu e Ryan também. Eu havia aproveitado que o time titular estava presente na tarde de ontem e perguntei se concordavam comigo. Foi um alívio saber que todo mundo estava ao meu lado naquela decisão. Observei o técnico Brown no fundo da quadra, estudando algo em sua prancheta, e me aproximei. Assim que me viu, ele a deixou sobre a mesa ao seu lado e me cumprimentou.

— Sempre pontual, King, mas imagino que não chegou vinte minutos mais cedo apenas para ficar observando a minha cara bonita.

Com pouco mais de cinquenta anos, Nathan Brown era um homem meio sarcástico, direto, mas que sabia ouvir o seu time, por isso, concordei com a cabeça.

— Sim, técnico. Nós podemos conversar um pouco?

— Os outros jogadores não chegaram ainda, podemos conversar aqui mesmo.

— Ótimo. — Eu sabia que Logan sempre chegava em cima do horário, portanto, não me preocupei em olhar a minha volta para saber se ele estava por ali. — Há algum tempo, o comportamento do Logan vem incomodando um pouco o time. Ele está se tornando cada vez mais displicente e a forma como age fora da quadra também não contribui para que tenhamos um relacionamento. Eu sei que não devemos misturar o pessoal com o profissional, mas a harmonia do time precisa estar em primeiro lugar e isso não vem acontecendo. Depois do último jogo, nós nos reunimos e percebemos que compartilhamos da mesma opinião. Logan não tem sido um bom jogador, ele está lento e sua falta de comprometimento está atrapalhando o rendimento da equipe como um todo, por isso, gostaria de saber, em nome do time, é claro, se ele não poderia ficar no banco pelos próximos jogos.

O técnico Brown ouviu tudo calado, pensativo, passando o dedo médio sobre o queixo. Sua expressão era ilegível e isso me deixou um pouco nervoso, no entanto, ele acabou concordando com a cabeça.

— Eu já tinha tomado essa decisão e compartilharia com todos vocês, depois que tivesse uma conversa pessoal com Logan,

mas receber o seu pedido em nome de todo o time me deu ainda mais certeza de que afastá-lo é o melhor a fazer nesse momento. Eu acredito no potencial do Logan, mas ele está se perdendo. É fácil se deslumbrar com toda a fama que ser um jogador universitário pode trazer e acho que isso está acontecendo com ele. É uma pena, já vi muito atleta se perder por causa disso.

O técnico parecia realmente sentir muito e eu também estava um pouco abalado, mas aliviado. Era bom saber que Logan seria afastado por tempo indeterminado dos jogos. Trocamos mais algumas palavras e logo me juntei aos meninos, confirmando com a cabeça que a conversa havia saído da forma como esperávamos. Momentos depois, Logan chegou e o técnico Brown o chamou para conversar em um canto. Observei a pose de Logan cair um pouco, seu rosto ficar pálido. Era evidente a sua surpresa, ele não esperava que fosse ser afastado do time. Assim que a conversa terminou, ele me encontrou do outro lado da quadra com o olhar e franziu o cenho, apertando a mandíbula.

Era lógico que ele sabia que eu havia ido conversar com o técnico, não que eu achasse que Brown tivesse contado, mas eu havia deixado claro para Logan que conversaria com ele. Cheio de raiva, ele bateu a porta da quadra ao sair e eu respirei fundo.

Menos um problema para enfrentar. Agora, nosso foco estava em vencer o Arizona na próxima terça-feira.

25

"Ultimamente, tenho estado em uma montanha russa
Tentando controlar minhas emoções
Mas tudo que sei é que preciso de você por perto"

NEEDY - ARIANA GRANDE



Chloe

Raymond e eu entramos em uma rotina que consistia em um único padrão: fazer quase tudo juntos. O filho da mãe me convenceu a começar a me exercitar todos os dias antes de irmos para a faculdade, então, eu tinha que olhar para sua carinha bonita às cinco e meia da manhã — que poderia se tornar bem feia, dependendo do meu humor —, depois, almoçávamos juntos antes dele seguir para o centro de treinamento, então, à noite, às vezes ele batia na casa da Alpha ou me pegava para passar um tempo com ele e os meninos em sua casa.

Àquela altura do campeonato, eu já havia desistido de tentar fazer com que o meu coração parasse de bater como um louco alucinado a cada vez que eu via Raymond. Era inútil tentar lutar contra o que o jogador me fazia sentir, afinal, eu era humana, fraca, e ele era um gostoso de marca maior. Não apenas isso, Raymond me incentivava, me colocava para cima e todos os dias, religiosamente, me perguntava sobre como estava a escrita do livro, mesmo sem que eu o tivesse deixado ler uma única linha ainda. Eu

era muito apegada com o meu texto e queria que ele estivesse perfeito quando — e se — eu o desse para que Raymond lesse.

Ele me surpreendeu ao ler o livro que pegou emprestado em meu quarto naquela primeira noite em que foi me visitar, semanas atrás, e pediu para que eu emprestasse outro para ele no mesmo estilo. Como sabia que ele procurava algo em que o basquete estivesse envolvido, emprestei para ele *Long Shot*, da autora Kennedy Ryan, e ele ficou me enviando mensagens durante a leitura, puto com o antagonista, louco para entrar no livro e dar uma surra no desgraçado. Eu o entendia perfeitamente, mas foi divertido ver a sua reação.

Estaria eu transformando Raymond em um leitor assíduo? Se era preciso ter apenas esporte no romance para que ele lesse, então, sua lista de leituras estaria lotada pelos próximos meses.

Parei em frente ao espelho, dando uma olhada geral no meu *look* e tentando entender em que momento Raymond conseguiu me convencer a usar a camisa oficial do Bruins, com o seu sobrenome e número nas costas, que ele me deu há mais ou menos uma semana. O jogo de hoje à noite seria na arena do nosso time e ele me deu um par de ingressos, para que eu fosse junto com a Kim, em seguida, me estendeu um presente. Eu fiquei chocada quando vi a blusa do time, no meu tamanho.

— Você é a minha garota, tem que usar a minha camisa — disse ele, com aquele sorrisinho egocêntrico.

E aqui estava eu, usando uma saia *jeans* branca, *All Star* azul e a camisa do King. Um mês atrás, uma situação assim seria impossível de estar acontecendo comigo, mas Ray havia mudado completamente a minha visão sobre ele e os meus sentimentos também.

Peguei minha bolsa e enviei uma mensagem para Kim, perguntando se ela estava pronta, enquanto descia as escadas da Alpha. Assim que cheguei ao andar debaixo, ouvi a campainha tocar e falei para as meninas que eu iria atender, pois com certeza era Kim. Estava quase xingando a doida enquanto abria a porta, porque ela nem tinha me avisado que já havia saído de casa, quando senti o sorriso congelar no meu rosto.

— Oi... Pai?

Não era uma alucinação. Meu pai estava bem ali, na minha frente, segurando uma pequena mala de mão. Ele abriu os braços e eu me obriguei a sair do choque e o abracei com força. Apesar da surpresa, eu estava com saudades dele e da mamãe.

— Como é bom ver você, minha princesinha — sussurrou em meu ouvido. Meu pai sabia como me deixar como uma manteiga derretida.

— É muito bom ver o senhor também. O que está fazendo aqui em Los Angeles? — perguntei ao me afastar.

— Vim te ver, não posso?

James Davidson nem ao menos disfarçou e eu quase revirei os olhos. Estava demorando para ele vir dar uma conferida no território. Ele via todos os *stories* de Raymond — King havia me mostrado isso semanas atrás —, assim como assistia aos poucos vídeos de quinze segundos que eu postava em tempo real no Instagram, e tinha certeza de que ficava pesquisando sobre Ray no Twitter. Meu pai poderia não ser um grande fã de redes sociais, mas ele era determinado e sabia mexer nas mais populares. Que azar o meu.

— Claro que sim — respondi com um sorriso aberto demais, bem falso. Ele me olhou lentamente de cima a baixo. — Eu estou indo agora para o jogo do Bruins e...

— Usando a camisa do garoto?

— Eu sou a namorada dele, pai.

Dramático, meu pai revirou os olhos e me estendeu a sua mala pequena.

— Coloque-a aí dentro, vou com você a esse jogo.

— Mas, pai... — Eu limpei a garganta, sem saber como falar delicadamente que eu *não queria* que ele fosse. — A Kim já vai comigo.

— A Kim vai entender, é só você falar para ela que estou aqui. Pensa bem, querida, vai ser um programa entre pai e filha, como fazíamos quando você era mais nova.

Quando criança, nossos programas consistiam em ir ao cinema juntos ou ele me levar ao shopping e me deixar comprar vários brinquedos, para o desespero da minha mãe. Ir com meu pai ao jogo de basquete do meu “namorado” não era, nem de longe, o

meu programa ideal com ele. Respirando fundo, avisei que deixaria sua mala no meu quarto e mandei um áudio para Kim, explicando o que havia acabado de acontecer. Ela me respondeu um segundo depois, também com uma mensagem de voz:

— Tá *de sacanagem, seu pai veio mesmo dar uma incerta sobre você e o King? Que droga, amiga! Mas tudo bem, vai logo com ele, assim o velho vai embora mais rápido. Com todo o respeito, é claro.*

Eu ri e enviei um outro áudio falando que era o que eu mais queria. Por quanto tempo meu pai pretendia ficar por aqui? Pelo tamanho da mala, não parecia ser muito, mas o Sr. Davidson era imprevisível. Avisei a Hillary que meu pai dormiria comigo hoje e ela aceitou numa boa, em seguida, saí da mansão da Alpha e fui com o meu pai até o seu carro. Conversamos durante todo o caminho até a arena e meu pai abriu um sorriso quando entramos.

— Tem a mesma energia louca de quando eu estudava aqui.

Para a minha sorte, meu pai era fiel ao seu time da faculdade, ou seja, menos um motivo para ele odiar Raymond. Quando percebeu que estávamos indo para o melhor lugar da arena, ele ficou eufórico.

— Tem noção de que eu só consegui assistir a um jogo nesse lugar da arena uma única vez em todos os meus anos de faculdade?

— Foi Ray quem me deu os ingressos. Ele é um cara maravilhoso, pai.

— Hm...

Não sabia o que aquele murmúrio significava, mas resolvi que não ficaria toda tensa durante o jogo por causa das loucuras do meu pai. O time logo entrou em quadra para se aquecer, o que deixou o público alucinado, e Raymond procurou por mim com o olhar. Assim que me viu, ele abriu um sorriso enorme, que *quase* murchou ao ver quem estava ao meu lado. Pude ver a pergunta silenciosa nos seus olhos, como se estivesse tentando entender o que o meu pai fazia ali, mas só dei de ombros discretamente. Não tinha muita explicação, eu disse a ele que algo assim poderia acontecer.

— Pai, Ray está acenando para você — falei um pouco mais alto para que me ouvisse por cima do barulho da torcida.

Meu pai encontrou Raymond com o olhar e, por um momento, achei que não o cumprimentaria, mas logo ergueu a mão para responder o aceno de King. Aquilo me deixou um pouco mais confiante. Pelo menos ele não ignorou o cara por quem eu... Por quem eu estava me apaixonando perdidamente, como uma boba que não tinha o menor cuidado com o próprio coração. Em minha defesa, o órgão parecia agir sozinho. Ele não me perguntava o que eu queria, apenas se entregava cada vez mais nas mãos do jogador gostoso.

O tempo passou rapidamente e logo as luzes se apagaram. Notei meu pai ficar animado ao meu lado e sorri, torcendo para que até o final do jogo, um milagre acontecesse e ele parasse de pegar no nosso pé.

O jogo começou e eu entrei no modo “torcedora fanática do Bruins”, que era o que acontecia quando eu vinha aos jogos. Depois daquela primeira noite em que Ray me deu os ingressos para poder se desculpar comigo, ele acabou me chamando umas duas vezes para vir à arena, e eu, claro, não recusei. A energia aqui era mesmo louca, como meu pai disse, mas era incrível. E como o Bruins vinha ganhando todos os jogos desde aquela derrota para o Colorado Buffaloes, a torcida só tinha motivos para gritar cada vez mais alto a cada cesta que os meninos gigantes faziam.

O primeiro tempo acabou com o Bruins marcando 31 pontos contra os 19 do Alabama State. Ao meu lado, meu pai comentou bem alto em meu ouvido:

— Esse garoto é realmente muito bom. Eu assisti a alguns dos jogos dele com Rob nas últimas semanas. Raymond vai muito longe, Chloe.

Fiquei animada ao ouvir aquilo.

— É verdade. Ele sempre lutou muito por isso, pai.

— Sim, o garoto é determinado. Li que ele está cotado para ser a primeira escolha no *Draft*.

Uau, meu pai estava mesmo interessado na vida do King.

— Pois é. Ele está feliz demais por causa disso, é o sonho da vida dele.

— E se ele assinar contrato com um time fora da Califórnia? O que vão fazer sobre esse... namoro?

Eu fiquei um tempo em silêncio, porque aquela pergunta foi realmente inesperada. Meu pai sequer havia aceitado o nosso relacionamento, por que agora queria saber sobre o nosso futuro?

— Eu não sei... Não conversamos sobre isso ainda.

Meu pai deu dois tapinhas amigáveis em meu joelho.

— Mas deveriam, querida... Deveriam.

O segundo tempo começou e eu lutei para entrar de novo no clima do jogo, mas as palavras do meu pai ficaram rodando em minha mente. O que ele quis dizer com tudo aquilo? Era um sinal de que havia começado a acreditar no namoro falso? E por que pensar na possibilidade de Raymond jogar em um lugar bem longe me machucava? Eu já deveria ter me dado conta de que aquilo poderia acontecer.

Em certo momento do jogo, lá pelos dez minutos do segundo tempo, consegui retomar meu espírito de torcedora e vibrei a cada cesta do Bruins junto com o meu pai. O saldo daquele jogo incrível foi de 88 pontos para o Bruins contra 66 do Alabama State. O UCLA Bruins estava fechando aquela temporada de amistosos com uma única derrota e Ray me disse que o time estava cotado como um dos favoritos para a próxima fase, que começaria em janeiro, dali a mais ou menos duas semanas.

— Como está se sentindo depois de assistir a um jogo do Bruins aqui, pai? — perguntei quando fomos esperar por Raymond do lado de fora da arena. Meu pai sorriu, saudosista.

— Parece que voltei a ser um universitário. O tempo não evoluiu aqui. Claro, a arena passou por reformas e está mais moderna do que no início dos anos noventa, mas o clima é o mesmo e o time do Raymond é muito bom.

Time do Raymond. Precisei sorrir ao ouvir aquilo.

— Acha que o Bruins tem chance de ganhar a temporada esse ano?

— Acho que talvez seja impossível que o Bruins não ganhe. E nós precisamos disso, a última vitória do time foi em 1995. Meu último ano na faculdade... Bons tempos.

Às vezes eu me esquecia que meus pais se casaram assim que saíram da faculdade e engravidaram de mim poucos anos depois, em 1999. Naquela época, já não era mais tão comum que os jovens se casassem cedo, mas eles se amavam e queriam construir uma vida juntos. A história dos dois era muito bonita.

— Estou mesmo torcendo para que eles ganhem. Raymond merece encerrar a sua trajetória fantástica no Bruins com uma vitória.

— Parece que você gosta mesmo desse rapaz... Nunca te vi tão interessada em qualquer tipo de esporte antes.

Senti meu rosto ficar quente de vergonha e um frio tomar a minha barriga. Estava tão nítido assim? Claro, James Davidson era meu pai e me conhecia muito bem, mas quem estava de fora, conseguia ver o mesmo que ele? Será que Raymond percebia?

— Isso acontece quando se namora um atleta, pai. A gente acaba aprendendo um pouco sobre o seu estilo de vida e começa a torcer por ele — desconversei.

Meu pai concordou com a cabeça, mas não disse mais nada, pois Raymond começou a vir em nossa direção. Usando um *jeans* escuro, regata branca e jaqueta de couro preta, ele estava muito sensual. Chegava a ser pecado um homem ser tão bonito. Seu cabelo estava úmido do banho e o cheiro do seu perfume me invadiu assim que chegou mais perto de mim. Achei que ele ficaria um pouco sem-graça na frente do meu pai, mas eu devia saber que Raymond tinha confiança de sobra correndo naquelas veias, por isso, passou um braço pela minha cintura e a outra mão ele estendeu para o meu pai.

— Sr. Davidson, é muito bom vê-lo por aqui.

Meu pai apertou a mão de Ray com um pouco mais de força do que era aceitável, mas King nem fez careta, continuou sorrindo.

— Não precisa mentir, garoto. Eu odiava as visitas inesperadas do meu sogro... Que Deus o tenha.

Eu não havia conhecido o meu avô materno, pois ele morreu um ano antes de eu nascer, por isso, não me senti mal quando perguntei:

— Se o senhor sabe que isso é ruim, por que está fazendo como ele?

— Porque agora eu estou no lugar dele e entendo como esse tipo de visita é importante. Você tem algum compromisso agora, Raymond?

— Não, senhor.

Eu sabia que teria uma festa na casa de um dos amigos do Ray para comemorarmos a vitória do Bruins — os torcedores eram prepotentes nesse nível —, mas claro que King não iria para a festa com o meu pai estando aqui. Ele era bem espertinho, e eu também, lógico. Justo hoje, que eu estava animada para curtir a noite ao lado do meu... Bom, ao lado de Raymond.

— Ótimo. Vamos jantar. Conheço um restaurante italiano maravilhoso que fica a menos de vinte minutos daqui.

Raymond concordou com a cabeça e eu avisei:

— Pai, vou no carro com Ray, ok? Nós seguimos o senhor.

Achei que meu pai iria contestar, mas ele estava diferente naquela noite e só concordou silenciosamente antes de se afastar. Ray e eu fomos direto para o seu carro e, assim que entramos, ele se virou para mim com o cenho franzido:

— O que o seu pai está fazendo aqui?

— Ele deixou bem claro, veio dar uma checada em nós dois.

Raymond riu e colocou o carro em movimento quando indiquei o automóvel do meu pai virando a esquina na nossa frente.

— Isso é surreal, sério. Eu me sinto no século passado... — Ele parou por um momento e seu sorriso foi sumindo aos poucos. — Apesar que, pensando bem, se eu tivesse uma filha, também ficaria em cima do namorado dela.

— Pelo amor de Deus, Raymond! — Revirei os olhos enquanto ria e ele me olhou com certa indignação.

— O que foi? Eu conheço os homens, eles não prestam, é claro que nenhum deles vai chegar aos pés do que a minha princesa vai merecer.

— Isso é muito fofo, mas também é ridículo. Você estava falando mal do meu pai há meio segundo.

— Porque eu não tinha me colocado no lugar dele. Caralho, se eu pego a minha filha na cama de algum babaca, como ele pegou nós dois, eu com certeza teria socado o filho da puta. Por que o seu pai não me deu um soco?

Fizeram uma lavagem cerebral em Raymond, só isso poderia explicar o que estava acontecendo com ele naquele momento.

— Ray...

— Seu pai estava certíssimo. Ele tinha mesmo que defende a sua honra.

— A minha honra? Minha nossa. — Eu estava com a barriga doendo de tanto rir, principalmente porque Raymond estava falando sério.

— Nunca mais julgarei o Sr. Davidson, está decidido.

— Ok, King, já entendi. Pensar em ter uma filha parece mudar a sua forma de pensar.

— Não é para tanto. Não sou machista como o seu pai, sei que a minha filha vai ter, hm... Uma vida sexual ativa. Meu Deus, por que estou pensando nisso? É como uma autotortura, estou sofrendo por antecipação. — Ele fez uma careta, mas logo continuou: — Mas isso não quer dizer que eu não estarei aqui para protegê-la dos idiotas que tentarem brincar com ela.

Meu coração derreteu ao ouvir aquilo. Aproveitando que Ray havia parado o carro em um sinal vermelho, eu me estiquei no banco e o abracei rapidamente pelo pescoço, dando um beijo na sua bochecha.

— Você é muito precioso, sabia? Vai ser um pai incrível.

— É mesmo? — O safado passou a mão pela minha cintura e deu um apertão na minha bunda. Foi a primeira vez que tomou uma atitude tão ousada comigo e eu fiquei chocada e com o corpo em chamas. — Quer testar essa teoria? Posso te engravidar hoje à noite.

— Você não pode simplesmente agradecer ao meu elogio?

— É que você me pegou de surpresa... Obrigado. — Ele deu aquele sorrisinho de menino tímido, que eu aprendi a identificar ao longo das últimas semanas, mas logo apertou a minha bunda de novo. — E então? Posso te engravidar ou não?

— Nem vou te responder, King — respondi em sussurro e voltei a me sentar em meu lugar quando um carro atrás do nosso começou a buzinar.

Eu estava excitada. Não sobre ficar grávida, é claro, mas sobre todo o processo que antecedia a gravidez. Aumentei o som do

carro, só para tentar me distrair de todos aqueles pensamentos pornográficos e logo chegamos ao restaurante. Eu já havia jantado ali com os meus pais e a comida era incrível. Um funcionário logo nos indicou uma mesa e meu pai pediu uma garrafa do seu vinho preferido, que eu não sabia qual era, pois o meu pai mudava a safra e a marca de vinho com frequência.

— Foi um ótimo jogo, Raymond. O Bruins está na sua melhor fase.

— Obrigado, senhor. Estamos muito confiantes para a temporada desse ano.

— Pode me chamar apenas de James — meu pai disse. O garçom nos serviu o vinho e, assim que se afastou, meu pai ergueu a sua taça. — Ao Bruins.

Nós repetimos e brindamos, e eu fiquei feliz por ser um vinho suave. Estava um pouco nervosa com aquele jantar, portanto, esperava que álcool me ajudasse um pouco a acalmar os ânimos. Depois de fazermos os nossos pedidos, meu pai nos olhou mais seriamente e começou a falar:

— Nessas últimas semanas, eu tenho acompanhado vocês de longe e conversado muito com os seus pais, Raymond. — Ray assentiu e senti sua mão pousar em meu joelho. Coloquei a minha sobre a dele, notando que nós dois estávamos nervosos como dois adolescentes. Eu não sentia aquilo desde o início do meu namoro com Miles. — Confesso que a imagem que seu pai passou para mim sobre você quando nos conhecemos, foi de que você era um garoto focado na carreira, mas um garanhão na faculdade. Claro, ele não disse essa palavra exatamente, mas deixou claro que você não queria namorar, que estava curtindo a vida de solteiro e pensando exclusivamente em se formar e assinar com um grande time. Por isso, quando os flagrei naquela manhã, não passou pela minha cabeça que vocês dois estavam em um relacionamento sério.

Meu pai fez uma pausa quando o garçom trouxe os nossos pedidos, mas logo continuou quando o homem se afastou:

— Chloe vive me chamando de machista e, sim, eu reconheço que tenho mesmo um pensamento mais... Antigo. Mas é porque eu acho que minha filha merece muito mais do que ser um caso de uma noite só. Ela merece um homem que a ame, que a

respeite e que seja seu companheiro durante toda a vida, assim como eu sou para a mãe dela.

— Pai... — Precisei tocar a sua mão sobre a mesa, porque suas palavras me tocaram profundamente. Ele podia mesmo ter alguns defeitos, mas sempre foi um pai incrível para mim e um marido melhor ainda para a minha mãe.

— Só estou falando a verdade, querida — disse para mim antes de se voltar para Ray. — Por isso, usei esse último mês para tentar entender, através dos seus pais, Raymond, como você funcionava e eles me garantiram que, se está com a minha filha, é porque realmente gosta dela. Isso me tranquilizou, mas quero ouvir diretamente de você. O que sente pela minha filha e quais são as suas intenções com ela?

Ai, meu Deus. Como Raymond iria mentir sobre aquilo? Limpando a garganta, ele começou:

— Bom, senhor...

— James. Pode me chamar de James.

— James. Meu pai não errou quando disse que eu estava focado completamente na minha carreira, pois sempre fui assim. Meu maior sonho sempre foi jogar na NBA e coloquei em minha cabeça que qualquer outra coisa que exigisse a minha atenção, poderia tirar o meu foco, mas, então, eu conheci a sua filha...

Raymond entrelaçou nossos dedos debaixo da mesa e me olhou enquanto levantava a minha mão para dar um beijo sobre a minha pele.

— E entendi que, mesmo ela sendo um furacão que virou o meu mundo de cabeça para baixo, tê-la ao meu lado não tira a minha mente do meu objetivo, pelo contrário. Chloe me apoia, acredita em mim, me incentiva, até acorda às cinco da manhã para malhar ao meu lado. — Ele sorriu e eu senti a minha garganta se fechar em um nó. — Com ela, eu percebi que estava errado em acreditar que me apaixonar poderia atrapalhar a minha caminhada. Então, quero que o senhor saiba que eu estou comprometido com a sua filha, que eu a respeito e jamais irei machucar o seu coração.

Era oficial, eu estava *fodida*. Ouvir tudo aquilo de Raymond, mesmo sabendo que era só uma mentirinha para o meu pai, acabou

comigo. Tive a certeza bem ali, naquele exato momento, que eu estava completamente apaixonada por aquele cara.

— Bom... — Meu pai também limpou a garganta, como se tivesse sentido o impacto das palavras de Raymond. — Sendo assim, eu darei um voto de confiança a você, rapaz. Sei que já estão namorando, mas, agora, têm o meu aval. Cuide bem da minha filha na minha ausência e pense duas vezes antes de fazer qualquer coisa que possa fazê-la chorar, ou juro que não vou conseguir responder por mim.

— Pai, Ray já entendeu — falei, rindo de nervoso.

— Está tudo bem, baby, lembra do que conversamos no carro? No lugar do seu pai, eu faria o mesmo.

— É assim que se fala, garoto! — Meu pai ergueu a taça de vinho e abriu um sorriso enorme. — Agora que já parei de te ameaçar, vamos voltar a falar sobre o jogo...

O clima entre eles mudou automaticamente, mas eu continuei presa às palavras de Raymond, com o coração acelerado e uma vontade bem pequena de chorar de desespero. O que eu faria com o sentimento intruso que havia tomado espaço em meu peito? O que eu faria com Raymond?

26

"Você é tudo que eu sempre quis, e meus braços estão abertos
Porque você sabe exatamente o que dizer
E você sabe exatamente o que fazer
E eu quero tanto te dizer: Eu te amo"

HELLO - LIONEL RICHIE

Raymond

Chloe precisou ir embora com o seu pai no dia seguinte, dia 23 de dezembro, pois eles viajariam para Miami para passar o Natal com a irmã da sua mãe. Isso me impediu de conversar com ela pessoalmente sobre aquele jantar e tudo o que falei para o seu pai. Não havia me dado conta exatamente do que eu sentia por Chloe até aquele momento. Era verdade quando diziam que algumas coisas só ficavam claras para alguém em um momento de tensão, pois foi exatamente como senti. Estava nervoso, mas não pressionado, apesar de aquela ser a intenção de James Davidson.

Ele queria me colocar contra a parede para saber o que eu sentia pela sua filha e estava em seu direito. O problema, era que não foi apenas ele que foi pego de surpresa com as minhas palavras, pois me senti do mesmo jeito. O impacto do que falei naquela mesa me deixou acordado durante horas quando me deitei em minha cama. Ao acordar, acabei tomando uma decisão: falaria com Chloe que tudo o que eu disse foi genuinamente verdadeiro. A promessa que propus a nós dois naquela noite em frente à Alpha,

falava sobre agirmos se estivéssemos na mesma página. Eu não sabia o que Chloe sentia por mim, mas achava que era mais do que amizade.

Eu poderia estar enganado? Com certeza, pois não entendia nada sobre relacionamentos, mas tinha que arriscar. Em minha vida, sempre pesei na balança o que eu poderia perder ou ganhar ao tomar uma decisão. Se agisse como um covarde e não falasse nada, poderia perder Chloe para algum outro babaca. Se falasse com ela, poderia assustá-la ao afirmar que não menti para o seu pai, mas pelo menos eu estaria sendo verdadeiro. E a verdade precisava estar acima de tudo, sempre.

Acabei levando um balde de água fria ao me deparar com a sua mensagem naquela manhã, me avisando que havia ido embora com o pai. Teria que esperar até o seu retorno para podermos conversar, mas tudo bem, isso me daria tempo para pensar na melhor forma de conversar com ela.

— É só ser direto, cara. *Pá-pum*, entendeu? — Dylan disse enquanto eu arrumava minha mala. Precisava pegar a estrada para ir para San Francisco passar o Natal com os meus pais. Encarei-o com o cenho franzido.

— *Pá-pum*? Que merda é essa?

— É uma gíria brasileira. Conheci um estudante esses dias que veio do Brasil, ele estava escutando uma música e tinha essa palavra. Perguntei a ele o que significava e ele disse que era uma forma de falar sobre algo que acontece de forma objetiva, sabe? Sem enrolação.

— *Pá-pum* — repeti, testando a palavra na minha língua. — É isso aí, vai ser *pá-pum*. Mas será que eu não vou assustá-la?

Dylan sorriu, me ajudando a dobrar algumas camisas. O idiota tinha um closet imenso e adorava comprar roupas, portanto, era muito bom em fazer malas e parecia gostar daquilo, enquanto eu odiava.

— Estou aqui me lembrando de quando você disse que não queria se apaixonar, que não iria namorar com a Chloe... Isso tem menos de um mês, Ray. *Menos de um mês!* — Enfatizou, me fazendo soltar um suspiro.

— Sim, eu sei disso, mas o que posso fazer? Simplesmente aconteceu, cara.

— Pois é. Isso é para você aprender que não tem como a gente mandar nos nossos sentimentos.

Eu não era tão racional ao ponto de achar que tinha o poder de mandar no meu coração, mas, com certeza, sempre fugi de qualquer situação onde ele pudesse se envolver demais. Com Chloe, isso foi impossível. Ela estava em minha vida, literalmente. Enquanto com outras garotas eu podia me afastar, com ela, a situação era outra. E ainda tinha o adicional de que eu *não queria* me manter distante. Estar com ela todos os dias havia se tornado algo primordial. Pensar naquilo só me mostrava como eu estava ferrado.

— Conversei ontem com o meu pai e ele liberou o jatinho para o meu aniversário — Dylan disse de repente, como se aquilo não fosse nada de mais. — O velho é chato, não aceita muito bem que eu queira seguir na carreira profissional de basquete, mas não resiste a um pedido da minha mãe e ela intercedeu por mim. Então, cara, se prepare, pois dia 30 estaremos embarcando para Las Vegas! O andar da família Ferrazzo no Bellagio já está reservado e nós vamos curtir como se não houvesse amanhã. Chame a Chloe e aquela amiga dela... Jim.

— Kim, cara, o nome é Kim.

— Isso aí. Se ela tiver um namorado, mande-a levá-lo também. Quero todo mundo comemorando comigo. Vai ser foda pra caralho!

Eu sorri, animado, já pensando em fazer aquela viagem com a Chloe, depois de conversar com ela... Talvez, pudéssemos avançar naquela relação. Porra, eu mal poderia esperar!



— Tio Ray!

Fui recepcionado pelo entusiasmo de Eliot assim que cheguei em casa. Ele veio rápido em minha direção, empurrando as rodas da cadeira, e eu encurtei a nossa distância, abraçando-o com força antes de passar o braço pelas pernas dele e girá-lo em meu colo.

— Tio Ray, eu vou cair! — Gritou, mas estava gargalhando.

— Você sabe que eu nunca te deixaria cair, bebê. — Dei um beijo em sua bochecha vermelha e o coloquei de volta na cadeira. — Como você está?

— Bem e com saudade. E triste, porque a tia Chloe não vai passar o Natal com a gente.

— Como você sabe disso?

— Nós conversamos todos os dias, esqueceu? Falei com ela hoje de manhã.

Eu adorava a amizade dos dois, mesmo assim, provoquei:

— Você é um espertinho, sabia?

— Não sou nada. — Ele me deu um sorriso sorrateiro. — Mas a tia Chloe me disse a mesma coisa quando eu perguntei se a tia dela não tinha alguma filha da minha idade.

— Eliot! — Eu ri, sacudindo seu cabelo. — Você é muito novo para pensar nesse tipo de coisa. Já falei que criança não namora.

— Você e a tia Chloe só pensam besteira. Eu não disse nada sobre namorar, só queria ter uma amiga da minha idade. Eu só tenho o Davis, o Nick e o Gavin de amigos na escola. Quero mais amigos, tio Ray.

Aquilo sempre fazia o meu peito ficar apertado. Na idade de Eliot, apesar do *bullying* que eu sofria na escola, tinha vários amigos, mas por conta do preconceito, poucas crianças realmente se aproximavam dele em busca de amizade. Não sabiam o que estavam perdendo, pois Eliot era o garotinho mais incrível do mundo. Abaixei-me para ficar da sua altura e apertei sua mão.

— Tenho certeza de que você vai conhecer pessoas novas em breve e vai ter muitos amigos, garotão.

— Tomara! A tia Chloe disse que a filha da tia dela já é adulta, mas que lá em Miami, ela tem uma outra tia, que tem uma filha da minha idade. Quem sabe um dia a gente não se conheça, não é? Seria muito legal!

— Com certeza. Vamos fazer de tudo para que esse encontro aconteça, ok? — Ele concordou com a cabeça, animado. — Onde estão os seus avós?

— O vovô está na garagem consertando uma cadeira e a vovó foi ao mercado. Nós vamos fazer biscoitos de gengibre mais

tarde! Vai querer nos ajudar, tio?

— Claro. Eu amo biscoitos de gengibre. Vou falar com o seu avô, está bem?

— *Tá* bom, vou para o meu quarto jogar videogame. É quase Natal, o vovô me deixou jogar até a hora de dormir!

— Se deu bem, garotão. Depois eu jogo uma partida com você.

Tocamos as nossas mãos em um soquinho maroto e ele seguiu para o quarto, enquanto fui direto para a garagem. Meu pai tinha um *hobby* que, na minha opinião, poderia se tornar a sua profissão se ele quisesse. Ele adorava restaurar móveis, às vezes, algum vizinho jogava uma cama fora ou uma poltrona, e ele sempre pegava para restaurar. Quando eu era moleque, ele vendia os móveis que restaurava e sempre tínhamos uma grana extra no final do mês para poder ir ao cinema ou tomar sorvete. A vida era boa, mesmo com algumas dificuldades.

Encontrei-o lixando o pé de uma cadeira de madeira e precisei abanar a mão no ar para poder afastar do meu nariz o pó que se espalhava pelo ar. No som via *bluetooth* que eu havia dado a ele de presente de aniversário, tocava uma música qualquer do Lionel Richie. Ele era fã das músicas dos anos oitenta.

— Cheguei! — Avisei, pois ainda não tinha notado a minha presença. Meu pai abriu um sorriso e deixou a lixa de lado, vindo me dar um abraço.

— Filho, estava com saudade. Que jogo foi aquele, hein? Vocês arrasaram!

Meu pai nunca perdia uma única partida e sempre me ligava no dia seguinte para comentarmos sobre o jogo. Como sabia que eu viria para cá, provavelmente preferiu falar sobre o jogo comigo pessoalmente.

— Obrigado, pai. Agora começa a segunda fase e a brincadeira vai ficar mais séria.

— Essa temporada vai ser de vocês. Agora que aquele tal de Logan deixou o time, nada mais vai segurá-los.

— Ele não deixou o time oficialmente, está apenas no banco.

— Bobagem. O técnico de vocês seria um idiota se tirasse aquele menino novo, Hunter, e voltasse a apostar em Logan.

Sabia que meu pai tinha razão. Hunter estava apenas no segundo ano, mas era um ótimo jogador, disciplinado, inteligente. Tinha sido uma ótima aquisição para o time. O problema, era que Logan ainda era o titular e eu sentia que o técnico Brown voltaria a dar mais uma chance para ele.

— O senhor sabia que o pai da Chloe ia para Los Angeles ontem? — perguntei, mas foi só olhar para a cara do meu pai, que eu tive a minha resposta.

— Ele comentou comigo, mas pediu para que eu não te dissesse nada... Fiz mal? Queria te contar, mas fiquei dividido. James se importa demais com a filha.

— Não, o senhor fez bem. Foi uma surpresa vê-lo ao lado de Chloe na arena, mas fiz de tudo para não agir como um moleque assustado.

Meu pai riu e voltou a lixar o pé da cadeira.

— James te assustou, hein?

— Um pouco, tenho que confessar, mas me saí bem ontem... Ele permitiu que eu namore a Chloe.

— É mesmo? — Meu pai parecia surpreso e eu concordei com a cabeça. — Então, o namoro de vocês é sério?

— Sim. Achou que não fosse?

— Em um primeiro momento, sim, achei que era uma mentira para poderem se safar do James, mas depois, ele começou a me mostrar como você vinha se comportando pelo Instagram e percebi que você estava mesmo diferente. Também teve aquele vídeo seu beijando a Chloe na faculdade... — Meu pai deixou as palavras no ar e deu de ombros. — Então, percebi que era verdade e fiquei feliz. Sabe que sempre fui contra a essa sua ideia de que precisava se afastar de qualquer coisa que o distraísse da sua carreira. Não era saudável, Ray.

Meu pai sempre conversou muito comigo, mas nem ele, que era e sempre seria o meu melhor amigo, conseguiu mudar o meu jeito de pensar. Não era como se eu me mantivesse isolado do mundo, só não queria correr o risco de acabar perdendo o foco.

— Era mesmo um namoro de mentira — confessei, vendo-o parar de lixar a cadeira para prestar atenção em mim. — Ainda é, na verdade.

— Como assim? Você não disse que James deixou vocês dois namorarem?

— Sim, porque acredita que o nosso relacionamento é verdadeiro.

— Isso está muito confuso, Raymond. O que quer dizer?

— Quero dizer que Chloe e eu estávamos fingindo durante esse tempo e que fomos pegos de surpresa com a visita do seu pai ontem à noite.

Meu pai largou a lixa sobre a mesa e coçou a testa levemente suada, fazendo uma careta.

— E o que farão agora? Vão aproveitar que James acreditou nesse teatro e romperão o namoro falso?

— Esse era o plano original, mas...

— Mas?

— Mas eu não quero romper. Algo muito estranho aconteceu comigo, pai, e eu estou apaixonado por essa garota.

Finalmente, coloquei para fora. Encostei-me contra a sua mesa e cruzei os braços, me sentindo meio bobo por estar tendo aquela conversa com o meu pai. Eu tinha vinte e dois anos, mas me sentia um adolescente falando sobre a sua primeira namoradinha, o que, ironicamente, não deixava de ser verdade. Meu pai sorriu.

— “Algo muito estranho aconteceu comigo” — repetiu as minhas palavras enquanto sorria. Por fim, apertou o meu ombro e me olhou nos olhos. — Isso se chama sentimento, Raymond. Você mesmo acabou de nomear.

— Eu sei, só que nunca senti isso antes, pai. Estou meio inseguro.

— É normal que se sinta assim. Sei que é um homem sério e seguro de si, mas tudo o que envolve o coração é mais complicado. A lógica deixa de existir e a gente começa a ser guiado por algo que não conseguimos ver ou tocar, apenas sentir. E está tudo bem, Ray. Agora, você precisa arregaçar as mangas e conversar com a Chloe.

— Será que ela vai acreditar em mim? A minha fama pelo campus não é muito boa.

— Durante esse tempo em que fingiram estar juntos, você deu a ela algum motivo para que desconfiasse de você?

— Não.

— Isso deve bastar, então. Seja honesto com ela. Você era um homem solteiro, tinha o direito de curtir essa fase da sua vida, só que isso não significa que vai ser um canalha com ela. Eu sei o filho que tenho, se quer mesmo seguir com esse relacionamento, vai dar o seu melhor.

— Com certeza. Para falar a verdade, eu não senti falta dessa parte louca da minha vida, pai. Sinto falta do sexo, é claro, mas não com outras mulheres... Eu desejo apenas a Chloe.

Nunca pensei que isso poderia acontecer um dia. Sempre fui um cara de curtir o momento, de sentir desejo por qualquer mulher bonita que quisesse ficar comigo, nunca por uma só.

— Eu também desejo apenas a sua mãe e isso já tem mais de trinta anos.

— Pai, eu não quero saber sobre isso. — Porra, que filho queria ouvir aquele tipo de coisa? Meu pai riu da minha cara.

— O que estou querendo dizer, é que quando tem sentimento, o resto deixa de ter importância, Ray. As outras pessoas se tornam sem-graças, porque você quer alguém específico.

Eu concordei, porque estava aprendendo que aquilo era verdade. Só me restava descobrir se Chloe sentia o mesmo por mim.



Depois de ajudar Eliot e minha mãe a fazerem os biscoitos de gengibre, tomei um banho e fui jogar uma partida de videogame com o meu sobrinho. A conversa com o meu pai havia tirado um peso dos meus ombros e percebi como sentia falta de simplesmente me abrir com ele. Com a minha rotina agitada, nos falávamos um pouco pelo celular todos os dias, mas não era a mesma coisa do que estar lado a lado, olhando nos olhos um do outro. Rob King continuava sendo o meu confidente favorito.

— Ganhei! — Eliot anunciou, alegre. Havia acabado de matar o meu bonequinho na tela da TV. — Tio Ray, você é muito ruim nesse jogo.

— Ei, essa foi apenas a primeira partida. Vamos para mais uma — falei, mas logo tive uma outra ideia. — Pensando bem, por

que não ligamos para Chloe? Acho que ela gostaria de assistir a nós dois jogando.

— Isso! Vou ligar para ela agora!

Eliot pegou seu celular em cima da cama ao meu lado e iniciou uma videochamada com Chloe. Ela atendeu depois do quarto toque e o seu sorriso fez a minha garganta ficar seca e o coração bater mais forte. Como eu podia já estar sentindo a sua falta, sendo que estávamos juntos há pouco menos de vinte e quatro horas?

— Oi, vocês dois! — Ela acenou para mim quando me viu atrás de Eliot. Eu fiz o mesmo para ela, soprando um beijo e tentando identificar se suas bochechas haviam ficado coradas.

— Oi, tia Chloe! Eu e o tio Ray estamos jogando videogame e eu o venci na primeira partida. Agora, ele quer uma avalanche.

— Avalanche? — Chloe perguntou sem entender.

— Uma revanche, Eliot — corrigi, sorrindo.

— Isso, uma revanche! Você vai torcer por mim, não é, tia Chloe?

— Claro que sim!

— Como assim? Chloe, você é minha namorada — falei, fingindo indignação, mas ela sabia que eu estava brincando.

— Sinto muito, Ray, mas o meu coração é do Eliot, todo mundo sabe disso.

— Não fica triste, tio Ray — Eliot me consolou com aquela carinha de pilantra. — Você vê a tia Chloe todos os dias, eu só falo com ela pelo celular, então, é justo que ela torça por mim, porque você tem mais ela do que eu.

Como uma criança de nove anos poderia ter tanto argumento na ponta da língua?

— Tudo bem, eu aceito isso. Mas se eu ganhar, não venha puxar o meu saco, Chloe.

— Bobinho, eu sei que o Eliot vai ganhar — disse ela, soprando um beijo para o meu sobrinho. — Eliot, espere um segundo. Minha priminha está aqui na casa da minha tia, vou chamá-la e apresentá-la a você!

Chloe deixou o celular sobre algum móvel, pois ficamos encarando o teto pela tela. Com um sorriso enorme, Eliot se virou para mim.

— Eu vou conhecer a prima dela, tio Ray! Estou descabelado?

— Não, você está lindo.

— Meus dentes estão sujos? — Ele escancarou a boca para me mostrar os dentes.

— Não estão, fique tranquilo.

— Vai ser muito legal conhecer a prima da tia Chloe, principalmente porque será pelo celular, assim, ela nem precisa ver as minhas pernas — disse ele e eu senti a força das suas palavras como um tiro no meu peito. — Porque eu sei que as meninas não gostam muito das minhas pernas. Elas sempre preferem os garotos que são normais.

— Mas você é um garoto normal, meu bem — falei, tocando em seu rosto.

— Não sou. Eu não ando, tio Ray.

— Isso não quer dizer nada, Eliot. O que verdadeiramente importa, é o que você carrega aqui — apontei para a sua cabeça —, e aqui — apontei para o seu coração. — Você é um menino lindo, forte e muito inteligente. As crianças que não se aproximam de você, é que estão perdendo a oportunidade de ter um amigo tão incrível.

Os olhinhos dele brilharam de emoção e eu precisei engolir o nó que se formou em minha garganta. Até quando meu sobrinho teria que sofrer com aquele tipo de preconceito? Quando os pais daquelas crianças aprenderiam a ensiná-las que elas tinham o dever de respeitar toda e qualquer diferença? Que crianças com deficiência não eram seres estranhos e que mereciam carinho e respeito?

— Tomara que ela goste de mim, então — ele murmurou com um sorriso e os olhos marejados. Por fim, apertou o cantinho de cada olho e me deu o melhor sorriso de todos. — Será que ela gosta do Hulk? — Apontou para a blusa que usava.

— Vamos descobrir em breve.

Ouvimos as vozes de Chloe e de uma garotinha através do celular e Eliot voltou a erguer o aparelho, focando em nós dois. Por fim, Chloe apareceu na tela e, ao seu lado, estava uma menininha com os cabelos na altura dos ombros e olhos castanhos como os

dela. Ela acenou para a tela com um sorriso e nós dois acenamos de volta.

— Eliot, Ray, essa é minha prima, Olivia. Olivia, esses são Ray, meu namorado, e Eliot, o sobrinho dele.

— Oi. — Ela parecia ser tímida, mas seu sorriso largo provava que estava gostando de nos conhecer.

— Oi, Olivia. É um prazer conhecer você — falei e Eliot concordou ao meu lado.

— Oi, Olivia, eu sou o Eliot, o sobrinho favorito do tio Ray.

— Favorito? Você tem mais sobrinhos? — ela perguntou.

— Não, só esse garotinho esperto mesmo.

— Viu? Por isso que sou o sobrinho favorito dele.

Do outro lado da tela, a menininha gargalhou e eu tive mais um vislumbre de como aquele garotinho ao meu lado era incrível. Eliot quebrou a tensão em poucos segundos e, quando parou de rir, Olivia voltou a falar com ele:

— Que legal a sua blusa! Sabia que eu sou fã da Capitã Marvel?

— Você gosta de filmes de super-heróis?

— Eu adoro, mesmo que alguns bobões falem que filmes de super-heróis não são coisas de menina. — Ela revirou os olhos. — A tia Chloe me disse que não existem coisas de meninos ou de meninas, é tudo de todo mundo.

— Isso aí. — Chloe sorriu, dando um beijo na cabeça dela.

— Eu não acredito nisso, acho que meninas podem fazer qualquer coisa — Eliot disse, dando de ombros. Eu adorava a forma descomplicada como as crianças viam as coisas. — Você tem celular, Olivia?

— Sim, eu tenho.

— Oba! Vamos trocar números de telefone? Assim, a gente pode se falar todos os dias!

Olivia sorriu animada e se virou para Chloe.

— Eu posso dar o meu número para o Eliot, tia?

— Claro, por que não? Acho que vocês se tornarão grandes amigos. Eliot, vou passar o número da Olivia para você por mensagem, está bem?

— *Tá* bom, tia Chloe! Pode ser agora? Aí, eu já ligo para o celular dela.

Chloe concordou e nós nos despedimos para que ela pudesse passar o número de Olivia para Eliot.

— Ela gostou de mim, tio Ray! — Eliot disse, animado. — Eu vou falar das minhas pernas para ela.

— Eu tenho certeza de que ela não vai se afastar de você, bebê. — Olivia parecia ser uma garotinha esperta como a tia e Chloe provavelmente já devia ter explicado para ela sobre a deficiência de Eliot.

— Chegou a mensagem!

Eliot salvou o número de Olivia e logo ligou para o celular dela em uma videochamada. A garotinha apareceu do outro lado da tela, toda animada, e eles logo começaram a falar sobre todos os filmes e personagens de super-heróis. Como sabia que a nossa partida de videogame havia sido esquecida, deixei a porta de Eliot aberta e fui para a sala com o meu celular, ligando para Chloe. Ela apareceu na tela em menos de um minuto.

— Oi. — Seu sorriso me saudou e eu me joguei no sofá, cansado por ter passado tantas horas dirigindo, mas sem querer ir dormir ainda.

— Oi, meu bem. Já está com saudades de mim?

— Nem um pouquinho... — Desdenhou, mentirosa como sempre.

— Eu estou com saudades de você.

— Sério?

— Sim.

Chloe me deu aquele sorrisinho envergonhado que eu amava.

— Eu também estou com saudades. E com inveja por você estar tão perto do Eliot.

— Não fique assim, eu vou agarrá-lo bastante por você.

— Faça isso, por favor — ela pediu, rindo baixinho.

— Obrigado por ter apresentado Olivia a ele. Eliot tem poucos amigos e estava animado para conhecê-la.

— Olivia também não tem muitos amigos, porque algumas crianças a julgam por ser fã de super-heróis. — Chloe revirou os

olhos. — Acho que vai ser muito bom eles criarem essa amizade e o melhor de tudo, é que minha tia Lily, mãe de Olivia, vai se mudar para San Francisco daqui a dois meses. Eles vão poder se conhecer pessoalmente.

— Está falando sério? — Aquilo seria muito bom para Eliot.

— Sim! Estou muito feliz por isso. Tia Lily é a irmã mais nova da minha mãe, vai ser muito bom ter as duas morando tão perto uma da outra. E, claro, vai ser ótimo para Olivia se mudar já tendo um amigo na cidade nova.

— Isso é incrível, Chloe. E ela sabe sobre a condição de Eliot?

— Sim, eu conversei com ela, mas Olivia é uma criança muito boa. Sabe o que disse para mim? — Eu apenas sacudi a cabeça. — Que isso não significava nada, pois Eliot era uma criança como todas as outras. Minha tia e meu tio Grayson a educaram muito bem.

— É muito bom ouvir isso, Chloe. Eliot não tem nenhuma amiga menina...

— Não tinha, agora, ele tem — corrigiu.

— Agora ele tem... Graças a você. — Ela me deu um sorriso emocionado e eu senti que estava indo pelo mesmo caminho, por isso, mudei de assunto. — Escuta, Dylan vai comemorar o seu aniversário em Las Vegas no dia 30 de dezembro e convidou você e a Kim.

— Em Las Vegas? Como assim? Como vamos para Las Vegas na antevéspera do Ano Novo? Vai ser impossível.

— Não para Dylan, que tem uma família milionária, um jatinho à sua disposição e um andar inteiro do Bellagio reservado só para ele. — A boca de Chloe caiu aberta, assim como a minha quando descobri a extensão do dinheiro da família de Dylan. — Pois é, bem-vinda ao mundo dos ricos.

— Você está brincando! O Bellagio é tipo... O Bellagio! — Seus olhos pareciam que iam saltar das órbitas.

— Não se esqueça do jatinho.

— Puta merda... A Kim vai surtar!

— Isso quer dizer que vocês vão?

— É claro que sim! Só um louco recusaria um convite como esse!

Eu sorri, ficando muito animado e fazendo alguns planos... Tornaria aquela noite inesquecível para mim e para Chloe, ou não me chamava Raymond King.

27

"Estamos nos mexendo mais rápido do que lento
Se você não sabe onde ir
Eu vou terminar por conta própria"

YOUR BODY - CHRISTINA AGUILERA



Chloe

— Puta merda, a gente vai andar de jatinho!

Kim já havia falado aquilo em meu ouvido umas vinte vezes, mas ainda parecia muito surreal. Mesmo agora, em que estávamos em frente ao avião de pequeno porte e luxuoso, eu não conseguia acreditar. Ao meu lado, Raymond riu.

— Eu fiquei assim quando andei pela primeira vez... Na verdade, ainda fico.

— Como Dylan é acostumado a essa vida?

— Acho que é porque ele nunca foi pobre — sussurrei para que os dois ouvissem, pois bem à nossa frente, estava o aniversariante, recepcionando-nos ao lado da porta do jato.

— Sejam bem-vindos. Vai ser um final de semana incrível!

— Posso te dar os parabéns antes de subir? — perguntei, já abraçando-o. Dylan soltou uma risada e me abraçou de volta. — Parabéns, Dylan. Que você continue sendo esse cara alegre e que realize todos os seus sonhos. Ah, e continue a encher o saco do Raymond.

— Essa é a minha especialidade!

— Eu ouvi, ok? — Raymond disse, puxando-me pela mão quando comecei a me afastar de Dylan. — Chega de agarrar a minha garota.

Toda vez que ele me chamava daquele jeito, meu coração disparava. Observei Kim cumprimentar Dylan e lhe desejar um feliz aniversário, então, entramos no jatinho, deixando-o ali para recepcionar os meninos do time e os amigos mais próximos que tinha convidado. Eu tinha certeza de que, se pudesse, Dylan fretaria um *boing* para poder levar todos os seus amigos da faculdade, mas, como não podia, teria que se contentar com, segundo ele, “aquele pingo de gente”. O cara amava a popularidade que tinha, mas, diferente do que eu pensava, não era nem um pouco arrogante ou egocêntrico.

Entrei no jatinho prestando atenção em tudo, desde o chão acarpetado em veludo vermelho, até as poltronas de couro em tom bege, que pareciam ser muito macias. O interior do pequeno avião era todo em madeira e as partes de metal eram douradas. Perguntei-me se eram banhadas a ouro... Eu não me surpreenderia se fossem. Ray e eu nos sentamos lado a lado e Kim pegou a poltrona da frente, virando-se rapidamente para gente.

— Ray, me diz que você vai comprar um jatinho também quando ficar milionário?

— Eu não tenho essa pretensão — disse, rindo ao ver Kim fazer uma careta.

— Qual é a graça de ser um milionário e não ter um jatinho?

— Qual é a graça de ter um jatinho para deixá-lo pegando poeira em um local privado? Porque eu não o usaria com frequência, já que sempre viajarei com o meu futuro time.

— Querido, não entendeu ainda? O jatinho não será para o seu uso, mas para o uso da Chloe, afinal, ela será a sua esposa e precisará se locomover de um estado a outro, te acompanhando nos jogos. Coloque a cabeça para funcionar, Ray.

— Ela é louca — falei logo, antes que Raymond começasse a pensar que eu estava planejando o nosso casamento com a minha melhor amiga. — Sério, não liga para as coisas que ela diz.

— Você fala isso agora, mas quando ele adquirir o jatinho, vai me pedir desculpas e depois agradecer. E eu só vou te desculpar, se me levar para viajar com você. Agora eu vou me sentar direito na minha poltrona chique, colocar os meus fones de ouvidos e esperar que me sirvam champanhe, com licença.

Kim se virou e Raymond gargalhou ao meu lado, enquanto eu estava boquiaberta. O que colocaram no café que Kim pegou a caminho do aeroporto?

— Sua amiga é uma figura.

— Ela não funciona muito bem de manhã. Sabe, os neurônios demoram um pouco para começarem a funcionar.

— Eu ouvi, Chloe! — Kim disse, erguendo o dedo do meio por cima da poltrona e arrancando uma risada de nós dois.

— Acho melhor a gente falar mais baixo agora — Ray sussurrou, pegando a minha mão e entrelaçando os nossos dedos. — Como foi o Natal com a sua família?

— Incrível, como sempre. A família da minha mãe é muito animada, minhas duas tias adoram uma festa.

— Sua mãe é a mais velha?

— Não, ela é a do meio. Antes dela veio a tia Karina, dona da casa onde passamos o Natal, e depois da minha mãe, veio a tia Lily, mãe da Olivia.

— Eliot não para de falar da Olivia. Disse que marcou no calendário quantos dias faltam para ela se mudar para San Francisco.

— Olivia me disse que fez o mesmo. Estou tão feliz, Ray. Essa amizade vai fazer muito bem aos dois.

— Com certeza. — Ray parou de falar quando o pessoal do time começou a cumprimentá-lo e tomar seus assentos. Eu acenei para todos, mesmo só tendo conhecido Dylan e Ryan pessoalmente. Aquela viagem serviria para que eu pegasse intimidade com o time de basquete do Bruins. — Gosta de voar?

— Em um avião gigantesco, sim, nesse aqui, não sei. É pequeno demais.

— Não vou soltar a sua mão.

Ele deu um beijo nos nós dos meus dedos e eu senti um frio na barriga. Algo em Raymond estava diferente, mas eu não sabia

exatamente o que era. Aquela era a primeira vez que nos víamos desde o jantar com o meu pai e eu estava um pouco nervosa, sem saber o que iria acontecer. Nosso trato, era de que fingiríamos o namoro até o meu pai acreditar na nossa história, depois, terminaríamos tudo. Vim preparada para que ele falasse que já poderíamos agir como solteiros, afinal, estávamos indo para Las Vegas, a cidade do pecado, mas isso não aconteceu.

Será que ele deixaria para romper tudo no hotel? Ou simplesmente sairia pegando todo mundo na boate onde iríamos comemorar o aniversário de Dylan? Eu não acreditava muito nessa segunda opção, pois, após de semanas de convivência, aprendi que Raymond não era um babaca, mas a insegurança se instalou em meu peito mesmo assim.

Era uma droga ter me envolvido tanto por ele. Mesmo lutando contra, o sentimento simplesmente tomou o seu lugar em meu peito e não saiu mais. O coração era mesmo um órgão idiota, como as mocinhas dos livros falavam, só que na ficção, o protagonista sempre estava apaixonado por elas de volta. Será que Raymond estava apaixonado por mim? Ri baixinho ao pensar naquela possibilidade.

— O que foi? — perguntou ele. Só naquele momento havia me dado conta de que todas as poltronas já estavam ocupadas e que a comissária de bordo passava algumas instruções de segurança.

— Nada, só estava me lembrando de uma situação engraçada que minha tia contou durante a ceia de Natal. — Apertei sua mão na minha para disfarçar e forcei um sorriso. — Vamos curtir essa viagem, Ray.

Mesmo que você resolva curtir sem mim.

— Você não imagina como iremos curtir essa viagem, Chloe.

A forma como falou fez o meu coração dar uma aceleradinha boba no peito, mas logo tentei acalmar as suas batidas. Só esperava que aquela viagem fosse boa para nós dois.



O Bellagio era um luxuoso hotel e cassino cinco estrelas, conhecido pelo lago artificial em frente à construção, que se transformava à noite em um show de cascatas e luzes. Eu mal podia esperar para ver aquele espetáculo quando anoitecesse, pois já estava apaixonada pelo lugar sob a luz do sol. O andar reservado para a família Ferrazzo continha dez quartos. A suíte principal seria ocupada por Dylan, logicamente, e quando abri a boca para falar que dividiria uma suíte com Kim, a safada se agarrou a Sammy, uma das amigas do aniversariante, e disse:

— Sammy e eu somos as únicas solteiras desse grupinho, então, vamos dormir juntas!

Eu olhei para ela sem poder acreditar na sua cara de pau e senti Raymond passar um braço pela minha cintura.

— Parece que dormir comigo já está se tornando um hábito, irritadinha.

Havíamos dormido juntos algumas vezes depois daquela noite em meu quarto, mas ali, era diferente. Aquela cidade, aquele lugar maravilhoso... Que Deus me ajudasse, pois eu não merecia sofrer um ataque cardíaco em Vegas!

— Promete que vai se comportar? — sussurrei para ele e Ray sorriu.

— Claro. — O filho da mãe se inclinou e falou baixinho em meu ouvido: — Que não.

— Pessoal! Vamos deixar as malas nas suítes e descer para o restaurante, pois estou morto de fome! Já tem uma mesa reservada para todos nós.

Claro que tinha, afinal, Dylan era *podre* de rico. Como Ray já estava com o cartão-chave na mão, deixamos as nossas malas na suíte enorme e lindíssima, que tinha uma vista privilegiada do lago artificial, e logo nos juntamos aos outros perto do elevador. O Bellagio tinha dezesseis restaurantes, cada um de uma nacionalidade diferente. Você poderia escolher entre uma refeição tipicamente italiana ou francesa, japonesa ou americana. Também tinha um restaurante que servia apenas frutos do mar e outro que servia os cortes mais nobres de carnes. A maioria só abria para o jantar, por isso, Dylan nos levou direto para o restaurante onde poderíamos almoçar.

O *Spago* era incrível, assim como tudo naquele hotel, além de ser privado. Eu não gostaria de saber quanto os pais de Dylan estavam desembolsando naquele fim de semana, pois não queria me engasgar com a comida. O almoço foi muito divertido e Ray e eu rimos da cara do *maître*, que era um senhor de sessenta anos, todo engomadinho, que nos olhava com cara de assustado. Provavelmente, nunca havia recebido naquele restaurante caríssimo e luxuoso um bando de universitários que não tinham muita noção das regras de etiqueta.

Após o almoço, fomos andar um pouco pela cidade, e consegui conhecer todos os titulares do time de basquete do Bruins. Eram homens enormes — claro —, mas simpáticos e bem divertidos. Todos ali pareciam ter a mesma *vibe*. Ray, como um bom usuário das redes sociais, gravou vários *stories*, a maioria comigo, para a minha surpresa. O filho da mãe também me deu alguns sustos quando eu me distraía, só para rir da minha cara, e me vinguei sujando a ponta do seu nariz de sorvete. Ficou fofo, na verdade, e eu fiquei um pouquinho mais apaixonada, o que era patético.

No início da noite, resolvemos voltar para o hotel para descansarmos um pouco antes de irmos para a boate. Minhas pernas doíam de tanto andar, mas eu jamais abriria a boca para reclamar, pois aquela já estava sendo a melhor viagem da minha vida. Assim que chegamos na suíte, me joguei na cama e fechei os olhos rapidinho, sentindo Raymond se deitar ao meu lado.

— Nada de corpo mole, Davidson. Quero você linda e gostosa essa noite.

— É mesmo?

— Sim.

— E você vai fazer esse mesmo esforço por mim? — perguntei, abrindo os olhos para encará-lo. Para a minha surpresa, Raymond estava deitado de lado, com o cotovelo apoiado na cama e o rosto apoiado na mão.

— Vou dar o meu melhor, como sempre. — Seu dedo indicador da mão esquerda tocou a minha barriga na altura do meu estômago e eu prendi a respiração. — Quer dormir um pouco? Eu te acordo.

— Não. — Minha voz saiu meio entrecortada. — Acho que vou aproveitar aquela banheira incrível pelos próximos trinta minutos.

— Hm... Isso é um convite?

— Claro que não, seu safado. — Raymond riu e eu o empurrei de leve pelos ombros, vendo-o cair de costas na cama. Por fim, apoiei minhas mãos em cada lado da sua cabeça e sussurrei perto da sua boca. — Vai ter que fazer por merecer para entrar naquela banheira comigo, King.

— Eu farei, prometo.

Encarei os seus lábios por um segundo e fiquei toda arrepiada quando senti suas mãos em minha cintura, subindo lentamente a minha blusa até a altura das costelas. Quando seus dedos tocaram aquela parte sensível do meu corpo, eu estremeci.

— O que está fazendo?

— Tocando você — falou o óbvio em um sussurro rouco. — Quero um beijo, Chloe. Um beijo de verdade.

Eu mordi o lábio, sentindo algo dentro de mim gritar. O que estava acontecendo ali? O clima de Las Vegas havia nos afetado, eu tinha certeza, no entanto, não recuei. Se Raymond podia me provocar com toques, eu podia fazer o mesmo com ele, só que com palavras.

— Vamos ver como você vai se sair essa noite, Ray, e talvez... — Toquei meus lábios nos dele bem de leve. — Eu te dou o seu beijo.

Levantei-me da cama antes que Raymond pudesse me agarrar, me deixar nua e meter aqueles vinte centímetros e meio dentro de mim, sentindo um frio intenso na barriga, meus mamilos doloridos e a boceta melada.

28

"Me diz como vamos fazer
Se você me deseja e eu também te desejo
Faz um tempo que quero te devorar
Diga o que vai fazer"

ENVOLVER - ANITTA



Chloe

Parecia que eu estava nua, mas nunca estive tão sexy em toda a minha vida. Kim havia me dado aquele vestido no meu aniversário, mas nunca tive coragem de usá-lo. Era todo em seda na cor preta, colado ao corpo, de alcinha e decotado tanto na altura das costelas, quanto nas costas, onde tinha uma corrente com pedrinhas brilhantes que seguia o corte do vestido em minha cintura, um pouco acima da bunda. O tecido acabava no alto das minhas coxas e não pude usar calcinha, se não, marcaria tudo.

Era isso, estava nua, mas pelo menos as partes mais importantes não estavam aparecendo. Só mesmo em Las Vegas eu teria coragem de usar um vestido como esse. Terminei de soltar os cachos em meus cabelos após usar o *babyliss* e dei uma última conferida antes de sair do banheiro. Optei por uma maquiagem mais marcada nos olhos e um batom rosado, pois o vestido já chamava a atenção por si só e gostei do resultado, principalmente porque a sandália de salto, também na cor preta, havia alongado as minhas

pernas. Eu me sentiria um pouco mais alta no meio daqueles jogadores gigantes.

— Chloe? Está tudo bem aí?

— Sim, já vou sair.

Apressei-me em tirar o *babyliss* da tomada e abri a porta do banheiro, encontrando Ray perto da sacada.

— Não acredito! Se tivéssemos combinado, não daria tão certo.

Raymond se virou para me olhar e eu fiz o mesmo com ele. Assim como eu, ele vestia preto da cabeça aos pés e não imaginei que uma calça de alfaiataria poderia combinar tanto com uma camisa de meia manga e uma correntinha prata no pescoço. Ele estava lindo, muito gostoso, pois a calça marcava um pouco as suas coxas musculosas e a manga da camisa agarrava os seus bíceps. Nos pés, ele usava um tênis todo preto com o solado branco.

— Puta merda, Chloe. — Ele enfiou o celular no bolso e girou o dedo indicador, pedindo para que eu desse uma voltinha. Fiz isso bem devagar e sorri ao ouvir o seu assobio. — Você está... Minha nossa, eu não tenho uma palavra que chegue à sua altura, me desculpe.

— Não seja bobo. — Aproximei-me dele e toquei em seu peito, sentindo suas duas mãos em minha cintura nua. — Você está lindo, Ray.

— Você está maravilhosa. — Seus dedos subiram levemente pela linha da minha coluna e eu estremeci, sentindo os músculos entre as minhas pernas pulsarem levemente. — Não vou te deixar sozinha nem por um segundo essa noite, porque sei que você será a mulher mais linda daquela boate.

— Você sabe como massagear meu ego, King.

Ele sorriu e achei que falaria mais alguma coisa, mas duas batidas na porta da nossa suíte o interromperam.

— Já estão prontos? — perguntou Dylan. — As limusines estão à nossa espera lá embaixo.

— Por que eu ainda me surpreendo com Dylan? — questionei. *Limusines.* O garoto não estava para brincadeira, queria comemorar os seus vinte e três anos com tudo o que tinha direito.

— Eu o conheço desde o início da faculdade e ainda fico surpreso com tudo o que ele faz. Creio que será assim até a gente morrer. — Raymond sorriu e deu um tapinha em minha bunda. — Vamos logo, porque quero ver essa bunda gostosa rebolar na pista de dança.

De mãos dadas, saímos da suíte e nos encontramos com todo mundo perto do elevador. Kim veio logo me abraçar e soltou um gritinho ao ver que eu finalmente estava usando o vestido que me deu de presente. Ela também estava linda com um vestido azul com um decote profundo nos seios. O tom deixou a sua pele negra ainda mais linda e iluminada.

— Dylan, por que você faz aniversário só uma vez no ano? Eu poderia facilmente me acostumar a esse seu estilo de vida — disse Kim quando entramos no elevador.

— Gata, eu sou um acontecimento, entende? O mundo não suportaria que Dylan Ferrazzo tivesse dois dias no ano para comemorar o seu nascimento. Agora, se você quiser, nós podemos repetir tudo isso no seu aniversário. — Dylan se aproximou da minha melhor amiga e tocou o queixo dela com a ponta do dedo. Podia jurar que Kim perdeu um pouco a compostura. — Que tal?

— Vamos poder usar o jatinho?

— Claro.

— E a limusine?

— Com certeza.

— Vou poder dormir na suíte principal do nosso andar?

Eu conseguia ter uma visão privilegiada dos dois pelo espelho e observei enquanto Dylan dava um sorriso matador para Kim.

— Só se eu puder dormir com você.

— Dylan está dando em cima da Kim! — sussurrei o óbvio para Ray e ele abaixou a cabeça para sussurrar em meu ouvido.

— Ele está fazendo isso desde a hora do almoço, baby. Jura que não percebeu?

— Não. Quer dizer... Eu ouvi ele soltando uma cantada ou outra, mas achei que era brincadeira.

— Dylan não brinca com esse tipo de coisa, o cara é um pegador nato.

— Como você — falei, tocando o seu peitoral com o indicador. Ray sorriu para mim.

— Agora eu sou um homem sério, saí dessa vida, irritadinha. — Seus olhos encontraram os meus e eu mordi o lábio inferior, nervosa com a sua intensidade. — Por você.

As portas do elevador se abriram e eu agradeci por ter o braço de Ray ao redor da minha cintura, pois sentia minhas pernas bambearem. Suas palavras... Eu não queria, mas era muito difícil não depositar todas as minhas esperanças em cada uma delas. Duas limusines nos aguardavam em frente ao hotel. Como estávamos em dezesseis pessoas, nos dividimos em dois grupos de oito e entramos no automóvel luxuoso, dando de cara com duas garrafas de champanhe dentro de um balde com gelo. Dylan, que estava conosco, logo abriu uma das garrafas e fizemos um brinde.

— Ao aniversariante! — Ray disse, erguendo a sua taça. — Que seja a melhor noite das nossas vidas.

— Já é a melhor noite das nossas vidas, cara!

Brindamos e fomos tomando champanhe até chegarmos à boate, onde, logicamente, nossos nomes estavam na lista VIP. Passamos diretamente pela fila de espera e entramos no ambiente escuro, iluminado por luzes coloridas. As paredes pareciam pulsar ao ritmo da música e a pista de dança já estava lotada. Nós ficaríamos em um andar reservado, onde havia uma pista de dança privada, mas poderíamos descer se quiséssemos. A bebida também era liberada e Kim logo me puxou para irmos ao bar.

— Dylan é um gostoso, meu Deus! E acho que ele está a fim de mim!

— Você acha? Kim, até eu, que sou um pouco lenta, já percebi isso. — Parei em frente ao balcão do bar e olhei para a minha amiga. — E você? Está a fim dele?

— Sempre o achei um grande gostoso, então... Acho que sim. Mas eu fiz uma promessa de que só ficaria com homens de caráter depois daquela decepção com Theo... Mas o que acontece em Vegas, fica em Vegas, certo?

Kim parecia estar falando mais consigo mesma do que comigo, o que me fez rir. Por fim, peguei as suas duas mãos e fui sincera:

— Eu acho que você deveria curtir essa viagem sem se preocupar com mais nada. Se estiver com vontade de ficar com ele, fique. Divirta-se, amiga!

— Sim, você tem razão. Estamos na cidade do pecado, não é? Vamos contribuir para que essa fama se perpetue por mais tempo. E você e o Ray? Ele está de quatro por você, Chloe. O homem mal consegue se conter, não tira os olhos e as mãos de cima da "irritadinha" dele.

— Eu quero passar essa noite com ele. De verdade.

Havia decidido aquilo enquanto estava na banheira, depois de mais uma sessão de tensão sexual com Ray. Não sabia por quanto tempo mais ficaríamos com aquele joguinho de mentir sobre o nosso namoro, sabia, menos ainda, o que ele realmente sentia por mim. Eu estava apaixonada por ele, mas o desejo que sentia estava me guiando desde o momento em que aterrissamos naquela cidade. Acho que valeria a pena passar aquele fim de semana em seus braços, pelo menos, eu teria uma lembrança real quando tudo terminasse e não ficaria apenas no "e se".

— Até que enfim, garota! Achei que nunca liberaria a boceta para esse homem!

— Kimberley! — Dei um tapa em seu braço e ela riu.

— Vou repetir a mesma coisa que disse para mim, você deveria curtir essa viagem sem se preocupar com mais nada. Sei que seu coração bate mais forte pelo Ray, mas acho que dá para ignorar isso enquanto estivermos aqui, não é? Divirta-se, amiga!

Eu concordei e nos abraçamos rapidamente. Uma conversa com a sua melhor amiga sempre tinha o poder de resolver todos os problemas.

— Antes que eu me esqueça, Dylan não é um babaca. Ele tem caráter — falei em seu ouvido e Kim me afastou.

— Nem vem com essa história para cima de mim. Vai ser só sexo.

— As melhores histórias começam assim, não?

Kim balançou a cabeça e resolveu chamar o *barman* para nos atender. Resolvi que não *shipparia* aqueles dois, pois Kim era meio cabeça-dura e Dylan era realmente um pegador nato, apesar de ser um cara incrível. Eles poderiam dar muito certo juntos, mas

seria melhor eu guardar as minhas expectativas naquele fim de semana. Pegamos nossos drinques docinhos e coloridos e fomos nos encontrar com o pessoal na área reservada ao nosso grupo.

— Vamos dançar? — Ray perguntou em meu ouvido. Percebi que ele havia se servido do uísque que colocaram em nossa mesa, mas parecia ser apenas uma dose.

— Vamos. Sei que está louco para dançar comigo, King.

Ele não negou, apenas sorriu e pegou a minha mão, nos levando em direção à escada. Percebi que quase todo mundo veio conosco e fiquei animada ao ver Kim e Dylan lado a lado, ele falando alguma coisa em seu ouvido, provavelmente mais uma das suas cantadas. Parei de prestar atenção nele quando chegamos à pista de dança lotada. Apesar de não sair com tanta frequência como as meninas da Alpha, eu adorava dançar e amava a energia pulsante que só encontrávamos em lugares como aqueles. Terminei o meu drinque e deixei o copo vazio em uma das mesinhas altas espalhadas pelo salão.

Ray me puxou pela mão para o meio da pista e eu ri quando ouvi a música que estava começando a tocar.

— O que foi? — Ele perguntou bem alto em meu ouvido, colando o corpo no meu. Passei as mãos pelo seu peitoral definido até chegar em seus ombros e subi para o pescoço.

— Ouça a música que está tocando.

Ray franziu o cenho, prestando atenção, mas em um segundo um sorriso idiota se abriu em seus lábios quando entendeu do que eu estava falando. *California King Bed*, de Rihanna, em uma versão *remix*, tocava em alto e bom som. Era como se o DJ soubesse que aquele era o trocadilho perfeito para Raymond. Surpreendendo-me, Ray começou a dançar ao ritmo da música e me fez girar em seus braços, colando seu peitoral em minhas costas. O filho da mão flexionou um pouco os joelhos para sarrar em minha bunda.

— Pode falar a verdade, você está doidinha para ir para a cama com o rei da Califórnia... — Seus dentes mordiscaram a minha orelha e eu estremeci. Virei minha cabeça em sua direção e respondi em seu ouvido:

— E quem seria o rei da Califórnia? Você?

Pude ter um vislumbre do seu sorriso.

— Você sabe que sou eu. — Sua mão se espalhou bem aberta sobre a minha barriga, fazendo os músculos do meu abdômen se contraírem.

— Mas eu já fui para a cama com você, King...

— Não do jeito que nós dois queremos. — Senti seu nariz na pele sensível do meu pescoço, subindo até parar atrás da minha orelha. — E eu quero muito você, Chloe. Tanto que chega a doer. — Estremeci com tanta força, que fiquei surpresa por minhas pernas simplesmente não falharem. Ray pegou as minhas duas mãos e as colocou em sua nuca. — Mas não vamos pensar nisso agora... Nesse momento, eu só quero sentir esse seu corpo delicioso no meu.

Minha nossa, Raymond iria me matar. Não sobraria nem um por cento de Chloe Davidson naquela noite, eu tinha certeza. Comecei a mexer meu corpo com o dele quando a música *Envolver*, da cantora brasileira Anitta, começou a tocar, sentindo meu clitóris pulsar contra os lábios sensíveis da minha boceta. Eu estava sem calcinha, o que me preocupou um pouco. Será que minha lubrificação escorreria pelas minhas coxas? A língua de King lambeu a minha pele lentamente, antes de seus lábios se fecharem sobre a veia grossa em meu pescoço, me dando um chupão bem sensual. Eu rebolei contra o seu quadril, envolvida pela música e por ele, sentindo seu pau endurecer rapidamente contra a minha bunda.

Queria dar para aquele homem. Se não tivesse decidido que faria isso ainda no hotel, teria decidido ali, com o seu quadril rebolando sensualmente contra o meu, seus lábios, dentes e línguas em minha pele e suas mãos dançando sobre o meu corpo. Uma delas desceu pela minha cintura até o osso do quadril e ouvi a voz rouca de Raymond em meu ouvido:

— Você está sem calcinha?

Abri um sorriso e me virei para ele, colando meus seios em seu peito. Os mamilos estavam tão duros e sensíveis, que cheguei a soltar um gemidinho ao pressioná-los contra Raymond.

— Não sei, você vai ter que descobrir.

— Chloe... — Ele passou o nariz no meu e apertou minha bunda com as duas mãos, quase tirando os meus pés do chão. A

coluna do seu pau se encaixou perfeitamente entre as minhas coxas e eu gemi de novo, sentindo o seu sorriso safado. — Não brinca assim comigo. Sou capaz de te levar agora para o primeiro canto vazio dessa boate só para descobrir isso.

— E se eu estiver sem calcinha... O que você vai fazer?

— Vou te comer tão gostoso, que você nunca mais vai pensar em ter outro pau dentro dessa bocetinha. — Seus lábios correram pelos meus e um gemido rouco escapou do fundo da sua garganta quando mordisquei o inferior. — É isso que você quer, não é, Chloe?

— Será?

Afastei-me de Ray antes que ele pudesse me beijar, porque aquele joguinho de provocá-lo estava me deixando completamente louca. Fui em direção ao bar, que não estava tão lotado quanto pensei que estaria, e chamei o *barman,* mostrando a minha pulseirinha VIP. Pedi mais um drinque e sorri ao sentir os braços de Raymond ao redor da minha cintura.

— Sabia que você não conseguiria ficar muito tempo longe de mim — falei bem alto, esticando minha mão para passar por seus cabelos. Que estranho. Raymond havia deixado o cabelo crescer na parte de trás e não percebi.

— Já fiquei longe por tempo suficiente. Estou esperando até hoje que você responda à minha mensagem, Chloe.

Eu me virei assim que percebi que aquele não era Raymond e me desvencilhei dos braços do homem bem mais baixo do que ele. Meus olhos se arregalaram quando o reconheci.

— Michael? O que está fazendo aqui?

O cara bonito com quem fiquei na boate em Los Angeles me deu um sorriso e logo percebi que, perto de Raymond, ele era apenas bonitinho. Dei um passo para trás quando ele tentou me tocar.

— Vim romper o ano em Vegas e parece que você teve a mesma ideia que eu. Isso não pode ser apenas coincidência, Chloe.

Era coincidência. Uma coincidência bem estranha, mas o que eu poderia esperar do destino? Ele sempre gostava de rir da minha cara. Dei um sorriso sem-graça para Michael e me apoiei de costas no balcão quando ele me cercou com as duas mãos.

— Michael, eu não...

— Fiquei esperando por você, sabia? Queria muito te conhecer melhor, Chloe.

— Legal. Agora, se afaste.

— Calma, só estamos conversando. — Ele sorriu.

— Podemos conversar sem que você me prenda contra o balcão do bar.

Estava prestes a empurrá-lo pelos ombros, quando uma mão enorme ocupou o lugar onde eu iria tocar e puxou Michael para longe de mim. Raymond tomou a minha frente no alto dos seu 1,99m, me deixando escondida do babaca.

— Posso saber que porra está acontecendo aqui? Quem é você e por que está cercando a minha namorada?

— Namorada? — Cheguei um pouco para o lado, só para poder ver os olhos esbugalhados de Michael. Ele parecia um adolescente perto de Ray, sendo que era anos mais velho. — Eu não sabia que você estava namorando, Chloe. Poderia ter me avisado.

— Te avisado? Por que ela faria isso? Você é o pai dela ou alguma merda assim?

— Não, mas... Eu fiquei esperando por você, Chloe — repetiu. Michael parecia um disco arranhado.

Com certeza ele tinha esperado por mim, só que comendo outras. Algum homem realmente acreditava que as mulheres caíam naquele papinho idiota?

— Se eu não respondi mais às suas mensagens, era porque não estava interessada, Michael. Agora, se me der licença, vou dançar com o meu namorado.

Esqueci completamente do drinque e puxei Raymond pela mão. Ele ainda demorou a me seguir, lançando um olhar bem sério para Mike, mas o puxei com mais força e ele veio comigo. Nos afastamos um pouco, mas Ray me fez parar em um canto perto da escada que levava à área VIP e tocou o meu rosto com as duas mãos.

— Você está bem?

— Sim, estou. Obrigada por ter me defendido.

— Quem era aquele cara?

— Era o Michael, aquele carinha com quem fiquei na boate em Los Angeles.

— Por isso que eu pensei que o conhecia de algum lugar... — Raymond sacudiu a cabeça e olhou em direção ao bar, mas Michael já tinha desaparecido.

— Esqueça isso, está tudo bem, Ray — pedi, tocando em seus braços. — Acho que eu tenho dedo podre, desde Miles, só tenho escolhido caras babacas.

— Isso me inclui?

— Bem... A sua reputação não é muito boa, né...

Era para ser apenas uma brincadeira, eu até mesmo estava sorrindo, mas quando o semblante de Raymond se fechou ainda mais e o vi dar um passo para trás, percebi que ele tinha entendido tudo errado.

— Ray...

— Isso é sério? Depois de todo esse tempo juntos, você realmente acha que eu sou alguém parecido com aquele cara ou com qualquer outro com quem você já tenha ficado?

Raymond não estava apenas com raiva, ele parecia estar indignado.

— O quê? Não, eu...

— Achei que estivesse acontecendo algo especial entre nós dois e que essa noite mudaria tudo, mas não pensei que fosse assim. Achei que você me conhecesse, Chloe, pelo menos um pouco. Eu me enganei.

— Raymond, calma aí, você entendeu tudo... Raymond! Espera!

Ele saiu andando em direção à saída da boate e eu fui atrás dele, ficando com raiva também. Custava aquele cabeça-dura me escutar? Tinha sido apenas um mal-entendido, pelo amor de Deus! Passei por entre as pessoas que estavam começando a entrar na boate a tempo de ver Raymond saindo. Quando finalmente cheguei ao lado de fora, encontrei-o com o celular na mão, pedindo um *Uber*.

— Isso é sério? Você vai mesmo embora por causa de uma besteira?

— Não foi uma besteira para mim. — Ele nem mesmo se dignou a me olhar.

— Raymond, para com isso! — Exigi, parando bem na sua frente. — Olha para mim. Para de ser um idiota!

— Você sabe muito bem que idiota é aquele cara que está lá dentro — disse, me olhando com cara feia. — Mas nós somos iguais perante os seus olhos, não é mesmo?

— Não, vocês não são! — Talvez eu tenha gritado, mas não me importei. — Vocês não têm nada em comum, Raymond, eu fiz apenas uma brincadeira!

— Será que foi mesmo uma brincadeira? Quando olha para mim, o que você vê, Chloe? — perguntou, mas, antes que eu pudesse responder, Ray enfiou o celular no bolso e deu um passo em minha direção. — Quando eu olho para você, vejo uma garota abusada, geniosa e incrível, que mudou completamente a minha vida desde o momento em que a vi pela primeira vez. Justo eu, que nunca quis me envolver, que fugia de relacionamentos, inventei que existia algo entre nós dois que acabou mudando todos os meus planos... Tudo em mim mudou, Chloe, por sua causa. Porque eu estou apaixonado pra caralho por você, e isso é uma droga, porque esse sentimento não vai mudar em meu peito só porque você olha para mim e ainda enxerga um babaca com fama de pegador.

Algumas meninas que ainda estavam na fila, suspiraram, mas nada me fez tirar os olhos de cima de Raymond. Meu coração parecia que ia explodir, minhas mãos tremiam e suavam, minha garganta estava embargada em um nó idiota, porque eu nunca, *jamais*, pensei que ouviria algo como aquilo vindo de Raymond.

— Não vai falar nada? — ele perguntou baixinho.

Eu não conseguia. Minha voz havia sumido em algum lugar entre o meu coração agitado e a minha mente em choque, no entanto, eu podia reagir e foi o que fiz. Sem pensar em mais nada, puxei Raymond em minha direção e, finalmente, dei nele o beijo que nós dois tanto queríamos.

29

"Justo quando pensei em desistir de nós
Você se virou e me deu um último toque
Que fez tudo parecer melhor"

CALIFORNIA KING BED - RIHANNA



Raymond

Eu não pensei direito, apenas retribuí o beijo de Chloe com tanto ímpeto, que temi derrubar nós dois no meio daquela calçada cheia de gente. O primeiro contato da sua língua com a minha me fez subir ao céu e descer ao inferno, meu pau doeu, endurecendo completamente de encontro a sua barriga, e o meu coração ameaçou saltar da caixa torácica. Nunca havia sentido aquilo em toda a minha vida. Uma mistura de emoção e paixão, junto da raiva remanescente, que me deixou desnorteado. Uma buzina soou bem alto em meus ouvidos e abri os olhos ainda devorando a boca de Chloe, só para ver que o *Uber* que eu havia solicitado pelo aplicativo havia acabado de chegar. Acariciando sua língua uma última vez, me afastei apenas um pouco.

— Vamos embora daqui.

Chloe não contestou. Abri a porta do carro para ela e, assim que nos sentamos, puxei sua boca para mim de novo, pouco me importando com o que o motorista poderia pensar. Estávamos em Vegas, afinal, e aquele tipo de cena deveria ser corriqueira, ainda

que aquilo ali entre mim e Chloe fosse completamente diferente de tudo o que já vivenciei. Por muito pouco, não a coloquei sentada em cima do meu pau, mas consegui ter um pouco de consciência. Não queria que filho da puta algum tivesse um vislumbre de como a minha garota ficaria linda sentada sobre o meu colo.

Eu ainda estava puto, tinha que confessar. As palavras de Chloe se repetiam em minha mente, mas duelavam com o seu olhar emocionado ao me ouvir confessar que estava apaixonado por ela e a sua indignação ao me contar que estava brincando. Eu sabia que, talvez, ela pudesse estar um pouco confusa comigo, que a minha fama realmente não me ajudava em nada, mas ouvi-la me comparar com aquele babaca me deixou cego. A paixão fazia aquilo com a gente, eu acho. Pegava uma coisa mínima e a elevava a mil por cento. Pelo menos algo de bom havia saído de toda aquela discussão, agora, eu finalmente estava enfiando minha língua em sua boca e conhecendo em detalhes o melhor beijo do mundo.

— Chegamos.

O motorista limpou a garganta e eu saí sem ao menos conseguir desejar a ele uma boa noite. Por sorte, coloquei a corrida no cartão de crédito e não precisei pagar no final. Chloe saiu logo depois de mim e tomei a sua mão para irmos logo para o elevador. O *lobby* do hotel estava agitado, mas não consegui registrar nada a minha volta. O tesão e a vontade de devorar aquela garota nublava todo o meu lado racional. As portas do elevador se abriram e um casal saiu, deixando a caixa de metal vazia apenas para nós dois.

— Ray...

— Não fala nada — pedi, encostando-a contra o espelho quando as portas se fecharam. Apertei o nosso andar no painel digital e toquei seus lábios com o polegar. — Só quero sentir você, Chloe.

— Eu também. — Suas unhas arranharam a minha nuca e eu senti o golpe bem nas minhas bolas, que pulsaram em antecipação. — Me beija.

Eu a devorei. Deixei qualquer pudor de lado e simplesmente a peguei em meus braços, fazendo com que passasse as pernas pela minha cintura e metendo meu pau duro no meio das suas coxas. Chloe gemeu abafado contra a minha boca e eu espalmei

sua bunda, dando dois tapas com força, querendo que ficasse tão louca quanto eu. E ela ficou. A irritadinha estremeceu e esfregou a boceta contra o fecho da minha calça, me deixando maluco, quase me fazendo descer o zíper e meter nela ali mesmo, naquele elevador monitorado por câmeras de segurança.

Um *ding* anunciou que as portas do elevador se abriram e eu saí com Chloe em meu colo sem ao menos checar se estávamos ou não no nosso andar. Tateando o bolso de trás, puxei minha carteira e tirei o cartão-chave, torcendo para que a porta se abrisse, o que aconteceu em menos de meio segundo. Entramos e bem ali, sozinho naquela suíte com ela, eu me permiti perder todo e qualquer controle. Bati a porta com força, larguei minha carteira no chão e pressionei Chloe contra a parede, voltando a beijar a sua boca enquanto levantava o seu vestido até o meio da barriga. Quando não senti a lateral da sua calcinha no osso do quadril, sorri.

— Safada! Estava sem calcinha esse tempo todo, Chloe... — Desci meus lábios pelo seu pescoço e dei um chupão forte o suficiente para que sua pele ficasse marcada por alguns dias. Ela gritou e me arranhou nos ombros, esfregando os peitinhos duros em mim.

— Eu poderia dizer que não coloquei uma calcinha porque marcava o vestido, mas, a verdade, era que eu queria facilitar as coisas para você. — Seus dedos puxaram a parte mais longa do meu cabelo até me fazer olhar para ela. Seus lábios estavam inchados e vermelhos, e eu gemi só de pensar em como eles ficariam lindos ao redor do meu pau. — Quero que me faça sua, Raymond, bem aqui.

— Contra essa parede?

— Sim.

— Forte? Ou lento?

— Forte. — Ela passou a língua pelos meus lábios e me surpreendeu ao sussurrar: — E rápido. Preciso muito gozar no seu pau, King.

— Você vai gozar, baby — garanti, descendo os dedos da mão direita pelo meio das suas nádegas até chegar à bocetinha por trás. — Porra, Chloe, você está encharcada.

— Só para você.

Ouvir aquilo me deixou tão maluco de tesão, que resolvi deixar qualquer conversa para depois e abri o zíper da minha calça, descendo a cueca e colocando apenas o pau para fora. Chloe gemeu quando a cabeça pressionou a sua entrada, mas não penetrei de uma vez. Aproveitei a posição e tomei a sua cintura com as minhas duas mãos, fazendo-a descer e subir contra a minha ereção, roçando aquela boceta deliciosa de tão melada em todo o meu pau.

— Raymond, não faz isso — ela choramingou e fincou as unhas em minhas costas.

— É a minha vingança contra você. Sabe quantas vezes já me deixou de pau duro? — Encostei-a novamente contra a parede e a segurei com um braço, usando a mão livre para passar a cabeça do meu pau em sua entrada molhada. — Sabe há quanto tempo eu te desejo, Chloe? Sonho em te comer desde a primeira vez em que te vi.

Ela me deu um sorriso safado e sussurrou:

— Então realize o seu sonho e me come.

A próxima coisa que ouvi sair da sua boca, foi um gemido alto quando meti meu pau em sua boceta. Não fui tão forte quanto prometi, pois não queria machucá-la, mas temi que tivesse feito aquilo ao me dar conta de como ela era apertadinha. Quase gozei como a porra de um adolescente ao sentir o canal vaginal quente e melado pulsar ao meu redor, tentando conter a minha grossura e todo o meu comprimento.

— Caralho, Chloe... — Grunhi de encontro a sua boca e empurrei até o fim, voltando lentamente, saindo só um pouco e metendo de novo. — Você é deliciosa... É maravilhosa... Puta merda. Te machuquei?

— Não. — Ela lambeu os lábios, tentando mexer os quadris, mas precisei segurá-la um pouco. — Ray, por favor...

— Desculpa, eu não quero gozar tão rápido... Não transo há mais de um mês, Chloe.

A danada riu e mordiscou o meu queixo, descendo até o meu pescoço e subindo para a minha orelha.

— Você é muito gostoso e eu estou cheia de tesão... Vou gozar muito rápido, Ray. Me fode, por favor.

Tomei seu rosto em minha mão e a pressionei contra a parede, metendo bem de leve em seu interior, só para vê-la jogar a cabeça para trás e gemer baixinho.

— Onde você estava escondendo essa sua versão toda safadinha, Chloe?

— Eu só mostro esse meu lado para quem merece e você... — Seus olhos se encontraram com os meus e vi muito mais do que apenas tesão ali. — Você merece cada parte minha, Ray.

Tirei meu pau quase todo da sua boceta e meti bem rápido, forte como ela pediu, mais calmo depois daquela pausa, mas ainda louco para gozar. Segurando seu cabelo perto da nuca, murmurei rouco:

— Vou cuidar de cada parte sua com muito carinho, baby, a começar por essa boceta gostosa — prometi, encostando minha boca na dela. — Dessa vez, vai ser rápido, mas depois eu vou te deitar naquela cama e chupar cada pedacinho seu lentamente. Eu vou te devorar, Chloe.

Ela choramingou ao ouvir minhas palavras e me beijou com força, esfregando a língua na minha enquanto eu enfiava meu pau em sua boceta. O barulho de coisa molhada e do impacto das suas costas contra a parede disputou espaço com os nossos gemidos e eu senti a minha cabeça rodar. O tesão me dominou de tal forma, que qualquer pensamento simplesmente desapareceu. Estava tão dentro de Chloe quanto era possível, de corpo, alma e coração, e sentia que estávamos em total sintonia.

Sem tirar minha boca da sua, passei meus dois braços pela parte de trás dos seus joelhos e a segurei daquela forma, tirando suas pernas ao redor da minha cintura e a pressionando aberta contra a parede. Ao olhar para baixo, tive uma visão completa do meu pau saindo e entrando da bocetinha melada e Chloe gemeu mais alto quando viu o mesmo que eu, segurando-me firme pela nuca com as duas mãos.

— Minha nossa, Raymond. — Ela estava chocada, com a respiração ofegante e a voz entrecortada. Sua boceta pulsou com muita força e eu me senti prestes a gozar, afundando meu pau e voltando com ele todo melado.

— Olha como é gostoso foder você. — Fui até o fundo com força e voltei, arregaçando aquela boceta linda. — Vou ficar viciado em te comer, Chloe.

— Ai, Ray...

— Vou querer tudo. Sua bocetinha, sua boca, o cuzinho... Tudo.

— Você é um safado. — Ela me deu um tapa de leve no rosto e eu sorri, indo com mais força, acelerando meus movimentos.

— Não reclame se eu começar a retribuir, gatinha — ameacei, esfregando meu osso púbico em seu clitóris antes de voltar a meter mais rápido. Chloe mordeu o lábio com força e olhou para baixo. Um segundo depois, ela estava com a boca aberta e os olhos esbugalhados.

— Raymond, a camisinha! — Gritou, me fazendo parar com tudo em seu interior. — Não. Não para, eu estava quase lá... Goza fora, mas não para de me comer.

Sabia que era um risco, mas não me importei. Só consegui registrar que ela estava prestes a gozar e dei tudo de mim ao voltar a meter, roçando em seu clitóris a cada vez que entrava e sentindo sua bocetinha me sugar a cada vez que eu saía. Nunca havia transado sem camisinha, então, quis aproveitar até o último segundo. Chloe gemeu bem alto o meu nome quando rebolei enfiado até o talo, deixando-a toda apertada e molhada ao meu redor, fazendo-a jogar a cabeça para trás quando começou a gozar.

Quis muito ir com ela, mas me segurei e meti bem gostoso até ela terminar de pulsar em torno do meu pau, sentindo-a fincar as unhas em minhas costas.

— Vou gozar — avisei, indo mais rápido, sentindo minhas bolas prestes a explodirem. Quando o primeiro jato ameaçou escapar, saí de dentro dela e gozei com força em sua barriga, sentindo-a pegar o meu pau com a mão direita e me masturbar, aumentando a pressão. — Caralho, Chloe...

Encostei minha testa na dela, sentindo meus braços e minhas pernas tremerem pelo esforço, enquanto meu pau ainda pulsava em sua mão. Chloe puxou meu lábio inferior com os dentes, me fazendo gemer baixinho pelo prazer que parecia espalhar uma descarga elétrica por todo o meu corpo. Havia acabado de gozar, mas já

queria mais, só que com calma. Queria apreciar cada pequeno momento com aquela garota.

— Eu também estou apaixonada por você. — Ela soltou a informação em um sussurro, me fazendo abrir os olhos. — Estou apaixonada por você há muito tempo, Raymond.

— E por que não me disse?

— Porque senti medo. Você sempre deixou claro que não queria um relacionamento, que fugia de qualquer compromisso que pudesse atrapalhar a sua carreira, e eu não queria estragar o que existia entre nós dois, me declarando para você.

Afastei meu rosto do dela para poder olhar em seus olhos e a coloquei no chão. Chloe se apoiou em meus ombros para se estabilizar e eu ignorei, apenas por um tempo, o desejo que me percorreu ao ver a minha porra descendo lentamente pela sua barriga.

— Lembra do que eu disse ao seu pai naquele jantar? — perguntei, afastando os fios do seu cabelo grudados no suor do seu pescoço. Chloe assentiu. — Eu não menti em nada. Cada palavra foi verdadeira, Chloe. Com você, eu entendi que ter um relacionamento não me atrapalharia. Precisei me apaixonar para finalmente acreditar que eu posso e quero ter você e o basquete. Eu não vou abrir mão de nenhum dos dois.

Chloe sorriu e ficou na ponta dos pés, abraçando-me fortemente pelo pescoço.

— Parece que estou sonhando. Queria ouvir isso de você há muito tempo.

— Eu também queria falar isso há algum tempo, mas ainda estava confuso... Isso tudo é muito novo para mim, Chloe.

— De certa forma, também é novo para mim. Nunca me envolvi com um jogador de basquete todo gostoso e popular... — Ela ficou mais séria de repente. — Eu realmente estava brincando quando falei aquilo na boate, Ray. Se você fosse minimamente parecido com qualquer outro idiota que já cruzou o meu caminho, eu não estaria com você. Só queria te provocar e quebrar a tensão, mas acabei fazendo tudo errado. Não pensei que acreditaria em mim.

— A verdade, era que eu estava me sentindo um pouco inseguro. Fiquei me perguntando por algum tempo se você acreditaria nos meus sentimentos, porque sei que minha fama pelo campus não me favorece em nada... Acho que eu já estava na defensiva. — Voltei a pegá-la em meu colo e caminhei em direção ao banheiro. — Mas acredito em você, irritadinha. Eu sei que se eu fosse um babaca, não teria a menor chance contigo.

— Que sorte a sua ser um cara incrível, não? Arrumou uma garota mais incrível ainda.

— Sabe o que é pior? Eu sequer posso discordar de você, Davidson. Que merda você fez comigo?

Chloe sorriu e passou o nariz lentamente pelo meu antes de responder:

— Eu te adestrei, bobinho.

Precisei calar a sua boca com um beijo, antes que ela deixasse escapar mais alguma verdade humilhante.

30

"Eu vou cuidar do seu corpo
Eu vou ser gentil, não grite
Está ficando mais quente, faça mais suave
Sinta seu peito em cima de mim"

RIDE - SOMO





Raymond

Coloquei Chloe sentada sobre a bancada da pia do banheiro e puxei seu pé direito para poder desafivelar a sua sandália. Foi impossível segurar o meu olhar e deixei que ele subisse por suas pernas sedosas até encontrar a sua bocetinha nua. Os lábios ainda estavam molhados pela sua lubrificação e o orgasmo recente, fazendo a minha boca se encher d'água.

— Meu pé está aqui, King. — A safada deu um chute bem leve na lateral do meu quadril.

— Seu pé é muito bonitinho, mas a sua boceta... É a coisa mais linda que eu já vi na vida. — Pegando-me de surpresa, Chloe ficou com as bochechas vermelhas, mesmo depois de toda a putaria que havia acabado de rolar entre nós dois. — Está com vergonha?

— É que ninguém nunca falou assim sobre ela. — Olhou para baixo, me fazendo sorrir. Tirei a sandália do seu pé, repeti o mesmo gesto com o outro, e aproveitei a posição para poder puxar Chloe para perto de mim pelos tornozelos.

— Ninguém a apreciou como deveria... — Deixei meu dedo médio passar por entre os seus lábios vaginais até roçar o clitóris e Chloe estremeceu. — Está dolorida?

— Um pouco — confessou.

— Você disse que eu não tinha te machucado.

— Não machucou, mas o seu pau é monstruoso, Raymond.

Foi impossível não rir ao ouvir aquilo.

— Não exagera, há maiores por aí.

— Eu nunca fiquei com um cara tão grande como você... Na verdade, nunca fiquei com muitos caras. Depois do Miles, foram apenas três.

Suas mãos alcançaram a barra da minha camisa e eu ergui os braços para que ela pudesse puxar a peça pela minha cabeça. Meu pau já estava duro de novo entre nós dois, mas depois daquele orgasmo fantástico, ele poderia esperar para receber um pouco mais de atenção. Pelo menos era o que eu pensava, até Chloe desabotoar a minha calça, empurrá-la para baixo junto com a cueca e tomar o meu pau em suas duas mãos, me masturbando de leve. Os músculos do meu abdômen se retesaram e o prazer até me fez esquecer dos ciúmes que senti ao ouvi-la falando que outros quatro babacas — já incluindo o seu ex —, a haviam tocado intimamente.

— Já que fui sincera sobre você ser enorme, vou precisar concordar com você e falar que seu pau é incrível.

— Mesmo tendo te arregaçado?

— Raymond, você tem uma boca tão suja!

— Eu tenho uma boca suja? Chloe, você me pediu para te foder — falei, dando um tapa na lateral da sua bunda. — E ainda deu um tapa na minha cara.

— Foi de leve.

— Mas não deixa de ser um tapa. — Ela mordeu o lábio inferior, mas vi que estava sorrindo. Soltei um gemido quando pegou minhas bolas com uma mão.

— Você gostou.

— Gostei. Acho que gosto de tudo o que você faz comigo, Chloe.

Surpreendendo-me, ela deu um salto da bancada e se ajoelhou na minha frente. Demorou meio segundo para que caísse a

ficha sobre o que Chloe iria fazer e senti a ansiedade se espalhar por todas as veias do meu corpo.

— Espero que goste do meu boquete também.

Sem esperar por uma resposta minha, a safada passou a língua por toda a extensão do meu pau até a cabeça, onde fechou os lábios e começou a sugar. Um arrepio intenso desceu pela minha barriga e se alojou em minha região pélvica, fazendo o meu pênis pulsar em sua boca.

— Porra, Chloe! — O palavrão escapou quando ela desceu a boca pelo meu pau, conseguindo pegar boa parte do membro duro. Segurei sua cabeça com as duas mãos e lutei para não começar a meter até me alojar na sua garganta. — Sua safadinha. Para quem dizia que nunca beijaria o meu pau, você está indo bem longe.

Foi um prazer jogar aquilo na sua cara e ri alto quando ela me deu o dedo do meio. Como jamais deixaria aquela provocação passar batida, Chloe passou bem de leve os dentes pela veia grossa da parte de trás do meu pênis, até chegar à cabeça sensível, onde me chupou com muita força. Puxei os seus cabelos com mais violência do que pretendia, soltando um palavrão que ecoou pelo banheiro, mas aquilo pareceu apenas excitá-la ainda mais.

Estava aprendendo algo muito importante sobre Chloe naquela noite. Ela era tímida no geral, mas entre quatro paredes, gostava de uma boa putaria. Não era à toa que lia todos aqueles livros com cenas de sexo explícito. A garota não poderia ser mais o meu número nem mesmo se quisesse.

— Gosta de sexo bruto, não é? — Perguntei com a voz rouca, olhando-a de cima e Chloe assentiu, passando a língua pela cabeça vermelha do meu pau. Afastei seu rosto pelo cabelo e um fio da sua saliva ficou ali, interligando nós dois. — Isso quer dizer o quê, Chloe? Vai me deixar te dar uns tapas? Enfiar o meu pau até a sua garganta? Vai engolir a minha porra?

Seu rosto estava vermelho, mas nem era mais por vergonha e sim pelo tesão. Gostei de ver que tinha lágrimas em seus olhos de tanto me chupar.

— Eu quero tudo, mas nunca fiz garganta profunda.

— Vamos ter todo o tempo do mundo para você aprender, meu bem — falei carinhoso, mas puxei seu cabelo com força de

novo. Não era para machucar, só queria que ela sentisse a minha pegada, pois vi que gostou. — Agora me chupa.

— Vou chupar... — Chloe me segurou pela base com uma mão e voltou a passar a língua pela glande, recolhendo uma gota de pré-sêmen que havia acabado de escorrer. — Mas só porque eu quero, King.

Geniosa do jeito que era, duvidava muito que Chloe fosse abaixar a cabeça, mas aquilo não me incomodou. Era uma brincadeira cheia de putaria e eu estava mais excitado do que nunca apenas por estar com ela. Eu aceitaria qualquer migalha daquela garota. Chloe voltou a chupar com intensidade, deixando que eu metesse em sua boca por alguns segundos, sem chegar muito perto da garganta, até que senti minhas bolas pulsarem. Eu queria gozar, mas não naquele momento. A próxima vez que tivesse um orgasmo, seria dentro dela. Teríamos muita oportunidade para que eu enchesse aquela boquinha linda com a minha porra.

— Não quero gozar agora — avisei e Chloe diminuiu a sucção. Lágrimas escorriam pela lateral dos seus olhos, e ela nunca esteve tão linda. — Vem aqui — pedi, chamando-a com o dedo.

Chloe deixou o meu pau duro pra caralho escapar da sua boca e se levantou, soltando um gemido de surpresa quando a beijei. Não havia gozado, era verdade, mas meu gosto estava todo na sua língua e meu cheiro estava em sua pele. Ainda beijando-a, chutei os meus tênis, a calça e a cueca, e voltei para o quarto. Meu plano era irmos para a banheira juntos, mas isso ficaria para depois. Naquele momento, eu precisava de Chloe totalmente nua e com as pernas abertas, deitada sobre a cama, para que eu pudesse enfiar minha cara naquela boceta deliciosa.

Antes de deitá-la, terminei de tirar o seu vestido e dei um passo para trás. Ansiei tanto em vê-la nua, mas nem nos meus sonhos mais loucos Chloe era tão linda. Ela pareceu ficar um pouco sem jeito quando percebeu que eu estava admirando a sua nudez e tentou ir logo para a cama, mas eu a segurei pela cintura e me abaixei até dar um beijo em seu pescoço, depois atrás da sua orelha e no osso da clavícula.

— Não fique com vergonha de mim. Você é linda, irritadinha.

— É que... Você já esteve com tantas garotas antes...

A insegurança em sua voz não me lembrava em nada a Chloe que estava me chupando avidamente no banheiro. Eu estava certo ao pensar que havia várias camadas em Chloe, e eu adorava cada uma delas, mas a sua insegurança era algo que trabalharíamos juntos para que ela pudesse superar.

— Eu não estou pensando em mais ninguém nesse momento, apenas em você, porque só você é importante para mim, Chloe — falei, tomando seu rosto em minhas mãos. — Qualquer coisa que veio antes de você está no passado para mim e vai permanecer lá.

Um sorriso lindo se abriu em seus lábios e seus dedos tocaram em meus pulsos.

— Estou sendo boba, eu sei. Me desculpe.

— Não se desculpe. Com o tempo, você vai entender que eu não quero mais ninguém, apenas você.

Ela não disse mais nada, apenas passou os braços pelo meu pescoço e me puxou para um beijo calmo, cheio de significados que, se fosse um mês antes, eu seria incapaz de compreender. Aproveitei para pegá-la em meus braços e levá-la para a cama, onde a deitei e me acomodei entre as suas coxas. Nós dois gememos quando passei o meu pau entre os lábios melados da sua boceta, e precisei me segurar muito para não ser guiado pelo desejo e entrar nela de novo sem usar camisinha. Lembrar daquilo acabou fazendo com que eu me afastasse e fosse até a minha carteira jogada no chão.

— O que houve? — Chloe perguntou e respondi ao erguer o pacote laminado entre os meus dedos. — Meu Deus, quase que eu me esqueci de novo!

— Eu também e juro que não sou um maluco irresponsável. Você me faz perder a cabeça, Chloe. — Sorri ao voltar para a cama. Deixei a camisinha ao seu lado e me deitei de novo sobre o seu corpo, tomando cuidado para não depositar todo o meu peso sobre ela. — Nunca transei sem camisinha antes e estou limpo. Sei disso porque faço exames regulares por causa do time.

— Eu também estou limpa. Fiz exames há dois meses após me consultar com a minha ginecologista e não fiz sexo desde então.

— Estava esperando por mim — falei e ela riu.

— Convencido! Eu não faço uso de nenhum contraceptivo, Ray, mas, se ficarmos juntos oficialmente, eu posso começar a tomar.

— Você quer ficar comigo? Ou melhor, quer namorar comigo, Chloe? De verdade, dessa vez.

Estava nervoso. Não esperava ter essa conversa agora, pelado com ela na cama, duro pra cacete e sentindo a sua boceta molhadinha roçando no meu pau, mas nada entre mim e Chloe era muito convencional.

— É óbvio que eu quero! Pensei que estivesse bem claro, King.

— Eu sabia que você não conseguiria dizer não para mim — brinquei, ouvindo a sua gargalhada quando enfiei meu rosto em seu pescoço. — Prometo que não vou te dar nenhum motivo para que se arrependa disso, irritadinha.

— Eu sei. Confio em você, Ray.

Ouvir aquilo foi tão importante e emocionante quanto ouvir que ela estava apaixonada por mim. Eu poderia nunca ter namorado na vida, mas cresci vendo o relacionamento dos meus pais e aprendi que, acima do amor, deveria existir confiança entre um casal e nós confiávamos um no outro. Todo o resto, aprenderíamos juntos, convivendo e entendendo o que dava certo ou não.

Tomei a boca de Chloe na minha em um beijo lento, movendo os meus quadris para frente e para trás, aumentando a fricção do meu pau de encontro ao seu clitóris durinho e todo melado. Chloe gemeu, tentando erguer os quadris para sentir mais do nosso contato, mas não deixei. Queria que ficasse louca para gozar, pois prometi que iria devagar na nossa segunda vez. Desci minha boca pelo seu pescoço, sugando a pele até o seu ombro, indo para o outro, e me encaminhando em direção aos seus seios. Como havia imaginado, não eram grandes, mas também não eram pequenos demais. Eram perfeitos, com as aréolas em um tom marrom e os biquinhos duros feito duas pedras. Peguei um em cheio com a minha mão e passei a língua pelo outro, sentindo Chloe estremecer embaixo de mim.

— Você é sensível aqui — concluí com um sorriso, passando a língua pelo outro mamilo.

— Muito. Achei que já tinha percebido isso, pois meus peitos vivem com os bicos duros quando estou perto de você.

— Puta merda, Chloe! — Eu gargalhei e ela me acompanhou. — Depois dessa informação, serei obrigado a mamar neles a cada vez que eles precisarem de atenção.

— Isso pode acontecer em qualquer lugar.

— Eu vou ser o melhor namorado do mundo, baby. Sempre darei um jeito de te deixar satisfeita, não importa onde estivermos.

Pisquei para ela e voltei minha atenção para o seu seio, mordiscando um biquinho antes de colocá-lo completamente em minha boca. Eu amava peitos. Adorava a textura, o sabor, a forma como se encaixavam em minhas mãos, e os peitos de Chloe eram fantásticos. Já queria meter meu pau entre eles e gozar nos seus mamilos, ela ficaria linda pra caralho. Seu gemido se tornou a minha música favorita e eu me dediquei até deixar os biquinhos com o dobro do tamanho, sentindo minhas costas arderem com os arranhões que ela me dava.

Desci pela sua barriga, observando como sua pele estava arrepiada e como seus músculos estremeciam a cada pequeno toque que eu dava. Espalhei mordidinhas pelo seu abdome e costelas, até chegar à sua cintura e ao osso púbico, onde finalmente pude ficar cara a cara com a boceta linda que ela tinha, toda depilada, com os lábios inchados pelo sexo que havíamos feito anteriormente, e mais molhada do que nunca. Chloe já havia perdido a vergonha àquela altura, pois arreganhou as pernas sem que eu pedisse, me fazendo sorrir e morder de leve a sua coxa.

— Gosto exatamente assim, baby, com as pernas bem abertas e a bocetinha à minha disposição.

— Então aproveita e me chupa logo.

— Está com pressa? — Passei meu dedo pela sua entrada, ameaçando penetrá-la. Chloe mexeu o quadril para baixo, me incentivando a entrar, mas permaneci com o dedo no mesmo lugar.

— Não seja malvado, Ray... — Sua bocetinha piscou de desejo e eu engoli o excesso de saliva que se acumulou em minha boca.

— Não serei. Prometi que iria chupar cada pedacinho seu, Chloe.

Cumpri a promessa ao afastar ainda mais os seus lábios vaginais com o dedo e deixar exposto o clitóris para que eu pudesse cair de boca sobre ele. Chloe choramingou ao sentir a minha língua envolvendo o nervo sensível e rebolou lentamente em minha boca, esfregando-se em mim. Aquilo só me incentivou a substituir a minha língua pelos meus lábios e meter um dedo em sua boceta, bem devagar, fazendo um contraste com a sucção no grelinho inchado.

— Ah, meu Deus... — Ela se curvou sobre a cama, quase se sentando, e enfiou as duas mãos em meu cabelo. — Raymond... Ray, por favor...

Diminuí a pressão no clitóris e Chloe voltou a se deitar. Suas coxas tremiam ao meu redor e sua respiração estava muito ofegante, seu canal vaginal massacrava meu dedo lá dentro e meu pau babava de tesão de encontro com a cama. Perfeito pra caralho. Suguei um pequeno lábio, depois o outro, ainda metendo meu dedo lentamente na sua bocetinha. Quando senti que estava mais calma, voltei para o clitóris e dei batidinhas nele com a minha língua, me embriagando com o seu sabor, antes de voltar a fechar os meus lábios sobre ele.

Meti mais um dedo e aumentei a pressão tanto da sucção, quanto da velocidade deles em seu interior, ouvindo-a voltar a gemer mais alto. Chloe abriu ainda mais as pernas e moveu o quadril de encontro a minha boca, arranhou o meu couro cabeludo e senti o pulsar incessante das suas paredes vaginais me avisando que ela estava muito perto. Queria muito fazê-la gozar daquele jeito e me dediquei ainda mais, subindo uma mão para brincar com o seu seio e deixando-a livre para se esfregar com vontade em minha boca.

— Não para! — Pediu em um gemido entrecortado. Ao olhar para cima, encontrei Chloe com a boca entreaberta, os cabelos espalhados pelo travesseiro e os olhos revirando. — Ray, isso, bem assim... Vou gozar, não para, por favor!

Nem morto eu pararia. Quando girei minha língua pelo seu clitóris e curvei os dedos em seu interior, alcançando o nervo levemente endurecido, Chloe gritou e estremeceu com força, gozando em minha boca e puxando meus cabelos curtos entre os dedos, sem controle algum do próprio corpo. Não parei até que ela

deixasse de estremecer e substituí meus dedos pela minha língua em certa altura, só para sentir o sabor do seu orgasmo. Era o melhor gosto do mundo. Como havia sobrevivido até aquela noite sem nunca ter provado aquilo, era algo que jamais conseguiria entender.

— Ray... — Olhei para cima e a encontrei apoiada nos cotovelos. Seu rosto estava vermelho e suado, e um sorriso lindo enfeitava os seus lábios. — Foi o melhor orgasmo que eu já tive na vida.

Dei um beijo longo em sua boceta e me ergui entre as suas pernas, parando apenas quando meu rosto quase tocou o dela.

— Os próximos serão ainda melhores — prometi, sentindo sua mão tocar a lateral do meu rosto. Suas pernas se abriram mais um pouco abaixo de mim.

— Eu não duvido disso, eu sei quanto você é dedicado, King. — Seu nariz passou pelo meu lentamente, me fazendo suspirar. — Agora eu preciso sentir você de novo dentro de mim.

Era o que eu mais queria, por isso, dando um beijo delicioso em sua boca, tateei sobre a cama até encontrar o preservativo e abri a embalagem, tirando-o lá de dentro. Desenrolei-o sobre o meu pau sem nem precisar olhar para o que estava fazendo e tentei me deitar sobre Chloe, mas ela me deteve com as mãos em meus ombros.

— Quero ficar por cima.

Sorri com surpresa, mas nem pensei em contestar, logo saí de cima dela e me deitei sobre a cama com as coxas afastadas, tocando o meu pau coberto pela camisinha. Chloe me deu um sorriso ansioso e se ajoelhou entre as minhas coxas, me surpreendendo ao passar as mãos sobre elas e a língua pela parte interior da coxa direita.

— O que foi que você aprontou aqui, Raymond?

Eu ergui o pescoço e vi a sua expressão curiosa, enquanto tocava na cicatriz de mais ou menos treze centímetros que eu tinha no interior da coxa direita. Geralmente, as mulheres apenas a ignoravam, mas claro que Chloe ia querer saber o porquê da existência dela no meio do sexo.

— Sofri um acidente de moto quando tinha dezoito anos e acabei rasgando a coxa.

— Meu Deus! Que perigo, Ray.

— É, eu sei. Na época, vi uma gangue de motoqueiros chamada Flame Wolves MC[9] passar pela *Pacific Coast Highway*[10] quando estava voltando de uma viagem com o meu pai e achei muito foda, quis aprender a pilotar... Não deu muito certo. Ainda bem que não foi nada grave. Uma fratura em uma das minhas pernas e eu poderia enterrar a minha carreira para sempre.

Chloe arregalou os olhos e se sentou sobre as minhas coxas, tomando meu pau em sua mão. Foi difícil manter o meu raciocínio quando passou a glande sensível pela sua boceta.

— Não diga isso nem brincando. Seu charme vem todo do basquete. — A danada sorriu e eu a puxei para se apoiar com as duas mãos em meu peito, deixando que eu segurasse meu pau pela base.

— Vou enfiar todo o meu charme agora mesmo em você, sua escritora safada.

Chloe riu, mas acabou gemendo quando tomei a sua cintura e a ajudei a se sentar sobre o meu pau grosso. Uma careta linda surgiu em seu rosto, mas conseguiu ir até o fim, dando uma reboladinha quando meu pau se encaixou completamente em seu interior.

— Quero logo me acostumar com tudo isso, Ray.

— Vamos praticar bastante para que isso aconteça o mais rápido possível. Agora, come o meu pau com essa boceta apertada, irritadinha.

Chloe se apoiou em meu peito e começou a se movimentar para frente e para trás com o meu pau enterrado até o talo. Naquela posição, ela parecia ficar mais estreita ainda, porém, tinha que abrir bastante as pernas para se acomodar em meu quadril, o que me dava o privilégio de ver a sua bocetinha toda arreganhada e o clitóris melado implorando por atenção. Deixei que ela brincasse bastante, rebolando e gemendo, me deixando doido para gozar, até sentir uma vontade insuportável de meter com gosto dentro dela.

Puxei-a para mim pela nuca e a deixei praticamente de quatro sobre o meu corpo. Quando ataquei a sua boca com a minha

língua, apoiei meus calcanhares no colchão e comecei a foder a sua boceta molhada com velocidade, ouvindo seus gemidos abafados. Dei um tapa forte em sua bunda, que ecoou pelo quarto, e afastei minha boca da dela, vendo seu cenho franzido de prazer.

— Goza comigo, gatinha — pedi, dando mais um tapa nela. Chloe empinou a bunda e pareceu ficar mais apertada ainda em volta do meu pau. — Eu sei que você quer.

Seu choramingo de encontro aos meus lábios e a forma desesperada como começou a repetir o meu nome, foram os indícios de que eu precisava para saber que ela estava quase lá, por isso, não parei. Segurei o meu orgasmo e esperei pelo dela, quando ele veio, eu explodi, me permitindo gozar bem enterrado na sua boceta, gemendo alto como ela, sentindo meu coração prestes a explodir.

Nunca foi tão avassalador. Com Chloe, cada experiência que eu tinha era maravilhosa e indescritível e logo percebi que o sexo era sem igual. Cada vez mais eu entendia que aquela garota linda havia sido feita para mim.

31

"Perfeito, perfeito
Você é bom demais para ser verdade
Mas eu cansei de correr, foda-se
Agora, estou correndo com você"

POSITIONS - ARIANA GRANDE



Chloe

Despertei com uma sensação louca de que tudo o que havia acontecido na noite anterior tinha sido um sonho, mas os meus membros doloridos, a sensação de estar com a boceta assada e o pau duro de Raymond abaixo da minha coxa, foram convincentes o bastante para que eu me desse conta de que não foi um delírio da minha mente. Foi *muito* real.

Eu havia transado loucamente com Raymond King.

Eu estava namorando *de verdade* Raymond King.

E ele estava *apaixonado* por mim.

Senti uma vontade quase desesperada de sair à procura do meu celular e ligar para Kim, mas estava tão gostoso estar praticamente deitada sobre o corpo incrível de Ray, que não consegui me mover. Um sorriso idiota não saía dos meus lábios e a sensação que eu tinha, era de que estava flutuando. Nunca me senti daquele jeito. Meu namoro com Miles foi muito importante, realmente me apaixonei por ele, mas nem mesmo a intensidade dos

meus hormônios de adolescente conseguiram me fazer sentir pelo meu ex, o que eu estava sentindo por Raymond.

A noite passada foi perfeita. Se tivéssemos planejado, não seria tão incrível. Havia entre nós dois muito mais do que desejo, havia intimidade, sincronia. Eu já conhecia cada olhar e gesto de Ray e ele me conhecia do mesmo jeito, notava quando eu estava tímida ou sem um pingo de vergonha na cara, havia aceitado muito bem a minha falta de pudor na cama e pareceu amar cada besteira que saiu da minha boca. Ele gostou até do tapinha que dei em sua cara. Nunca havia sentido vontade de fazer aquilo antes, mas Raymond me transformava em uma safada.

Comecei a sorrir de novo ao pensar nisso, porque era daquela forma que eu estava me sentindo: uma grande safada. Só isso poderia explicar o fato de eu estar excitada, mesmo estando dolorida, com o contato da coxa de Ray em minha boceta e o seu pau duro abaixo da minha perna. Ele estava deitado de costas na cama, com um braço me envolvendo por trás, e eu estava quase em cima dele, minha cabeça sobre o seu peito e a minha perna atravessando o seu quadril. O quarto estava geladinho por causa de ar-condicionado, mas o cobertor grosso nos envolvia, então, o clima estava perfeito para fazer amor bem devagar — isso se eu aguentasse aquela coisa enorme que ele chamava de pau dentro de mim.

Passei meus dedos pelo seu abdômen trincado e pressionei o meu nariz contra a sua pele, sentindo o seu cheiro. Não queria me aproveitar de Raymond enquanto estava inconsciente, mas um carinho na sua barriga não era nada de mais, certo? Beijei seu mamilo e o senti movimentar o quadril e dobrar a coxa grossa embaixo de mim, quase me fazendo gemer.

— Posso saber por que essa boceta molhada está sobre a minha perna e não sobre o meu pau?

Claro que aquele sem-vergonha estaria acordado. Desde quando Raymond perderia uma putaria? Levantei a cabeça e encontrei o seu semblante ainda pesado pelo sono recente e um sorriso nada inocente em seus lábios.

— Bom dia para você também, amor. — Mordisquei o seu mamilo e ele gemeu, dando um apertão em minha bunda.

— Gostei desse apelido carinhoso, é bem melhor do que babaca. Evoluímos bastante, não?

— Sim, você se mostrou merecedor do meu raro coração.

Ray riu e passou as duas mãos sob as minhas axilas, me puxando para cima do seu corpo. Precisei abrir as minhas pernas para me acomodar em volta do seu quadril e minha boceta se encaixou perfeitamente sobre o seu pau duro, que descansava contra a sua barriga. Mordi o lábio para não gemer com o contato.

— E da sua boceta também. Quando me tornarei merecedor do seu cuzinho?

— Você não vai enfiar esses vinte centímetros e meio na minha bunda, Raymond. Tenha dó de mim!

— Vou fazer com carinho, eu juro. — O safado apertou a minha bunda mais uma vez, antes de passar o dedo médio pelo meu ânus. — Ainda não tive um vislumbre dele, estou triste.

— Então é melhor nem ver, vai que você se apaixona por ele também.

— Eu sou conhecido por não fugir de um desafio, meu bem. Quanto mais eu quero uma coisa, mais eu luto para conquistá-la.

— É muito bom acordar com um discurso motivacional.

— Seu cu me motiva, Chloe.

— Pelo amor de Deus, Raymond! — Eu gargalhei e soltei um gritinho quando ele enfiou o rosto em meu pescoço, me fazendo sentir cócegas com os pelos da sua barba, que estavam começando a crescer. Ray nunca a deixou aparente antes e, apesar da curiosidade em vê-lo com barba, eu era muito apaixonada pelo seu rostinho bonito e não queria nada que atrapalhasse a minha visão. — Você não vale um centavo, sabia?

— E, mesmo assim, você se apaixonou por mim.

— Para você ver como eu não sou interesseira. — Senti suas mãos em meu rosto, direcionando minha boca para perto da sua. — Nem escovei os dentes ainda.

— Já dormi e acordei com você várias vezes, me acostumei com o seu cheirinho.

— Você é um porco, meu Deus!

— Mas sou um porco apaixonado, o que posso fazer?

Praticamente me derreti sobre ele ao ouvir aquilo e deixei que beijasse a minha boca lentamente, enquanto movia os quadris e sarrava aquele pau lindo entre as minhas pernas. Eu o ajudei com o movimento, indo de encontro a ele enquanto gemia entre os seus lábios.

— Estou muito dolorida, Ray — sussurrei, descendo minha boca para o seu pescoço.

— Eu imaginei. Não precisamos transar com penetração, só continua assim, roçando essa boceta gostosa em mim.

A sua voz rouca, suas mãos em meu corpo, seus lábios sobre a minha pele, tudo isso me deixou ainda mais louca de desejo. Como era possível que eu ainda quisesse gozar depois da noite incrível que tivemos ontem? Eu estava viciada em Raymond, essa era a única explicação.

— Você é tão linda — ele sussurrou de encontro a minha bochecha, passando as mãos abertas pelas minhas costas, indo até a minha bunda e voltando. Meu coração ficou muito acelerado. — Eu ainda não acredito na sorte que tenho em ter você de verdade.

Um nó idiota se alojou em minha garganta e eu enfiei ainda mais o rosto no seu pescoço para que ele não visse a grande boba que eu era.

— Não vale me fazer chorar a essa hora da manhã.

— Só posso fazer a sua bocetinha chorar? — perguntou e senti o sorriso em sua voz, o que me fez rir.

— Isso mesmo. — Acelerei o movimento dos meus quadris e ergui o rosto, encontrando a sua expressão de desejo e os seus olhos brilhando, como ontem à noite. — Eu também ainda não acredito que estamos juntos desse jeito.

— Você está feliz?

— Como nunca estive em toda a minha vida. — Um sorriso enorme se abriu em seus lábios. — Você está feliz, Ray?

— Nunca senti nada parecido com o que estou sentindo agora. Felicidade é pouco, irritadinha.

Era só aquilo que importava para mim.



Kim: Passei a noite com Dylan!

Kim: Repetindo: PASSEI A NOITE COM O DYLAN!

Kim: E foi a melhor noite da minha vida! Não sei se eu consigo mais andar. Ele tem um pau enorme, é um gostoso e sabe foder como ninguém. Acho que estou sentindo aquele amor de pica, sabe? Quando bate, fica. Estou viciada.

Kim: Como presente por ter me deixado assada, ele me deu um dia no SPA do hotel e disse que eu posso te levar.

VAMOOOOOS! Temos muita fofoca para colocar em dia, você e Raymond não ficaram nem vinte minutos na boate, sei que deve ter passado a noite dando para ele também, sua safada. Você não vai escapar de mim, Chloe Davidson! Te encontro do *lobby* do hotel às 11h. Beijos!

Faltavam quinze minutos para as onze. Dei um pulo da cama, ouvindo Raymond ligar o chuveiro, e me enfiei debaixo do jato d'água antes dele.

— Uau, isso tudo é vontade de tomar banho comigo? — Ele me abraçou e eu me estiquei na ponta dos pés para dar um beijo em sua boca antes de empurrá-lo de leve pelos ombros.

— Desculpa, mas não. Kim me chamou para passarmos o dia no SPA e eu tenho que encontrá-la em quinze minutos!

— Kim está disposta a gastar uma fortuna no SPA desse hotel para vocês duas? Ela é rica também e você não me disse?

— Não, foi o Dylan que deu o *SPA Day* de presente para ela. — Peguei o sabonete líquido e espirrei um pouco em minha mão, vendo Raymond ir para debaixo do jato d'água e me encarar com o semblante confuso.

— Por que Dylan faria isso?

— Porque ele a deixou sem andar, segundo o que Kim me escreveu por mensagem.

Demorou um segundo para que Raymond entendesse o motivo por trás daquilo e começasse a gargalhar. Eu o acompanhei, mas conseguia entender a minha melhor amiga. Eu também estava com um pouco de dificuldade para andar com os músculos da perna doloridos e a boceta assada.

— Eu conheço muito pouco a sua amiga, mas acho que ela e Dylan combinam. São doidos no mesmo nível.

— Eu poderia defender a Kim, mas você tem razão. Ela é incrível, mas tem um parafuso a menos.

— Dylan também.

— Eles poderiam se tornar um casal — falei, pegando o seu lugar debaixo do chuveiro, mas sem conseguir tirar meus olhos de cima dele. King ficava ainda mais irresistível com a água escorrendo pelo seu corpo enorme e sarado. E ainda tinha aquele pau que, mesmo em seu estado de repouso, ainda era lindo. E eu o havia feito gozar só roçando a minha boceta nele...

— A sua boceta é uma delícia. Eu gozo só de pensar nela, baby. — O safado me deu um sorriso enorme, todo convencido, porque provavelmente eu havia falado *tudo* em voz alta. — E obrigado pelo elogio, meu pau e eu ficamos muito felizes que sejamos do seu agrado.

Virei-me de costas para ele, ouvindo-o gargalhar.

— Você poderia pelo menos fingir que não fica ouvindo os meus pensamentos, sabia? Seria menos constrangedor.

— Eu não acho nada constrangedor. — Senti seus braços a minha volta e suspirei quando beijou o meu pescoço. — Eu acho incrível e bem sexy, na verdade. Essa sua mente genial é uma caixinha de surpresas, Chloe.

— Mente genial? Quer puxar o meu saco para que eu não fique com raiva?

— Nunca, só te acho genial mesmo, afinal de contas, você é uma escritora. Tem algo mais incrível do que saber escrever um livro?

— Não sei... Ser o melhor jogador de basquete universitário?

— Boba. — Ele riu baixinho e se afastou para que eu terminasse me enxaguar. — Então, você vai me abandonar o dia todo para ficar em um SPA... Essa é a importância que eu tenho para você, Chloe.

Virei-me para e ele e o encontrei se ensaboando. Tranquei qualquer pensamento pervertido em uma caixinha no fundo do meu cérebro, antes que eu voltasse a falar besteira.

— Eu preciso de uma massagem relaxante, porque você acabou comigo, King.

— Eu posso te fazer uma massagem.

— Eu quero uma massagem com as mãos, de preferência femininas, e não com o seu pau gigantesco.

— Você gostou bastante dele que eu sei. — Ele tocou naquele pau delicioso, que eu tinha certeza de que poderia ficar duro em tempo recorde e me fazer fraquejar, por isso, saí logo debaixo do chuveiro e o abracei.

— Eu amei, ele é lindo, gostoso e fode como ninguém, mas precisa deixar a *Chloezinha* em paz por pelo menos doze horas. Ela está de repouso.

— *Chloezinha*? Ah, não, cai fora daqui, Chloe! Não vou deixar você apelidar a minha boceta desse jeito.

Sua falsa indignação me fez gargalhar. Beijei-o rapidamente e saí correndo para me arrumar, porque era lógico que eu já estava atrasada. Quando Ray saiu do banheiro, eu estava terminando de abotoar a minha calça *jeans*.

— Preciso ir. Prometo ficar toda macia para você me pegar de jeito na virada do ano.

— Vou esperar ansiosamente por isso, irritadinha.



— Agora a gente pode fofocar! — Kim disse baixinho quando a funcionária nos deixou sozinhas na área da piscina aquecida.

Entramos na água e eu suspirei. Nunca fiquei tão relaxada em toda a minha vida. Dylan presenteou Kim com o programa mais completo do SPA, portanto, passamos por inúmeras sessões de massagem, drenagem, tratamento para o rosto, agora, estávamos na piscina, depois pararíamos para almoçar, receberíamos um tratamento para a pele, em seguida, iríamos para o salão fazer as unhas, o cabelo e a maquiagem para a festa de Ano Novo. Estávamos no paraíso.

— Por favor, diz para mim que você vai se casar com o Dylan — implorei. — Eu posso facilmente me acostumar com essa vida, Kim.

— Deixa de ser boba, Raymond vai se tornar um milionário em breve e você vai pelo mesmo caminho quando publicar qualquer um dos seus livros. Agora, se Dylan me pedisse em casamento... Acho que eu aceitaria só pelo pau dele.

— É tão incrível assim?

— É mais do que incrível. É tipo, isso... — Ela afastou as mãos. OK, afastou *bem* as mãos. — E isso. — Separou o dedo indicador do polegar, remetendo à grossura. — E eu me apaixonei. Talvez eu esteja exagerando um pouco no tamanho e na grossura, mas...

— Claro que está, pelo amor de Deus. Se fosse mesmo tudo isso, você estaria em coma.

— Idiota! — Ela jogou água em mim e eu retribuí, mas logo paramos, porque tínhamos que fingir que éramos mulheres chiques ali dentro. — Agora me conta o que aconteceu entre você e o Ray! Eu nem consegui relaxar direito de tão curiosa que estava!

Dei um sorriso misterioso, só para deixá-la mais ansiosa, e logo comecei a contar tudo, inclusive sobre o encontro surreal com Michael. Poderíamos nos encontrar em qualquer lugar, mas claro que ele tinha que aparecer justo em Las Vegas! No final, acho que deveria agradecer a ele, pois depois daquele momento horrível, aquela noite se tornou a melhor de toda a minha vida.

— Eu não sabia que ele era tão escroto! Michael parecia ser um cara legal na boate em Los Angeles.

— Eu também pensei que era, mas me enganei.

— Ok, agora me conta o resto!

E eu contei. Quando falei que Raymond se declarou para mim, Kim só faltou soltar um grito que com certeza atravessaria as paredes da área da piscina privativa. Começou a falar um monte de “eu sabia”, o que quase me deixou doida. Ela vivia dizendo que Ray estava “de quatro por mim”, mas nunca acreditei muito, e ela nem poderia me julgar. Eu não queria me iludir. Nunca fiquei tão feliz por estar enganada.

— Depois disso tudo, ele te deixou assada, pode falar. Bem que eu percebi que você estava mancando.

— Eu não estou mancando, sua vaca!

— Está sim. — Ela riu de mim, mas, por fim, me abraçou. — Estou muito feliz por você, amiga! Quem diria que dessa confusão toda, sairia um casal apaixonado?

— Você sabe que estou escrevendo sobre isso, mas nunca achei que se tornaria real.

— Você escreve histórias lindas, merece viver uma tão incrível quanto as que cria.

— Você também merece, então, eu acho que deveria investir em Dylan.

— Hm, não sei... Depois de tanta decepção, acho melhor deixar tudo entre nós dois baseado no sexo mesmo. E eu estou feliz assim, juro!

— Tem certeza?

— Sim. — Kim parecia estar sendo sincera e foi isso que me acalmou. — Agora, vamos fofocar sobre a nossa noite incrível e ficar mais gostosas ainda para aqueles bofes lindos!

Foi o que fizemos e o nosso dia foi maravilhoso.

32

"E se no momento, você morder seus lábios
Quando eu te fizer gemer, você saberá que é verdade
Consegue sentir a pressão entre os seus quadris?
Vou fazer você sentir como se fosse a primeira vez"

LOVE ME HARDER - ARIANA GRANDE FT. THE WEEKND



Raymond

— Cara, eu não acredito que vivi para ver você namorando de verdade. Isso precisa de um brinde! Puta merda!

Dylan não sabia se gargalhava de felicidade ou de choque à minha frente. Estávamos em um dos inúmeros bares do hotel, esperando pelas meninas. Os garotos do time haviam ido ao cassino e eu aproveitei aquele momento sozinho com o meu melhor amigo para anunciar que Chloe e eu estávamos juntos de verdade. Dylan fez um gesto para o *barman* e pediu uísque para brindarmos. Em poucos minutos, estávamos encostando os nossos copos e dando um gole na bebida âmbar, que desceu rasgando.

— Parece que o mundo dá voltas mesmo — falei, pousando o copo no balcão.

— Não, meu amigo, o mundo capota! E que bom que o universo é incrível comigo, pois me permitiu testemunhar esse momento histórico. Um dia, eu estarei com a sua criança no meu colo e vou contar como foi maravilhoso ver o pai dela ficar de quatro por sua mãe.

— Deixa os meus futuros filhos em paz, seu idiota.

— Cara, eu não vou perder essa oportunidade, sério.

— Posso fazer o mesmo com os seus filhos, então? Talvez você tenha engravidado a Kim ontem à noite.

— Credo, seu babaca! Não fala uma merda dessas, hoje é véspera de Ano Novo.

— E daí?

— E daí que o universo pode ouvir isso e transformar em realidade. Eu fiz a minha parte e usei camisinha, mas vai que estava furada? Não, eu não posso ser pai na adolescência, Raymond!

— Você acabou de completar vinte e três anos, Dylan.

— Então, eu sou um bebê, cara. Um bebê não pode ter outro bebê, entendeu?

— Acho que é por isso que eu sou seu amigo, sabe?

— Por que eu sou um bebê?

— Porque você só fala merda, Dylan. — Gargalhei, me esticando para bagunçar o seu cabelo todo penteadinho. Ele riu comigo e me deu um soco no ombro.

— Cala a boca, seu ex-pegador. O garanhão mais *fake* da UCLA, na primeira oportunidade, ficou de quatro.

— O que eu posso fazer? Chloe é uma gostosa, ela me pegou de jeito.

— Ela te pegou de jeito desde aquela noite em que se negou a se sentar ao seu lado. Agora, está sentando no seu pau, olha que mudança drástica. — Ele arregalou os olhos e fez uma careta quando retribuí o soquinho que me deu.

— Olha o respeito, babaca.

— Elas estão vindo. Caralho, a Kim está linda, puta merda.

Eu me virei e encontrei as duas vindo em nossa direção, mas não perdi muito tempo olhando para Kim — na verdade, mal consegui registrar a sua presença. Tudo o que vi foi Chloe, usando uma calça prateada no estilo cintura alta, sandálias de salto alto e um top, que se assemelhava ao modelo de um biquíni, todo preto com pedrinhas brilhantes. Meu pau deu uma fisgada, porque Chloe estava gostosa pra caralho e, também, porque eu sabia que ela era toda minha. Levantei-me assim que ela encurtou a nossa distância e

a puxei para os meus braços, enfiando meu rosto em seu pescoço para poder sentir o cheiro do seu perfume.

— Você está maravilhosa. Posso te levar para o quarto e te deixar peladinha?

— Claro que não. Demorei horas para ficar toda gata assim.

— Então vamos dar uma rapidinha no banheiro.

Chloe riu e se afastou após me dar um tapinha no ombro.

— Deixa de ser safado, King. Será que você pode esperar pelo menos até a meia-noite dessa vez, antes de me arrastar para a sua cama?

— Prometo tentar, se vou conseguir, já é outra história.

— Parabéns, Ray! — Ouvi Kim falar atrás de mim e me virei para cumprimentá-la. Dylan já estava com o braço em torno dos ombros dela, quase mijando em cima da garota para marcar território. Kim era uma mulher linda, atraía olhares por onde passava e Dylan não era nem um pouco bobo. — Conseguiu desencalhar a minha amiga, até que enfim!

— Não foi nada fácil...

— Ei, vocês podem parar de falar mal de mim, por favor? — Chloe pediu ao meu lado e eu a puxei para mais perto de mim, passando o braço pela sua cintura.

— Só estamos falando a verdade, baby. Você foi muito dura comigo.

— Não foi nada, Chloe. Fez muito bem em fazer esse babaca correr atrás de você — Dylan disse.

— Você é muito puxa-saco da Chloe, cara.

— Claro, ela é basicamente a minha cunhada favorita, Ray.

— Estou querendo uma cunhada também, sabe... — Joguei no ar e senti Chloe sorrir contra o meu peito, enquanto dava um cutucão em minha cintura.

— Ouviu isso, gata? — Dylan perguntou para Kim, sorrindo de lado. — Será que a gente realiza o desejo dele?

— Não sei. Me dá mais um *SPA Day* e depois eu te respondo.

A garota era escorregadia como Chloe, não era à toa que eram amigas, mas pelo menos estava bem claro que estava se divertindo, assim como Dylan, que não ficou nem um pouco

chateado com a resposta dela. Os dois ainda estavam se conhecendo, ia demorar para rolar algo mais sério — se é que isso iria realmente acontecer. Os meninos do time logo se juntaram à gente no bar e pedimos uma rodada de tequila para iniciar a comemoração da última noite do ano. Só para provocar, coloquei o sal no dorso da minha mão e ofereci para Chloe.

— Lambe aqui, irritadinha. Você já me negou a sua língua por tempo demais.

A safada nem tentou negar. Olhando em meus olhos, colocou aquela língua rosada para fora e lambeu o sal no dorso da minha mão, me fazendo perceber que eu era masoquista. Sentir aquela lambida só me deixou com mais tesão ainda. Sorrindo, ela pegou o copinho de vidro e virou o *shot* de tequila de uma só vez, fazendo uma careta, antes de chupar o limão.

— Porra, Chloe, você sabe que isso é pornográfico pra caralho, né? — perguntei, cercando-a contra o balcão do ar. Ela lambeu os lábios e me deu um sorriso nada inocente.

— Eu só chupei um limão, Ray.

— Poderia estar chupando o meu pau.

— Depois da meia-noite eu faço isso — sussurrou, passando a mão pelo meu peito.

— Você está prometendo muita coisa para depois da meia-noite, Chloe...

— Eu juro que vou cumprir cada uma delas.

— Procurem um quarto, vocês dois! Esse tipo de cena é uma crueldade contra os solteiros! — Ryan reclamou ao meu lado e eu ergui o dedo para ele.

— Invejoso, arrume uma namorada para você.

— Não fale assim com ele, tadinho — Chloe o defendeu. Ela tinha uma mania de ser protetora com os meus amigos e era uma merda que eu gostasse daquilo.

— É isso mesmo, Chloe. Esse babaca é um insensível. O que você viu nele que te deixou tão encantada?

— Foi o meu pau — respondi por ela e Ryan fez uma careta.

— Infelizmente, já vi esse idiota pelado várias vezes e meus olhos sangraram em todas elas.

— De inveja — reiterei, rindo.

— Quando eu vou testemunhar alguma conversa séria entre vocês dois? — Chloe perguntou, sorrindo. Ryan e eu olhamos um para o outro e respondemos juntos:

— Nunca.

Éramos dois idiotas, mas o importante, era que sabíamos disso e estava tudo bem.



Dylan nos levou para uma outra boate bem famosa em Las Vegas, onde teria uma festa especial de *réveillon.* Daquela vez, prometi a mim mesmo que curtiria bastante a noite com Chloe, já que na anterior nós mal conseguimos dançar — apesar de eu não me arrepender de nada. Minha garota já estava toda soltinha na pista de dança com Kim e Sammy — que descobri que estava ficando com Ryan —, depois de ter tomado mais alguns drinques, enquanto eu e os meninos bebíamos uma cerveja na área VIP. Queria deixar que ela curtisse com as meninas antes de roubá-la apenas para mim.

— Alguém traz um babador para o King! — Ryan pediu quase berrando em meus ouvidos. Os meninos à nossa volta começaram a rir e eu dei o dedo do meio para ele.

— Idiota. Você não pode falar nada, não tira os olhos da Sammy.

— Ela é linda, cara! Acho que o que aconteceu em Vegas, não vai ficar em Vegas.

— *Tá* muito emocionado, cara — Adrian zoou com a cara dele.

— Deixa ele. Tem mais é que investir na garota mesmo, já que se interessou por ela, Ryan.

Qualquer um poderia ter dito aquilo e eu deixaria passar, mas como foi Dylan quem disse, me vi na obrigação de perguntar:

— Isso se estende a você em relação a Kim?

Meu melhor amigo deu de ombros e sorriu antes de tomar mais um gole da sua cerveja.

— Talvez.

— Puta merda! Mais um soldado abatido, vai sobrar apenas nós dois, Hunter! — Adrian cutucou o nosso novo ala pivô, que havia ocupado o lugar de Logan temporariamente. Hunter riu, já se sentindo mais à vontade com a gente.

— Acho que vai sobrar só você. Estou conhecendo uma garota da UCLA.

— Porra! Vai todo mundo me abandonar, é isso?

— Não. Vamos criar uma campanha chamada “uma garota para Adrian” e soltar no Twitter. Vai chover mulher na sua horta, irmão. — Dylan o abraçou pelos ombros. — Jamais te deixaríamos sozinho!

— Quem tem amigo realmente tem tudo. Estou emocionado — Adrian debochou, nos fazendo rir.

Até parece que aquele babaca precisava de ajuda para pegar mulher. Vivia com uma garota nova em cada festa, como... Bem, como eu no passado. Agora, meu lance era outro e ele tinha nome e sobrenome. Deixei minha garrafa vazia sobre a mesa e dei uma olhada no telão de *led* que ficava atrás do DJ, onde ele havia colocado os minutos que faltavam para dar meia-noite. Eram exatamente onze e cinquenta e quatro e percebi que havia ficado longe da minha garota por tempo suficiente.

— Já vai dar meia-noite, então, se me derem licença, vou virar o ano com a minha namorada.

— Esfrega mesmo na nossa cara o seu privilégio, Ray — Hunter reclamou, mas estava brincando. Coitado, se estava mesmo conhecendo uma garota, com certeza queria estar com ela naquele momento.

— Vai para o banheiro fazer uma videochamada com a menina, Hunter — aconselhei e ele arregalou os olhos.

— Essa foi a melhor ideia que você já teve na vida, sério! Valeu, cara!

Ele deixou a cerveja pela metade em cima da mesa e saiu quase correndo em direção ao banheiro.

— Parece que o amor deixa todo mundo com um ideal romântico, não é? Onde Raymond King ia ter uma ideia como essa? — Ryan riu da minha cara.

— Eu evoluí, irmão — falei, apertando o seu ombro.

Ou fui adestrado, como Chloe mesmo havia jogado em minha cara na noite passada. Deixei os meninos por ali, sabendo que iriam se dispersar, e fui até a pista de dança, encontrando Chloe cantando a música pop que tocava em alto e bom som com Kim e Sammy. Ela estava de costas para mim e a abracei por trás, falando em seu ouvido:

— Ei, gatinha, quer ficar comigo?

Chloe se virou com um sorriso enorme no rosto, toda suada. Estava linda.

— Desculpa, mas eu tenho namorado — disse alto suficiente para que eu pudesse ouvir sobre a música.

— Eu não sou um cara ciumento.

— Então eu acho que posso abrir uma exceção para você...

Ela ficou na ponta dos pés e me deu um beijo cheio de língua, esfregando os peitinhos duros contra a minha pele sobre a camisa branca que eu usava. Espalmei a sua bunda e dancei agarrado a ela, deixando que sentisse o início da minha ereção contra a sua barriga. Ficamos daquele jeito por vários minutos, até o DJ diminuir o som e começar a contagem regressiva para a chegada do novo ano.

— Dizem que dá sorte virar o ano beijando na boca — falei entre os seus lábios.

— Então não para de me beijar, amor.

Eu não parei. O DJ gritou “feliz ano novo” e soltou uma música bem alta, enquanto as pessoas ao nosso redor começavam a se abraçar. Não liguei para mais ninguém, porque a única pessoa com quem eu realmente me importava naquele momento, estava nos meus braços, me dando o beijo mais indecente e delicioso da porra do universo.

— Feliz Ano Novo, King — Chloe falou em meu ouvido, soltando um gemidinho quando dei um chupão em seu pescoço.

— Feliz Ano Novo, irritadinha.

Pensei em voltar a beijá-la, mas Chloe me surpreendeu ao pegar a minha mão e começar a me levar por entre as pessoas. Tentei puxá-la de volta para mim e perguntar o que estava acontecendo, mas ela não parou, apenas seguiu em frente, até encontrar o corredor dos banheiros. Quando viu a porta que

indicava o sanitário dos cadeirantes, ela abriu a porta e me fez entrar, trancando-nos lá dentro e me empurrando contra a parede.

— Chloe, o que está fazen... — A voz sumiu da minha garganta quando ela se ajoelhou na minha frente, mordendo o lábio inferior e levando os dedos ansiosos ao fecho da minha calça.

— Eu fiz uma promessa e vou cumprir. — A safada tirou o meu pau para fora e lambeu lentamente a cabeça, como se fosse um pirulito. — E dessa vez você vai gozar na minha boca, Ray.

Quem seria eu para negar algo como aquilo à minha garota? Segurando seu cabelo em um rabo de cavalo, empurrei meu pau em direção a sua boca e Chloe começou a chupar, me dando o boquete mais incrível de todos.

— Isso. — Incentivei, gemendo quando ela segurou as minhas bolas e se concentrou na cabeça por alguns segundos, antes de descer os lábios pela minha extensão. — Mama bem gostoso, irritadinha. Vou encher essa boquinha linda com a minha porra.

Ela gemeu, excitada também, e eu me entreguei, sabendo que não poderíamos demorar muito ali. Meti em sua boca por alguns segundos, sentindo a pressão se alojar em meu baixo ventre e fazer as veias da região pulsarem, e gemi quando Chloe quase me enfiou na garganta, pegando muito mais do meu pau do que eu achei que conseguiria. A sensação me deixou todo arrepiado e precisei me segurar para não ir além do que ela me permitia.

— Caralho, Chloe... Vou gozar muito rápido, baby, não para. — Peguei a mão que não segurava as minhas bolas e a coloquei sobre a base do meu pau, onde sua boca não alcançava. — Me masturba enquanto me chupa.

Seus olhos brilhavam de tesão para mim e senti a chupada ficar mais intensa enquanto tocava a punheta. Passei meus dedos pelo seu rosto e dei um tapinha, do jeito que fez comigo na noite passada, e Chloe gemeu, largando minhas bolas para arranhar a minha coxa. Bati de novo, bem de leve, e ela levou a mão livre para se tocar entre as pernas por cima da calça, quase me fazendo esporrar na sua língua.

— Não, eu vou te fazer gozar quando terminar aqui. Tire a mão daí. — Mandei com a voz rouca, dando outro tapinha em seu

rosto. — Agora, Chloe!

Ela ergueu o dedo do meio para mim, mas obedeceu, chupando mais forte para se vingar. Foi, com certeza, a melhor vingança do século. Só tive tempo de avisar que gozaria antes que o primeiro jato de porra escapasse pela cabeça sensível, inundando a sua boquinha linda. Chloe bebeu tudo, ávida, até deixar o meu pau ainda duro escapar da sua boca e começar a lambê-lo, encostando-o contra a minha barriga para poder colocar cada uma das minhas bolas na boca.

— Porra, vem aqui!

Passei minhas mãos pelas suas axilas e a ergui, colocando-a encostada na parede em meu lugar. Uma gota do meu sêmen escorria pelo canto da sua boca e eu lambi enquanto descia a sua calça junto com a calcinha minúscula que usava, e metia um dedo em sua boceta melada.

— Ai, Ray!

— Te machuquei? — Porra, esqueci que ela estava dolorida. Para a minha surpresa, Chloe sacudiu a cabeça e segurou o meu pulso, rebolando contra o meu dedo.

— Não, é que eu estou com tesão. Mete mais um dedo — pediu em um choramingo e mordeu o lábio quando meti três dedos em sua boceta de uma só vez, alargando o canal estreito. — Ah, bem assim!

Tomei seu cabelo pela nuca e beijei a sua boca, penetrando-a com os dedos e roçando seu clitóris com o polegar até sentir sua bocetinha começar a pulsar, anunciando que gozaria bem rápido. Meu pau voltou a ficar duro, mas o ignorei e foquei nela, deixando seu lábio inferior escapar por entre os meus dentes e mandando baixinho:

— Desamarra esse top e me dá os seus peitos, Chloe. — Ela mal esperou eu terminar de falar e já estava desamarrando as alças atrás do pescoço. Seus biquinhos duros me saudaram e eu salivei. — Lindos pra caralho, puta merda...

Meti um na boca e Chloe gritou, movendo os quadris de encontro aos meus dedos e começando a gozar. Foi a *pegação* mais deliciosa da vida, a virada de ano mais memorável de todas. Deixei que se acabasse em minha mão e fui mamar no outro seio,

quase gozando de novo enquanto sarrava meu pau duro em sua coxa. Chloe se jogou contra a parede com a respiração pesada e puxou o meu rosto na direção do seu para roçar a boca na minha.

— Feliz Ano Novo — desejou pela segunda vez e eu sorri, selando toda aquela loucura com um beijo.

33

"Quando estrelas colidem como você e eu
Nenhuma sombra bloqueia o sol
Você é tudo que eu sempre precisei
Baby, você é o único"

THE ONE - ELTON JOHN





Chloe

Coloquei um ponto final na matéria sobre a história de Raymond e foi impossível impedir que um filme sobre a *nossa* história começasse a passar pela minha mente. Sentada em frente à mesa do meu quarto na Alpha, com o notebook aberto, tudo o que eu enxergava era o primeiro momento em que realmente vi Ray pela primeira vez, na cozinha da mansão. Qualquer vislumbre que tive dele pelo campus da UCLA nos últimos quatro anos não teve qualquer importância para mim, pois eu não ligava nem um pouco para basquete ou para jogadores em geral, mas tudo mudou naquela noite, na festa que eu nem sabia que aconteceria na minha própria casa.

Eu estava escrevendo um livro baseado em nós dois e, na ficção, era fácil criar cenários onde os protagonistas seriam obrigados a se encontrar. Eu tinha o controle da vida deles — ainda que na maioria das vezes eles parecessem ter vontade própria e invertessem o jogo —, poderia apagar uma cena quantas vezes eu quisesse, mudar o roteiro, ajeitar uma fala, mas na vida real não era

assim. Achávamos que tínhamos o controle da nossa própria vida, mas era uma grande mentira. A prova, era que o destino, Deus, o universo, ou os três juntos, interviram na minha história e na de Ray e fizeram o improvável acontecer: nós dois ficarmos juntos.

Era simplesmente surreal.

Ouvi o meu celular tocar e um sorriso idiota surgiu no meu rosto só por ver o nome de Ray na tela. Por que ficávamos tão bobos quando estávamos apaixonados?

— *Ei, baby. Já está se arrumando para vir assistir ao jogo?* — Pude ouvir vozes masculinas do outro lado da linha e ri mais alto quando entendi que eram os meninos do time zoando Raymond. — *Calem a boca, eu quero a ouvir a minha garota, babacas. Conseguiu entender o que perguntei, irritadinha?*

— Sim, consegui. Vou começar a me arrumar agora, estava terminando de escrever a sua matéria.

— *Sério? Envia para o meu* e-mail, *quero muito ler.*

— Vou pensar no seu caso...

— *Não seja malvada, Davidson, ou vou me vingar.*

— Posso saber como?

— *Vai ser uma tortura bem lenta. Você vai me implorar para gozar e eu não vou deixar.* — Sua voz soou mais baixa e levemente rouca, me deixando excitada.

— Você não vai conseguir se segurar, não nos vemos há dois dias.

Nossos horários ficaram meio loucos naquele início de semana, com Ray tendo treinos exaustivos e eu precisando me dedicar totalmente à sua matéria para poder entregar o trabalho para a Sra. Silverstone em sua próxima aula. Eu estava morrendo de saudades dele.

— *Mas quem disse que eu vou me segurar? Eu vou segurar o seu orgasmo, Chloe, não o meu*.

— Você não é nem louco, Raymond. — Ouvi a sua gargalhada do outro lado da linha.

— *Estava com saudades de te deixar toda irritadinha desse jeito. Envie o trabalho para o meu* e-mail*, e não teremos problema algum.*

— Vai esperar sentado. E se continuar a me irritar, não vou ao jogo.

— *Não diga isso nem de brincadeira, você é o meu amuleto da sorte, baby*.

Fiquei toda derretida ao ouvir aquilo. Que droga!

— Como você se virava antes de mim, então? — perguntei, tentando conter o sorriso em minha voz.

— *Sinceramente? Não sei. Espere um segundo.* — Ele pareceu falar com alguém que estava ali por perto, mas logo voltou sua atenção a mim. — *Preciso ir, amor. Venha sem calcinha, ok? Acho que isso vai me trazer mais sorte ainda.*

— Jogar de pau duro vai te distrair, Ray.

— *Não, só vai me dar mais garra para ganhar logo, assim, a gente termina logo com o time adversário e eu vou poder ter você todinha para mim.*

— Isso foi muito romântico, amor.

— *Eu sou um cara romântico, mas só com você. Tenho que ir, baby. Te vejo depois. Beijos.*

— Beijos.

Desliguei o celular ainda com aquele sorriso idiota nos lábios e salvei o arquivo, enviando-o para Raymond por *e-mail*. Eu queria mesmo que ele lesse antes que eu entregasse para a Sra. Silverstone, assim, se não gostasse de algo, eu poderia alterar. Modéstia à parte, eu havia gostado muito do resultado. Consegui traçar bem a linha cronológica da sua carreira, mas fui além, contei sobre a sua infância, a primeira vez que assistiu a um jogo de basquete na quadra com o seu pai, após Rob ganhar os ingressos em um sorteio, o início da sua paixão pelo esporte e o que o motivava a querer ser o melhor de todos. Citei o momento mais trágico da sua vida — com a sua permissão, logicamente — e falei do seu amor por Eliot. Talvez eu tenha dedicado um parágrafo inteiro para o seu sobrinho, mas quem poderia me julgar?

Escrever sobre Eliot, inclusive, me trouxe lágrimas aos olhos. Ele era um personagem à parte naquela matéria e, se dependesse apenas de mim, teria ainda mais destaque. O mundo não merecia um garotinho tão especial, mas Eliot existia e eu sentia que ele deixaria o seu legado. Raymond não mediria esforços para ajudar o

sobrinho a realizar o seu maior sonho, que era ser um jogador de basquete paraolímpico, e eu estaria ao lado dos dois, aplaudindo cada uma das suas conquistas. A história de Eliot seria linda e eu teria o privilégio de testemunhar na primeira fila.

Pensar nele me fez ter uma ideia. Antes de começar a me arrumar, peguei o meu celular e enviei um áudio para ele pelo *WhatsApp*.

— Oi, meu amor. Quer assistir ao jogo do tio Ray de uma forma diferente?

Eliot me respondeu cinco minutos depois, enquanto eu estava terminando de colocar a minha calça *jeans*.

— Oi, tia Chloe! Diferente como?

— Eu vou assistir o jogo na quadra, pensei que poderíamos fazer uma videochamada e você acompanharia o jogo comigo.

— É sério? Nossa, vai ser muuuuuuuito *legal! Eu quero!*

O entusiasmo em sua voz me fez sorrir.

— Fechado, então! Antes do jogo começar, eu vou te ligar, ok?

— Tá *bom, tia Chloe. Obrigado! Eu te amo muito e muito, tipo do tamanho do oceano, com todos os peixes dentro, até um tubarão!*

Ah, meu Deus. Como eu poderia ouvir aquilo e não começar a chorar como uma boba? Tentando conter o embargo em minha voz, respondi:

— Eu também te amo muito e muito, Eliot. Do tamanho do céu com todas as estrelas e a lua.

— É verdade? Isso é muito, tia Chloe!

— Claro que é verdade. E é muito, porque você é um garotão muito especial.

— Você é muito especial também, tia Chloe. A melhor namorada para o tio Ray!

Fiquei imaginando o que Eliot pensaria quando soubesse que aquele namoro havia começado de mentirinha. Provavelmente, iria rir da nossa cara e falar que éramos dois bobos, porque, para as crianças, tudo era sempre tão simples e verdadeiro. Os adultos que complicavam tudo.

Despedi-me dele e voltei a me arrumar, colocando a camisa de Ray e um par de tênis branco. Fiz uma maquiagem leve e deixei meus cabelos soltos, gostando do resultando final. Assim que terminei, recebi uma mensagem de Kim falando que estava me esperando lá embaixo e desci, me despedindo das meninas da fraternidade. Daquela vez, Kim estava indo como convidada especial do Dylan e eu não perdi a oportunidade, fiquei jogando isso em sua cara o tempo todo, só para deixar claro que não acreditava nem um pouco que o que havia entre eles se resumiria apenas ao sexo.

— O amor te deixou insuportável. — Ela reclamou quando nos acomodamos na primeira fileira de arquibancadas, no melhor lugar da quadra.

— Para de fingir que ele não te afeta, Kimberley.

— Ele afeta partes específicas do meu corpo.

— O seu coração.

— Não, a minha boceta.

Assim que terminou de falar, nós duas começamos a rir que nem duas loucas. Ainda bem que o falatório dos torcedores e a música que tocava nas caixas de som espalhadas pela arena, não permitiram que alguém prestasse atenção em nós duas.

— Você é terrível, Kim.

— Eu só não quero me apegar muito rápido. Fiz isso com Theo e olha o que aconteceu.

— Ele ainda te manda mensagem?

— Não, porque o bloqueei. Eu sei que não tínhamos nada sério, mas ele mentiu para mim naquela noite. Disse que ficaria em casa, mas quando abri o Instagram, lá estava ele, aos beijos com outra garota na casa do Raymond. Custava ao menos ser sincero comigo?

— Ele era um idiota, Kim, não merecia você. Ainda bem que descobriu logo quem ele era de verdade, isso te poupou de uma decepção maior.

— Eu sei. Por isso que quero ir devagar agora, sabe? Dylan sustenta muito bem a sua fama de pegador, quanto menos expectativas eu colocar sobre ele, melhor será para mim.

— Raymond também tinha essa fama, mas foi ao conviver com ele, que percebi que ele era muito mais do que um pegador sem-noção. Acho que Dylan é mais parecido com ele do que com Theo.

Kim suspirou ao meu lado e deitou a cabeça em meu ombro.

— Será? Não quero me iludir, Chloe. Nem todo mundo tem a sorte de namorar com uma versão de príncipe da Disney como você.

— Esse enredo da Disney seria para maiores de dezoito anos.

— Que sorte a sua, safada! — Ela deu um tapinha na minha coxa ao tirar a cabeça do meu ombro e eu ri. — Eles vão começar a se aquecer.

Ray e Dylan entraram lado a lado na quadra e meu coração ficou acelerado. Ele me soprou um beijo e eu devolvi, vendo Dylan fazer o mesmo com Kim, que voltou a suspirar ao meu lado, achando que eu não iria perceber. Resolvi não falar mais nada, porque entendia a minha amiga e, no fundo, achava que ela tinha razão em querer ir devagar com Dylan. Era melhor do que colocar todas as fichas nele e acabar de coração partido. Aproveitei aquele momento para ligar para Eliot e o sobrinho de Ray apareceu na tela do meu celular um segundo depois, todo animado, mostrando que estava assistindo ao jogo também pela TV ao lado do seu avô. Apontei para Kim ao meu lado e consegui apresentar os dois rapidinho.

— Oi, Eliot! Chloe fala muito de você!

— *Verdade? O que a tia Chloe fala de mim?*

— Várias coisas, mas a principal, é que você é um garoto lindo e estou vendo que é verdade.

Eliot deu a Kim um sorriso lindo e todo envergonhado, que derreteu o meu coração.

— *O tio Ray fica falando que eu tenho um charme irresistível.*

— E tem mesmo — concordei. — Vou virar o celular e tentar chamar a atenção do Ray, ok? Acena para ele.

Virei o celular e acenei que nem uma doida para Ray, até ele me encarar. Assim que o fez, apontei para a tela e gritei que era Eliot quem estava ali. Acho que ele entendeu, pois abriu um sorriso

maior ainda e se aproximou rapidamente de mim, jogando um beijo para tela e puxando meu rosto para dar um beijo na minha boca.

— Obrigado por isso, meu bem — sussurrou antes de voltar a encarar Eliot. — Ei, garotão! Vai me dar sorte no jogo de hoje?

— *Eu sempre te dou sorte, tio Ray! Te amo muito e muito*.

— Também te amo muito, bebê.

Ray precisou voltar, pois o aquecimento havia acabado e o jogo iria começar. Percebi que Kim parecia emocionada ao meu lado, mas não falei nada naquele momento, pois Eliot poderia ouvir. Virei o celular para mim e o encontrei com um sorriso enorme.

— *Eu nunca falei com o tio Ray assim antes do jogo! A gente pode fazer isso sempre, tia Chloe?*

— Claro que sim, meu amor.

— *Oba!*

Sua felicidade era a minha também, percebi. Eu estava completamente rendida por aquela criança.



O UCLA Bruins venceu o Long Beach State por 96 a 78, iniciando a segunda fase da temporada de basquete com chave de ouro. O time foi ovacionado quando o jogo acabou e da arena, fomos direto para uma festa organizada por um dos inúmeros amigos de Dylan. A casa já estava cheia quando chegamos, mas não me importei, pois estava muito feliz pelos meninos e por Ray principalmente. Ele não conseguia tirar o sorriso do rosto e nem parar de me agarrar, toda hora me agradecendo por eu ter feito aquela videochamada com Eliot.

Vibrar “ao lado” do seu sobrinho foi mais especial ainda. Era nítido o entusiasmo e a felicidade de Eliot a cada cesta que o tio fazia e Ray parecia mesmo estar inspirado naquela noite. Ele havia feito 40 dos 96 pontos do Bruins naquela partida, para a loucura do sobrinho, que estava quase sem voz no final do jogo. Eu com certeza assistiria à todas as outras partidas com Eliot, porque a energia dele era contagiante.

— Parabéns, amor. — Finalmente consegui falar com Ray quando os convidados da festa se afastaram. Raymond se sentou

em uma das poltronas da sala e me colocou sobre o seu colo, arqueando as duas sobrancelhas.

— Desculpa, eu não ouvi direito. Pode repetir bem aqui? — Apontou para a sua boca.

— Seu ouvido mudou de lugar?

— O corpo de um jogador de basquete é uma coisa louca... — disse, me fazendo rir.

Tomei seu rosto em minhas mãos e beijei a sua boca sem me importar com as pessoas a nossa volta. Raymond deu um apertão em minha bunda, me fazendo gemer e comprovando o que eu já sabia: o filho da mãe não tinha um pingo de pudor.

— Vamos ficar aqui só um pouquinho, ok? — sussurrou ao descer os lábios pelo meu pescoço.

— Por quê? Você não gosta tanto de festas?

— Eu gosto, mas aprendi que sou viciado em uma única coisa. — Ele fez uma pausa para sugar a pele do meu pescoço e eu precisei me segurar para não gemer. — A sua boceta. E estou longe dela há dois dias, é muito mais do que sou capaz de suportar.

— Você é um safado, King.

— Nunca neguei isso, irritadinha. — Sua mão apertou a minha bunda de novo e eu prendi a respiração. — Não geme. Seus gemidos são apenas meus.

— Não sabia que você era tão possessivo.

— Só você me faz ser assim.

Sorri e voltei a beijá-lo por um tempinho, porque não aguentaria ficar ouvindo a sua voz rouca em meu ouvido por muito mais tempo sem implorar para que me fizesse gozar. Os meninos do time se aproximaram e isso ajudou Raymond a se distrair da safadeza gratuita que estava distribuindo ao pé da minha orelha, me deixando livre para prestar atenção na festa lotada. Logo percebi que Kim e Dylan já não estavam mais por ali. Aquela pilantra havia ido embora para transar com o jogador sem ao menos se despedir de mim! E ainda queria me enganar com aquela história de que era apenas sexo.

— Vou ao banheiro rapidinho e já volto — avisei para Ray antes de me levantar. Já que a minha melhor amiga havia me abandonado, eu teria que ir ao banheiro sozinha.

Uma garota me guiou até uma porta em um dos corredores depois que perguntei onde era o toalete, e fiquei esperando quando percebi que estava ocupado. Dei uma olhada no TikTok e curti o vídeo que Ray havia postado naquele dia antes do jogo, sorrindo ao ver os outros vídeos da viagem para Vegas que ele havia postado ao longo daquela semana. Na maioria, eu estava com ele, o que ainda era um pouco surreal para mim.

— Finalmente esbarrei com você, Chloe Davidson! — Ergui a cabeça e encarei a menina que estava parada na minha frente. Ela me olhava de cima a baixo com os braços cruzados e uma expressão irritada no rosto.

— Desculpa, eu te conheço?

— Jura que não se lembra de mim?

— Sinto muito, mas realmente não me lembro. — A menina que estava ocupando o banheiro, saiu, e eu apontei para a porta. — Com licença, preciso usar o banheiro.

— Foi exatamente em frente a um banheiro que nos conhecemos — disse ela, tomando a minha frente e mascando um chiclete. — No primeiro jogo da temporada, lembra? Quando sua amiga me disse que você estava prestes a namorar com o King... Na época, eu não acreditei, até cheguei a postar aquela foto de vocês dois no Twitter levantando o boato, porque queria ver todo mundo rir da sua cara...

— Foi você que postou aquela foto?

Agora eu estava reconhecendo aquela garota. Era ela mesmo, a menina do chiclete, que saiu batendo os pés e fazendo birra depois que Kim zoou com a sua cara na fila do banheiro da arena do Bruins. Como não a reconheci antes? O modo como passava a goma de mascar de um lado para o outro da boca era inconfundível, assim como o cabelo preto e a expressão irritante de deboche. A menina mascou o chiclete com mais força e fez uma bola com a goma de mascar.

— Sim, fui eu. Era para ser só uma brincadeira...

— Aquilo não teve a menor graça!

— Para você. Para mim, teve. — Sorriu, mas logo fechou a cara. — Só que agora parece que você e o King estão mesmo juntos, né.

Sua voz pingava veneno e eu revirei os olhos. Quem aquela garota achava que era? A Regina George da UCLA? Eu não tinha idade nem paciência para ficar discutindo com uma menina tão sem-noção e infantil.

— Sim, nós estamos, agora, se você puder me dar licença... — Apontei de novo para o banheiro e ela mascou o chiclete com a boca aberta.

— Você conhece a fama do Raymond, né? Deve saber que é só um passatempo.

— Qual é mesmo o seu nome?

— Emily Morrison.

— Então, Emily Morrison, não sei se percebeu, mas eu não estou a fim de ouvir qualquer besteira que você tenha a me dizer, sendo assim, saia da minha frente!

— Esse namoro não vai durar e você vai acabar se transformando na maior corna da UCLA. Eu vou ficar assistindo de camarote quando esse momento acontecer.

A Chloe de um mês atrás acreditaria cegamente naquilo. A de duas semanas atrás, ficaria receosa e em dúvida sobre essa menina estar certa ou não, mas a Chloe de hoje, que conhecia o Raymond e que confiava nele, não sentiu nada com aquela ameaça vazia. Por isso, dei o meu melhor sorriso para aquela louca e a empurrei para longe do meu caminho sem qualquer delicadeza.

— Era só isso que você tinha a dizer? Já me deu o seu recado, agora, volte a fingir que não sabe que eu existo e eu farei o mesmo com você.

Seu rosto ficou lívido de raiva e eu entrei no banheiro, batendo a porta em sua cara. Era só o que me faltava, agora as fãs de Raymond iriam começar a agourar o nosso namoro? Revirei os olhos e me ajeitei para fazer xixi. Jamais deixaria que uma doida destruísse toda a confiança que Raymond e eu lutamos tanto para conquistar juntos.

34

"As pessoas falam, pessoas dizem que o que nós temos
é apenas um jogo
Oh, eu nunca te deixarei partir
Venha aqui garota, simplesmente vamos fazer um doce
amor"

BREAK OF DAWN - MICHAEL JACKSON



Raymond

Tateei sobre o colchão procurando por Chloe, mas abri os olhos assim que percebi que ela não estava mais deitada ao meu lado. Encontrei-a sentada na poltrona do meu quarto, perto da janela, de costas para mim e digitando furiosamente em seu notebook. Depois da noite de ontem, em que quase não a deixei dormir, pensei que aproveitaria que eu só iria para a academia na parte da tarde e ficaria na cama comigo por mais tempo, mas me enganei. Pela forma rápida como digitava, eu podia apostar que estava escrevendo o nosso livro, mas a safada nunca me deixou ter um vislumbre nem de um mísero parágrafo e ainda gostava de ressaltar que não era um livro sobre nós dois.

Eu cagava para isso. Se estava se inspirando na nossa história, era, sim, um livro sobre nós dois e eu estava louco para ler. Levantei-me devagar e fui quase na ponta dos pés até ela, vendo o Word aberto e seus dedos com as unhas pintadas de preto tocando no teclado e enchendo a tela em branco com todas as ideias geniais que passavam em sua cabecinha.

Ainda era um pouco surreal assimilar que Chloe era uma escritora, não por achar que ela não tinha inteligência ou capacidade, mas porque eu acreditava que inventar um universo inteiro devia ser difícil pra caralho! Seres humanos eram difíceis e caóticos, acho que eu não teria competência para entrar na cabeça de qualquer um deles, mesmo sendo “de mentirinha”. Minha garota era genial.

— Bom dia, baby — sussurrei em seu ouvido e enfiei meu rosto em seu pescoço, vendo-a fechar a tela do notebook. — Estava escrevendo sobre o meu pau, Chloe?

Ela soltou um gemidinho e se remexeu, ficando toda arrepiada.

— Não.

— Eu li a palavra pau.

— Você está delirando.

— Então abre o notebook e me deixa ler.

— Não. — Ela riu baixinho e se virou de lado na poltrona. Estava uma gracinha usando o meu casaco de moletom do time, que tinha virado praticamente um vestido nela. — Vai ler a matéria que enviei para o seu *e-mail*. Me perturbou tanto e até agora nem se dignou a abrir o arquivo!

— Está muito enganada, irritadinha. Eu li ontem à noite, enquanto você roncava ao meu lado.

Seus olhos se arregalaram e uma expressão de indignação tomou o seu rosto.

— Eu não ronco!

— Ronca, sim.

— Você é um mentiroso, Raymond King! — Chloe se levantou e colocou o notebook sobre a poltrona, ficando com as bochechas vermelhas. Ela ficava mais linda ainda quando eu a irritava. — Nunca mais vou dormir com você!

— É mesmo? — Cruzei os braços, vendo os seus olhos descerem pelo meu corpo nu. Meu pau já dava sinais de que poderia ficar duro a qualquer momento, mesmo ela usando um moletom três vezes maior do que o seu tamanho. — Pelo jeito que está me secando, acho que você não vai conseguir ficar longe de mim por muito tempo.

— Não estou secando você. — Ela cruzou os braços também e fez um biquinho, virando o rosto e me fazendo rir.

— Vem aqui. — A danada ainda lutou, mas acabou me deixando puxá-la para os meus braços. Tomei seu rosto em minhas mãos e dei um beijinho rápido na sua boca. — Eu amei a matéria.

— Não sei se a sua opinião vale, você está louco por mim, não teria coragem de fazer uma crítica. — Seus dedos tocaram o meu peito e um sorriso surgiu em seus lábios. — Até porque, eu ia te bater se me criticasse.

— Essa relação está se tornando muito violenta, Chloe. Não vai me dizer que você é sádica? Tipo aquele cara lá, não sei o que Grey?

— Ah, não! Olha, eu aceito tudo, menos que você não saiba que o nome do Grey é Christian. Nem era preciso ler o livro para saber disso, Raymond!

— Mas nem o filme eu assisti.

— Como é que é? — Chloe deu um passo para trás, boquiaberta. — Precisamos mudar isso. É uma vergonha que você não tenha assistido à franquia de Cinquenta Tons de Cinza, Raymond!

— Tudo bem, eu assisto, mas depois não reclame comigo quando eu quiser estalar um chicote na sua bunda.

Chloe sacudiu a cabeça e começou a rir, voltando para perto de mim. A safadinha ficou na ponta dos pés e me abraçou pelo pescoço, me dando passe livre para descer as mãos pelas suas costas até parar em sua bunda — por debaixo do moletom, lógico. Ela não usava calcinha.

— E se eu quiser estalar um chicote em você?

— Eu deixo.

— Jura? — A surpresa em seus olhos era impagável.

— Sim, eu deixo, mas só se você me deixar ler pelo menos o primeiro capítulo do nosso livro.

— Isso não é justo, amor. — Choramingou que nem um bebezinho. — O livro ainda não está pronto. Você pode achar horrível.

— Tenho certeza de que vou achar incrível, assim como amei a matéria que escreveu sobre mim.

— Você gostou mesmo? Eu não fui muito invasiva, fui?

— Não, você foi cirúrgica, Chloe. Conseguiu passar para a matéria tudo o que te contei, sem nem comentar sobre o tamanho do meu pau. Eu adorei. — Soltei uma gargalhada quando ela deu um tapinha em meu ombro.

— Estou falando sério, King.

— Eu também. — Parei de rir e a puxei para o meu colo, sentando-me na cama com ela trepada sobre mim. Aquela boceta deliciosa e peladinha perto do meu pau... Quem poderia julgar o coitado por estar ficando duro? — Eu amei a forma como abordou sobre a minha família, o modo sucinto como contou a história da minha irmã e a sensibilidade ao falar sobre Eliot. Eu jamais vou esconder qualquer um deles do mundo, queria que eles estivessem nessa matéria e, um dia, eles estarão em jornais espalhados pelo país inteiro, quando algum veículo famoso quiser me entrevistar.

— Isso pode acontecer ainda esse ano, você sabe, não é? Afinal de contas, você será a primeira escolha no *Draft* — disse toda orgulhosa, me fazendo sorrir.

— Eu quero muito acreditar nisso... Ou melhor, eu *acredito* nisso, pois foi por isso que tanto lutei durante toda a minha vida.

— E você vai conquistar, eu tenho certeza.

— Você vai estar ao meu lado... — Passei minhas mãos abertas sobre a sua coxa, até levantar o moletom e tirá-lo sobre a sua cabeça, deixando-a nua. — Assim como eu estarei com você na sua primeira sessão de autógrafos.

— Ai, Ray... — Chloe suspirou e tocou a minha mandíbula delicadamente. — Será que isso realmente vai acontecer um dia?

— É o que você quer?

— É um dos meus maiores sonhos.

— E o que você está fazendo para realizá-lo?

Chloe parou por um segundo e mordeu o lábio inferior com força, dando levemente de ombros.

— Escrevendo?

— Além disso.

— Nada. — Sua resposta saiu em um sussurro meio envergonhado, antes de ela esconder o rosto em meu peito. —

Minha nossa, eu sou uma fraude! Como você tem coragem de me chamar de escritora?

— Ei, pare com isso, você não é uma fraude — falei, tomando seu rosto em minhas mãos. — E você é, sim, uma escritora, meu bem. Só acho que se você realmente quiser viver das histórias que escreve, precisa começar a tirá-las do papel e jogá-las para o mundo. Eu estava pesquisando sobre o mercado editorial essa semana...

— Estava?

— Sim. — Sorri ao ver os seus olhos arregalados e continuei: — E vi que a publicação independente é o que está em alta no momento. Sei que você já deve saber disso, até porque, é uma leitora assídua e ama escrever, mas queria estar por dentro de tudo para dar a minha opinião.

— E qual é a sua opinião?

— Eu acho que você deveria lançar o nosso livro em *e-book*. E sim, eu sei que novos escritores surgem todos os dias, que o mercado é muito disputado, mas, Chloe, novos jogadores também surgem todos os dias. Um lugar em qualquer time de basquete universitário é disputadíssimo, mas, ao invés de isso me assustar e querer me fazer fugir, eu fui forte e lutei para conquistar o *meu* lugar, e eu sei que você é capaz de conquistar o seu lugar também, só basta dar o primeiro passo e tentar.

— Você realmente acredita em mim assim?

— Eu já acreditava antes, mas, quando li a matéria que escreveu sobre mim durante a madrugada, tive certeza.

— Mas aquele é um texto jornalístico, Ray... É diferente do que eu escrevo.

— E, mesmo assim, você foi perfeita. Talvez eu não seja o melhor crítico de todos, mas o seu texto vai chegar a pessoas como eu, que não conhece muito sobre o meio literário nem sobre todos os tipos de textos que existem por aí, mas que, ao ler, quer sentir alguma coisa, seja raiva, emoção, amor, tesão, já que você gosta de uma boa putaria. — Ela riu quando dei um tapa na sua bunda. — Posso não ter lido nenhum livro seu ainda, mas se com a minha matéria você me tocou, e olha que eu já tinha ideia do que

encontraria por lá, até porque, aquela é a minha história, imagino que vou sentir muito mais ao ler qualquer um dos seus livros.

Chloe me encarou profundamente, até eu perceber que o brilho em seus olhos vinha das lágrimas rasas que estavam começando a inundá-los. Porra, será que eu tinha falado alguma besteira? Ou a estava pressionando demais? Minha única intenção, era fazer com que Chloe abrisse os olhos e fosse atrás dos seus sonhos. Se eu pudesse fazer aquilo sozinho por ela, com certeza faria, mas aquele caminho ela tinha que trilhar com os próprios pés e não ser levada no colo até a linha de chegada.

— Eu não fazia ideia de que você acreditava tanto assim em mim — murmurou com a voz embargada.

— Claro que eu acredito em você, meu bem, não apenas porque sou o seu namorado, mas porque sou o seu melhor amigo, e amigos sempre acreditam um no outro.

— Isso parece algo que Eliot diria. — Ela riu enquanto chorava. Sequei as suas lágrimas e concordei com a cabeça.

— Claro que sim, quem ensina tudo para ele, sou eu.

— Você é um convencido, King. — Chloe acariciou o meu pescoço e eu engoli em seco. Estava duro como uma pedra entre as pernas dela, porque não conseguia evitar o desejo, mas não queria transformar aquilo em sexo, pelo menos não agora. — Mas é o convencido mais lindo do mundo e com o coração mais bonito que já conheci.

— Para com isso — pedi meio sem jeito, rindo baixinho. Eu sabia lidar muito bem com elogios voltados ao meu desempenho em quadra, mas aquele tipo de coisa me deixava meio esquisito.

— Estou falando a verdade. Você não pode falar tudo aquilo para mim e não querer aceitar quando eu digo que é uma pessoa incrível.

— Eu sou uma pessoa comum... Sabe o que não é comum? O meu sobrenome. Ele é sinônimo de sucesso. Quando estava pesquisando sobre os livros mais comentados do momento, me deparei com um que se chamava Geek e o nome da protagonista é Ashley King. Entendeu o que quero dizer? O sobrenome King coloca qualquer livro em outro patamar, o sucesso já está garantido só por causa disso.

— Não acredito que ouvi isso, Raymond. — Ela riu de mim. — Eu conheço esse livro, é de uma autora brasileira chamada Camila Cocenza. O protagonista é virgem, sabia? Você deveria ser puro como ele.

— Pelo que vi nas avaliações, os pensamentos dele não eram nada puros.

— Você é do tipo de leitor que gosta de *spoiler*?

— Depende. Acho que depois de conhecer você, eu sou o tipo de leitor que só vai ler um livro, se ele tiver putaria.

— Você é terrível, King. — Chloe me empurrou pelos ombros e me fez cair de costas na cama, logo deitando o tronco sobre o meu peitoral. Gemi baixinho quando seus mamilos duros tocaram a minha pele. — E é o homem mais lindo do mundo.

— Pode falar que sou o mais sexy também. — Apertei a sua bunda até fazer com que roçasse a bocetinha no meu pau. — E o mais gostoso.

— Você é. E tem o melhor pau do mundo.

— Porra, é isso que um homem quer ouvir, Chloe!

Ela riu e passou os lábios sobre os meus. Quando tentei beijá-la, a safada se afastou.

— Eu vou seguir o seu conselho — disse de repente, muito decidida. — Quando o livro estiver pronto, vou publicá-lo de forma independente. Eu acho que essa é a história que precisa ir para o mundo, Ray.

— Claro que sim, porque é a nossa história, irritadinha. Aliás, o King da ficção chama a Chloe da ficção de irritadinha? Se ele não chamar, esse King vai ser uma cópia muito malfeita.

Chloe riu alto e sacudiu a cabeça, sentando-se sobre as minhas coxas. Quando tomou o meu pau na mão e começou a masturbá-lo, ficou difícil manter a minha linha de raciocínio.

— Não sei, você vai ter que ler para descobrir.

— E quando eu vou poder ler?

— Que tal agora? — Ela perguntou com uma sobrancelha arqueada e aumentou a velocidade da punheta. — Eu posso parar aqui e pegar o notebook para...

— Não! — Segurei a sua mão em volta do meu pau, talvez um pouco desesperado demais. — Eu esperei até agora, posso

aguardar um pouco mais. O que não pode esperar, é o meu desejo de sentir o meu pau dentro da sua boceta de novo.

A safadinha voltou a se deitar sobre mim e passou a boca pelo meu pescoço.

— Então me come logo.

— Você por cima?

— Me pega de quatro.

— Caralho, Chloe! — Gemi em seu ouvido e a virei na cama, parando por cima dela. — Já não sei mais se quero que as pessoas leiam a nossa história. E se algum babaca imaginar você falando isso?

Chloe sorriu e eu coloquei um mamilo em minha boca, chupando com mais força do que pretendia. Ainda bem que ela adorava um sexo mais violento.

— A maior parte do público de literatura erótica, é feminina. Eu que tenho que ficar preocupada. Não quero que ninguém fique pensando em você enquanto lê.

Coloquei meu pau entre os lábios da sua boceta e arranquei um gemidinho da sua boca quando sarrei em cima do seu clitóris durinho e melado.

— Eu gosto da sua versão ciumenta, baby.

— Ainda bem que eu confio em você... — Ela suspirou quando me ajoelhei no chão e parei entre as suas coxas. — Porque ontem uma das suas fãs me abordou no banheiro para falar que o nosso namoro não ia durar.

Parei a caminho da sua boceta e a encarei, vendo-a se apoiar nos cotovelos para poder me olhar.

— Como assim? Que fã?

— Uma louca qualquer. Inclusive, foi ela que levantou aquele boato de que estávamos namorando no ano passado.

— Como sabe disso?

— Ela me disse ontem. É uma história meio sem-noção, tudo começou no primeiro jogo da temporada, aquele que você me deu os ingressos. — Concordei com a cabeça, sentindo a de baixo pulsar e implorar para que parássemos de conversar e começássemos a trepar. — No final da partida, Kim e eu fomos ao banheiro e tinha uma fila. Você sabe como a Kim é animada e tem

um parafuso a menos, então, começou a falar sobre você e a menina que estava na nossa frente, ficou interessada. Para zoar com a menina, Kim disse que eu e você estávamos prestes a começar a namorar, a garota ficou puta e saiu batendo o pé, no dia seguinte, nossa foto estava no Twitter junto com aquele boato louco. Kim chegou a desconfiar dela, mas não tínhamos prova e nem sabíamos quem ela era, até que ontem a doida apareceu no meu caminho para falar besteira.

— Por que você não me disse nada? Eu daria um corte nela. Não quero que fiquem abordando você, Chloe, isso está errado, não importa que ela seja minha fã.

Eu nem acreditava muito nessa história de fã. Apenas jogava basquete, só isso. Não era nenhum cantor famoso ou ator de Hollywood.

— Não te chamei, porque não tinha necessidade. Nada do que ela disse me afetou, Ray. — Chloe esticou a mão e tocou em meu cabelo. — Se estou com você, é porque confio em você e no que sente por mim. Não vai ser uma louca fanática que vai me fazer duvidar do que nós dois temos.

Ouvir aquilo fez o meu coração disparar. No começo da nossa amizade, tudo o que eu queria — mesmo quando não tinha noção disso —, era que Chloe me visse além do estereótipo de pegador da UCLA. Queria que me conhecesse de verdade e isso aconteceu. Chloe sabia quem eu era e ter a certeza de que confiava em mim, me deixou meio bobo.

— Depois disso, eu não quero mais trepar com você de quatro — falei, me levantando e pegando uma camisinha em cima da mesa de cabeceira.

— Como assim? Por quê?

— Porque agora você acionou o modo “Ray emocionado” e eu quero fazer amor olhando em seus olhos.

Achei que Chloe ia rir de mim, mas ela soltou um suspiro que com certeza os meninos ouviram, mesmo estando cada um em seu quarto, provavelmente acompanhados.

— Que lindo, Ray. Vem aqui — ela pediu, esticando um braço e indo para o meio da cama. Ajoelhei-me no colchão depois de vestir o preservativo e parei entre as coxas dela, na posição clássica

de papai e mamãe. — Faz amor comigo — sussurrou, beijando o meu queixo, a linha da mandíbula, e gemendo baixinho quando a penetrei.

— Está dolorida de ontem? — perguntei com a voz rouca, esperando que me desse o aval para ir até o final.

— Um pouco, mas isso não vai me impedir de fazer amor com você.

— Parece que você gostou desse termo.

— Eu escrevo romances, Ray. — Ela sorriu meio emocionada e pulsando em volta do meu pau.

— E agora, está vivendo um. Prometo que será o melhor de todos, gatinha. — Beijei a sua boca e comecei a entrar e sair bem devagar. — Obrigado por confiar em mim.

— Obrigada por acreditar em mim.

Foi daquele jeito que fiz amor com ela naquela manhã. Lento, gostoso e cheio de significado, algo que nunca pensei que viveria um dia.

35

"Algo em você
Faz eu me sentir uma mulher perigosa
Algo em você, algo em você, algo em você
Me leva a fazer coisas que eu não deveria"

DANGEROUS WOMAN - ARIANA GRANDE

Chloe

A Sra. Silverstone levou exatamente cinco semanas para nos entregar a nota do trabalho. Nesse meio tempo, eu surtei de ansiedade, achei que o trabalho estava horrível e que tiraria a pior nota de todas, vi meus colegas de classe terem a mesma impressão que eu, até que chegou uma fase em que simplesmente me forcei a parar de pensar naquilo. No fundo, eu sabia que tinha dado o meu melhor e comecei a fazer algo que Raymond vinha me mostrando aos poucos como conquistar: confiei em mim mesma.

Acabei levando aquele sentimento para além da sala de aula aos poucos. Janeiro e meado de fevereiro acabaram se tornando dois meses de autoconhecimento e comecei a analisar tudo o que tinha feito por mim mesma desde a adolescência. Foi incrível tirar um tempinho para olhar para o meu passado e tentar me enxergar pelos olhos de Raymond. Ele achava incrível o fato de eu escrever livros, enquanto eu achava que era algo que não tinha tanta relevância, porque, além de mim, só Kim conhecia as minhas histórias. Quando abri meus arquivos antigos na nuvem e comecei a

revisitar todos os universos que criei ao longo dos anos, entendi por que Ray me achava tão fascinante.

Acho que eu precisava de alguém que me desse um choque de realidade e me dissesse o que parecia ser óbvio, mas que eu não queria enxergar: eu era uma escritora. Tinha potencial para viver do que mais gostava de fazer, se eu quisesse, e foi incrível entender que eu *queria*. Ver Raymond lutar com tanta garra para realizar os seus sonhos, acabou me inspirando e me fazendo desejar ser como ele. E o fato de ele sempre estar ao meu lado, me incentivando, só tornava aquele sentimento maior em meu peito.

Kim também me apoiava muito e estava apaixonada pelo novo livro, que ainda não tinha um título oficial. Ela devorava os capítulos que eu enviava em uma madrugada e ficava implorando para que eu mandasse mais, o que acabava me incentivando a passar mais tempo no computador do que era aceitável. Nunca me senti tão inspirada antes e tinha certeza de que a culpa disso era de Raymond, pois ele me inspirava como ninguém.

— Chloe Davidson. — A Sra. Silverstone estava indo de mesa em mesa entregar os trabalhos e eu fiquei com o coração acelerado quando parou ao meu lado. Um sorriso se abriu em seus lábios. — Você foi formidável! Esse foi um dos melhores textos que já tive o privilégio de corrigir ao longo da minha carreira. Tenho certeza de que você chegará muito longe em qualquer área que escolher trabalhar, desde que seja fazendo o que mais gosta, que eu tenho certeza de que é escrever.

Ela depositou o trabalho em minha mesa e meus olhos se arregalaram ao ver o A+ bem ali, grande e maravilhoso.

— Minha nossa, eu nem sei o que dizer, Sra. Silverstone. Estou muito feliz!

— Você mereceu essa nota. Não esqueça de compartilhar com Raymond, tenho certeza de que ele ficará tão feliz quanto você. — Ela apertou o meu ombro e passou para o próximo aluno.

Abri o trabalho correndo, observando as anotações que fez ao longo do meu texto. A Sra. Silverstone tinha o hábito de colocar comentários ao longo dos parágrafos, fosse para justificar o motivo da sua nota ou para elogiar. Quase chorei ao ver que a maioria das suas notas eram elogios ao meu texto e à forma como abordei a

história de Raymond. No parágrafo dedicado a Eliot, ela disse que ficou com lágrimas nos olhos. Por fim, na parte final do trabalho, escreveu que era aquilo que queria sentir quando propôs que contássemos a história do nosso entrevistado: a emoção em acompanhar a jornada de cada um deles até os dias atuais.

Assim que a aula terminou, eu liguei para Raymond e contei tudo, mal conseguindo conter a euforia em minha voz. Ele vibrou comigo do outro lado da linha.

— *Eu não estou nem um pouco surpreso com essa nota, irritadinha. Era óbvio que você ia arrasar.*

— Só por que contei a sua história?

— *Claro que isso também conta muito*. — Seu tom convencido me fez rir. — *Mas é porque eu sei que você foi brilhante. Você é brilhante, baby, essa é a verdade.*

Sorri ao ouvir aquilo, sentindo minhas pernas ficarem um pouco bambas. Raymond tinha aquele poder sobre mim, de me deixar como uma boba molenga apenas com as suas palavras.

— Já deu uma olhada no seu *e-mail* hoje?

— *Não. Por quê?*

— Deveria olhar, tem algo lá que você está me pedindo há muito tempo.

— *Espere um segundo, vou olhar agora.* — Ouvi certo falatório do outro lado da linha, sabendo que eram os alunos, porque estávamos no intervalo entre uma aula e outra. — *Puta merda, não acredito, Chloe! Você me enviou o livro mesmo? Não é brincadeira?*

— Não é brincadeira. — Ri baixinho, sentindo um frio na barriga. — Seja sincero comigo, ok? Se estiver horrível, me fale. Nesse arquivo tem os primeiros vinte capítulos.

— *Eu tenho certeza de que estará incrível, irritadinha! Queria começar a ler agora mesmo.*

— Você vai ler apenas amanhã, porque hoje você vai estar muito ocupado detonando o Washington State!

— *Vamos ter dois motivos para comemorar hoje à noite, baby. O seu A+ e a vitória do Bruins. Estou com sangue nos olhos depois da derrota para a USC no domingo*.

O Bruins havia perdido para a Universidade do Sul da Califórnia com uma diferença ridícula de três pontos. Apesar disso, o jogo foi intenso e brutal no último tempo, principalmente para Hunter, o jogador que estava no lugar de Logan, que acabou se machucando. Não havia sido nada grave, mas ele teria que ficar de fora daquela temporada, o que preocupou muito o time. Provavelmente, Logan tomaria o seu lugar de volta e aquilo estava irritando Raymond, que o queria de fora da equipe naquela temporada.

— Eu tenho certeza de que vocês vão ganhar. Não há outra possibilidade, amor — falei, entrando na sala para a próxima aula.

— *Obrigado pelo apoio, gatinha. Vou precisar desligar agora, o professor acabou de entrar na sala. Te vejo mais tarde.* — Ele abaixou o tom de voz. — *Fique bem linda para mim hoje à noite*.

— Não sei, não quero distrair você durante o jogo.

— *Eu vou saber me comportar, não se preocupe. Só vou te atacar quando sairmos da arena.*

— Raymond, o professor está na sua sala e você está me falando putaria pelo celular. Desliga logo — sussurrei para que nenhum aluno ao meu lado ouvisse aquela pouca vergonha saindo da minha boca.

— *Eu sei que você gosta disso, sua escritora safada.* — Ele riu e eu nem pude negar, apesar de estar sentindo o meu rosto pegar fogo. — *Beijos, meu bem*.

— Beijos, baby.

Será que os alunos a minha volta conseguiam ver a minha cara de idiota apaixonada por aquele homem? Ou o quanto ele me deixava molhada só falando besteira com aquela voz rouca pelo celular? Eu sinceramente esperava que não.



Cumprindo a promessa que fiz a Eliot, liguei para ele assim que cheguei à arena, só que, daquela vez, ele não estava sozinho. Ao lado dele, estava Olivia, minha prima, que havia se mudado para San Francisco há uma semana. Infelizmente, por conta da faculdade e dos jogos de Ray, não pudemos viajar para recepcioná-la ou para

testemunhar o encontro dela e de Eliot, mas o sobrinho de Ray fez questão de narrar o momento para nós dois.

Segundo ele, foi um dos dias mais felizes da sua vida. Suas palavras ainda estavam em minha mente e eu sorria a cada vez que me lembrava delas.

— Achei que meu coração ia morrer. Não sei por que, mas a vovó disse que era de ansiedade. Eu nem sabia que ficar ansioso fazia isso com a gente. Dessa parte, eu não gostei, mas depois que a Olivia apareceu, eu até esqueci disso. Foi um dos dias mais felizes da minha vida! Eu não sabia que ela era tão bonita. Ela é bonita tipo você, tia Chloe, deve ser porque é sua prima. A gente brincou muito, assistimos ao filme da Capitã Marvel, porque é a personagem favorita dela, e a minha avó fez bolo de chocolate, porque eu descobri que é o preferido da Olivia. Depois ela foi embora e eu não consegui dormir, porque estava feliz demais. E ela nem se importou com as minhas pernas, sabia? A Olivia é a minha melhor amiga, tipo o Davis, e nós prometemos que seremos amigos para sempre!

Eliot mal respirou enquanto narrava tudo, me deixando eufórica e emocionada. Eu não fazia ideia de como faria bem a ele ter uma amiga menina, mas logo entendi que fiz a escolha certa em apresentar Olivia para ele. Ao meu lado, Raymond ficou tentando conter a emoção, mas acabou deixando algumas lágrimas rolarem quando o sobrinho desligou o celular. Percebi que ele sentia muito mais do que felicidade por Eliot, era também gratidão pelo garotinho tão especial ter mais uma pessoa para amar e compartilhar cada fase da sua vida.

— Vai começar o jogo, crianças — avisei para os dois, que não paravam de falar do outro lado da tela.

Inverti a câmera para que eles pudessem acompanhar a partida e senti Kim se remexer ao meu lado, ansiosa. Ela e Dylan se tornaram “ficantes fixos” — o que, para mim, era um namoro com outro nome, já que eles haviam chegado a um consenso de que não ficariam com nenhuma outra pessoa enquanto estivessem se envolvendo. Segundo Kim, aquilo era melhor do que um namoro, pois havia sexo seguro e descomplicado, mas sem tantas emoções envolvidas — mesmo que *ela* estivesse envolvida por Dylan até o

pescoço, assim como era nítido que ele estava de quatro por ela. Tinha certeza de que aquele *status* de ficantes logo mudaria para casal.

Os meninos entraram na quadra e eu vibrei junto com as crianças, feliz por ver que Olivia estava se divertindo. Ela gostava de esportes, diferente de mim, que era apaixonada apenas por um jogador em específico e que havia aprendido a gostar de basquete por causa dele. Agora, eu entendia muito mais sobre como funcionava as regras do esporte e sobre a temporada de basquete universitário.

A partir de março a agenda de Ray ficaria uma loucura e o primeiro desafio, seria tornar o Bruins o campeão da conferência no dia 12. Se por um acaso o time não vencesse — o que eu sinceramente não achava possível, pois o Bruins era, de longe, o melhor time da Pac-12 naquela temporada —, poderia ser escolhido pelo comitê para ocupar uma das trinta e seis vagas que eles reservavam para as universidades, mas não era isso que queríamos. Garantir a vaga para o *March Madness* era o objetivo do UCLA Bruins e eu tinha certeza de que eles iriam conseguir.

Torci um pouco os lábios ao ver Logan se posicionar no centro da quadra, no lugar que até o jogo anterior era de Hunter. Eu havia gostado muito dele, era o mais jovem da equipe por estar apenas no segundo ano, mas era muito simpático e focado. Já Logan, não tive a oportunidade de conhecer, pois ele foi afastado do time antes que eu fosse apresentada aos jogadores, e também não fazia muita questão de ficar cara a cara com ele. Raymond era um homem muito justo e se dava bem com todo mundo, se não conseguiu construir uma boa relação com o ala pivô, era porque o jogador realmente não era uma pessoa fácil.

Pelo menos naquele jogo, ele parecia estar focado. Durante todo o primeiro tempo, prestou assistência para Ryan e Dylan e chegou a fazer duas cestas de três pontos. Também conseguiu atrapalhar uma jogada do Washington State no último segundo, o que permitiu que o Bruins terminasse o jogo com uma vantagem de cinco pontos contra o time adversário.

— Acho que esse tal de Logan usou esse tempo fora da equipe para colocar a cabeça no lugar — falei para Kim no intervalo

do primeiro tempo.

— Também acho. Ele nem precisa se dar bem com o time, só precisa fazer o papel dele em quadra. Os meninos são adultos, vão saber se comportar se ele continuar sendo um babaca.

Eu confiava nos garotos. Os últimos meses serviram para que eu ficasse próxima de cada um deles e sabia que não agiam como adolescentes deslumbrados. Todo mundo era focado e tinha um objetivo bem claro: vencer. Esperava que Logan tivesse começado a pensar da mesma forma.

O segundo tempo se iniciou e Eliot soltou um grito ao lado de Olivia quando Raymond marcou a primeira cesta de três pontos em menos de vinte segundos. Ele também prestou assistência a Adrian, que estava mais perto da cesta na linha de um ponto. O jogo se desenrolou daquele jeito, com o Bruins bem alinhado, a defesa sólida, e o foco não apenas em fazer cestas, mas impedir que o Washington State pontuasse também. Nos últimos minutos, eu já estava quase sem voz, mas acabei gritando junto com todos os torcedores, Eliot, Olivia e Kim, quando Ray deu um salto inacreditável e deu um rebote na bola que um dos jogadores do Washington jogou em direção à cesta.

— Puta que pariu! — Fui eu que xinguei enquanto me levantava, junto com todo o público, que ovacionava Raymond. Começaram a gritar “King” ao redor da arena, mas ele nem conseguiu reagir, pois logo recebeu uma assistência de Dylan e conseguiu fazer uma cesta de três pontos. — Isso! Meu Deus, Ray!

Eu poderia chorar de emoção bem ali e nem iria ligar. Aquele, talvez, tenha sido o melhor jogo do Bruins naquela temporada. Raymond desempenhou um papel fundamental, muito além de um armador quando deu aquele rebote inacreditável. A partida terminou com 76 pontos para o Bruins e 46 para o time adversário.

— É isso aí! Eles arrasaram, Eliot, você viu? — perguntei.

— Eu vi, tia Chloe! Foi demais! Tio Ray arrasou!

— Seu namorado joga muito bem, tia Chloe! — Apesar de ser minha prima, Olivia sempre me chamou de tia, talvez pela nossa diferença de idade ser grande. Eu achava muito fofo.

— Eu sei disso, meu amor. Raymond King é o melhor de todos!

Kim revirou os olhos ao meu lado, rindo da minha cara, mas nem liguei. Todo mundo sabia que aquilo era verdade. Ray era o melhor — para mim, em todos os sentidos.



— Vira! Vira! Vira!

Foi sob aquele coro animado que viramos a quarta — ou seria a quinta? — dose de tequila da noite. A bebida desceu pegando fogo pela minha garganta e Raymond me abraçou por trás, enfiando o rosto em meu pescoço meio úmido de suor.

— Se você empinar essa bunda mais uma vez para pegar outro *shot* de tequila, eu juro que não vou responder por mim, Davidson.

— E o que você vai fazer? Posso saber, King?

Ray soltou uma risadinha rouca que me deixou toda arrepiada e precisei morder o lábio quando senti a sua ereção de encontro a minha bunda. Já era madrugada, todos nós tínhamos aula amanhã, mas quem disse que eu ligava para isso? Naquele momento, só estava interessada em perturbar o juízo do meu namorado gostoso. Ray mordeu o meu pescoço e subiu os lábios até a linha da minha mandíbula.

— Não sou do tipo de homem que entrega a jogada assim, baby. Eu só vou lá e ataco.

O safado deu um tapa forte em minha bunda, que me fez gemer baixinho, e despertou a risada de Ryan ao nosso lado. Sammy estava em seu colo e sorria para nós dois. Eles estavam juntos desde a viagem para Vegas.

— Deixe a garota em paz, Ray.

— Só se você deixar a Sammy em paz também.

— Não mesmo. Desculpa, Chloe, tentei te salvar desse idiota, mas não deu.

— Tudo bem, eu lido com ele, Ryan. A dona da coleira sou eu.

Ryan e Sammy gargalharam e Ray me virou para si com uma sobrancelha arqueada.

— Dona da coleira? O que isso quer dizer?

— Quer dizer que você é o meu cachorrinho, seu bobo.

Raymond riu alto e me puxou para si com as duas mãos em minha bunda.

— Vou te mostrar agora quem é que manda nessa porra toda, irritadinha.

Sem me dar chance para responder, Raymond me jogou sobre o ombro, me arrancando um gritinho de susto, e me levou para o seu quarto. Sua casa estava lotada, pois era óbvio que os meninos reuniriam todo mundo para comemorar a vitória do Bruins, e o pessoal do time começou a rir quando ele deu mais um tapa em minha bunda quando reclamei. Queria fingir que estava com raiva, mas, a verdade, era que eu já estava com a calcinha molhada. O fato de estar meio bêbada também influenciava no meu comportamento nada envergonhado, que era o que geralmente acontecia quando Ray entrava no modo “safadão”.

Ele bateu a porta com o pé e passou a chave, antes de me jogar sobre a cama e atacar a minha boca. Nem tive tempo de reclamar ou gemer, pois sua língua logo tocou a minha e eu me perdi entre o torpor do álcool e o fogo do desejo que tomava conta de mim. Suas mãos desceram o zíper da calça *jeans* que eu usava e eu mesma a tirei aos chutes junto com as minhas botas, antes de começar a desabotoar a calça dele.

— Queria te pegar assim desde o momento em que te vi com esse batom vermelho na arquibancada — sussurrou ele, descendo a minha calcinha e se ajoelhando entre as minhas coxas.

— Tenho certeza de que agora estou toda borrada.

— Você está linda pra caralho. Abre as pernas para mim — mandou e eu obedeci, gemendo quando enfiou um dedo em minha boceta. — Porra, Chloe. Se já estava toda molhada desse jeito para mim, por que não me chamou para te comer logo?

Ele deu uma lambida em cheio no meu clitóris e eu joguei a cabeça para trás, gemendo sem pudor. Ainda bem que a música lá embaixo estava alta, assim, ninguém ouviria o que Ray era capaz de fazer comigo.

— Porque estava gostando de sentir você sarrar em minha bunda lá embaixo.

O safado havia passado a última hora me encoxando por trás e sussurrando putaria em meu ouvido. Era lógico que eu ia ficar excitada e querer prolongar aquilo. Havia algo sensual em estar fazendo aquele tipo de coisa na frente de todo mundo. Ray sorriu e me pegou de surpresa ao dar um tapa em minha boceta, bem em cima do meu clitóris, me fazendo gritar.

— Você é uma putinha safada, Chloe Davidson! — Sua língua voltou a circular o meu clitóris, antes que ele me desse um novo tapa. — E é toda minha. Não sou um homem de sorte?

— Não sei. Que tal me provar isso começando a me comer?

Os olhos de Raymond brilharam e acho que ele viu aquilo como um desafio, pois, sem que eu esperasse, tomou a minha cintura com as duas mãos e me colocou de quatro na beirada da cama, dando um tapa bem forte em minha bunda. Eu gemi em meio a um sorriso e afundei minhas unhas na colcha que cobria a sua cama, me empinando ainda mais para ele.

— Vou te comer assim, de quatro, enquanto veste a minha camisa. — Ray me puxou pelo cabelo até encostar o peito em minhas costas e passou a cabeça do pau pela minha entrada. — Porque você é só minha, baby. É só o meu número e o meu sobrenome que vai usar, de mais ninguém.

— Nunca — concordei, fechando os olhos quando senti seus lábios em minha bochecha. — Sou toda sua, Ray. Para sempre.

Ele virou a minha cabeça e me beijou ao mesmo tempo em que me penetrou bem forte, enfiando o pau até o fundo. Choraminguei com a entrada abrupta, mas deliciosa, que sempre causava um ardor no meu canal vaginal, me deixando ainda mais excitada. Raymond esperou alguns segundos para que eu me acostumasse, antes de começar a meter com fúria, batendo os quadris em minha bunda com um estrondo.

A sensação de ter o seu pau dentro de mim era surreal. Talvez eu nunca conseguisse colocar em palavras, mesmo adorando escrever cenas de sexo em meu livro, porque era algo muito íntimo, que só eu e Ray partilhávamos. Mesmo naquele nosso joguinho de sexo selvagem, com tapas e puxões de cabelo, havia um sentimento que era só nosso, que nos envolvia em uma bolha onde ninguém mais tinha permissão para entrar.

Ray largou a minha boca e mordeu o meu pescoço, a minha nuca, antes de empurrar meu tronco para a cama e me segurar firme pelos quadris, tirando o pau inteiro de dentro de mim e metendo com força. Rebolei contra ele, desesperada para gozar, e gritei o seu nome quando meteu a mão entre as minhas pernas e deu mais um tapinha em meu clitóris.

— Puta merda, Chloe, como é gostoso comer você — gemeu, esfregando os dedos no nervo que pulsava entre os meus lábios vaginais.

— Eu vou gozar muito rápido se continuar fazendo isso, Ray. — Meu aviso saiu em um gemido e ele acelerou os movimentos

— É isso mesmo que eu quero. Goza para mim, linda. — Senti seu corpo se curvar sobre o meu e sua boca tocar a minha orelha. — E vai bem rápido, porque esqueci de colocar a camisinha e estou me segurando para não encher essa bocetinha com a minha porra.

Aquilo me encheu de tesão, mesmo sendo arriscado pra caramba. Era a segunda vez que esquecíamos a camisinha, mas quem disse que eu me importava naquele momento?

— Goza fora. — Consegui pedir, mesmo apertando seu pau dentro de mim só em pensar nele gozando dentro.

— Vou gozar — sussurrou rouco, aumentando o movimento dos quadris. — Onde quer que eu goze? Na sua bunda? Nos seus peitos? Na sua cara?

— Onde você quiser.

— Porra, Chloe. Você não pode dar esse tipo de munição para um cara que quase morre de tesão por você.

Aquilo me fez rir, mas logo voltei a gemer, pois seus dedos me masturbaram com mais força, enchendo meus olhos de lágrimas pelo tesão insuportável. Senti minhas pernas tremerem e minha boceta pulsar com o orgasmo iminente, que me derrubou contra a cama quando explodiu na altura do meu baixo ventre. Ray gemeu rouco em meu ouvido enquanto eu gozava, sem deixar de meter nem por um segundo, tirando o pau de dentro de mim quando terminei e me virando na cama.

Eu mesma levantei a minha camisa e deixei que gozasse com força contra os meus peitos, meu queixo e minha barriga,

sentindo que poderia ter um outro orgasmo só em ver a sua expressão de prazer e ouvindo o gemido rouco que escapava dos seus lábios. Sua mão tremia enquanto manipulava aquele pau delicioso e os músculos do seu abdome se retesaram quando me estiquei e passei a língua pela cabeça sensível, sentindo o meu sabor e o dele misturados bem ali.

— Você me deixa louco — disse ele, me afastando do seu pau ao pegar o meu rosto entre as mãos e se deitar sobre o meu corpo. — Louco pra caralho.

— Que bom, porque você me deixa do mesmo jeito, King.

Ray sorriu e passou a língua pelos meus lábios.

— Começa logo a tomar o anticoncepcional, pelo amor de Deus, Chloe. Sinto que posso morrer se ficar mais tempo sem gozar dentro de você.

— Não sabia que Raymond King também era o rei do drama.

Ri, me sentindo meio tonta e sonolenta por causa do álcool. Acho que Ray se sentia da mesma forma, pois se deitou ao meu lado atravessado na cama e praticamente me puxou para me deitar sobre o seu corpo, ambos ainda de camisa, mas sem o resto das roupas.

— Eu sou o rei de tudo, baby, inclusive da sua vida. Mas está tudo bem, porque você é a rainha da minha.

Sua voz saiu em um sussurro meio arrastado e eu sorri, fechando os olhos, muito satisfeita. Foi a última coisa que ouvi antes de apagar sobre o seu peito.

36

"Onde você for eu te sigo
Não importa quão longe
Se a vida é um filme
Oh, você é a melhor parte, oh"

BEST PART - DANIEL CAESAR FT. H.E.R



Raymond

Engoli um analgésico com um grande gole d'água e entrei na sala de vídeo ainda vazia. Não havia bebido tanto na noite anterior — era preciso muito mais do que alguns *shots* de tequila para me derrubar —, mas a tensão pelo pré-jogo, o clima na equipe depois da lesão de Hunter e o retorno de Logan haviam me deixado mais estressado do que o normal. Só consegui relaxar no final da partida, quando percebi que mesmo com receio, nos transformamos em uma unidade e demos o nosso sangue naquela quadra.

Sentei-me em uma das poltronas e fechei os olhos rapidamente, rindo baixinho ao me lembrar da careta de Chloe quando acordou. A ressaca quase a derrubou e insisti para que matasse aula naquele dia e permanecesse em minha cama, mas claro que a geniosa não aceitou. Chloe era certinha demais para faltar um dia de aula só porque estava de ressaca. Isso não a impediu de me xingar quando se sentiu dolorida entre as pernas quando a levei para o chuveiro, o que me fez rir um pouco mais. A safada gostava de sexo bruto, mas reclamava no dia seguinte. A

cabeça de Chloe funcionava de uma forma muito peculiar e eu amava cada particularidade dela.

— Talvez eu seja mesmo seu cachorrinho, Davidson. — Pensei alto, abrindo os olhos e tirando meu celular do bolso.

Mandei uma mensagem para ela perguntando se já havia ido para casa e se a dor de cabeça tinha diminuído, e acabei me lembrando que ela tinha me enviado o arquivo com os primeiros capítulos do livro. Aproveitei que estava sozinho e que ainda faltava alguns minutos para que o técnico e os meninos do time chegassem e comecei a ler, um pouco ansioso. Sabia que era apenas um livro, mas me sentia entrando na mente de Chloe naquele momento. Se ela estava se inspirando em nós dois, era porque a protagonista provavelmente era parecida com ela.

Comecei a rir já no primeiro parágrafo ao me deparar com a mocinha reclamando da sua vida amorosa. Ela tinha acabado de levar um bolo em um encontro e estava sentada à mesa de um bar, tomando um drinque enquanto xingava até a décima quinta geração de todos os homens do universo. Logo percebi que ela era um pouco azarada, mas inteligente. Assim como Chloe, ela era escritora, e logo pensou em se inspirar naquela situação para criar uma cena no livro que estava escrevendo.

Fiquei curioso para descobrir como ela conheceria o protagonista e uma outra risada escapou do fundo da minha garganta quando vi que a danada da minha namorada havia mesmo se inspirado em nós dois. Após o bolo que levou, a protagonista, que se chamava Ashley, ligou para a melhor amiga pedindo para que a encontrasse no bar. A garota chegou e, logo atrás dela, o time de basquete surgiu no bar. O primeiro confronto — não poderia chamar aquilo de encontro — entre Ashley e Johnny foi bem semelhante à primeira vez que falei com Chloe. Ele se interessou por ela, se ofereceu para pagar um drinque, e Ashley recusou. O cara pareceu ficar meio puto, assim como eu fiquei, e Ashley teve a certeza de que ele se achava a última garrafinha de água do deserto.

Tirei um *print* daquela cena e enviei para Chloe por mensagem:

Eu: Era isso que você pensava de mim?

Chloe me respondeu assim que cheguei ao segundo capítulo, que era narrado pelo ponto de vista masculino. Havia começado a ler romances há pouco tempo e achava interessante a forma como as escritoras entravam na mente dos homens na ficção.

Irritadinha: Nunca. Eu sempre te achei incrível, amor.
Eu: Você sempre foi uma mentirosa, baby.
Irritadinha: Que absurdo. Você não deveria estar treinando a essa hora?
Eu: Cheguei mais cedo e estou esperando pelo técnico e o pessoal do time. Em que capítulo começa a putaria?
Irritadinha: Como você é sujo, Ray! Vai demorar. Esse livro é um *slow burn*[11].
Eu: Vou poder descontar em você o tesão que sentir com eles, então? Porque eles já se odeiam e eu estou ficando de pau duro, Chloe.

Era brincadeira, mas nem tanto. Se Ashley e Johnny tivessem metade da tensão sexual que Chloe e eu tínhamos, eu estaria ferrado.

Irritadinha: Você não percebeu, mas eu tenho feito isso com você.
Eu: O que isso quer dizer? *Tá* me usando como o seu brinquedinho sexual, Chloe? Por que não estou ciente disso?
Irritadinha: Achei que você soubesse que foi por isso que aceitei o seu pedido de namoro, Ray.
Eu: Sempre desconfiei que o seu interesse era apenas no meu pau, mesmo quando fingia não ligar para ele.
Irritadinha: Eu precisava fazer jogo duro, porque o dono dele é muito convencido.
Eu: O dono dele sabe o potencial que tem, baby.

Enviei a mensagem com um sorriso no rosto, sentindo o foco da conversa dar um sinal de olá dentro da minha cueca. Infelizmente, a nossa garota não estava presente naquele momento, do contrário, ele com certeza já estaria nas mãos dela — ou na boca, na boceta... Um dia seria no cuzinho. Um homem não podia perder as esperanças. Ergui meus olhos quando percebi que alguém estava abrindo a porta da sala de vídeo e fechei um pouco a cara ao ver que era Logan. Sabia que não podia ser injusto com o cara, porque ele havia dado o sangue junto com o time na noite de ontem, mas isso não queria dizer que viraríamos melhores amigos.

Logan se aproximou e se sentou em umas das poltronas. Como queria pelo menos tentar melhorar o clima entre nós dois, me despedi de Chloe e enfiei meu celular no bolso, olhando diretamente para o ala pivô.

— Foi um ótimo jogo ontem, Logan. Seja bem-vindo de volta ao time.

Logan, que estava mexendo no celular, olhou em minha direção e me deu um sorriso meio debochado.

— Não precisa mentir, King, sei que não me queria aqui.

— Não estou mentindo. Nós dois sabemos que você não estava jogando bem, Logan, acho que a decisão do técnico em te afastar foi benéfica tanto para o time, quanto para você. Ficou claro na forma como jogou ontem.

— Decisão do técnico? Acha que sou idiota, Raymond? — perguntou entredentes, metendo o celular no bolso e se virando para mim. — Eu sei que foi você quem pediu para o técnico Brown me tirar do time!

— Sim, eu conversei com ele em nome da equipe, não vou mentir para você, só que a decisão de te afastar não foi minha. Ninguém aqui tem esse poder sobre o técnico Brown, se acredita nisso, é porque não o conhece.

Logan riu e sacudiu a cabeça, me irritando e provando, mais uma vez, que eu tinha motivos para não gostar dele.

— Você é a porra da estrelinha dourada do time, é claro que tem influência sobre o Brown e sabe disso, do contrário, não teria coragem de pedir para que ele me tirasse da equipe. Você sabia

que faria a cabeça dele contra mim! Só me pergunto o porquê. Eu te amedronto, Raymond?

Foi a minha vez de rir. Desde quando Logan sabia contar piadas?

— Eu não tenho medo de você nem de ninguém.

— Não é o que parece, já que eu te incomodo tanto.

— O que me incomoda é essa sua atitude mesquinha e a sua falta de comprometimento com o time. Não precisamos ser amigos, Logan, mas em quadra, temos que estar em sincronia. Não coloque essa temporada a perder, entendeu? Já que está de volta à equipe, aprenda a jogar como um homem adulto e pare de agir como a porra de um adolescente mimado, ou então eu vou mesmo fazer a cabeça do técnico Brown para que você saia definitivamente do time.

O rosto de Logan ficou vermelho e suas mãos se fecharam em punho. O filho da puta parecia estar se segurando para não avançar sobre mim e ficou com mais raiva ao ver que não recuei ao ver a sua fúria. Nunca tive medo de cara feia e sempre soube me defender de babacas como ele. Logan não me assustava de forma alguma.

— Eu vou fazer você se arrepender de ter se colocado no meu caminho, Raymond — ameaçou, mas não liguei.

— Quero ver você tentar, babaca.

Logan não teve a oportunidade de responder, pois logo o pessoal do time começou a entrar na sala de vídeo e o técnico chegou. Passei a ignorar a sua existência após aquela conversa e tomei uma decisão. Se o filho da puta voltasse a agir como um idiota durante os nossos jogos, ele estaria fora do time, ou não me chamava Raymond King.



A época mais importante da temporada de basquete universitário havia chegado. Março era o mês da loucura por um motivo muito específico: ele tinha o poder de nos deixar malucos, de verdade. Nos primeiros dez dias do mês, nos dividimos entre os jogos da segunda fase e o treino duro para a final do torneio

conferencional. Vínhamos de uma sucessão de vitórias, mas o Arizona, time que enfrentaríamos no confronto em que poderia nos levar direto para o *March Madness*, também tinha feito uma temporada incrível até aquele momento. Era o único rival à altura do Bruins, por isso, com certeza não seria uma partida fácil.

O jogo aconteceria na T-Mobile Arena, em Las Vegas, e eu estava ansioso, porque minha família iria. Meus pais não conseguiam assistir a todos os meus jogos pessoalmente, mas nos mais importantes, eles faziam questão de estar ao meu lado, mesmo com a grana apertada. Para a minha surpresa, os pais de Chloe também iriam e levariam Olivia com eles, o que deixou Eliot eufórico. Tê-los na arquibancada junto com Chloe me daria ainda mais força para vencer o Arizona naquela noite.

— Como está se sentindo? — Chloe perguntou.

Estávamos conversando por videochamada, pois eu precisava ficar em um hotel separado junto com o time e não podia ter ninguém comigo no quarto, além, é claro, de Dylan, que dividia a suíte comigo. Ele estava falando com Kim no celular naquele momento, deitado em sua cama, enquanto eu estava terminando de me arrumar no banheiro. Faltava menos de uma hora para pegarmos o ônibus e irmos direto para a arena.

— Ansioso, mas confiante. Trabalhamos muito para chegar até aqui, não vamos sair sem a vitória.

— Tenho certeza disso. Posso não entender muito sobre basquete, mas sei que o Bruins é o melhor time da conferência e o favorito para ganhar o título.

— Não seja tão humilde, você se tornou uma *expert* em basquete por causa do livro — falei, me apoiando na bancada da pia e aproximando meu rosto do celular, que eu havia deixado encostado em frente ao espelho. Uma espécie de suporte improvisado para poder falar com Chloe enquanto me vestia. — Por falar nisso, li ontem a cena da primeira vez dos protagonistas, mas logo me arrependi.

— Se arrependeu? Como assim? Estava ruim?

— Foi o contrário, estava muito bom, baby, me arrependi porque eu deveria ter deixado para ler com você ao meu lado,

assim, eu gozaria dentro de você e não na minha mão depois de bater uma punheta.

Chloe gargalhou, sem sentir pena alguma de mim. Como as mulheres liam aquele tipo de cena no meio de todo mundo, às vezes até dentro de um transporte público, e não ficavam desesperadas para gozar? O fato de elas não terem a porra de uma ereção com certeza ajudava, mas, mesmo assim, quando terminei de ler a cena, só pensava em transar. Precisei mesmo recorrer a uma punheta dentro do chuveiro e nem pude gemer, pois Dylan estava roncando no quarto e me xingaria se eu o acordasse só porque estava batendo uma.

— Sinto muito por isso, amor. Em minha defesa, eu avisei que tinha cenas quentes quando te enviei o arquivo.

— Eu sei, mas não pensei que eu ficaria tão excitado. Acho que é porque eu sempre vejo você e eu nos seus protagonistas. Não tem jeito, Chloe, você sempre me enche de tesão, é inevitável.

— Você também me deixa cheia de tesão. Estou com saudade, Ray — sussurrou, porque estava dividindo a suíte com Olivia e provavelmente a menininha deveria estar ali por perto. Ainda bem que Chloe usava fones de ouvido.

— Também estou morrendo de saudade, irritadinha. Vamos ter alguns dias antes de o *March Madness* começar e não vou deixar você escapar de mim.

— Não vou querer escapar. — Ela sorriu e respondeu algo a Olivia, que apareceu rapidinho na tela e acenou para mim. Assim que se afastou, Chloe disse: — Tenho uma notícia para te dar.

— Boa ou ruim?

— Claro que é boa. — Riu baixinho e mordeu o lábio: — Marquei uma consulta com a minha ginecologista para daqui a duas semanas. Acho melhor você se preparar para dar tchau às camisinhas — sussurrou.

— Caralho, Chloe! Quer que eu jogue a final de conferência de pau duro?

— Você está muito emocionado, King.

— Concordo — Dylan disse de repente, abrindo a porta do banheiro. — Oi, Chloe!

— Seu babaca, enfiou a educação no rabo?

— Oi, Dylan — Chloe acenou para ele, rindo, mas com as bochechas ficando vermelhas.

— Eu preciso do meu perfume e você não saía do banheiro nunca. — Ele pegou o vidro de perfume em cima da bancada e parou ao meu lado. — Chloe, não quer levar a Kim com você à ginecologista? Quero transar sem camisinha também.

— Sai daqui, seu idiota — mandei, dando um tapinha em sua nuca.

— Peça a minha amiga em namoro primeiro, Dylan. Chega de enrolar a Kim!

— Eu pedi quando estávamos transando na última vez em que nos vimos, mas ela não me levou muito a sério.

— Deve ser porque você a pediu em namoro enquanto estava com o pau dentro dela, idiota.

— Mas você fez o mesmo com a Chloe. — Jogou na minha cara. Certo, eu não tinha nenhum argumento contra aquilo.

— É diferente — Chloe chamou a nossa atenção. — Ray e eu já estávamos praticamente em um relacionamento.

— Kim e eu também estamos. Eu não me interesso por nenhuma outra garota desde o meu aniversário! — Dylan parecia um pouco indignado e eu conseguia entender. Me senti daquele jeito quando percebi o quanto eu gostava de Chloe.

— Fale isso para ela, sem estar com o pau dentro dela — aconselhei.

— Kim precisa sentir que você está sendo sincero e não levado pelo tesão — Chloe reiterou. — As últimas experiências dela não foram legais, Dylan, Kim precisa de segurança.

Dylan respirou fundo e concordou com a cabeça.

— Certo, vou fazer isso. Kim vai ver que estou sendo sincero e que quero estar apenas com ela, em um relacionamento.

— Isso aí, cara — falei, apertando o seu ombro. — Agora vaza e me deixa terminar de conversar com a minha garota.

— Você perde toda a educação quando Chloe está por perto, cara.

— Eu perco a educação? Foi você que entrou no banheiro sem nem bater na porta.

— Ah, cala a boca.

Dylan acenou para Chloe e saiu, me fazendo rir. O cara era um idiota, mas eu o amava como um irmão.

— Kim e Dylan... Quem diria, hein? — comentei e Chloe abanou a mão na frente da câmera do celular.

— Eu sabia que isso ia acontecer. Aquela história de ficante fixos só poderia dar em namoro.

— Eles formam um casal legal, mas nós somos melhores.

— Claro que somos. — Ela concordou com um sorriso e eu olhei para o relógio no topo do celular.

— Preciso desligar, baby. Vou te agarrar depois do jogo, ok? Pena que não vai poder passar a noite comigo.

— Você vai compensar amanhã.

— Isso está tão certo quanto a nossa vitória de hoje à noite, gatinha.

Soprei um beijo para ela e nos despedimos. Assim que saí do banheiro, esqueci de qualquer coisa que pudesse me distrair e foquei no jogo que aconteceria dali a algumas horas.

37

"Ele me completa
Ele me dá amor
Mais amor do que já tive"

ALL THE MAN THAT I NEED - WHITNEY HOUSTON



Chloe

Assistir o Bruins vencer o Arizona ao lado dos meus pais e da família de Ray foi inesquecível. O jogo foi disputadíssimo, tenso do primeiro ao último minuto, mas o UCLA Bruins se consolidou como o campeão da conferência quando Adrian, o pivô do time, fez um rebote, passou a bola para Dylan, que prestou assistência para que Ray conseguisse marcar a última cesta de três pontos, que fez com que o nosso time vencesse por 84 contra os 76 pontos do Arizona.

A partir daquele dia, eu pude testemunhar de perto o que significava a “loucura de março”. A final da conferência foi no dia 12 de março e, nos dias 17 e 18, deu-se início ao que era chamado de *First Round*, onde acontecia 32 jogos em apenas dois dias. O Bruins enfrentou o Akron Zips, de Ohio, no Moda Center, em Portland, e eu assisti ao jogo com o coração na mão. Naquela fase, quem perdia, voltava direto para a casa e eu sabia como Ray e todos os meninos do time — até mesmo o tal Logan, que nunca fiz questão de conhecer — haviam dado o sangue para chegar até ali. Perder não era uma opção para eles e eu testemunhei pela TV eles provando,

mais uma vez, porque formavam um dos melhores times daquela temporada.

O Bruins venceu o Akron por 77 a 53 pontos, garantindo a vaga para o *Second Round*. As 32 equipes vencedoras do *First Round* se enfrentaram nos dias 19 e 20 de março e o UCLA Bruins jogou contra o Saint Mary's Gaels, também em Portland. Foi mais um jogo que assisti de longe, pois minha rotina agitada na faculdade não me permitia largar tudo e viajar com o time de basquete, mas torci como uma fanática no Thommy's, onde a maior parte dos estudantes se reunia para ver o jogo. Com Kim ao meu lado, nós duas xingamos quando um jogador do time adversário cometeu uma falta e gritamos quando o Bruins venceu o Saint Mary's por 72 a 56 pontos, garantindo uma vaga para o *Sweet Sixteen*.

O time voltou para Los Angeles e eu pude finalmente matar a saudade do meu namorado e testemunhar Dylan pedindo Kim em namoro. Ele a levou para um encontro e antes mesmo de saírem do restaurante, Kim me enviou um monte de mensagens para contar que não era mais uma mulher solteira. Eu sabia que ela estava apaixonada por Dylan, vivia suspirando por ele pelos cantos, passava o dia todo trocando mensagens com o jogador e morria de ciúmes dele. Estava muito feliz pelos dois.

Os meninos do Bruins voltaram a viajar para jogar o *Sweet Sixteen* no dia 26 de março. O confronto foi na Philadelphia, contra o North Carolina Tar Heels, da Universidade da Carolina do Norte, um time que, segundo Ray, era um dos mais fortes, e não apenas naquela temporada. Percebi que ele não estava brincando, pois aquele foi um jogo difícil, onde o North Carolina terminou o primeiro tempo com dois pontos a mais que o Bruins.

O time voltou com sangue nos olhos no segundo tempo e conseguiu virar o placar, mas os últimos minutos foram um teste para o meu coração. O North Carolina conseguiu empatar e um time foi ficando a frente do outro por poucos pontos, até que Ray conseguiu marcar uma cesta de três pontos nos últimos quinze segundos do jogo, que abriu vantagem contra o time adversário. A partida terminou com 73 pontos para o Bruins, contra 70 do North Carolina.

— Foi um jogo incrível, Ray — falei com ele pelo celular, enquanto me deitava em minha cama. Estava usando uma camisa dele naquela noite para ver se aplacava um pouco da saudade.

— Poderia ter sido melhor.

— Você sabe que agora os jogos não serão fáceis de disputar, todos os times estão praticamente no mesmo patamar. Foi você mesmo que me disse que só os melhores vão para a final e o Bruins é o melhor.

— Estou gostando de ouvir isso de você. Já está falando como uma verdadeira fã de basquete.

— Eu não sou exatamente fã de basquete, sou fã de um jogador em específico — falei, fechando os olhos. Havia acordado muito cedo naquele dia e estava cheia de sono, mas não queria desligar.

— É mesmo? Posso saber o nome dele?

— Michael Jordan.

Ray gargalhou do outro lado da linha e eu o acompanhei.

— Ele já até se aposentou, gatinha.

— Impossível. Não foi ontem que ele fez aquele filme com os *Looney Tunes*?

— Foi em 1996. Você nem era nascida, Chloe.

— Mas eu assisti quando criança e sou fã dele até hoje. — Bocejei enquanto ria.

— Acho que alguém está com sono.

— Estou, mas não quero desligar ainda. Estou com saudade, Ray.

— Eu também, irritadinha, mas agora falta pouco. Estamos no *Elite 8*, baby, depois desse jogo, nós vamos passar uns dias em LA.

— Então vem a semifinal e a nossa vitória — falei, ouvindo o sorriso em sua voz do outro lado da linha.

— É assim que se fala. Não vamos voltar para casa sem esse título de campeão, amor.

— Não mesmo.

Fiquei falando com Ray até pegar no sono, o que não demorou muito, mas serviu para matar um pouquinho da saudade que eu sentia. O jogo do *Elite 8* também ocorreu na Philadelphia, no

dia 27 de março. O Bruins enfrentou o Saint Peter's Peacocks, de Nova Jersey, e aquele foi um jogo mais tranquilo. Apesar de ter chegado longe na disputa, o Saint Peter's não era um favorito e não tinha a mesma qualidade técnica do Bruins e acabou perdendo com uma diferença de 20 pontos.

Os meninos do Bruins voltaram para Los Angeles um dia depois do jogo e praticamente foram ovacionados na faculdade, mas fugiram de todos os convites para festas. Naquela noite de segunda-feira, Ray, Dylan, Sammy, Ryan, Kim e eu, nos reunimos na casa dos meninos, sem fazer qualquer alarde para que nenhum aluno da UCLA achasse que estávamos dando uma festa, e ficamos jogados no sofá, comendo pizza e conversando.

— Isso aqui é tipo um encontro de casais, né? — Dylan perguntou enquanto colocava o último pedaço de pizza na boca.

— Eu acho que sim — Ryan respondeu.

— Nós sabíamos que vocês precisavam de todas nós reunidas aqui, para ajudá-los a liberar a tensão. — Kim sorriu enquanto tocava o cabelo de Dylan.

Eu estava aproveitando que aquela noite a temperatura estava mais baixa do que o normal para ficar agarrada a Ray debaixo da coberta em um dos sofás. Senti a mão dele subir lentamente a minha blusa até tocar a minha barriga com a mão aberta e enorme, levemente calejada.

— Quer me ajudar a liberar a tensão, irritadinha? Tem uma parte do meu corpo fica tensa quase vinte e quatro horas por dia por estar longe de você.

— Caralho, Raymond, você é um escroto! — Dylan gargalhou e jogou uma bolinha feita com guardanapo em cima de Ray.

— Só estou falando a verdade.

— Você não pode falar nada, Dy. Me agarrou assim que chegamos aqui — Kim disse.

— Ryan fez o mesmo comigo — Sammy comentou.

— Espera aí, só eu que não agarrei a minha namorada? É isso mesmo?

— Só você que continua na seca — Ryan riu da cara de Raymond.

Ray me olhou com um sorriso safado e se levantou do sofá de repente, me puxando para o seu colo e me fazendo soltar um gritinho.

— Meu Deus, Ray! — Eu ri, dando um tapinha em seu ombro. — Me coloca no chão.

— Nada disso. Com licença, vou agarrar a minha garota lá no meu quarto.

Acho que meu rosto pegou fogo de tanta vergonha quando todo mundo começou a rir. Tudo bem que Raymond havia me jogado em seu ombro como um saco de batatas na última vez que teve uma festa na sua casa, mas ali eu estava meio bêbada e não liguei para nada. Agora, eu estava bem sóbria e todo mundo sabia que eu ia transar.

— Eu vou matar você! — Ameacei quando ele fechou a porta e me colocou sobre a cama, vindo para cima de mim.

— Se gemer baixinho, eles logo vão esquecer do que estamos fazendo, baby.

— Eles não vão esquecer. — Precisei morder o lábio quando Ray passou a boca pelo meu pescoço, me deixando toda arrepiada.

— Tudo bem, então eu faço você esquecer que eles estão lá embaixo.

E ele realmente fez.



O time voou para Nova Orleans no dia 31 de março, pois o jogo da semifinal seria no dia 02. Por ser em um fim de semana, Kim e eu conseguimos passagem e hotel para o dia do jogo, ansiosas para podermos acompanhar aquela fase tão decisiva da temporada. Deixamos o nosso retorno para LA em aberto, porque, se o Bruins ganhasse aquela partida — e os meninos iriam ganhar —, no domingo, seria a final. Os pais de Ray também iriam conosco e levariam Eliot, assim como os meus pais levariam Olivia. Seria tão inesquecível quanto a final da conferência.

Ainda no dia 31, tive a consulta com a minha ginecologista e consegui um encaixe para que Kim fosse comigo, para a alegria de Dylan, que quase atravessou a tela do celular naquela manhã

enquanto Kim contava para ele a novidade. Por que os homens eram tão bobos? Ray também estava exultante e eu quase podia ver os dois juntos no hotel, pulando na cama como duas crianças.

— É bom ver você de novo, Chloe. E é um prazer conhecer você, Kimberley. Como estão se sentindo? — perguntou a Dra. Moyes. Ela havia sido a ginecologista da minha mãe por muitos anos e confiava nela de olhos fechados.

— Estamos ótimas — falei.

— E no que posso ajudar vocês?

— Nós começamos a namorar agora e queríamos começar a usar algum método contraceptivo — falei, vendo a doutora franzir o cenho.

— Se estão namorando, por que querem usar um método contraceptivo?

Kim olhou para a doutora e depois olhou para mim, sem entender a pergunta, assim como eu, até que uma luz pareceu se acender em sua cabeça e ela começou a rir.

— Não estamos namorando uma a outra, estamos namorando com um homem — Kim explicou e só então eu percebi que a Dra. Moyes havia entendido tudo errado. — Eu sei que as mulheres são incríveis, mas, infelizmente, somos heterossexuais.

A Dra. Moyes começou a rir da confusão que fez e eu a acompanhei.

— A culpa foi minha, acho que não expliquei direito — falei.

— Não, eu que entendi tudo errado. Me perdoem, meninas. Vamos partir do princípio, qual é o método contraceptivo que vocês querem usar? Temos pílula, injeção, DIU, que hoje em dia é o mais indicado por conter efeitos colaterais mínimos.

— Nós pesquisamos sobre o DIU durante essa semana e nos interessamos muito — Kim disse.

A doutora passou um tempo nos explicando os benefícios do DIU e tirando todas as nossas dúvidas. Eu havia tomado a pílula anticoncepcional durante o meu relacionamento com Miles, mas não me atraía muito ficar refém do remédio e ter que ficar lembrando todos os dias de ingeri-lo. O DIU parecia ser a opção mais viável e menos prejudicial à nossa saúde. Optamos pelo DIU de prata e cobre e a doutora começou a nos fazer uma série de perguntas.

— O ciclo de vocês é regular?

— Sim. — Kim e eu respondemos quase ao mesmo tempo.

— Quando foi a última vez que menstruaram?

— Dia 15 de março — Kim respondeu.

Eu precisei de um tempo maior para tentar buscar na minha memória e não consegui achar uma resposta. Pedi um minuto e peguei o meu celular, pois tinha ali um aplicativo onde informava as datas sobre a minha menstruação e senti um suor gelado descer pela minha nuca quando encarei a tela.

— Minha última menstruação foi em fevereiro.

— Que dia de fevereiro? — perguntou a doutora.

— Dia 08.

— Meu Deus! — Kim sussurrou ao meu lado, tomando a minha mão. A dela também estava gelada, assim como a minha.

— Você e o seu parceiro têm o costume de ter relações sem preservativo?

— Não! Nunca! Quer dizer... Aconteceu apenas duas vezes, mas ele gozou fora.

— Coito interrompido não é um método seguro contra a gravidez. O líquido pré-ejaculatório pode conter espermatozoides. Consegue se lembrar da última vez em que tiveram esse tipo de relação?

Olhei para Kim, que me encarava de volta com os olhos arregalados. Mal conseguia respirar, quanto mais pensar.

— A noite do jogo contra o Washington, quando os meninos fizeram aquela festa...

— Dia 20 de fevereiro — Kim respondeu com muita segurança e eu concordei com a cabeça.

— Faz mais de um mês. — A doutora abriu uma gaveta em sua mesa e tirou de lá o pior pesadelo de uma mulher que não queria engravidar: um teste de gravidez. — Acho que é melhor tirarmos a dúvida, Chloe.

— Mas eu não estou sentindo nada, Dra. Moyes. Nem enjoo, tontura, dor nos seios, desejo, nada.

— Você vem sentindo bastante sono — Kim comentou.

— Porque estou cansada. A faculdade e os jogos do Ray estão sugando a minha energia.

— Talvez o Ray possa ter deixado uma outra coisinha dentro de você que está sugando a sua energia também. — Kim riu e eu sacudi a cabeça.

— Não brinca com uma coisa dessas, Kimberley, pelo amor de Deus.

— Chloe, me escuta. — A doutora pediu. — Não se desespere, há outros motivos que podem atrasar a menstruação de uma mulher. Esse teste vai servir apenas para que tiremos a dúvida, ok? Vamos descartar a possibilidade de uma gravidez se der negativo.

— E se der positivo? — perguntei baixinho e tanto ela quanto Kim me olharam como se a resposta fosse óbvia, o que realmente era. — Ok, tudo bem, já entendi. Onde posso fazer o teste?

A doutora apontou para o banheiro no canto da sua sala e eu peguei a caixinha com as mãos trêmulas. De repente, senti muita vontade de vomitar, e isso só me apavorou ainda mais. E se eu estivesse grávida? Minha nossa, eu nem tinha me formado na faculdade ainda! Ray estava a um passo de ir para a final da temporada de basquete, sua vida mudaria drasticamente depois que se formasse. E se ele assinasse com um time do outro lado país? E se a gravidez atrapalhasse todos os planos que ele traçou tão milimetricamente? E comigo, o que iria acontecer? Meu pai ia me matar!

Entrei no banheiro e respirei fundo para conter a náusea. Tentei clarear a minha mente e falar para mim mesma que poderia não ser nada. Talvez, eu estivesse estressada demais e isso tivesse alterado o meu ciclo — que sempre foi tão pontual quanto a realeza britânica. Como pude não me dar conta de que a minha menstruação estava atrasada? Fiz o xixi sobre o palitinho, sabendo que o resultado sairia entre dois e cinco minutos. Nervosa, deixei-o sobre a pia e, sem pensar direito, peguei o meu celular e liguei para Raymond. Eu precisava dele ali, comigo, segurando a minha mão e falando que tudo ficaria bem. Meu Deus, eu ia surtar.

— Ei, baby. — Pude ouvir as vozes dos meninos do time atrás dele. — Está tudo bem?

Não.

— Sim — menti, sentando-me sobre a tampa do vaso sanitário e olhando fixamente para o palitinho de plástico que poderia mudar a minha vida para sempre. — O que está fazendo agora?

— Me arrumando para começar a treinar. E você? Já foi à ginecologista?

— Eu estou aqui agora, esperando para ser atendida.

O que você vai fazer quando eu te contar que você vai ser pai, Ray?

Por que eu estava me torturando daquele jeito? Eu nem sabia se daria positivo!

— Que bom, amor. — Ele fez uma pausa e eu suspirei, tremendo de nervoso. — Você está bem mesmo, irritadinha? Estou te achando estranha.

— Estranha como? — Será que já era um sinal da gravidez?

Você não está grávida! Para com isso, Chloe!

— Não sei, a sua voz está estranha. Está acontecendo alguma coisa?

— Sim, eu estou ansiosa para o jogo. É só isso.

Não podia contar para ele que eu estava dentro do banheiro da minha ginecologista, fazendo um teste de gravidez. Raymond ia surtar! Poderia até mesmo atrapalhar o seu desempenho no treino e o resultado daquele teste, se desse positivo, com certeza tiraria o seu foco da final da temporada. Foi então que eu decidi que qualquer que fosse o resultado, eu só contaria para ele no domingo, após o Bruins ter sido declarado campeão. Antes disso, Ray não saberia de nada.

— Eu também estou ansioso, mas vai dar tudo certo, principalmente porque você vai assistir ao jogo bem aqui, perto de mim.

Pude ouvir os meninos zoarem com a cara dele, chamando-o de meloso e babão, o que me fez sorrir e também me fez querer chorar. Será que Ray odiaria ser pai de um filho nosso? No fundo, algo me dizia que não. Eu o conhecia muito bem, sabia sobre a sua índole e o seu caráter. Ele nunca me abandonaria, muito menos ao seu filho.

— Mal vejo a hora de te ver na quadra, meu amor — falei, me levantando o pegando o teste. Fechei os olhos e respirei fundo. — Ray, preciso te falar uma coisa. Talvez não seja da forma mais romântica do mundo, mas precisa ser agora. E eu não quero que você me diga de volta, ok? Só quero que ouça.

— Nossa, estou curioso. Pode falar.

— Eu amo você. — As três palavras pularam do meu coração direto para a minha boca enquanto eu abria os olhos e via o resultado. Só consegui manter o foco naquela haste de plástico por dois segundos, antes que os meus olhos marejassem. — Eu realmente amo você, Ray.

— Chloe...

— Não diga nada agora, tudo bem?

— Por quê? — Ele estava sussurrando. Parecia estar em choque.

— Porque eu não quero que você diga apenas por que eu falei.

— Eu nunca faria isso, irritadinha. Mas tudo bem, eu não vou dizer agora, por telefone. Eu vou dizer olhando nos seus olhos daqui a dois dias.

Mordi o lábio com força para conter o fluxo de lágrimas e fiz de tudo para que ele não percebesse que eu estava chorando.

— Está bem. Eu preciso desligar agora, ok?

— Ok. Beijos, irritadinha. Espero que sinta que o que você acabou de dizer para mim, é exatamente o que eu sinto por você.

Fechei os olhos por um segundo e mandei mais um beijo para ele, querendo sentir aquilo, que ele me amava. Quando abri os olhos de novo, já com a ligação encerrada, voltei a olhar para o teste e o resultado ainda estava lá, sem qualquer alteração.

Eu estava grávida de Raymond King.

38

"Amar pode doer
Amar pode doer às vezes"

PHOTOGRAPHY - ED SHEERAN





Chloe

— Amiga, você não disse nada desde que saímos do consultório. Conversa comigo.

Kim decidiu parar em um restaurante para que pudéssemos comer alguma coisa antes de irmos para casa. Eu não sentia fome, mas acabei concordando no automático. No fundo, eu estava anestesiada.

— Não sei o que dizer.

— Me fala o que você está sentindo, então.

— Não sei o que estou sentindo — murmurei, apoiando meus braços na mesa. — Acho que estou em choque, Kim. Não consegui assimilar direito, eu entrei naquele consultório à procura de algo que me mantivesse longe de uma gravidez e saí de lá grávida. Não faz sentido.

— Eu sei, estou tão surpresa quanto você, mas vai dar tudo certo, amiga. — Kim esticou a mão sobre a mesa para tocar a minha. — Não importa o que aconteça, eu sempre estarei ao seu

lado, entendeu? Seja para te dar o chá de canela[12] ou para comprar a primeira roupinha do bebê. Vou te apoiar do início ao fim.

Ouvir aquilo me fez rir, apesar da pontada de dor em meu peito. Por fim, confidenciei:

— Eu não teria coragem de abortar, Kim. Estou assustada e com medo, mas nunca faria isso.

— Eu sei, só estava tentando te fazer rir e consegui. — O garçom se aproximou com a água e a salada que Kim pediu para nós duas. Assim que se afastou, ela perguntou: — Quando vai contar para o Raymond?

— Após o jogo de domingo. Não quero que nada tire o foco dele do jogo, Kim.

— Acha que ele vai ficar chateado com você por ter demorado um pouco para contar?

— Não faço ideia. Eu nem consigo imaginar como ele vai reagir à notícia.

— Raymond é um cara maravilhoso, ele vai ficar do seu lado, Chloe.

— No fundo, eu sei disso, mas tenho medo. Raymond nunca quis um relacionamento e acabou mudando os seus planos ao se apaixonar por mim... Não quero que ele enxergue o bebê como algo que possa atrapalhar o seu futuro. O maior sonho da vida dele é se tornar um jogador profissional e assinar com um time da NBA. E se a gravidez for um obstáculo para isso?

— Chloe, Raymond sabia dos riscos que estava correndo quando vocês transaram sem preservativo. Claro que essa gravidez não foi planejada, porque um casal que está prestes a se formar na faculdade com certeza não deseja trocar os trabalhos acadêmicos por chupeta de bebê, mas aconteceu, e agora vocês dois vão precisar lidar com isso como adultos.

A praticidade de Kim surgiu na hora certa. Ela tinha razão, aquela gravidez era uma consequência das nossas escolhas e não tinha muito o que fazer, a não ser deixar a ficha cair e encarar o fato de que teríamos um bebê. Eu, com vinte e dois anos, ainda sem um diploma, planejando lançar um livro em alguns meses, teria um bebê.

— Ainda é surreal. — Foi só o que consegui dizer, mesmo sabendo que eu deveria começar a agir de forma racional.

— Vamos fazer o seguinte, até você contar sobre a gravidez para o Ray, vamos fingir que ela não existe. O que acha?

— Acho impossível. Eu não consigo parar de pensar que tem uma criança se desenvolvendo dentro de mim há um mês.

A Dra. Moyes havia me passado uma bateria de exames e marcado uma nova consulta para dali a uma semana, quando iniciaríamos o pré-natal. Pela contagem que fez com todas as datas que forneci, ela acreditava que eu estava grávida de pouco mais de quatro semanas, mas apenas com a contagem do hormônio Beta HCG e um ultrassom transvaginal nós teríamos certeza. Optei por fazer a ultra na próxima consulta, assim, Raymond estaria comigo. Pelo menos, era o que eu acreditava que iria acontecer.

— Isso é meio assustador.

— Assim você não me ajuda, Kim.

— Desculpa, amiga — pediu enquanto devorava a salada. — Só que ainda é difícil assimilar que você vai ser mãe e que eu serei a madrinha. Eu vou ser a madrinha, certo, Chloe?

O tom sério em sua voz me fez rir de novo e acabei relaxando um pouco mais.

— Não sei, você quis me oferecer um chá de canela.

— E daí? Isso não quer dizer nada.

— O bebê vai ficar chateado quando souber disso.

— É só você não contar, bobinha. — Ela sorriu. — Imagina eu e Dylan como padrinhos dessa criança? Me desculpa, mas ela vai nos amar mais do que vai amar vocês.

— Impossível, nós seremos os pais dela.

— Exatamente por isso. Pais são chatos, padrinhos são legais, todo mundo sabe disso. No fundo, acho que eu nasci para ser madrinha, sabe? Estrago a criança, deixo ela fazer tudo o que vocês não deixarem, depois devolvo para que vocês possam criar. Não é incrível?

— É péssimo. Já não quero mais que você toque no meu filho.

— Tente fazer isso, e eu vou ser obrigada a sequestrar esse bebê ainda na maternidade.

— Isso quer dizer que você vai criar a criança?

— Bom, Raymond vai se tornar um jogador milionário, não é mesmo? Se ele pagar a pensão, eu crio com o maior prazer do mundo.

— Você é uma safada interesseira, Kimberley! — Ela riu alto quando joguei um *croûton*[13] da salada em sua direção. Por fim, estiquei a minha mão sobre a mesa e peguei a dela. — Obrigada por estar comigo, Kim. Acho que eu estaria surtando se estivesse sozinha.

— Não seja boba, eu nunca vou te deixar sozinha, a não ser quando você tiver que trocar a fralda do bebê. Me perdoe, mas amizade tem limite.

Eu ri, sem acreditar nem um pouco nela. Sabia que Kim seria como uma segunda mãe para aquela criança e que trocaria mil fraldas se fosse necessário. Ela era e sempre seria a melhor amiga do mundo.



Mal dormi naquela noite. Passei a madrugada rolando de um lado para o outro na cama, sem conseguir parar de pensar. Em alguns momentos, toquei a minha barriga só para ver se sentia alguma coisa, mas ainda era estranho pensar que eu estava grávida. Que ali dentro, havia um pedaço meu e de Raymond, com um coração próprio. Nunca pensei muito em quando me tornaria mãe, apesar de desejar ter um filho um dia, e sempre acreditei que cairia de amores pelo bebê assim que soubesse que ele estava em minha barriga.

Acho que eu acreditava nisso, porque sempre achei que engravidaria no momento certo, com a vida estabilizada, quando me sentisse pronta para ser mãe, e não no final da minha faculdade, estando namorando — de verdade — há pouco mais de dois meses. Era o momento mais inoportuno, mesmo assim, o bebê estava ali, dentro de mim.

— Acho que você é abusado como o seu pai — falei para o neném. — Decidiu que invadiria a minha vida e pronto, virou tudo de cabeça para baixo.

Acabei sorrindo ao me dar conta de que eu estava conversando com o bebê. Talvez eu não estivesse tão anestesiada, afinal. Chocada, sim, com medo, também, mas não indiferente. Pela forma como o meu coração batia mais forte a cada segundo que eu tocava a minha barriga, com certeza a indiferença era um sentimento que eu estava bem longe de nutrir relacionado àquela gravidez.

— Vamos fazer dar certo. — Prometi ao bebê. — Talvez esse não seja o melhor momento, mas é o seu momento, e tudo bem. Nós vamos conseguir.

Provavelmente, eu não estava falando nada com nada, mas, depois que aquelas palavras saíram da minha boca, eu finalmente consegui acalmar o fluxo dos meus pensamentos e dormi. Quando acordei, o sol já estava alto no céu e o meu celular estava tocando debaixo do meu travesseiro. Um sorriso preguiçoso se abriu em meus lábios quando vi que era uma ligação de Raymond.

— Oi, gatinho.

— Ei, baby. Estava dormindo?

— Sim.

— Já passa do meio-dia em Los Angeles, não?

— Acho que sim. Fui dormir tarde ontem.

— Fazendo o que se não estou aí para te manter acordada?

Seu filho ou filha me manteve acordada.

— Estava vendo um filme, seu chato. — Ri baixinho, deitando de bruços na cama. — O que está fazendo agora?

— Estou indo almoçar com o time e tentando convencer Dylan de que não precisamos de bebida hoje à noite.

— Como assim? O que vai acontecer hoje à noite?

— É aniversário do Adrian e vamos nos reunir no restaurante do hotel para comemorar. Vai ser algo pequeno, mas Dylan cismou de que podemos fazer um brinde com uma cerveja... Não quero álcool na véspera do jogo.

— O técnico nem vai permitir uma coisa dessas.

— Não mesmo, mas Dylan não é muito fã de seguir as regras.

— Diga que Kim o mandou ficar longe de qualquer bebida alcoólica e ele vai obedecer.

Raymond começou a rir do outro lado da linha.

— Pior que eu acho que é bem possível que ele obedeça. Peça para Kim ligar para ele, irritadinha.

— Vou falar com ela. Dê um abraço em Adrian por mim.

— Não, seus abraços são apenas meus.

— Não seja tão possessivo, amor. E se comporte — mandei, mesmo sabendo que não precisaria me preocupar com aquilo.

— Você sabe que eu só não consigo me comportar quando você está por perto. Estou sozinho em um quarto, esse hotel é mais chique do que os outros em que nós ficamos, acho que talvez você possa passar a noite comigo amanhã — ele falou mais baixo e eu fiquei toda arrepiada.

— Parece que não é apenas o Dylan que não é muito bom em seguir as regras — comentei. — Como vamos fazer isso?

— Um andar está reservado para o time, mas acho que ninguém vai se importar se você passar a noite comigo. É só o técnico não nos flagrar juntos.

— Então eu vou ter que entrar e sair escondida?

— Sim. — Ele ficou um segundo em silêncio. — Foi uma péssima ideia, não é? Esqueça.

— Na verdade, eu adorei. Gosto desse toque de proibido — falei, ouvindo-o rir.

— Às vezes eu esqueço que você é uma safada, Davidson.

— E esse é um dos motivos para você ser apaixonado por mim.

— Com certeza, baby. Preciso ir, o técnico está nos chamando para o almoço. Nos falamos mais tarde?

— Claro. Estou ansiosa para ver você.

— Não mais do que eu para ver você.

Olhando de fora, com certeza éramos um casal insuportável de tão meloso, mas eu não me importava nem um pouco com isso. Assim que desligamos, eu fui escovar os dentes e arrumar a minha mala, pois o voo para Nova Orleans era de manhã. Kim e eu encontraríamos com os meus pais e os pais de Raymond já no hotel, pois eles pegariam um voo direto de San Francisco.

Foi inevitável não parar em frente ao espelho enquanto colocava as roupas na minha mala e não olhar a minha barriga. Não

havia nada de diferente ali, meu corpo não estava dando nenhum sinal de que um bebê crescia dentro de mim, mas, de alguma forma, eu me sentia diferente naquela manhã. Acho que a ficha estava finalmente caindo e o nervosismo estava dando lugar a um sentimento que eu não sabia ao certo como nomear, mas que era bom. Será que Ray notaria alguma coisa quando me visse? Eu esperava que não, assim como estava torcendo para que minha mãe não notasse nada, pois entre ela e o meu pai, com certeza ela era a mais observadora e me conhecia como ninguém.

Não queria que qualquer outra pessoa soubesse da gravidez antes de Raymond. Ele tinha o direito de receber aquela notícia antes de todo mundo.

Passei o resto da tarde com as meninas da fraternidade, ajudando-as com o planejamento da festa beneficente que aconteceria no próximo mês. A Alpha Delta Nu sempre ajudava alguma instituição de caridade, algo comum entre as fraternidades. A festa serviria para arrecadar fundos e doações. Mais tarde, Kim chegou para dormir comigo, pois iríamos juntas para o aeroporto na manhã seguinte, e passamos a noite vendo filmes na Netflix, conversando, e vendo os *stories* dos meninos do time. Ray havia postado um vídeo dele e de Adrian na quadra, desejando ao jogador um feliz aniversário, e Dylan tinha postado uma foto do jantar de comemoração, sem álcool, é claro.

— Tem algumas garotas na mesa deles — Kim disse de repente, se sentando na cama. Eu me sentei também e encarei o celular quando virou a tela em minha direção.

— Quem postou isso?

— Aquele jogador que o Ray e o Dylan não gostam.

— Logan?

— Isso. Eu não o sigo, mas Adrian o marcou no *story* que fez para agradecer os meninos e entrei no perfil dele apenas por curiosidade.

Observei as duas garotas que apareceram de relance na filmagem. Não estavam perto de Ray, nem de Dylan ou de Ryan, que eram os únicos que tinham namoradas, mas mesmo assim... Não seria um jantar apenas para eles? Será que Logan e Adrian burlariam as regras do time na véspera do jogo da semifinal?

— Acha que elas vão passar a noite com Logan e Adrian? — Kim perguntou em voz alta, externando a minha dúvida.

— Não faço ideia, só espero que os dois não prejudiquem o time de alguma forma, se forem fazer isso.

Ray queria que eu passasse a noite com ele, mas seria depois do jogo. Ele jamais seria irresponsável e me pediria para ficar com ele na véspera de uma partida tão importante.

— Contanto que elas fiquem longe dos nossos homens, está tudo bem — disse Kim, já enviando uma mensagem para Dylan. Ela escreveu “Estou de olho em você”, e mandou um *print* do *story*, me fazendo rir. — Prontinho, agora ele sabe que estou ciente de que tem garotas na mesa com eles.

Um minuto depois, Raymond me mandou uma mensagem.

Ray: Juro que eu não sabia que teria garotas, irritadinha.
Eu: Será que não sabia mesmo?
Ray: Eu jamais mentiria para você.
Eu: Sei disso, amor, estou brincando. Confio em você, Ray.

Aquilo era verdade. Confiava em Raymond e não seria aquilo que me faria duvidar dele. Nos falamos por mais alguns minutos, até eu sentir sono e me despedir para poder dormir. Ao meu lado, Kim fez o mesmo e desligou a TV.

— Quem diria que nós duas estaríamos namorando dois jogadores populares e confiando neles? — Ela comentou ao meu lado.

— O destino gosta de fazer a gente pagar a língua, amiga.

— Com certeza!

Rimos baixinho e nos viramos para dormir.



O voo para Nova Orleans teria sido muito tranquilo, se aquela não tivesse sido a primeira manhã em que acordei enjoada. Parecia que o bebê havia decidido me dar um chute no estômago e qualquer

coisa que eu ingeria, queria voltar. Vomitei no banheiro do avião o biscoito e a água que os comissários de bordo serviram e pisei em terra firme sentindo que minha cabeça poderia explodir.

— Você precisa comer alguma coisa, amiga — Kim disse ao meu lado enquanto esperávamos pelas malas.

— Não, só de pensar em comer, quero vomitar de novo.

— Não pode ficar de barriga vazia, Chloe. Pense no bebê.

— Eu estou pensando nele, é ele que não está pensando em mim me fazendo enjoar desse jeito.

Kim riu baixinho ao meu lado e me abraçou protetoramente.

— Essa fase vai passar, amiga, fica calma.

— Tomara. Já ouvi relato de grávidas que enjoaram durante toda a gravidez.

— Não fica falando isso, o bebê pode ouvir e achar legal.

— Está dizendo isso para me acalmar ou para me deixar mais nervosa? — perguntei, mas acabei rindo ao lado dela.

— Estou ao seu lado para intervir durante o caos, sempre. Olha, as nossas malas chegaram.

Pegamos as bagagens na esteira e fomos caminhando até a área de desembarque, enquanto Chloe pedia um *Uber*. Tinha enviado uma mensagem para Ray, avisando que havíamos chegado, mas ele não tinha respondido ainda. Devia estar na academia do hotel ou em alguma reunião com os meninos e o técnico.

— Conseguiu um carro? — perguntei quando paramos em frente ao portão de desembarque. Só naquele momento percebi que Kim estava pálida. — Kim, o que houve? Está se sentindo mal?

— Chloe... — Kim murmurou o meu nome, mas não conseguiu me olhar. Senti um aperto ruim no peito e me aproximei dela, largando o carrinho com as malas.

— O que houve, Kim? O que está vendo aí? — Apontei para o celular. — Fala logo, está me deixando nervosa!

Com a mão trêmula, Kim virou o aparelho para mim e eu o tomei da sua mão, sem paciência para todo aquele suspense. Logo percebi que teria sido melhor se eu não tivesse sido tão curiosa, porque bem ali, na tela do seu celular, estava um vídeo de Raymond na cama com uma mulher.

39

"Eu quero me amar (ooh)
Do jeito que você me ama (ooh)
Por toda minha beleza
E toda minha feira também
Eu adoraria me enxergar pelo seu ponto de vista"

POV - ARIANA GRANDE

Raymond

Minha cabeça ia explodir.

— Raymond! Ray, acorda, cara!

Eu ia vomitar. Podia sentir a bile em minha garganta e alguém chacoalhando os meus ombros com muita força. Sem conseguir abrir os olhos, acho que virei o rosto de lado e simplesmente deixei que a náusea assumisse o controle do meu corpo.

— Puta merda, Ray!

Alguém segurou a minha cabeça e eu tossi, vomitando um pouco mais, sem força sequer para sustentar o meu pescoço. Meus membros pareciam pesados e a minha língua parecia inchada. Era difícil respirar.

— Cara, olha para mim! Você está me assustando, Ray! Vou ligar para o técnico.

Tentei pedir para que não fizesse aquilo, mas não consegui falar nada, apenas abrir os olhos. Dei de cara com o chão sujo pelo

que havia saído de dentro de mim e uma outra onda de náusea me afetou.

— Ray... — Encarei Dylan quando ele me colocou deitado de costas na cama e segurou o meu rosto na sua linha de visão. — Fala comigo.

Abri a boca para falar, mas senti a bile em minha garganta mais uma vez.

— Vou... Vomitar...

Dylan virou o meu rosto para fora da cama e coloquei para fora o que tinha sobrado em meu estômago. Não era muita coisa, mas meu corpo parecia não entender aquilo e continuava a me dar ânsias, me fazendo tossir e me engasgar com a minha própria saliva. Cada esforço que eu fazia, parecia potencializar a dor em minha cabeça. Podia sentir as veias da minha têmpora latejarem sem controle.

— Vou ligar para o técnico, Ray — Dylan avisou quando tentei voltar a me deitar. Ele me ajudou a colocar a cabeça no travesseiro e agarrei o seu braço antes que se afastasse.

— Não, eu... Eu vou melhorar.

— Não, Raymond. Alguma coisa muito séria aconteceu, cara. Você precisa ir para o hospital.

— Não... — Tentei me sentar, mas não consegui. O quarto rodava freneticamente e me joguei de volta contra o travesseiro. — Eu preciso... Preciso tomar um banho e ir treinar.

— Raymond, não! Olha para mim. — Dylan me segurou pelos ombros. Acho que nunca o vi tão sério antes e aquilo acendeu um alerta em meu cérebro confuso. — Consegue se lembrar do que aconteceu ontem?

Senti o meu cenho se franzir conforme tentei puxar algo em minha memória. Me lembrava do treino de ontem, dos momentos em que falei com Chloe por mensagem e por telefonema, da minha ligação para o meu pai e para Eliot. Então, veio o jantar e... Meu cérebro se tornou uma confusão.

— O jantar... Eu não me lembro direito do jantar...

— Lembra do momento em que você se despediu da gente e veio para o quarto?

Flashes explodiram em minha mente, imagens desconexas e uma voz feminina que eu não conhecia. Alguém me deitando na cama e tirando a minha roupa. Lingerie preta e batom vermelho? Meu Deus, eu não conseguia colocar a minha cabeça em ordem e quanto mais tentava me lembrar, mais ela doía.

— Eu não sei... Acho que sonhei com alguém aqui... Eu preciso me sentar, Dylan.

Estava difícil respirar com ele praticamente em cima de mim. Com cuidado, Dylan me segurou pelos ombros e me ajudou a ficar sentado na cama, apoiando a base da minha coluna. O quarto rodou de novo, mas com menos força daquela vez. Tentei ignorar o cheiro azedo do vômito no chão e torci o nariz, tendo ânsia de novo.

— Preciso de um banho — falei meio enrolado. Que merda estava acontecendo comigo?

— Ray, você precisa ir para o hospital.

— Não... Eu só preciso de um banho e vou melhorar.

— Ray... — Dylan voltou a tomar o meu rosto nas mãos e percebi que meus olhos demoraram mais do que o normal para focarem nele. — Aconteceu uma coisa muito séria aqui. Eu não quero te assustar, por isso, vou ligar para o técnico e nós vamos te levar para o hospital.

— O que aconteceu?

Dylan sacudiu a cabeça e manteve uma mão em meu ombro, enquanto puxava o celular do bolso.

— Merda, Chloe está me ligando.

— Por que a Chloe está te ligando? — Por que ela estaria ligando para o Dylan? — Ela tentou falar comigo? Cadê o meu celular?

Eu tinha certeza de que não estava falando tão rápido quanto gostaria, porque não era apenas a minha língua que estava esquisita, mas os meus movimentos também. Parecia que eu estava com chumbo no lugar dos músculos e até mover a mão sobre a cama, à procura do meu celular, era difícil. Por fim, achei o aparelho embolado no edredom e tomei um susto quando vi a quantidade de notificação na tela, mal conseguindo ler alguma coisa.

— Ray, me dá isso aqui. — Dylan tirou o celular da minha mão e eu não consegui ter o reflexo simples de tentar segurar o

aparelho.

— Não. Eu preciso falar com a Chloe e...

— Não, você não precisa falar com ela agora. Acredite em mim.

Eu não estava entendendo porcaria nenhuma do que Dylan estava falando. Tentei me levantar da cama, mas minhas pernas pareceram não responder ao comando do meu cérebro e eu caí sentado, enquanto Dylan levava o celular à orelha. Aproveitei a sua distração e tomei o meu celular da sua mão, bem mais lento do que o normal, mas conseguindo desbloquear a tela com o reconhecimento facial. Tentei ir até a agenda para ligar para Chloe, mas uma nova notificação apareceu e eu cliquei em cima sem querer, abrindo o Twitter. Antes que eu tivesse a chance de sair da rede social, um vídeo estranho começou a passar e eu demorei meio segundo para reconhecer que o homem deitado na cama era eu.

— O... O que é isso?

— Merda, Ray, me dá isso aqui!

Dylan tentou tirar o celular da minha mão, mas desistiu quando alguém do outro lado da linha o atendeu. Não consegui ouvir nada da sua ligação, porque estava vidrado no que acontecia naquele vídeo. Uma garota que eu não conhecia, beijava o meu pescoço e descia a boca pela minha barriga, até chegar ao cós da minha cueca. Ela estava filmando nós dois e parecia não se importar muito pelo seu rosto estar em evidência no vídeo. Minha mão tocou a sua cabeça e ela sorriu, dando um beijo sobre o meu pau por cima do tecido branco que o cobria.

— Isso... Isso aqui... Eu não sei o que é i-isso aqui... — Tentei explicar para Dylan. Meu coração parecia que ia explodir dentro do peito e minhas mãos começaram a tremer. A garota desceu um pouco o cós da minha cueca e o vídeo acabou. — Dylan...

Meu melhor amigo se aproximou de mim e tirou o celular da minha mão. Ele se abaixou na minha frente e tocou o meu joelho com muita delicadeza.

— Ray, eu não sei como isso aconteceu, eu ao menos conheço essa garota, mas tudo indica que ela te dopou e gravou esse vídeo, que agora está rolando pelas redes sociais.

Eu estava um pouco descontrolado, assim como as minhas emoções. Um nó muito forte apertou a minha garganta e lágrimas encheram os meus olhos a ponto de começarem a cair pelas minhas bochechas.

— Mas eu... Eu não sei quem ela é... Eu não me lembro de nada, Dylan!

— Eu sei disso.

— Como ela entrou no meu quarto? Co-como tudo isso aconteceu? — Tentei me levantar de novo, mas não consegui. — A Chloe... Ela vai achar que eu a traí, mas eu não fiz isso. Eu não fiz, Dylan!

— Eu sei que você não fez e ela vai saber também, Ray.

— Ela não vai acreditar em mim.

— Claro que vai, Chloe confia em você.

— Não depois desse vídeo. — Sacudi a cabeça, ficando mais tonto ainda. — Chloe sempre teve uma ideia sobre mim, Dylan... Quando ver esse vídeo, vai achar que foi um erro ficar comigo e começar a confiar em mim.

Eu ia perder a minha garota. Ia perder tudo o que havíamos construído até ali, justo no dia em que me declararia para ela. Acho que Dylan falou alguma coisa, mas eu não consegui me conectar com a voz dele nem com nada do que começou a acontecer a minha volta. Minha mente não parava de criar imagens caóticas onde Chloe começava a me odiar e senti que comecei a perder o pouco controle que eu tinha sobre as minhas ações.

— Ray, olha para mim, cara! — Dylan pediu, entrando novamente em meu campo de visão. — Vai ficar tudo bem. Confie em mim, ok?

— Chloe vai me odiar para sempre...

— Não vai, Ray. Você não queria tomar um banho? Eu te ajudo, vamos lá.

Deixei que Dylan me ajudasse a ficar de pé e me apoiei nele para ir até o banheiro. Só naquele momento eu percebi que ainda vestia a minha cueca e que havia nela a marca do batom vermelho daquela mulher desconhecida. Mesmo tentando puxar na minha memória como ela conseguiu entrar em meu quarto e fazer tudo aquilo comigo, eu não conseguia. A frustração me encheu de raiva,

mas nem mesmo o sentimento conseguiu ultrapassar a letargia que tomava o meu corpo.

— Espere aqui.

Dylan me colocou sentado sobre a tampa do vaso sanitário e saiu do banheiro, voltando momentos depois com uma cadeira. Ele a posicionou dentro do box e voltou a me levantar, colocando-me sentado nela e ligando o chuveiro, deixando a água cair sobre mim. Eu me sentia uma criança naquele momento, um pouco incapaz, indefeso e com medo. Era um sentimento muito ruim, que acabou se transformando em lágrimas de novo.

— Ei, eu estou aqui com você, Ray. Vai ficar tudo bem.

Percebi que meus ombros começaram a tremer por conta do choro compulsivo. Inúmeras perguntas rondavam a minha cabeça. O que mais havia acontecido na noite de ontem, além do que havia naquele vídeo? Em que momento eu deixei que aquilo acontecesse comigo? Eu fui cuidadoso, não bebi nada alcoólico, tinha certeza. Por que alguém ia querer me dopar?

— Raymond!

Ergui a cabeça muito rápido quando a voz de Chloe invadiu os meus ouvidos. Por um momento, achei que era loucura da minha cabeça, mas quando vi Dylan ficar pálido, notei que eu não estava alucinando.

— Não a deixe vir aqui — pedi a meu amigo. — Não quero que ela... Que ela me veja assim.

Eu estava destruído naquele momento e com certeza vomitaria de novo. Não saberia explicar o que tinha acontecido a Chloe, porque mal conseguia pensar com clareza. Queria ter a chance de me defender quando a visse, mesmo achando que seria inútil, porque ela não acreditaria em mim. Dylan saiu do banheiro e me deixou sozinho, pude ouvir as vozes abafadas dentro do quarto, e me segurei para ficar quieto, sem sair do lugar.

Se me levantasse, iria cair. O que quer que tivessem feito comigo, havia tirado todas as minhas forças.

— Eu vou entrar! — Ouvi Chloe gritar e uma ânsia de vômito fez a minha barriga sofrer um espasmo.

— Chloe, por favor, ele não...

— Nada vai me impedir de chegar perto dele, nem mesmo você! Saia da minha frente, Dylan!

— Deixe-a entrar, Dy. — Acho que era Kim.

— Não. — Dylan foi firme.

A próxima coisa que ouvi, foi o barulho da porta do banheiro se abrindo e se fechando. Abri os olhos para encontrar Dylan ali perto e agradecer por ter me ajudado, mas fiquei sem palavras quando dei de cara com Chloe perto da porta aberta do box, meio descabelada, usando uma calça *jeans*, seus inseparáveis *All Star* e o moletom do Bruins que eu havia dado a ela há algumas semanas.

Não consegui falar nada. O nó voltou a apertar a minha garganta e me senti um idiota na frente dela, uma sombra do cara que até ontem eu era. Meus olhos marejaram e os de Chloe também. Ela ao menos piscava, não se movia, parecia mal respirar.

— Chloe... — Minha voz saiu em um sussurro arrastado e pesado. Como eu poderia explicar a ela o que aconteceu? — Saia... Por favor.

Pedir aquilo doeu muito mais do que ouvir ela dizer que me odiava, mas eu não podia suportar que ela me visse daquele jeito. Era humilhante.

— Por que quer que eu saia?

— Porque eu não... Eu não sou... — Eu não tinha o que dizer, só não queria que ela me visse daquele jeito. — Porque eu não sou... Eu. Eu não sou eu agora.

O queixo dela tremeu, bem como os seus lábios. Pude ver as lágrimas despencarem sobre o seu rosto, mas não consegui entender o que ela sentia. Mal conseguia entender como *eu* me sentia. Chloe ficou durante segundos intermináveis em silêncio, parada no mesmo lugar. Quando achei que iria sair e me deixar sozinho, ela deu um passo em minha direção, e depois mais outro, até entrar no box e fechar a porta atrás de si, sem deixar de me olhar.

— Chloe...

— Lembra quando você me disse que eu havia mudado a sua vida desde o primeiro dia em que me viu? — Eu franzi o cenho e movimentei lentamente a cabeça para cima e para baixo. Chloe se aproximou mais um pouco de mim e a água do chuveiro começou a

respingar pelo seu corpo. — Lembra quando disse ao meu pai que eu havia virado o seu mundo de cabeça para baixo?

— Sim, mas, por que você está fa...

— Por que estou falando tudo isso? — perguntou e eu concordei com a cabeça. — Porque você também mudou completamente a minha vida, Raymond. Você colocou o meu mundo virado pelo avesso e me fez enxergar que um dos meus maiores defeitos, era pré-julgar as pessoas. Eu fiz muito isso com você, lembra? — Eu só consegui movimentar a minha cabeça de novo e Chloe se ajoelhou entre as minhas pernas.

— Chloe, não faz isso...

— Só me ouça — pediu baixinho, entrelaçando os nossos dedos. Ela estava encharcada. Por que estava fazendo aquilo? — Eu criei uma ideia sobre você e acreditei que era naquele molde que você se encaixava. Conforme fui te conhecendo, percebi que eu não sabia nada. Durante muito tempo, eu estive errada sobre você, Raymond.

Engoli em seco e minha mente rodou mais uma vez. Era agora que ela falaria que estava errada sobre ter confiado em mim. Eu sabia que isso ia acontecer.

— E foi justamente por saber que eu estive errada sobre você, que, quando olhei com atenção para aquele vídeo, percebi que o Raymond que eu conheço hoje, não se encaixava ali. O Raymond King que eu projetei na minha cabeça, iria para a cama com uma outra mulher, o Raymond King que eu amo, nunca faria isso comigo. Ele jamais faria isso conosco, com tudo o que construímos nesses meses loucos e fantásticos.

— Baby...

— Eu sei que não era você ali — reafirmou e eu estremeci.

— Era eu. Não é uma montagem, Chloe...

— Eu sei.

— Então como pode dizer que não era eu?

— Não era você de forma consciente. — Havia muita certeza em seus olhos e meus ombros desabaram. — Eu percebi no vídeo, Ray, você quase não se mexia, seu corpo estava estendido sobre a cama e aquela garota... Aquela infeliz estava se aproveitando de você.

— Eu não sei como isso aconteceu...

— Eu sei.

— Eu não q-queria, Chloe — solucei, me sentindo como um garotinho de novo. — Eu juro que não queria, eu jamais faria algo assim com você, eu nunca con-conseguiria.

— Eu sei, meu amor. — Chloe se ergueu e me amparou em seus braços, colocando minha cabeça na altura do seu estômago. — Em momento algum eu acreditei naquele vídeo. Eu confio em você, Ray. Eu amo você.

Ouvir aquilo, naquele momento, era tudo o que eu precisava. Estava inseguro, me sentindo perdido por ter sido violado, por terem me tirado o controle sobre o meu corpo, por terem me exposto, mas o principal ninguém conseguiu tirar de mim.

Chloe estava ali, comigo. Ela confiava em mim e me amava.

Talvez eu demorasse para me recuperar do que havia acontecido naquela noite, mas, com a minha garota do meu lado, eu já conseguia me sentir minimamente em paz.

40

"Pois você é o melhor erro que já cometi
Mas nós persistimos, persistimos
Não existe pote de ouro no final do arco-íris
que perseguimos
Mas nós persistimos, persistimos"

BEST MISTAKE - ARIANA GRANDE FT. BIG SEAN



Chloe

Depois de desabar sobre mim no box, Ray acabou vomitando de novo e o médico do time ordenou que ele fosse encaminhado para o hospital imediatamente. Eu só tive tempo de abrir a minha mala, trocar de roupa e os acompanhar junto com Dylan e Kim. Meu pai e os pais de Raymond chegaram ao hospital assim que ele deu entrada na emergência. Eles haviam me mandado uma mensagem minutos antes para explicar que minha mãe ficaria no hotel com Eliot e Olivia, por isso, não me preocupei por não vê-la ali. Cameron, a mãe de Ray, me abraçou com força antes de me encarar com os olhos marejados.

— O que aconteceu? Onde está o meu filho? — perguntou.

— Ele deu entrada na emergência agora pouco, talvez demore um pouco para que tenhamos alguma notícia. — O técnico do time respondeu.

— Alguém poderia nos explicar o que houve? Eu vi aquele vídeo e sei que meu filho não teria coragem de fazer algo como

aquilo. — A certeza nos olhos de Rob fez o meu coração ficar acelerado no peito.

— Doparam o Ray — Dylan respondeu, cabisbaixo. Ele estava arrasado e nem mesmo ter Kim ao seu lado parecia animá-lo.

— Como assim doparam? — Cameron colocou a mão sobre o peito. — O que fizeram com o meu filho?

— Quem fez isso com ele? — Rob perguntou, abraçando a esposa.

— Eu não conheço a menina do vídeo, ela não estava conosco na mesa ontem à noite, não faço ideia de onde ela surgiu — Dylan explicou. — A única coisa que eu sei, é que chegou em um ponto da noite em que Ray me disse que estava com sono e avisou a todo mundo que iria dormir. Eu não percebi que havia algo estranho com ele. Se eu tivesse sido mais atento, nada disso teria acontecido com o meu amigo.

— A culpa não foi sua — falei, sentindo meu pai parar ao meu lado. Ele apertou meu ombro para me passar conforto, mas continuei a falar com Dylan. — Você não poderia imaginar que algo assim poderia acontecer. Sobre a garota do vídeo, eu sei quem ela é.

— Sabe? — Kim perguntou e eu concordei com a cabeça.

— Você não se lembra, porque a viu apenas uma vez, mas eu tive o desprazer de esbarrar com ela de novo em uma festa. É aquela garota com quem você brincou no primeiro jogo da temporada, lembra? Na fila do banheiro da arena.

— A garota do chiclete? — Kim arregalou os olhos. Aquele apelido havia pegado entre nós duas.

— Sim.

— Como assim “garota do chiclete”? Vocês não sabem o nome dela? — Meu pai perguntou.

— Eu sei, o nome dela é Emily Morrison. Pelo menos, foi esse o nome que ela me disse.

— Tem certeza do que está dizendo? Não se esqueça que o que aconteceu com o Raymond foi um crime, e nós vamos acionar a polícia. — O técnico Brown estava bem sério, mas eu tinha certeza do que estava falando.

— Eu nunca me esqueceria do rosto dela e, bem, ela não fez nada para esconder a sua identidade no vídeo.

— Como ela pôde ser tão burra? Quem em sã consciência deixaria o rosto à mostra em um vídeo como aquele? — Kim questionou.

— Ela fez isso, porque achou que passaria impune — Dylan disse. — Vai ser muito difícil que alguém acredite que o Ray não quis estar naquela cama com ela. Nós o conhecemos, mas a maioria das pessoas acha que ele é um babaca e que era questão de tempo para que traísse a Chloe.

— Meu filho jamais faria isso! — Cameron praticamente gritou, ficando com o rosto vermelho. — E quem tiver coragem de falar algo assim sobre ele na minha frente, vai ter que se ver comigo!

— Acalme-se, querida — Rob pediu.

— As pessoas vão acreditar nele, porque essa garota e quem mais estiver por trás disso, vai arcar com as consequências — falei, virando-me para o técnico. — O que precisamos fazer agora, senhor?

— Já entrei em contato com o reitor da UCLA e ele informou que está enviando um advogado para nos auxiliar. Como eu disse, assim que o exame toxicológico do Ray for liberado pelo hospital, acionaremos a polícia e então o caso estará nas mãos deles. Provavelmente, vão pedir as filmagens das câmeras de segurança do hotel e averiguar a identidade da garota que está no vídeo.

— E o jogo de hoje? Como faremos sem o Ray? — Dylan perguntou, visivelmente nervoso.

— Vocês vão jogar como ele e por ele. É isso que vão fazer.

— Acha que Harry está à altura do jogo de hoje, técnico?

— Quem é Harry? — Kim perguntou.

— O reserva do Ray.

— Eles treinam juntos, confio na capacidade do Harry, ele não é o reserva do Raymond à toa. — O técnico parecia ter muita certeza sobre aquilo e eu confiei nele.

— E o próximo jogo? Ray vai poder participar mesmo estando de fora do jogo de hoje? — perguntei.

— Se ele estiver bem física e psicologicamente, sim. Seu desfalque no jogo de hoje é justificável, Raymond não vai sofrer nenhuma penalidade.

Eu respirei mais aliviada ao ouvir aquilo e precisei me sentar um pouco, me sentindo exausta e muito preocupada com Raymond. Como ele estava lá dentro? Por que ninguém vinha nos dar alguma notícia? Meu pai e o técnico Brown continuaram a conversar e Cameron pediu licença para ir ao banheiro. Eu me sentia um pouco enjoada, mas fiz de tudo para que ninguém percebesse como eu estava me sentindo. Observei quando Rob se aproximou de mim e se sentou ao meu lado, tocando em meu braço com delicadeza.

— Obrigado por ter acreditado na inocência do meu filho. — Sua voz ficou levemente embargada. — Eu sei como aquele vídeo era tendencioso, se você tivesse confiado no que viu ali em um primeiro momento, eu teria entendido, mas confesso que estou muito grato e aliviado por você ter dado um voto de confiança à índole do Ray.

— Foi um choque me deparar com aquilo, não posso mentir para o senhor. Minha cabeça deu um nó, eu via aquele vídeo, mas não conseguia acreditar que era o Ray ali, sabe?

— Eu sei, me senti desse mesmo jeito. Quando ele colocou a mão na cabeça dela... Era óbvio que todo mundo ia entender que ele a estava estimulando.

— Sim, mas nem mesmo isso me fez acreditar que ele queria estar ali. Eu conheço o seu filho intimamente, sei como ele age quando... Quando estamos juntos. — Meu Deus, o enjoo aumentou só pelo nervosismo por estar tendo aquele tipo de conversa com o meu sogro. — Naquele vídeo, ele estava inerte. Era só um corpo seminu estendido sobre a cama. Ele não falava nada, mal se mexia, creio que não tenha desmaiado, já que tocou na cabeça dela, mas ele não estava consciente. Quando tive noção disso, não pensei em mais nada.

— Isso mostra como você o conhece. Raymond jamais seria capaz de fazer algo tão baixo, Chloe. Meu filho é completamente apaixonado por você e eu tenho tanto orgulho por ele ter aberto não apenas o seu coração, mas a sua cabeça, e mergulhado completamente na relação que vocês dois vêm construindo ao longo

desses meses. Ele me contou que no começo tudo foi uma mentirinha para manter os punhos do seu pai longe da cara dele — Rob comentou baixinho, rindo um pouco.

— Contou?

— Sim. Nós tivemos uma conversa muito boa na antevéspera do Natal e Ray se abriu comigo. Foi quando confessou que estava apaixonado por você e que tinha medo de que você não confiasse nele por conta da fama que carregava pelo campus da faculdade.

— Não imaginava que ele se sentisse assim, Raymond pareceu ser sempre tão seguro de si.

— E ele é, mas tudo aquilo era novo para ele. Você tocou no meu filho de uma forma que garota alguma conseguiu, Chloe, sabe por quê?

— Não — sussurrei. Aquilo era algo que eu nunca tinha entendido.

— Porque você é a garota certa para ele. É a mulher da vida do Raymond, e ele sabe disso, por isso que lutou tanto para conquistar o seu amor e a sua confiança. — Rob apertou o meu braço com carinho. — O fato de ter acreditado nele, sem ao menos ouvir o seu lado da história, prova como estão em sincronia. Ele também é o garoto certo para você e acredito que nenhum outro poderia te amar da forma como ele te ama.

Foi impossível não começar a chorar como uma boba ao ouvir aquilo. Rob se emocionou também e acabou me abraçando rapidamente pelos ombros, confortando-me enquanto eu limpava as minhas lágrimas. Ele só se afastou quando meu pai se sentou na outra cadeira desocupada ao meu lado e foi ao encontro da esposa, que havia acabado de voltar do banheiro.

— Sinto muito por tudo isso, querida. Venha aqui, me deixe abraçá-la. — Eu caí nos braços do meu pai, sentindo meu coração desacelerar um pouco. Ele beijou os meus cabelos e soltou um suspiro. — Raymond é um bom garoto. Eu acredito totalmente na inocência dele.

— Eu agradeço por isso, pai, mesmo sabendo que vocês só se encontraram duas vezes.

— Eu o conheci através da família dele. A família sempre diz muito sobre quem você é, Chloe.

— Eu sei. — Afastei-me um pouco e dei um beijo no rosto do meu pai. — Obrigada por estar aqui comigo.

— Eu não estaria em nenhum outro lugar.

Eu sabia disso. Meu pai tinha defeitos — que um dia eu ainda conseguiria mudar —, mas era uma pessoa maravilhosa e um pai amoroso. Ele nunca me deixaria sozinha. Longos minutos se passaram até o médico vir falar conosco e explicar que Raymond precisou passar por uma lavagem estomacal e que em seu exame de sangue, não foi constatado álcool, apenas uma substância chamada de Ácido Gama Hidroxibutírico, responsável por diminuir a consciência da vítima.

— Apesar de o álcool ser geralmente a bebida mais utilizada, por potencializar o efeito da substância no organismo, esse tipo de situação pode ocorrer se a droga for misturada em qualquer outro tipo de bebida.

— Talvez tenha sido por isso que o Ray não apagou tão rápido e conseguiu voltar para o quarto, alegando apenas que estava com sono. Nós não ingerimos álcool ontem à noite — Dylan refletiu e o médico concordou com a cabeça.

— E o que vai acontecer com o meu filho agora, doutor? — Cameron perguntou.

— Raymond está dormindo agora, ainda por conta do efeito da substância, mas deve acordar em algumas horas. Eu gostaria que ele passasse a noite em observação.

— Eu posso ficar com ele, se puder ter um acompanhante. — Me ofereci, virando-me rapidamente para os pais do Ray. — E se vocês não se importarem, é claro.

— Acho que o meu filho vai preferir ficar com a namorada do que com a mãe. — Cameron sorriu, pegando em minha mão. — Obrigada por isso, querida.



O advogado da UCLA e um representante da universidade chegaram à Nova Orleans em poucas horas. Eu deixei que meu pai e o pai de Raymond cuidassem de toda aquela parte e depois me contassem os detalhes e fui ficar com Ray no quarto junto com

Cameron, que teve permissão para ficar como visitante do filho até as seis horas da noite. Dylan e o técnico precisaram ir embora, pois o jogo aconteceria normalmente apesar do desfalque de Ray, e desejei muita sorte para eles.

O Bruins precisava vencer aquela partida, pois Ray estaria ao lado do seu time no domingo, disputando a final e saindo como o grande vencedor da temporada de basquete.

— Consegue imaginar por que aquela garota fez isso com o meu filho? — Cameron perguntou enquanto conversávamos. Ela estava parada ao lado de Ray, acariciando o seu cabelo.

— Eu não sei explicar o que acontece na cabeça de uma pessoa para que ela chegue à conclusão de que seria legal drogar e abusar de alguém.

— Eu também. Quem faz isso não tem escrúpulos. Só espero que ela não tenha ido ainda mais longe depois que parou de gravar.

Eu estava evitando pensar naquilo. Doía demais sequer imaginar que ela... Não. Ray não merecia aquilo e eu preferia acreditar que ela não tivesse ido tão longe e feito algo ainda pior.

Cameron precisou ir embora quando o horário de visita terminou e eu tomei o seu lugar ao lado de Ray, empurrando a poltrona para perto da sua cama e segurando a sua mão. Acho que acabei pegando no sono em algum momento, pois despertei ao sentir o seu polegar acariciando os meus dedos. Seu semblante era sério, mas sem toda aquela perturbação que vi em seus olhos quando o encontrei sentado sob o chuveiro.

— Oi. — Sentei-me melhor na poltrona e puxei seus dedos para perto da minha boca, dando um beijo neles. — Como você está se sentindo?

— Parece que estou com uma ressaca infernal, fora isso, estou bem.

Eu sabia que ele estava falando apenas sobre o aspecto físico e senti um pouco de medo de perguntar como estava se sentindo emocionalmente. Não queria pressioná-lo, mas estava tão preocupada, que foi inevitável não me levantar e colocar a minha mão sobre o seu peito.

— E aqui? Como está se sentindo?

— Eu não sei. Quer dizer, eu sei, sim. — Seus dedos tocaram os meus. — Estou feliz por você estar aqui comigo.

— Achou mesmo que eu não estaria aqui? Você nunca mais vai se ver livre de mim, King.

Ray me deu um sorrisinho e seus olhos se encheram de lágrimas. Percebi que ele engoliu com certa dificuldade para conter a emoção.

— Fiquei com medo de que você achasse que ficar comigo... Que me amar e confiar em mim, tivesse sido um erro.

— O único erro que eu cometi em relação a você, foi ter achado que te conhecia, quando ainda não sabia quem você era. Mesmo assim, esse foi o melhor erro que já cometi, porque foi a partir dele que eu tive a chance de me apaixonar pelo homem mais incrível que já cruzou o meu caminho.

Sequei as lágrimas que escaparam pela lateral do seu rosto e me deitei ao seu lado quando chegou para o canto da cama e bateu no espaço que ficou vago. Era apertado, mas coube nós dois perfeitamente, um de frente para o outro. Seus dedos colocaram meu cabelo para longe do meu rosto e um suspiro profundo escapou dos seus lábios quando tocou o nariz no meu.

— Eu te amo profundamente, irritadinha. De uma forma que nunca imaginei que seria possível amar alguém. Acho que não tenho palavras para agradecer por tudo, principalmente por ter confiado em mim.

— Em nenhum momento eu duvidei de você, Ray, nunca — falei com muita certeza, tendo dificuldade para enxergá-lo através das lágrimas. — E quem fez isso, vai pagar, acredite em mim.

— Eu não conheço aquela garota.

— Mas eu conheço. É aquela louca que me abordou na festa, lembra?

— A que disse que o nosso namoro não ia durar?

— Sim, ela mesma. Acho que pensou que conseguiria separar nós dois ao fazer tudo isso.

— Não é possível que foi apenas isso.

— Acredita que possa ter outro motivo?

— Talvez, mas não consigo imaginar o que poderia ser. — Ray respirou fundo e me puxou para os seus braços, colocando a

minha cabeça sobre o seu peito. — Só quero parar de pensar nisso por um segundo.

— Então não pense, sei que é difícil, mas posso te ajudar. Quer conversar sobre alguma coisa?

— O jogo. — Ele ficou tenso abaixo de mim. — Eu perdi o jogo, Chloe.

— Fica calmo, o técnico garantiu que você não será punido e eu tenho certeza de que o time vai para a final. Eles vão jogar por você, Ray — falei, apoiando meu queixo em seu peito para poder olhar nos seus olhos. — Dylan está lá, ele jamais permitirá que o Bruins volte para casa.

Ray concordou com a cabeça, nervoso e preocupado, mas acabou ficando emocionado de novo.

— O que o Dylan fez por mim hoje... Eu sempre o considerei como um irmão, mas acho que hoje ele superou isso. Não sei o que existe acima de irmão de alma, mas ele está nessa posição, com certeza.

— Ele foi incrível. Sabia que ele não quis me deixar entrar no banheiro para falar com você? Precisei garantir que eu não iria te magoar.

— Fui eu que pedi para ele não deixar você entrar... Não queria que você me visse daquele jeito, Chloe. — Ray parecia estar profundamente envergonhado, o que quase me fez chorar de novo.

— Se fosse o contrário, você ficaria longe de mim?

— Claro que não, nunca. E não diga isso nunca mais, por favor. Não quero nem imaginar você passando por algo assim.

— Eu sei, só estou querendo dizer que, assim como você nunca me deixaria sozinha, eu jamais te deixaria sozinho também, Ray. — Dei um beijo bem em cima do seu coração, que batia acelerado. — Eu sempre estarei com você.

Raymond tomou o meu rosto com as mãos até aproximar o nariz novamente do meu.

— Eu amo você — disse mais uma vez, me fazendo fechar os olhos. Eu nunca me cansaria de ouvir aquilo.

— Eu amo você.

Ray selou aquele momento com um beijo lento na minha boca, sem língua, bem parecido com os primeiros beijos que deu

em mim. Foi singelo, encheu o meu coração de sentimentos bons e me fez pensar em nós dois juntos e no bebê que crescia dentro de mim. Algo me dizia que seria ele que daria um novo sentido à vida de Ray depois de tudo o que havia passado nas últimas vinte e quatro horas.

41

"Me diga, como você faz isso?
Como você me traz de volta
Você me traz de volta à vida e faz meu
coração parar"

MY ONLY ONE - SEBASTIAN YATRA FT. ISABELA MONER



Raymond

Acordei com a bexiga praticamente estourando, cheio de vontade de mijar, e me dei conta de que Chloe não estava no quarto. Pela fresta da cortina, vi que já havia amanhecido e fiquei me perguntando onde ela poderia estar. Sem conseguir segurar o xixi por muito mais tempo, me levantei, aliviado pela enfermeira ter me livrado do soro naquela madrugada e escutei o barulho da descarga assim que cheguei à porta do banheiro, que estava encostada.

— Chloe? — Bati de leve e abri a porta, encontrando-a enxaguando a boca. A palidez em seu rosto e o cheiro esquisito no banheiro me deixou em alerta. — Está passando mal?

Ela cuspiu na pia e secou a boca com uma toalha de papel antes de se virar para mim.

— Acordei um pouco enjoada. Está sentindo alguma coisa? Quer que eu chame o médico?

— Não, eu estou bem. Novo em folha e pronto para ir embora daqui, só preciso muito mijar. — Não havia qualquer tipo de pudor

entre nós dois, por isso, não me importei em levantar a tampa do vaso e começar a me aliviar na frente dela. — Pode parar de olhar para a minha bunda, por favor? Estamos em um hospital.

Gostei de ver o sorrisinho em seus lábios e as suas bochechas ficarem coradas, expulsando aquela palidez esquisita do seu rosto.

— Não posso fazer nada se essa camisola é indecente e te deixa com a bunda de fora.

— É uma bunda bonita, pode falar.

— A mais bonita que eu já vi.

— Isso é porque você não olha a sua com frequência. — Pisquei para ela e dei descarga ao terminar, me encaminhando para perto da pia para poder lavar as mãos. — Tem certeza de que está bem? Você mal comeu ontem à noite.

Uma enfermeira havia levado uma ceia para nós dois na noite passada, enquanto assistíamos ao jogo pela TV pequena do quarto, mas Chloe havia comido muito pouco. Geralmente, ela era bem esfomeada, mas alegou que estava sem fome depois de tudo o que havia acontecido. Eu não estava diferente, ainda mais tendo que assistir ao jogo do meu time, preso em uma cama de hospital. Nunca passei tanto nervoso na vida. O primeiro tempo foi um desastre, terminamos com uma diferença de nove pontos a menos para o Duke Blue Devils e cheguei a temer que os meninos não conseguissem equilibrar o jogo. Harry estava dando tudo de si, mas ele e Dylan não tinham a mesma sincronia que eu e meu melhor amigo e só perto dos nove minutos do segundo tempo, foi que conseguiram se encontrar.

Faltando quinze minutos para o fim da partida, os times finalmente estavam jogando de igual para igual e o Bruins conseguiu virar o placar, vencendo com uma diferença de cinco pontos. Foi, sem dúvida, o jogo mais sofrido da temporada, mas o meu time havia dado a sua alma naquela quadra e eu nunca me senti tão feliz, mesmo sem estar lá. Estávamos na final e iríamos vencer. Eu não deixaria que nada mais voltasse a me derrubar. Sequei as mãos e passei o braço pelos ombros de Chloe, saindo do banheiro e indo direto para a cama. Ela estava muito quieta e aquilo estava me deixando aflito.

— Fala comigo, irritadinha. O que você tem?

Podia imaginar que Chloe ainda estivesse preocupada comigo. Fisicamente, eu estava bem e ela sabia disso, mas a minha cabeça ainda estava um pouco confusa, tentando assimilar tudo. Conscientemente, eu sabia de todos os detalhes pelo que ela me contou durante a noite, mas parecia que tudo aquilo não havia acontecido comigo, de fato. Não ter a memória daquela noite era uma benção e uma maldição. Parte de mim não estava lá e, ao mesmo tempo em que eu agradecia por isso, me sentia perdido.

— Eu... Preciso te contar uma coisa, mas não sei como. — Sua voz era um sussurro e eu precisei levantar o seu queixo para poder olhar em seus olhos. — Eu tinha prometido para mim mesma que só te daria essa notícia depois da final, quando você estivesse com o título de campeão nas mãos, mas não posso. Eu preciso te contar agora, Ray.

— O que é? Você sabe que pode me contar qualquer coisa.

Não poderia ser uma notícia ruim. Deus sabia que eu não aguentaria uma nova porrada tão cedo. Chloe se sentou de frente para mim e eu precisei fazer o mesmo, sem conseguir tirar os olhos dela. Percebi o quanto estava nervosa quando mordeu o lábio inferior com força e segurou a minha mão com os dedos gelados e molhados de suor.

— Eu não sei se você vai ficar feliz...

— É algo que você não tenha me contado sobre o que aconteceu comigo? Algum detalhe que você resolveu deixar de fora?

— Não! Claro que não, Ray, eu te contei tudo o que sei.

— Alguém morreu?

— Não! Meu Deus, Raymond. — Ela riu de nervoso.

— Alguém está prestes a morrer?

— Não. Quer dizer, talvez sim. Meu pai vai enfartar, provavelmente, e querer matar nós dois, com certeza.

— Não vejo um motivo para ele querer fazer isso, já que sou o seu genro favorito, a não ser que você estivesse grávida. — Ri um pouco ao pensar naquilo, porque com certeza James me mataria se eu tivesse engravidado a sua filhinha inocente. Quando Chloe não

respondeu nada, eu parei de rir e senti um baque bem na altura do meu estômago. — Chloe... Baby, não me diga que...

— Sim. É exatamente isso que você está pensando.

Aquele era o problema, eu não estava pensando em nada. Minha cabeça estava girando. Será que eu ia desmaiar? Chloe pegou a minha mão e a colocou sobre a sua barriga, fazendo o meu coração dar um salto enorme no peito e acelerar desesperadamente.

— Eu estou grávida, Ray.

Eu realmente ia desmaiar. Tive certeza disso, no entanto, a visão da minha mão sobre a sua barriga me manteve bem desperto, ao ponto de eu não conseguir piscar. Respirei fundo, tentando levar o máximo de oxigênio possível para os meus pulmões, torcendo para que o meu batimento cardíaco diminuísse e eu conseguisse processar o que Chloe havia acabado de me dizer.

— Ray, fale alguma coisa! — Chloe pediu e eu voltei a olhar para ela, encontrando seus olhos cheios de lágrimas. — Você odiou, é isso?

— Não! Chloe, claro que não.

Ela sacudiu a cabeça e se levantou da cama de repente, passando os dedos pelo rosto com certa violência para se livrar das lágrimas que começaram a cair.

— Sabia que deveria ter esperado mais um pouco. Foi uma péssima ideia te contar agora, ainda mais depois de tudo, mas eu achei... Achei que você merecia uma notícia boa, mas eu nem sei se é tão boa assim, é claro que você não quer ser pai agora, eu também não quero ser mãe agora, mas aconteceu e eu não sei o que fazer, quer dizer, eu sei o que não vou fazer, não vou abortar, não posso fazer isso e...

— Ei! — Levantei-me da cama e tomei seu rosto em minhas mãos, fazendo com que parasse de andar de um lado para o outro e levantasse a cabeça para olhar para mim. — Acalme-se, irritadinha. Respire.

— Você ainda está me chamando de irritadinha — repetiu com o queixo tremendo.

— Claro que sim.

— Então você não me odeia?

— Eu nunca odiaria você, baby, nem se chutasse o meu saco e desse um soco na minha cara.

Ela enrugou o nariz e uma sombra de sorriso apareceu em seus lábios.

— Isso foi meio aleatório.

— Eu sei, foi o que surgiu na minha mente agora, porque eu não consigo pensar em muita coisa. Eu estou chocado e querendo correr pelo hospital para contar para todo mundo que vou ser pai de um filho seu.

Finalmente consegui externar o que estava sentindo. Era aquilo, eu queria gritar e ao mesmo tempo queria tentar entender o que estava acontecendo. Chloe estava grávida de um filho meu. Nós teríamos um bebê e não seria daqui a alguns anos, seria tipo... Daqui a nove meses? Caralho! Era praticamente amanhã!

— Na verdade, vai ser daqui a oito meses — disse ela, soluçando pelo choro e sorrindo de lado. — Acho que você pegou a minha mania e começou a pensar em voz alta.

— Puta merda. — Soltei o ar de uma vez só, sentando-me na poltrona perto da cama e a colocando sobre o meu colo. — Quando você descobriu?

— Na consulta com a minha ginecologista. Ela perguntou quando tinha sido a minha última menstruação e eu me dei conta de que havia sido no início de fevereiro, então, ela me deu um teste de gravidez e pediu para que eu fizesse para que tirássemos a dúvida. Deu positivo.

— Puta merda. — Repeti. Acho que eu só sabia falar isso. — Espera, você me ligou quando estava esperando pela consulta, não foi?

— Na verdade, quando te liguei, eu estava dentro do banheiro, esperando o resultado no palitinho.

— Baby, por que não me disse?

— Porque eu não queria atrapalhar a sua concentração para o jogo, eu sei como o basquete é importante para você, Ray.

Sacudi a cabeça em negativa e passei minha mão pela sua nuca. A outra, coloquei sobre a sua barriga, sentindo meu coração ficar acelerado de novo só de imaginar que havia uma vida bem ali. Uma vida que nós dois fizemos juntos.

— O basquete é mesmo importante para mim, mas não acima de você... De vocês — corrigi, olhando para a sua barriga rapidamente, antes de voltar a olhar em seus olhos. — Eu largaria tudo, Chloe, só para estar do seu lado naquele momento.

— Você esteve ao meu lado. — Os olhos dela marejaram de novo e seus dedos ainda estavam gelados quando tocaram o meu pescoço. — E eu sabia que você ia querer participar de tudo, por isso, marquei a primeira ultra para semana que vem. Nós vamos conhecer o nosso bebê juntos, Ray, se você quiser.

— Acha mesmo que existe a possibilidade de eu não querer? Até ontem você disse que me conhecia e que confiava em mim, Chloe.

— Eu conheço e confio, no fundo, sempre soube que você ficaria comigo... Conosco. — Ela colocou a mão sobre a minha em sua barriga. — É que eu estou nervosa, Ray. Acho que não estou falando nada com nada.

Fiquei bem mais aliviado ao ouvir aquilo e comecei a rir.

— Bem-vinda ao meu clube, eu estou exatamente assim. Ainda estou tentando entender como isso foi acontecer.

— Quer mesmo que eu te explique como isso aconteceu? — Ela me deu um olhar condescendente e eu voltei a rir. — Coito interrompido. Foi isso que aconteceu, King. Gozar fora não adiantou nada.

— Se eu soubesse disso, teria gozado dentro. Olha a oportunidade que perdi.

— Eu estou falando sério, Raymond! — Ela me deu um tapinha no ombro e riu comigo.

— Eu também. Pelo menos, pelos próximos meses, eu vou poder gozar dentro sem problema algum — falei, apertando a sua cintura e colando sua boca na minha.

— Não sei se eu vou deixar você tocar em mim pelos próximos dez anos.

— Ah, vai sim, porque agora que comecei, não vou mais parar. Quero muitos filhos com você, irritadinha.

Chloe tentou me xingar, mas ficou toda derretida quando a beijei na boca. Naquele momento, parecia que todos os problemas das últimas horas tinham evaporado da minha mente. Não pensei

mais no que tinha acontecido comigo, nas respostas que eu precisava para poder voltar a viver em paz, nas lacunas que queria preencher em minha mente. Só Chloe e aquele bebê estavam em minha cabeça e, por mim, isso não precisaria mudar nunca.

— Porra, casal! Vocês não param de se agarrar nem mesmo dentro do hospital?

A voz de Dylan fez com que Chloe afastasse a boca da minha e tentasse se levantar do meu colo. Não deixei, porque, primeiro, a queria bem ali e, segundo, eu estava ridículo com aquela camisola de hospital que deixava a minha bunda de fora. Kim surgiu logo atrás dele e fechou a porta, nos dando um sorriso.

— Chloe e eu vamos ter um bebê! — anunciei e a boca de Dylan caiu aberta. Seus olhos pareciam que iam rolar pelo chão do quarto.

— Puta que pariu! Você *tá* brincando?!

— Não estou.

— Ele não está mesmo — Chloe reafirmou.

Dylan se virou para Kim ainda de boca aberta.

— Eu só acredito se você falar que é verdade, amor.

— É verdade, Dy.

— Não é possível. Tipo... Não pode ser! Como isso foi acontecer?

— Gozei fora, mas não adiantou de nada.

— Raymond! — Chloe brigou comigo, mas estava rindo.

— Cara, gravidez na adolescência é uma coisa muito séria! Vocês não podem brincar com isso.

— Dy, eles são adultos. — Kim lembrou a ele.

— Até os trinta anos, ainda somos adolescentes, todo mundo sabe disso!

— Com trinta anos a sua mãe já deveria ter tido você e o seu irmão — falei.

— Mas naquela época, era tudo diferente. Acho que eu vou desmaiar. — Dylan realmente estava pálido, mas foi ao olhar para Kim que o ruivo ficou mais branco do que papel. — Amor, você não está grávida também, está?

— Gatinho, gravidez não é igual resfriado, que a gente pega no ar. — Kim gargalhou e o abraçou pelo pescoço, dando um beijo

em sua boca. — Relaxa, nós estamos seguros.

— Por quanto tempo? Agora eu estou preocupado, acho melhor a gente parar de transar.

— Você é um idiota dramático, sabe disso, não é? — perguntei, sentindo minha barriga doer de tanto rir. Não sabia que precisava daquela dose de humor até aquele momento. Toda tensão simplesmente desapareceu dos meus ombros. — Acho melhor realmente nunca mais transar com ele, Kim.

— Vou seguir o seu conselho, Ray.

— Não! Eu só estava brincando. Você não pode levar a sério as coisas que eu digo no auge do nervosismo, amor.

— E se a Kim engravidar? — Chloe perguntou, só para colocar mais pilha nele. Dylan engoliu em seco e soltou um suspiro.

— Se isso acontecer, eu vou ser o melhor pai do mundo. — Ele olhou de relance para Kim. — Mas isso não vai acontecer, não é, linda?

— Claro que não, gatinho. O único papel que iremos desempenhar, vai ser o de padrinhos do bebê lindo que a Chloe vai colocar no mundo.

Dylan sorriu de repente e concordou com a cabeça.

— Isso me fez lembrar que o Ryan disse que queria ser o padrinho do bebê. Ele vai morrer de inveja quando descobrir que eu serei o padrinho!

— E quem disse que você vai ser o padrinho? — perguntei, tentando passar seriedade e falhando miseravelmente.

— Ray, essa é a regra dos melhores amigos. Um sempre vira o padrinho do filho do outro.

— Então você e a Kim precisam ter um filho logo... — Chloe comentou e eu ri ao ver os olhos esbugalhados do casal a minha frente.

— Não! — Responderam praticamente juntos. Por fim, Kim se aproximou de Chloe e estendeu a mão. — Vem comigo, você precisa comer alguma coisa.

— Isso é verdade. Vai com ela, baby — pedi, dando um tapinha na lateral da sua bunda.

Chloe me deu um beijo rápido e saiu com Kim, me deixando sozinho com Dylan. Parte de mim queria permanecer sentada só

para não ter que mostrar a minha bunda, mas desisti de manter o pudor quando me dei conta de que o cara a minha frente já tinha me visto no meu pior momento. Levantei-me e puxei o meu melhor amigo para um abraço. Não precisei falar nada, pois Dylan logo me entendeu, mas consegui murmurar com a voz meio embargada:

— Obrigado, irmão. De verdade.

— Não por isso, Ray. — Ele se afastou e deu um apertão no meu ombro. Seus olhos estavam bem sérios. — Quando você não apareceu na academia pela manhã e nem na reunião com o time, eu tive a certeza de que alguma coisa muito séria havia acontecido. Nem o celular você atendia, então, consegui subornar um funcionário e o tempo que ele levou para abrir a porta do seu quarto, pareceu ter sido cronometrado com o tempo que levou para aquele vídeo ser enviado em um dos grupos da faculdade. Viralizou muito rápido, Ray, eu fiquei atordoado, e quando te vi daquele jeito... Saquei logo o que tinha acontecido.

— Eu não me lembro de praticamente nada. Tenho alguns flashes do jantar, lembro que senti muito sono de repente e resolvi subir.

— Exatamente. Eu deveria ter percebido que havia alguma coisa errada com você.

— Não, a culpa não foi sua — falei o óbvio, mas Dylan fez uma careta. Ele se culparia de qualquer forma, o conhecia muito bem. — Depois disso, tenho poucas lembranças de uma mulher, acho que ela falava comigo... Acho que tirou a minha roupa e ficou apenas de calcinha e sutiã, então, nada. Minha mente fica em branco e só me lembro de você me acordando na manhã seguinte.

Dylan concordou com a cabeça, deixando claro que entendia o que eu queria dizer, mas a seriedade em seus olhos me deixou em alerta.

— A polícia teve acesso às filmagens da câmera de segurança do hotel, Ray. O técnico Brown disse que não era para eu falar nada com você, que o advogado te explicaria tudo, mas não dá. Eu não posso ficar aqui e fingir que não sei o que aconteceu.

— Como assim? Se sabe de algo que eu não sei, me diga, Dylan.

— Pelas filmagens, ficou nítido quem colocou aquela porcaria no suco que você estava bebendo, Ray.

— Quem foi?

— Logan. Foi aquele filho da puta que drogou você.

42

"Pegue a minha mão, meu coração e minha alma
Eu só deixarei que esses olhos
vejam você"

ONE - ED SHEERAN





Raymond

Fui direto para a delegacia com o meu pai, o pai de Chloe e Dylan quando recebi alta do hospital. Eu não sabia se sentia uma profunda raiva do Logan ou se tentava entender o motivo para que ele tivesse feito uma porcaria como aquela comigo. Pelo que sabia, ele e a tal Emily estavam prestando depoimento e o técnico Brown, Joseph Smith, advogado da UCLA, e Paul Ward, representante oficial da faculdade, estavam acompanhando o caso de perto na delegacia.

Assim que cheguei, o técnico Brown me deu um forte abraço e me encheu de perguntas sobre o meu bem-estar. Eu sabia que ele se preocupava de verdade com cada um dos seus jogadores e não conseguia imaginar o que devia estar sentindo em relação a Logan. Por fim, ele acabou falando sobre aquilo quando terminei de explicar que estava me sentindo bem.

— Não sabe como me arrependo de ter dado uma nova chance a ele, Ray. Deveria ter o expulsado do time quando tive chance.

— O senhor não tinha como saber o que ele iria fazer.

— Eu sei disso, mas me culpo mesmo assim. Sou o responsável por vocês e aquele moleque maldito cometeu uma maldade como essa bem debaixo do meu nariz! Se ficasse sozinho com ele por dez minutos, acho que não seria capaz de responder pelos meus atos.

— Então é melhor que isso não aconteça, técnico Brown. O Bruins não pode perder um profissional como o senhor por causa de um filho da puta como o Logan — Dylan disse e eu concordei.

Entendia a sua raiva, pois sentia o mesmo, mas não permitiria que Logan prejudicasse mais ninguém. Queria sim ficar cara a cara com ele, mas apenas para entender o porquê de ter feito tudo aquilo — e para dar uma porrada na sua cara, se tivesse a oportunidade.

Demorou pouco mais de uma hora para que ele e Emily fossem liberados e eu mal consegui piscar quando dei de cara com aquela garota. Um sentimento ruim se alojou em meu peito e garras pareceram apertar o meu estômago, me deixando enjoado. Era incrível como a nossa mente dava um jeito de nos alertar quando um perigo estava à espreita, mesmo que eu mal me lembrasse do que a garota havia feito comigo naquela noite. Os olhos dela se encheram de lágrimas e eu franzi o cenho ao analisá-la com mais cuidado.

— Eu conheço você — concluí. — Não por causa do que fez comigo, mas de antes. Só não consigo me lembrar de onde.

— Foi em uma festa na sua casa, quando o Bruins venceu o UNLV Rebels. Eu me ofereci para passar a noite com você, mas você negou e disse que estava namorando com a Chloe. — Ela torceu as mãos e algumas lágrimas desceram pelas suas bochechas. — Me desculpe pelo que eu fiz, *tá* legal? Eu não sabia que ele colocaria o vídeo na internet, o combinado era que só a Chloe visse, porque eu queria... Eu queria que vocês terminassem, mas agora eu vejo que isso é uma grande bobagem. Tudo isso foi uma grande bobagem e agora eu posso ser presa!

Ela gritou no final, olhando com ódio para Logan. Eu sacudi a cabeça, sem acreditar no que tinha acabado de ouvir.

— Acha que a pior coisa que aconteceu comigo foi aquele vídeo ter caído na internet? — perguntei, vendo-a arregalar os olhos. — Me admira muito ver uma mulher, que geralmente é quem mais sofre com golpes como o que vocês me aplicaram, minimizar o que foi feito comigo. Aquele vídeo não foi nada, garota. Vocês me drogaram e me deixaram praticamente inconsciente. Podem ter feito coisas comigo que eu nunca vou ter conhecimento, porque simplesmente não consigo me lembrar de quase nada daquela noite, e é por causa do vídeo que você quer se desculpar?

— Nós n-não fizemos na-nada — ela soluçou, juntando as mãos na frente do rosto. — Eu juro! Só aconteceu aquilo que está no vídeo. Quando Logan me contou o seu plano, eu disse que só aceitaria se fosse uma encenação. Ele também estava no quarto, gravou tudo com o celular dele e entregou as filmagens para o delegado. Claro que ele não queria entregar, mas eu contei toda a verdade e ele foi obrigado a mostrar a gravação no celular.

— Por que ele procurou você especificamente? — Dylan questionou.

— Nós nos conhecemos em uma festa e passamos a noite juntos algumas vezes. Em uma delas, eu acabei comentando que queria conhecer melhor o Raymond e que estava esperando que ele largasse a Chloe para tentar investir mais uma vez. Logan disse que tinha um plano para que o romance deles terminasse mais rápido e eu aceitei participar. Estou muito arrependida!

Encarei Logan, que me olhou de volta com a mandíbula cerrada. Eu podia ver o ódio nos olhos dele e aquilo me deixou com ainda mais raiva.

— Por quê? — Foi a única coisa que perguntei a ele, dando dois passos em sua direção. Foi meu pai que impediu que eu chegasse mais perto, segurando-me pelo ombro.

— Eu falei que você ia se arrepender de ter se metido no meu caminho.

— Você armou tudo isso por que foi afastado do time? Qual é a porra do seu problema?

— Não! Eu fiz isso, porque não aguentava mais ser humilhado por você! Acha que me esqueci do que fez comigo no vestiário na noite do jogo contra o UNLV Rebels? Dos tapinhas que

deu na minha cara, após falar que tinha pontuado no jogo, enquanto eu não fiz nada? Como se isso não fosse o suficiente, você ainda convenceu o técnico Brown a me tirar do time! Foi você que começou tudo isso, porra!

— Naquela noite, você falou merda sobre a minha garota, achou mesmo que eu ficaria quieto ao ouvir aquilo? Você sempre foi um babaca arrogante, Logan, mesmo sendo um jogador mediano, que não tinha disciplina e parecia querer vestir a camisa do time apenas para ter um *status* na faculdade. Não merecia estar jogando ao nosso lado e ao armar tudo isso apenas para amaciar o seu ego, só mostra como o seu lugar é bem longe das quadras de qualquer time.

— Não foi apenas para amaciar o meu ego! Eu queria mostrar para todo mundo que você não era tão comprometido quanto dizia ser, queria que pensassem que tinha enchido a cara às vésperas do jogo e passado a noite com uma mulher, assim, não jogaria ontem à noite e eu provaria que não precisávamos de você para nada, que o Bruins é muito mais do que Raymond King! E eu consegui, não foi? Nós vencemos, não precisamos de você.

— Nosso time nunca foi sobre apenas uma pessoa, seu filho da puta! Eu sou importante, assim como Ryan e Adrian também são, já você? Nossos melhores jogos foram com você fora da equipe! — Dylan acusou, deixando Logan furioso. — Nós conseguimos provar isso ontem, você não jogou nada, mas todos nós demos o sangue para vencer aquela partida, inclusive Harry, que precisou encarar como primeiro jogo como titular a semifinal da temporada de basquete. Sabe por quem fizemos isso? Por Raymond. Pois mesmo sem ele lá, foi pensando nele que nós jogamos, porque somos uma família, Logan! Uma família que você nunca fez questão de fazer parte.

— Mesmo armando para cima de mim, tudo o que conseguiu, foi apenas se afundar, Logan. Eu sinto pena de você. Deve ser horrível ser uma pessoa sem um pingo de caráter. Espero que pague pelo que fez e que aprenda um pouco com tudo isso que aconteceu.

Eu queria socar a cara dele até fazê-lo sangrar, mas percebi que não valeria a pena me sujar com alguém tão pequeno, por isso,

saí do seu caminho e deixei que o seu advogado o tirasse da minha frente. Emily foi logo atrás, ainda chorando e me pedindo desculpas, mas não me dignei a olhar para ela mais uma vez, porque a garota também era digna de pena. A única coisa que eu esperava, era que ela nunca passasse pelo que havia feito comigo.

Após o embate com os dois, precisei contar a minha versão dos fatos ao delegado, acompanhado pelo advogado, que me auxiliou em tudo. Por fim, ele conseguiu que eu tivesse acesso a todas as filmagens e pude ver de perto, ao lado de Dylan, meu pai e meu sogro, como Logan e a garota agiram. Ainda no restaurante do hotel, havia uma imagem clara de Logan colocando algo em minha bebida. Em poucos minutos depois que a ingeri, comecei a me sentir tonto e me despedi de todo mundo para ir para a minha suíte. Conseguia me lembrar de pouca coisa depois daquilo, mas as filmagens me ajudaram a preencher aquele espaço em branco na minha mente.

Caminhei até o elevador e tonteei várias vezes enquanto subia para o meu andar. Assim que desci e cheguei perto da porta, Emily estava lá. Eu quase caí e ela me amparou com bastante dificuldade, provavelmente, deve ter dito que iria me ajudar e isso me fez permitir que ela entrasse comigo na suíte. Minutos depois, Logan apareceu no corredor do nosso andar e abriu a porta do meu quarto, que só naquele momento eu vi que ficou encostada. Eles deviam ter planejado aquilo, deixar a porta aberta facilitaria que Logan pudesse entrar.

Após isso, vieram as filmagens do celular de Logan. Como Emily havia dito, ele filmou tudo e nunca pensei que eu ficaria tão aliviado por alguém ter gravado uma situação tão degradante como aquela, pois foi ali que eu entendi que nada mais havia acontecido. A garota realmente me despiu e fez aquela gravação com o próprio celular, beijando meu pescoço e descendo até o cós da cueca, depois disso, se levantou, colocou a própria roupa e saiu do foco da câmera de Logan. O babaca se aproximou de mim e me filmou, eu estava praticamente inconsciente, mal conseguindo deixar os olhos abertos. Então, a filmagem acabou e outra do corredor apareceu. Os dois saíram do quarto.

— Toda a ação durou pouco mais de seis minutos. No canto superior direito, você consegue ver o horário em que eles entraram e depois saíram do quarto — informou o delegado.

Eu me deixei cair contra o encosto da cadeira e respirei fundo, sentindo as mãos de Dylan, do meu pai e do pai de Chloe em meus ombros. Acho que eles tinham uma vaga ideia do que eu estava sentindo, mas só eu sabia o peso que havia saído do meu peito. Eu fui uma vítima daqueles dois, mas o fato de não terem ido além, me tranquilizava. Parte importante da minha dignidade havia se mantido intacta. O delegado continuou:

— Questionei ao Logan o porquê de ele ter decidido filmar toda a ação. Ele disse que queria guardar de recordação a noite em que conseguiu derrubar Raymond King. De certa forma, ele acabou criando uma prova contra si mesmo.

— Babaca arrogante — Dylan xingou.

Ele era mesmo, mas pelo menos aquela sua frieza e prepotência haviam servido para alguma coisa além de tentar me destruir.

Assim que fui liberado, decidi que deixaria tudo aquilo nas mãos do advogado da UCLA e focaria na final da temporada de basquete, que aconteceria na noite seguinte. Queria encontrar meus parceiros de time e treinar por horas para recuperar o tempo precioso que me foi tirado quando tudo aquilo aconteceu. Antes de ir para o treino, o técnico Brown me explicou que a psicóloga do time gostaria de falar comigo e eu concordei sem problema algum, sabendo que aquele era um procedimento padrão, mas tendo consciência de que buscar ajuda psicológica poderia me ajudar a digerir melhor todo aquele trauma. Conversaria sobre isso sobre Chloe, pois a opinião dela era muito importante para mim.

Foi ao pensar nela que decidi que colocaria em prática o plano que surgiu em minha mente ainda naquela madrugada, enquanto ela dormia nos meus braços na cama do hospital. A caminho do treino, peguei o meu celular e mandei uma mensagem para Kim.

Eu: Preciso muito da sua ajuda para fazer uma surpresa para Chloe. NÃO DEIXE QUE ELA VEJA ESSA MENSAGEM!

Kim: Pode contar comigo, cunhadinho. Do que você precisa?



Ainda naquela tarde, começou a rolar no Twitter boatos do que havia acontecido comigo. Não quis perder o meu tempo navegando na internet — que eu sabia que podia ser um lugar bem tóxico —, mas Dylan acabou comentando no vestiário que alguém publicou uma foto de Logan saindo da delegacia e que ele era o culpado pelo meu vídeo com Emily ter caído na internet. Logo começaram a comentar que fontes disseram que fui vítima do “Boa Noite, Cinderela” e o caos se instalou na rede social.

Decidi que eu não falaria sobre aquilo até a final da temporada. Meu foco estava em duas coisas naquele momento: meu time e a minha garota, que estava esperando um filho meu. Essa parte ainda era difícil de acreditar, em certos momentos eu tinha um estalo e me lembrava da gravidez, me dando conta de que era real e não um sonho, e aquilo me fazia rir. Ainda estava chocado, era verdade, mas estava feliz. Com certeza não estava nos meus planos ser pai agora — quem em sã consciência queria ter um bebê aos vinte e dois anos de idade? —, mas daria tudo certo. Eu assinaria com um grande time, Chloe trabalharia como escritora e poderia lançar os seus livros em qualquer lugar daquele país e seríamos pais incríveis para aquela criança.

Mais uma vez, me deparei com uma curva na linha reta que tracei tão milimetricamente para a minha vida. Meu foco e meu objetivo ainda estavam lá, mas eles já não estavam mais no topo das minhas prioridades. Uma garota irritadinha de 1,60m havia tomado o primeiro lugar.

Foi difícil passar aquela noite sozinho no quarto de hotel. Mantive todas as luzes acesas e mal consegui dormir, o que fez com que Chloe não dormisse também. Ela ficou acordada comigo por boa parte da madrugada, conversando por videochamada, mesmo estando claramente com os olhos pesados de sono. Acabou dormindo em certo momento e ouvir a sua respiração calma do

outro lado da tela me acalmou um pouco e me fez tirar uma soneca de pouco mais de três horas, que foi o suficiente para me fazer acordar com energia de sobra para malhar e treinar um pouco mais.

Precisamos focar bastante em Josh, o segundo reserva que jogava na antiga posição de Logan. Não seria fácil enfrentar o Kansas naquela final, eu sabia, mas não descansaria até levar aquele título para casa. Quebraríamos o jejum de vinte e sete anos sem vitória do UCLA Bruins.

Arrumei-me para o jogo no vestiário e respondi à todas as mensagens de boa sorte da minha família e de Chloe. Para Kim, enviei um texto pequeno agradecendo por toda a ajuda que me deu com a surpresa para Chloe e ela respondeu com um emoji de coração, mãos batendo palminhas, uma fogueira e um rosto cheio de lágrimas. Não sabia o aquilo queria dizer, mas logo me explicou falando que estava emocionada, muito feliz, e que esperava que Chloe e eu transássemos à noite toda. Foi bom gargalhar ao ler aquilo, me ajudou a liberar a tensão antes do jogo.

A partida começou e eu me desliguei de tudo a minha volta, como sempre fazia. Podia ouvir o público gritando o meu nome, provavelmente feliz por eu estar de volta, mas deixaria para agradecer depois. Naquele momento, meu corpo, minha mente e a minha alma estavam na quadra. O pivô do Kansas era um gigante de 2,06m que conseguiu fazer vários rebotes nas cestas que tentamos acertar, e nos impediu de começar o primeiro tempo com a vantagem. O Kansas estava com três pontos a mais que a gente, mas conseguimos igualar o placar faltando sete minutos para o fim do primeiro tempo. O técnico Brown pediu uma pausa de um minuto para poder falar com o time.

— Adrian, preciso que você foque mais no rebote contra eles, Josh, não tenha medo de se infiltrar entre os jogadores, esse é o seu papel, desestabilize-os! — O técnico Brown ordenou.

Eu podia imaginar como Josh estava nervoso, mas o garoto concordou furiosamente com a cabeça e pareceu ter levado o conselho do técnico a sério. Assim que a partida recomeçou, ele se infiltrou entre os jogadores do Kansas e conseguiu dar um rebote quando o ala deles lançou a bola em direção à cesta. O garoto quicou com a bola em direção a Dylan, jogando-a para ele, que

prestou assistência para mim e consegui acertar uma cesta de três pontos. Ryan, que já estava perto da trave, conseguiu pegar a bola antes que o ala pivô do Kansas tivesse a oportunidade e a lançou para Dylan, que fez mais uma cesta de três pontos, alavancando o nosso placar.

Pude ouvir os torcedores irem à loucura, o clima na quadra era surreal. Terminamos aquele primeiro tempo com 55 pontos contra 48 do Kansas. Éramos os melhores times daquela temporada, o jogo logicamente seria difícil, mas eu e os meninos sabíamos que não seria impossível.

O início do segundo tempo foi desgastante, o Kansas teve maior posse de bola e quase igualou o nosso placar, ficando atrás da gente com uma diferença mínima de dois pontos, mas eu decidi que lutaria com unhas e dentes para que não empatássemos. Como sentia que Josh estava dando o melhor que podia, mas que não tinha o mesmo nível técnico que todos nós, comecei a jogar por mim e por ele, fazendo o seu papel e me infiltrando entre os jogadores. Isso me permitiu pegar uma bola no ar quando o armador do Kansas a lançou para a cesta e prestar assistência para Ryan, que estava na linha de três pontos. Ele conseguiu aquela cesta para o nosso time e nos colocou com uma vantagem de cinco pontos contra o Kansas.

O time adversário tentou de tudo para igualar o placar conosco, deram o sangue, eu tinha que admitir, e quase conseguiram. Faltando um minuto para o fim da partida, eles conseguiram uma cesta de três pontos, ficando atrás da gente em um placar de 77 contra 75. Dylan e eu nos encaramos, sabendo que precisávamos abrir mais uma vantagem, ou poderíamos perder o jogo naquele momento, faltando segundos para o apito final. Quando o armador do Kansas voltou a ter a posse de bola e a lançou para a cesta, atrás da linha de três pontos, Dylan conseguiu um rebote praticamente em cima da trave e lançou a bola para Adrian, que a jogou para mim.

Lancei a bola para Josh, confiando nele para mantê-la em sua posse enquanto eu corria para o outro lado da quadra e ele foi ágil em me devolvê-la quando cheguei na linha de três pontos. A bola voou livremente e quando atingiu a cesta, faltando dez

segundos para o fim da partida, a arena pareceu ter vindo abaixo com a comemoração dos torcedores enlouquecidos. O apito soou e a vitória foi declarada.

O Bruins havia vencido.

Eu fiz aquilo ao lado do meu time, na presença da minha família, sob os olhos da minha garota, mesmo após tentarem me derrubar.

Dylan partiu para cima de mim e nós nos abraçamos com força, suados e quase sem respirar, sendo atacados pelos meninos do time, tanto os titulares quanto os reservas. Comemorei com eles, gritei e os abracei de volta, mas logo saí do meio da muvuca e deixei os meus olhos caírem sobre ela. Chloe chorava abraçada a Kim, que me fez um sinal com o polegar dando a entender que aquele era o momento perfeito e eu sabia que era. Ela se afastou da minha garota e eu me aproximei, vendo o seu sorriso emocionado.

Antes de chegar perto o suficiente para abraçá-la, eu estiquei a mão discretamente para Kim, aproveitando que alguns fotógrafos se aproximaram, e peguei a caixinha que pedi para que guardasse para mim. Assim que me ajoelhei aos pés de Chloe, sua boca se abriu em choque e suas mãos pressionaram o peito, em cima do coração.

— Baby...

Puta merda, o pessoal gritava tanto, que eu mal conseguia me ouvir. Vi Kim gritar e fazer um sinal para que parassem de fazer barulho, mas logo Dylan apareceu ao meu lado e me estendeu um microfone.

— Ray... Ai, meu Deus...

— Calma, não desmaie ainda, baby — pedi no microfone e ela colocou a mão na frente da boca, balançando a cabeça, incrédula. — Eu sei que você não gosta muito de ser o centro das atenções, mas eu não podia deixar de fazer isso aqui, na quadra de basquete, o lugar onde sempre conquistei as maiores alegrias da minha vida. Hoje, acima desse jogo, acima da carreira que vou construir, acima de qualquer coisa, é você que é a razão da minha felicidade, do pulsar do meu coração. Talvez você me ache um louco por estar prestes a fazer isso, provavelmente, vai querer me dar uns tapas, porque sei o quanto é irritadinha, mas eu quero correr

todos os riscos. Ao seu lado, eu quero viver tudo, Chloe, principalmente cada uma das etapas da nossa vida. Preciso saber se também quer viver essa aventura ao meu lado, meu bem. Você aceita se casar comigo?

Dei o microfone para Dylan e abri a caixinha com o solitário de diamante no centro. Não era a maior pedra do mundo, eu havia limpado a minha poupança e pedido emprestado uma grana para o meu melhor amigo para poder comprar aquele anel, mas era só o início do mundo que eu daria a Chloe. Era só o início das nossas vidas, se ela dissesse sim.

Sua cabeça se moveu para cima e para baixo freneticamente, enquanto ela ria e chorava. Acho que não conseguia falar, mas Kim enfiou o microfone perto da boca dela e a irritadinha finalmente conseguiu me dar a resposta que eu tanto queria ouvir:

— Não é por causa do bebê, não é?

Bom... Não era exatamente aquilo que eu esperava que fosse sair da sua boca.

— Que bebê? — Ouvi o pai de Chloe perguntar em um grito meio histérico e me ergui.

Poderia explicar tudo para ele depois, a única coisa que importava no momento, era que Chloe soubesse exatamente o que eu sentia. Tomei o rosto dela com uma mão e, olhando em seus olhos, expliquei:

— É por causa do amor que eu sinto por você. Pensei nesse pedido de casamento ainda no hospital, de madrugada, enquanto você dormia nos braços e permanecia ao meu lado no dia mais difícil da minha vida. Eu ainda nem sabia sobre o nosso bebê, irritadinha. Tudo isso aqui, é sobre você.

— Meu Deus, Ray... — Ela soluçou.

— Você ainda não me deu a sua resposta.

— Você ainda não entendeu? É claro que eu aceito! Eu aceitaria mil vezes, King!

Não quis saber de mais nada. Depois de ouvir aquilo, coloquei a aliança em seu dedo, a tomei em meus braços e a beijei profundamente, sob os aplausos frenéticos do público, da nossa família e o olhar meio assassino do seu pai.

Estava tudo bem, eu ia sobreviver.

43

"Estou pensando em como
As pessoas se apaixonam de maneiras misteriosas
Talvez apenas o toque de uma mão
Eu, me apaixono por você a cada dia"

THINKING OUT LOUD - ED SHEERAN



Chloe

Meu pai quase enfartou quando entendeu que eu realmente estava grávida.

Minha mãe e a mãe de Ray quase morreram de tanto chorar, o pai dele não sabia se ria ou se agarrava o filho, todo animado, e Eliot era a criança mais feliz da face da Terra. Quando Ray o pegou no colo e anunciou que ele seria uma espécie de irmão mais velho para o bebê, o garotinho mais fofo do mundo começou a chorar.

— Meu maior sonho é ter vários amigos, mas ter um irmão é muito mais do que ter vários amigos. Obrigado, tio Ray e tia Chloe. Eu estou muito feliz!

Eu já estava chorando por qualquer coisa, então, ouvir aquilo terminou de derreter o meu coração. Naquela noite após o jogo, jantamos todos juntos, inclusive com os meninos do time e suas respectivas famílias. Meu pai finalmente saiu do choque que a notícia da gravidez o causou — talvez a culpa tenha sido minha, mas ninguém poderia me julgar, meu cérebro deu pane no momento em que Ray se ajoelhou na minha frente — e deixou claro que

estava feliz por nós dois. Óbvio que deu um sermão para cima de Raymond, como o chato que era, mas Ray ouviu tudo calado e com respeito. Acho que ele já esperava por aquilo e estava preparado para o discurso do meu pai.

Após o jantar, Ray e eu tivemos a madrugada mais linda de todas. Acho que ele nunca me amou com tanta delicadeza e o brilho em seus olhos me deixou ainda mais apaixonada. Depois de tudo o que havia passado, estar daquele jeito com ele parecia um sonho. O fato de ter consciência que nada mais grave foi feito com o seu corpo enquanto esteve inconsciente, parecia ter tirado de Raymond a sombra que havia em seu olhar. Eu também estava aliviada, me doía pensar que ele poderia ter sofrido um abuso ainda maior.

Era preciso que o assédio e o abuso sexual contra os homens, fossem tratados com a mesma seriedade com que eram tratados os abusos contra as mulheres. Se muitas se calavam por medo da impunidade e do julgamento, com os homens, isso também acontecia. Eles podiam ser vítimas também, ainda que fosse em menor escala comparado ao que as mulheres sofriam diariamente.

Acho que Ray teve essa percepção, pois acabou conversando comigo, ainda naquela madrugada, sobre a decisão que tomou de contar o que havia acontecido com ele naquele fim de semana, sem expor completamente todos os detalhes. Eu o apoiei. Ele tinha uma grande visibilidade na internet, que eu tinha certeza de que apenas cresceria com o passar do tempo, então, era importante que emprestasse a sua voz para contar o seu relato e alertar as pessoas sobre aquela realidade que era tão pouco discutida.

Ele também me contou sobre a ideia de fazer terapia por um tempo e achei incrível que aquela iniciativa tivesse partido dele de forma tão natural. Um trauma como aquele precisava ser levado a sério e eu o apoiei totalmente.

Assim que voltamos para Los Angeles, o ajudei a gravar o vídeo e postar em suas redes sociais. Em poucas horas, percebemos como a internet poderia ser muito mais do que um canal onde se espalhava fofocas e intrigas sobre as pessoas. O vídeo de Ray viralizou e, dias depois, ele foi convidado por um

grande jornal esportivo para dar uma entrevista focada não apenas naquele assunto, mas em sua carreira e na sua expectativa para o *Draft*, que aconteceria em junho.

Foi interessante observar como Logan fez de tudo para derrubar Raymond por pura inveja e despeito, mas tudo o que conseguiu, foi o contrário. Enquanto ele foi expulso do time e da faculdade e agora estava respondendo por todos os crimes que cometeu — assim como Emily —, Ray se consolidou como o melhor atleta daquele ano, ganhando o prêmio *Naismith*. Seu nome estava no topo de todos os canais esportivos e ele era a maior aposta do *Draft* para aquele ano.

O tempo foi passando rápido demais. Todo final de semana tinha uma nova festa para comemorar a vitória do Bruins, mesmo a temporada tendo terminado há alguns meses. Foram vinte e sete anos sem um título, então, eu entendia os torcedores fanáticos. Geralmente, Dylan era quem organizava tudo, por isso, Ray e eu sempre dávamos um jeito de curtir um pouco a festa, mesmo com a minha barriga já começando a aparecer.

Era ela, inclusive, a responsável por eu estar ficando louca com todo o planejamento para o casamento. Não sabia que estilo de vestido de noiva escolher, só sabia que Ray e eu queríamos nos casar antes do bebê nascer.

— Ansiosa? — Raymond perguntou ao meu lado, colocando a mão em minha barriga.

Eu estava focada em procurar vestido de noiva na internet e demorei um pouco para entender sobre o que ele estava falando. Quando me lembrei de onde estávamos, meu coração deu um salto no peito.

— Sim. Mal consegui dormir essa noite, Ray.

— Mentirosa, você roncou o tempo todo.

— Você sabe que eu não ronco!

— Meus ouvidos sofrem, Chloe. Só eu sei o que eu passo.

— É mesmo? Então passe a dormir no sofá!

Ray riu mais alto do que era aceitável dentro de um consultório médico e uma moça muito grávida ergueu os olhos da revista de gestante para olhar para ele.

— Eu amo te deixar irritadinha desse jeito — sussurrou, passando o nariz em minha bochecha. — Estou brincando, baby.

— Claro que está, eu sei que não ronco.

— Mesmo se roncasse, eu não iria a lugar algum. Sou apaixonado assim por você.

— Para com isso. Você sabe que eu estou chorando por qualquer coisa — reclamei, já sentindo meus olhos ficarem marejados. Os hormônios estavam me deixando louca.

— Pode chorar de emoção agora, eu deixo. Mais tarde eu te faço chorar de tanto gozar.

— Chloe Davidson. — A recepcionista nos chamou e eu dei um empurrãozinho no ombro do meu noivo safado.

— Vamos logo, antes que você me faça entrar em combustão espontânea aqui.

Ray riu de mim e se levantou, caminhando ao meu lado até o consultório da Dra. Moyes. Após passarmos alguns minutos conversando, ela me pesou, receitou uma nova vitamina e apontou para a maca no canto da sua sala.

— Prontos para descobrirem se é menino ou menina? — perguntou assim que me deitei. Raymond parou ao meu lado e segurou a minha mão.

— Contanto que você continue a afirmar que é só uma criança, eu vou ficar feliz, doutora — falei. Não sabia o porquê, mas pensar em ter gêmeos me apavorava.

— Pode ficar tranquila, pela sua contagem de hormônio e após todas as ultras que fizemos, vocês com certeza estão esperando apenas um bebê.

— Não fique triste, irritadinha. Da próxima vez, eu acerto duas bolas na cesta. — Raymond piscou para mim, fazendo a médica rir. Meu Deus, ele era ridículo e eu o amava.

— Não vou nem te responder, King.

Ele riu e beijou a minha mão. Estávamos ansiosos para descobrir logo o sexo do neném. A doutora aplicou o gel em minha barriga e começou a movimentar o aparelho, até o bebê aparecer ali na tela. Eu já conseguia identificar a sua cabecinha, os bracinhos e as perninhas, que chutavam tudo de forma agitada. Ainda não tinha conseguido sentir seus movimentos, pois estava apenas com vinte

semanas — ou quatro meses, como Ray gostava de contar —, mas sabia que poderia acontecer a qualquer momento a partir de agora.

— Vamos ouvir o coração.

Era a minha parte favorita, sem dúvida. Toda vez eu chorava quando o som invadia o consultório e Ray não ficava atrás. Era a sinfonia mais linda que já tínhamos ouvido na vida. Observei Raymond ficar com os olhos cheios de lágrimas quando a Dra. Moyes liberou o áudio do coraçãozinho, que batia muito forte e acelerado.

— Olha só, temos aqui um bebê nada tímido.

— Puxou ao pai — Raymond declarou com orgulho. — Já dá para saber o que é?

— Sim. Preparados? — Nós dois concordamos com a cabeça, entusiasmados. A doutora sorriu. — Parabéns, vocês serão pais de uma menininha!

— Meu Deus, Ray, é uma garotinha! — Eu comecei a chorar como uma louca e Raymond riu, se abaixando para me beijar. Ainda bem que ele estava chorando junto comigo.

— Eu sabia, baby.

— Sabia nada, você nunca disse se era menino ou menina.

— É porque no fundo eu já sabia que era uma menina, mas se fosse menino, não ia querer que ele ficasse chateado comigo.

— Você é muito fofo, vai ser um pai tão incrível. Eu te amo.

— Você vai ser uma mãe maravilhosa e eu te amo muito mais, irritadinha.

Não podia acreditar que tudo aquilo realmente estava acontecendo. Nunca estive tão feliz em toda a minha vida.



Nossa formatura aconteceu em meado de junho, mas era para a noite do dia 23 que estávamos todos ansiosos. A noite de gala do *Draft* da NBA quase me fez ter uma síncope. Tentei ficar calma, porque não queria deixar Ray ainda mais nervoso, por mais que soubéssemos que ele era o favorito daquela noite.

Pelo sorteio do *Draft* realizado em maio, o primeiro time a escolher o seu jogador seria o Minnesota Timberwolves. Eu não

entendia muito bem como funcionava aquele sorteio, mas Ray me explicou que os 14 times que não seguiram para os *playoffs* na temporada regular de basquete da NBA, tinham a chance, através desse sorteio, de escolherem primeiro os seus jogadores na noite do *Draft*, assim, eles podiam ter a chance de fazer uma boa campanha na próxima temporada de basquete, tendo em seu *casting* um dos jogadores mais disputados.

Na minha cabeça, aquilo não funcionava muito bem. Como você daria de bandeja o melhor jogador para o pior time? Foi então que Ray abriu os meus olhos, pois nenhum time da NBA poderia ser considerado pior e, sim, o que estava fazendo uma campanha ruim naquele ano. E o fato de assinar um contrato com qualquer um deles, abriria muitas portas para o jogador em questão, que poderia receber uma contraproposta na próxima temporada e ir para um time que estivesse no topo.

Era tão leiga em tudo aquilo, que quando Raymond me disse que sua vida — ou melhor, a *nossa* vida — iria mudar, achei que estivesse falando apenas sobre a possibilidade de mudarmos de estado e não sobre o fato de que ele se tornaria um milionário da noite para o dia. Se realmente fosse a primeira escolha do *Draft* daquele ano — o que eu sabia que seria —, seu salário base seria de algo em torno de quatro milhões de dólares por ano. Eu quase caí para trás quando soube. E dependendo da campanha que fizesse na sua primeira temporada, aquele valor não seria nada perto do montante que ele poderia ganhar.

O Los Angeles Lakers era o maior sonho de Ray e acabou se tornando o meu também, porque, além de ser um dos maiores times da liga, ao assinar com eles, nós continuaríamos a morar em Los Angeles, a poucas horas dos nossos pais. Infelizmente — ou felizmente, dependendo do ponto de vista —, por ter feito uma campanha incrível no ano interior, o LAL ficou com uma das últimas posições na escolha do *Draft* daquele ano e Ray com certeza não conseguiria assinar com eles, mas tudo bem. Nós sabíamos que faria parte do processo ele jogar por algum outro time antes de vestir a camisa dos seus sonhos.

Por isso, quando ele foi a primeira escolha do Minnesota, eu comecei a chorar copiosamente, cheia de orgulho dele. Ao meu

lado, Cameron me abraçou com força, enquanto Rob agarrava Ray, cheio de orgulho do filho. Ele se levantou e me deu um beijo antes de seguir até o palco, todo lindo vestido em um terno de três peças. Ray estava começando a realizar o seu maior sonho e eu me sentia tão grata por fazer parte daquele momento com ele. Acariciei a minha barriga enquanto o via apertar as mãos de homens importantes no palco, que eu sequer sabia o nome, mas que tinha certeza de que mudariam a vida do cara que eu mais amava no mundo.

Dylan foi a segunda escolha daquela noite, pelo Golden State Warriors.

Depois daquele momento mágico, o nosso foco foi direcionado para o nosso casamento e eu senti que poderia enlouquecer com todos os detalhes. Além de planejar a cerimônia e a festa, Ray e eu precisamos viajar para Minnesota para encontrar uma casa para morarmos. Eu estava com um frio imenso na barriga, pensando em como daria conta de tudo estando tão longe dos nossos pais, mas minha mãe e minha sogra foram incríveis e se dispuseram a passar o primeiro mês do nascimento da nossa bebê conosco. Aquilo me deixou mais tranquila, principalmente depois que fechamos o contrato da casa pela qual nos apaixonamos em Minnesota.

Eu sabia que, naquele momento louco da nossa vida, seria Ray que seguraria as pontas com as despesas, mas coloquei em minha cabeça que também realizaria o meu maior sonho, que era publicar o meu livro. Provavelmente eu não me tornaria uma milionária da noite para o dia como Raymond, mas nada era impossível. A cada tempinho que eu tinha, me dedicava ao livro e consegui finalizá-lo semanas antes do nosso casamento, que seria em novembro. Praticamente um ano depois daquele almoço de Ação de Graças que mudou a nossa vida. Assim que coloquei o ponto final naquela história, decidi deixá-la guardada só por um tempinho, porque, primeiro, eu queria viver um dos capítulos mais importantes da minha vida pessoal, antes de embarcar na profissional.

Nosso casamento aconteceu no dia 26 de novembro, em um sábado à tarde e foi um dos dias mais felizes da minha vida. Eu

estava com uma barriga imensa, era difícil ficar muito tempo em pé, mas nada atrapalhou o meu caminho até o altar, nem a minha alegria ao ouvir os votos de Ray ou o momento em que começamos a dançar juntos, com o sol se pondo no horizonte. Ele estava lindo usando uma camisa social azul-clara e uma calça cinza chumbo, tão emocionado quanto eu enquanto a banda que contratamos cantava *Thinking Out Loud*, do Ed Sheeran.

— Você está feliz, irritadinha?

Ray havia me feito aquela mesma pergunta quando me pediu em namoro em Las Vegas. Desde então, eu nunca tive um único motivo para dar a ele uma resposta diferente.

— Como nunca estive em toda a minha vida. — Um sorriso enorme se abriu em seus lábios. Acho que ele se lembrou daquela noite, assim como eu. — Você está feliz, Ray?

— Nunca senti nada parecido com o que estou sentindo agora. Felicidade é muito pouco, baby.

Eu sorri, emocionada, e respirei fundo, sabendo que aquela calmaria toda terminaria assim que eu contasse o que estava acontecendo comigo naquele momento.

— Acho que você vai ter um motivo para ficar mais feliz ainda.

— É mesmo? Que motivo seria esse?

— Minha bolsa acabou de estourar. Nossa filha vai nascer, Ray.



Raymond quase desmaiou a caminho do hospital, os convidados ficaram atordoados, Dylan estourou um champanhe e foi bebendo no gargalo, sendo obrigado por um segurança do hospital a jogar a garrafa no lixo antes de entrar — isso eu soube depois do parto — e minha mãe brigou com o enfermeiro porque queria assistir ao nascimento da sua primeira neta. Provavelmente, os funcionários do hospital nunca viram nada parecido com aquele caos que se formou ali, mas tudo bem. Aquela era a minha família e eu sabia que eles estavam ali por mim, pelo meu marido e pela nossa filha.

Lizzie King nasceu às dez e trinta e cinco da noite do dia 26 de novembro.

Ela era a bebê mais linda do mundo. Com uma penugem clara na cabeça e os olhos de uma cor ainda indefinida, eu percebi que fui apenas a hospedeira, porque ela era a cara de Raymond. Notar aquilo só me fez amá-lo ainda mais, nem consegui sentir ciúmes, porque pelo menos a nossa filha não tinha nascido com carinha de joelho. Depois de amamentar pela primeira vez — e surtar um pouco porque doeu pra cacete —, eu apaguei e, ao despertar, tive o vislumbre da cena mais linda do mundo, que eu guardaria para sempre em meu coração.

Ray estava com Lizzie no colo, cantando baixinho para ela, que dormia muito tranquila. Nossa filha parecia uma trouxinha rosa entre os seus braços enormes e eu não consegui impedir que as lágrimas enchessem os meus olhos. Ainda conseguia me lembrar de quando sonhava em viver uma comédia romântica e percebi que Ray havia me dado exatamente aquilo.

Ele me deu uma história de amor. A mais bonita de todas. A que eu viveria até o dia em que fechasse os meus olhos pela última vez, grata por ter partilhado aquela aventura incrível ao lado dele.

EPÍLOGO

"Querida, segure minha mão
Seja a minha garota, serei seu homem
Eu vejo meu futuro em seus olhos"

PERFECT - ED SHEERAN

Raymond

— Será que você poderia nos dar um autógrafo? Desculpa pelo livro estar um pouco babado, mas é que você tem uma fã muito especial bem aqui.

Apontei para Lizzie em meu colo, que tentava tomar para si com as mãozinhas molhadas de saliva o livro que eu segurava. A autora mais linda do mundo me deu um sorriso que fez com que o meu coração disparasse no peito.

— Claro que sim. Que nome eu escrevo na dedicatória?

— Para os meus maiores fãs, Lizzie e Raymond King. — Tampei a orelha da minha filha e me inclinei para a autora. — O dono do pau que se tornou o sonho de consumo de milhões de leitoras ao redor do mundo.

Chloe gargalhou e suas bochechas ficaram vermelhas, mas eu não pude evitar. Estávamos em uma livraria no coração da *Times Square*, em Nova York, e a fila para a sua primeira sessão de autógrafos estava virando o quarteirão. *Best Mistake*, seu livro de estreia, baseado na nossa história, se transformou em um sucesso

de vendas ainda no primeiro mês de lançamento, em sua versão digital. Chloe o jogou para o mundo — suas palavras — quando Lizzie completou quatro meses de vida, e agora, pouco mais de um ano depois, ela havia assinado contrato com uma das maiores editoras do país.

Sempre soube que a minha garota era uma escritora fantástica e todo esse sucesso não me surpreendia. Eu tinha certeza de que ela ganharia o mundo fazendo o que mais amava.

— *Mama!* — Lizzie chamou pela mãe, abrindo e fechando as mãozinhas, e Chloe se levantou para dar um beijo estalado na bochecha dela.

— Mamãe promete que daqui a pouco vai ficar agarrada o tempo todo com você, ok?

Lizzie concordou com a cabeça, mesmo não tendo entendido nada. Ela estava se comunicando cada vez mais, mas nem sempre com os gestos certos, por isso, dei um beijo longo em Chloe e me afastei para mostrar a Lizzie alguns livros e distraí-la. Minutos depois, a sessão de autógrafos começou e Chloe passou as próximas três horas conversando com leitores, tirando fotos, e rabiscando livros até a sua mão cair.

Até eu me tornei alvo das suas leitoras. Deixei Lizzie aos cuidados da minha mãe e tirei foto com a maioria delas, assinando um livro ou outro quando pediam. Eu sabia que agora, tanto eu quanto Chloe estaríamos ainda mais em evidência, porque a minha garota se tornou mais ativa nas redes sociais. Por conta do sucesso do livro, Chloe percebeu que a melhor forma de estar perto dos seus leitores, era através da internet, então, deixou de ser uma figurante nas redes e se tornou a estrela principal.

Já eu, havia acabado de assinar com o Los Angeles Lakers e seria anunciado oficialmente dali a dois dias. Como se isso não fosse o suficiente, Dylan também assinou com o time e voltaríamos a jogar juntos, como a dupla imbatível que éramos. Eu não podia estar mais feliz — e rico, muito rico. Eu ainda não acreditava que ganharia mais de trinta milhões de dólares em uma única temporada, mas estava fazendo o melhor uso possível de todo aquele dinheiro.

Havia comprado uma mansão incrível para os meus pais, toda adaptada para Eliot, do jeito que sempre sonhei. Agora, meu sobrinho tinha a melhor qualidade de vida possível, recebia os melhores tratamentos médicos e, em breve, começaríamos a estudar o caminho mais viável para que ele começasse a jogar basquete paraolímpico. Se aquele era o sonho da sua vida, eu faria o impossível para que realizasse.

Também comprei uma casa nova para os meus sogros, ao lado da casa dos meus pais. Na verdade, agora, todos nós éramos vizinhos, assim como Dylan, que havia pedido Kim em casamento e agora morava em uma mansão a poucos minutos da minha nova casa. Éramos uma família enorme e eu nunca imaginei que poderia ser tão feliz.

Às vezes, eu pensava na minha irmã e em tudo o que eu poderia ter dado a ela, caso estivesse viva. Lilly poderia ter sido o que quisesse, inclusive uma estilista, que era o seu maior sonho. Esperava que ela estivesse em paz e feliz por ver que Eliot estava bem e que era muito amado.

Após a sessão de autógrafos, nos reunimos para jantar e foi uma algazarra, para a alegria de Lizzie. Ela não saía do colo de Eliot, ele era a sua pessoa favorita no mundo, e se divertia muito com ele e com Olivia. Aqueles dois eram inseparáveis.

— Eu gostaria de falar uma coisa bem rapidinho — Chloe disse, se levantando.

— Por favor, não diga que está grávida! — Dylan brincou e eu quase me engasguei com o champanhe.

— Você está grávida, amor?

— Não! Você vai cair mesmo na pilha do Dylan? — Chloe riu e eu respirei um pouco mais aliviado.

Queria ter mais filhos, mas não naquele momento. Lizzie ainda era muito pequena e havia poucos meses que estava dormindo sozinha em seu quarto. Chloe e eu merecíamos uma lua de mel de no mínimo cinco anos.

— Eu só queria agradecer a cada um de vocês por terem me apoiado tanto e por estarem ao meu lado nesse momento tão importante. Desde menina eu sonhava com esse dia em específico, minha primeira sessão de autógrafos, mas nem nos meus

momentos mais loucos eu achava que seria dessa forma tão incrível, com uma fila gigantesca de leitores e tanta gente que eu amo ao meu lado. Quero agradecer em especial a minha melhor amiga, por sempre ter sonhado comigo e nunca ter soltado a minha mão e ao meu marido, por ter entrado na minha vida da forma mais louca possível e ter me inspirado para escrever a história mais linda do mundo.

Eu me levantei e a puxei para os meus braços, secando as lágrimas de emoção que escorriam pela sua bochecha e dando um beijo na sua boca.

— Você é incrível, irritadinha. Merece todo o sucesso do mundo. Vou te amar para sempre — sussurrei para que apenas ela ouvisse.

— Eu vou te amar para sempre.

Assim que nos afastamos e voltamos a nos sentar, Kim se levantou. Achei que ela faria algum daqueles seus discursos bobos, mas a minha cunhada — era oficial, eu só conseguia vê-la daquela forma — virou a taça de champanhe de uma só vez e anunciou:

— Essa é a última vez que eu bebo pelos próximos... Quanto tempo a gente tem que ficar sem beber mesmo? — Ela perguntou baixinho para Chloe e eu não entendi nada.

— Quinze meses. No seu caso, quatorze.

— Minha nossa, eu não sabia disso! — Kim arregalou os olhos, por fim, limpou a garganta: — Pelos próximos quatorze meses.

— Como assim, princesa? Por quê? — Dylan perguntou.

Kim olhou para ele, depois para os seus pais, que estavam presentes naquela noite. Os pais de Dylan estavam viajando e não puderam comparecer. Então, ela voltou a olhar para o meu melhor amigo.

— Porque eu estou grávida! Parabéns, meu amor, você vai ser papai!

Dylan desmaiou. Todos à mesa gritaram e eu comecei a rir, indo até ele para tentar despertar o pobre homem que se tornaria pai antes dos 30. Pelo menos ele não estaria sozinho, éramos uma família e eu teria o maior prazer do mundo em o ensinar a trocar fraldas.

Não perderia aquela oportunidade por nada.

AGRADECIMENTOS

Um minuto de silêncio para rirmos do Dylan, que vai entrar para a estatística de jovens que se tornaram pais na adolescência! Hahaha. Espero que ele se saia bem nesse papel tão importante.

Quero agradecer primeiramente a Deus por ter me permitido finalizar mais um livro. Chloe e Raymond surgiram de repente e viraram o meu mundo de cabeça baixo. Sou muito grata por ter sido a escolhida para dar voz a eles e a Eliot (meu personagem favorito, ninguém toca no meu bebê).

Quero agradecer também a minha mãe e a minha família por todo o apoio de sempre, a Luana, minha melhor amiga, que sempre vibra comigo e tanto me ajudou nesse lançamento.

Minhas parceiras, parte do sucesso desse livro é por causa de vocês! Obrigada por terem se dedicado tanto e se apaixonado por esses personagens junto comigo.

Bruna Pallazzo, o que eu faria da minha vida sem você? Obrigada por ser essa amiga de milhões, por ter me ajudado tanto, me apoiado na construção de cada detalhe dessa história e por ser cadelinha do Ray comigo.

A você que chegou até aqui, muito, muito, muito obrigada. Espero que tenha rido, se apaixonado, chorado (não disse por onde) e que queira compartilhar a história de amor do nosso reizinho e a sua irritadinha pelo mundo.

Beijos e até a próxima!

NOTA DA AUTORA

Olá, leitoras (os) lindas (os) do meu coração.

Estou fazendo essa segunda nota da autora para falar sobre algo muito importante, que foi abordado no livro: a vacinação.

Você sabia que a taxa de imunização infantil vem sofrendo uma grande queda? O ideal, é que a cobertura vacinal esteja acima dos 90%, no entanto, no último ano a porcentagem foi de 60,7%, segundo informações do DATASUS do Ministério da Saúde.

Sendo assim, doenças até então erradicadas como **sarampo** e **poliomielite** correm o risco de voltar a afetar as nossas crianças por falta da imunização.

Vimos com Eliot como a poliomielite pode deixar sequelas graves — em alguns casos, pode levar ao óbito. Uma doença que poderia ter sido evitada se Eliot tivesse recebido algo muito simples e, no caso do Brasil, acessível e gratuito: a vacina.

Vacinem as suas crianças e se vacinem também! Com a pandemia de COVID-19 tivemos um exemplo claro e real de como as vacinas salvam.

Cuidem de si mesmos e de todos a sua volta.

Um enorme beijo, Tamires Barcellos.

Não esqueça de avaliar.

Sua opinião é muito importante para mim e para aquele leitor que está pensando em baixar o livro. Já estou ansiosa para saber a sua opinião, só cuidado com os spoilers.

Achou algum errinho de revisão durante a leitura? Reporte à Amazon ou me mande uma mensagem em minhas redes sociais.

Siga-me nas redes sociais.

Vou adorar conversar com você! Siga-me e me mande uma mensagem!

Instagram
Wattpad
Facebook



Compre aqui

A Chama Entre Nós – FW 1

Criado desde os cinco anos de idade por Bruce Harlow, o Vice-Presidente dos Flame Wolves MC, Damon Christ cresceu aprendendo a amar, proteger e lutar pelo moto-clube que o acolheu quando ainda era uma criança. Sua lealdade para com o *patch* que carregava era inabalável, só não era maior do que uma única coisa: o seu amor por Madison, filha de Bruce.

Dez anos mais nova do que ele, Damon viu Maddy nascer e se tornou o seu protetor e melhor amigo. O sentimento genuíno que nutriam um pelo outro servia de porto seguro para a vida violenta que Damon levava dentro do moto-clube e era na companhia de Madison que ele conseguia encontrar o seu equilíbrio, até começar a perceber que o amor que sentia pela princesinha dos Flame Wolves estava se transformando em um sentimento proibido.

Dividido entre a culpa por estar apaixonado pela filha do homem que considerava como seu pai de coração e o desejo de assumir o que verdadeiramente sentia por Madison, Damon se vê acorrentado pelo medo de perder as duas coisas que mais importavam em sua vida: o clube e sua garota.

Quando uma onda de ataques ao MC se inicia e uma guerra se instaura entre os Flame Wolves e seus inimigos, Damon tem sua lealdade posta em prova e se vê prestes a lutar a maior batalha da sua vida, da qual tinha certeza de apenas uma coisa: ele sairia como um vencedor pelo clube e pela sua garota. Ou morreria tentando.

- "A Chama Entre Nós" é o primeiro livro da série Flame Wolves MC. Cada livro contará a história de um casal, no entanto, é aconselhável que leia na ordem de lançamento;

- A história contém linguagem gráfica de violência, sexo e palavras de baixo calão. Não recomendada para menores de 18 anos;

- Leia a nota da autora no início do e-book.



Compre aqui

Chamas na Escuridão – FW 2

Christian Wolf foi criado pelo seu pai para se tornar o Prez dos Flame Wolves MC, perdendo boa parte da sua infância para a violência e sendo moldado para lidar e exterminar qualquer tipo de ameaça que pudesse colocar o seu clube em risco. Convicto de que sabia exatamente como seria o seu futuro, Christian vivia para proteger o seu MC, seus irmãos de patch, sua avó e Connor, seu irmão caçula, até Maya Cooper aparecer em sua vida e despertar sentimentos que ele não sabia e não queria lidar.

Mesmo sabendo que poderia ser um risco se envolver com qualquer pessoa próxima aos Flame Wolves, Maya não consegue se afastar de Connor, seu melhor amigo da faculdade. E, em um piscar de olhos, o que era para ser apenas uma amizade entre ela e o caçula dos Wolf, se transforma em uma teia quando ela se vê dentro do moto-clube, próxima de todos os irmãos e, principalmente, de Christian, o Vice-Presidente do MC.

Christian não queria romance e Maya também não, no entanto, o desejo intenso que começa a os envolver se torna mais forte do que tudo e logo se transforma em uma paixão avassaladora e incontrolável, que poderia ser vivida intensamente se Maya não carregasse um segredo que pode transformá-la em uma traidora perante o moto-clube.

Em meio a uma guerra travada entre os clubes rivais, segredos do passado que podem destruir tudo o que conhecem e a iminência de uma traição, seria o amor de Christian e Maya forte o bastante para resistir?

É chegada a hora do MC travar mais uma batalha, onde a vitória pode custar um preço mais alto do que qualquer um poderia

imaginar.

- "Chamas na Escuridão " é o segundo livro da série Flame Wolves MC. Cada livro contará a história de um casal, no entanto, é aconselhável que leia na ordem de lançamento;

- A história contém linguagem gráfica de violência, sexo e palavras de baixo calão. Não recomendada para menores de 18 anos;

- Leia a nota da autora no início do e-book e atente-se aos gatilhos.



Compre aqui

À Sua Espera

Dono de uma das maiores fazendas de criação de cavalos do Brasil, Ramon Baldez estava acostumado a comandar o seu império com punhos de ferro. Reconhecido como um profissional sério e respeitado, pensava que tinha todos os âmbitos da sua vida sob controle, até descobrir que o seu sócio, Abraão Rodrigues, havia sofrido um grave acidente de carro.

Com o sócio em coma, Ramon se vê diante de um enorme dilema: tomar para si a responsabilidade de lidar com Gabriela, a filha de Abraão, que se vê sem o pai, seu único parente vivo. Sabendo que não poderia dar às costas para a jovem de dezenove anos, ele a acolhe em sua fazenda, enquanto Abraão está em estado grave no hospital.

Ramon acreditava que cumpriria o papel de amigo da família ao estar ao lado de Gabriela naquele momento tão difícil para a menina. O que ele não poderia imaginar era que, ao assumir a responsabilidade de cuidar dela, iria descobrir que esteve durante toda a sua vida à espera de conhecê-la, para encontrar o seu verdadeiro amor.

Mas como ele poderia aceitar que estava perdidamente apaixonado por uma menina? Seria ele capaz de se entregar a esse sentimento, sendo quase dezenove anos mais velho do que ela.

E o mais importante: conseguiria lidar com o fato de Gabriela reascender um passado que, para ele, já estava enterrado?

Ramon irá descobrir que, às vezes, a vida toma caminhos inexplicáveis para juntar dois corações que se amam.



Compre aqui

Todas as Suas Cores

Advogado renomado e muito conhecido no território nacional, Caio Alcântara leva uma vida sem complicações. Acostumado a enxergar o lado bom e simples de tudo, tem como lema aproveitar cada oportunidade que a vida estiver disposta a lhe dar e isso reflete, também, no modo como enxerga as pessoas ao seu redor.

Ao perceber que o seu melhor amigo está apaixonado, mas que não quer dar o braço a torcer por conta de segredos do passado, Caio coloca na cabeça que fará de tudo para que ele não perca a oportunidade de se entregar a esse sentimento. É então que, por um acaso do destino, seu caminho se cruza com o de Luna, uma jovem cheia de vida, que começa a despertar a sua curiosidade.

O que era para ser apenas uma conversa para armarem um presente surpresa para a mulher por quem o seu melhor amigo está apaixonado, se transforma em algo mais, depois que Caio presencia uma conversa em que Luna deixa bem claro que o vê como algo além do advogado e amigo do patrão da sua mãe.

Conhecido por nunca deixar de lado algo que desperte a sua atenção e o seu sorriso, Caio se aproxima de Luna e uma grande amizade nasce entre eles, mas ele logo perceberá que o seu coração clama por algo mais e fará de tudo para conquistar a menina de cabelos coloridos, olhar intenso e personalidade forte, que esconde parte da sua alma por trás de todas as suas cores.



Compre aqui

Rage

Amber Bloom só tem um objetivo na vida: destruir o seu pai.

Filha de um dos empresários mais prestigiados e ricos do mundo, Amber foi criada sob regras rígidas, consciente de que seu futuro estava nas mãos de seu pai, um homem frio e arrogante, que nunca fez questão de lhe demonstrar carinho ou afeto.

No entanto, quando começa a desconfiar de que a fortuna e o poder de seu pai não são provenientes apenas da empresa que havia fundado décadas atrás, Amber decide começar a investigá-lo e o que o descobre a faz conhecer um homem que desperta e rouba completamente o seu coração.

Rage só tem uma coisa em mente: matar o homem que é obrigado a chamar de Mestre.

Sequestrado ainda na infância e jogado em um quarto escuro, Rage vê sua vida passar em meio a torturas, enquanto é obrigado a se submeter a um homem que o humilha de todas as formas. Completamente destruído, sem saber há quantos anos está preso, ele só pensa em uma coisa, matar o Mestre. As consequências que encararia depois não lhe faria a mínima diferença; ele não se importava, pois sabia que já estava morto por dentro.

Pelo menos era o que pensava, até uma mulher com olhos de anjo aparecer em seu caminho.

A vida une uma alma corrompida pela maldade humana a uma alma com sede de justiça e o amor nasce entre eles.

Mas seria o amor forte o suficiente para derrotar um inimigo impiedoso, que fará de tudo para destruí-los?

- "Rage" é um romance dark;
- Contém cenas sensíveis como violência e estupro sem romantização;
- Proibido para menores de 18 anos.



Compre aqui

A Morte de um Solteirão

Gosto de pensar que sou um homem livre, um verdadeiro solteirão e nada nunca abalou essa minha convicção. Veja bem, aos trinta anos, bem-sucedido, com tempo livre para sair, curtir e transar, a palavra “relacionamento” pode ser tão fria quanto um *iceberg* ou tão ruim quanto a própria morte.

Sem contar que, sabemos, romance, amor e paixão, são verdadeiras baboseiras. Um casamento é muito lindo na hora do sim, mas, depois do sim? A palavra “divórcio” brilha tão forte quanto o sol no verão do Rio de Janeiro. Sem contar as traições, que, convenhamos, não existiriam se as pessoas não se escondessem atrás de um amor falso.

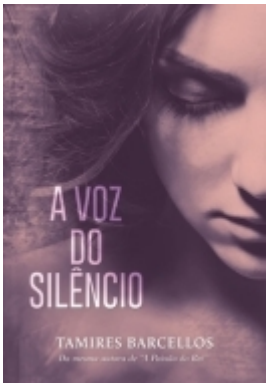
É por isso que sou totalmente contra a qualquer tipo de relacionamento sério. Sexo é muito bom, mas fica melhor ainda quando se pode ir embora na manhã seguinte sem ressentimentos ou cobranças. Foi para isso que nasci — sim, *nasci*, pois se falar que fui *criado* para isso, *mamma* me corta a cabeça — e estava muito bem com a minha vidinha do jeito que era, até Alice Carvalho aparecer em meu caminho e me desestabilizar completamente. Nem se eu pudesse, conseguiria explicar o que senti quando a vi pela primeira vez e quando, inesperadamente, ela reapareceu em minha vida.

Por isso, soube que precisava tê-la em minha cama, mas ela disse “não”. E persistiu no “não”. Mas eu estava louco para ouvir um “sim” e, em meio ao desespero, fiz algo impensável: prometi a ela que, se aceitasse ficar comigo, poderíamos passar um tempo tendo

sexo casual, sem nos envolvermos com outra pessoa. “Ficantes fixos”, nomeei.

Não, não era um relacionamento. Não tinha nada de romantismo. Era apenas dois adultos se encontrando algumas vezes por semana para fazerem sexo. Mesmo assim, nunca pensei que essa inocente proposta poderia promover uma morte...

A *minha* morte. A morte de um solteirão.



Compre aqui

A Voz do Silêncio

A vida simples que Marina Alencar levava sendo professora, muda drasticamente em uma tarde que deveria ter sido normal como todas as outras. Ao ser atropelada, Marina é socorrida por um homem que havia testemunhado o acidente. Mas ele não era um homem comum.

Alto, bonito e com lindos olhos azuis, ele era encantador. Bem-humorado e com um coração enorme, o homem que a ajudou no momento em que ela mais precisou, acabou se tornando o centro do seu mundo.

Apaixonar-se por ele foi inevitável, assim como entregar o seu coração em suas mãos e confiar em cada uma de suas palavras.

Marina nunca acreditou em contos de fadas, mas quando se viu vivendo um, achou que príncipes encantados realmente existiam.

Mas quando o amor começa a ser sufocado pela dor e pelo medo, tudo muda de figura e resta apenas o silêncio.

Um silêncio ensurdecedor.

Um silêncio que precisa ser ouvido.



Compre aqui

O Astro Pornô

Emma Glislow é uma mulher de vinte e dois anos. Cursa faculdade de odontologia, ama ler e é apaixonada por seu noivo, Frederick. Tudo em sua vida sempre foi perfeito e em ordem, até que seu noivo a trai de forma descarada.

Seu mundo magnífico é destruído em um segundo, enquanto ela passa uma semana inteira trancada no quarto, sem falar ou ver ninguém.

Quando finalmente resolve sair da fossa, uma noite de bebedeira e balada com sua melhor amiga parecia ser o lance perfeito para tirar da cabeça, a cena de seu noivo trepando com uma vadia.

Mas o que ela não sabia, era que em meio a essa noite super divertida, uma proposta lhe seria feita e em meio a todas as tequilas e margaritas ingeridas por ela e sua amiga, ela aceitaria e assinaria um contrato.

O contrato que a colocaria de cara com o maior astro pornográfico do momento.



Compre aqui

A Paixão do Rei

O misterioso Dominick Andrigheto Domaschesky, Príncipe de Orleandy, país que se estende por boa parte da Europa, se vê diante do trono de Rei muito mais cedo do que gostaria.

Com o falecimento de seu pai, o Rei Patrick, Dominick com seus trinta anos de idade, assume o reinado como principal sucessor ao trono. Se sentia preparado e firme para assumir o poder, seu pai o havia preparado para aquilo e ser Rei já estava em seu sangue.

Se sentia confiante para tudo, menos para o que seus conselheiros lhe propuseram: achar a Rainha ideal.

Totalmente adverso a relacionamentos, Dominick tinha colocado em sua cabeça que jamais se casaria. Tinha gostos diferentes, não tinha paciência para cortejar uma mulher fora da cama e ao menos pensava em colocar uma aliança no dedo, mas, segundo a filosofia de seu pai, "um Rei não é nada perante a sociedade, sem uma Rainha ao seu lado".

Com tudo conspirando contra seu favor, Dominick chega à conclusão de que sim, iria se casar, mas seria do seu jeito. Com a ajuda de seu melhor amigo e conselheiro, Dimir, ele entra em um mundo diferente, desaparece por algumas semanas e volta com a Rainha perfeita ao seu lado.

Kiara Neumann era uma mulher sem opções na vida. Em um dia não tinha nada, não tinha uma história para contar e nem um futuro para imaginar. No outro, havia se tornado noiva do Rei de Orleandy e era amada e ovacionada por todo um povo que amava seu país.

Mas como ela era noiva se ao menos se lembrava de sua vida? Poderia confiar na palavra de Dominick, que não fazia a mínima questão de ser cortês com ela? Como poderia se casar se ao menos o amava? Ou melhor... Seria ela capaz de amar um homem tão frio quanto aquele Rei? Em meio a segredos, sedução e todo um reino a ser comandando, Dominick seria capaz de se apaixonar por sua doce esposa? Talvez sim, mas se segredos do passado começassem a rondar o casal, o mundo frágil de contos de fadas seria abalado para sempre.

---

[1] Reviravolta inesperada no enredo de um livro, filme, série, etc.

[2] Universidade da Califórnia em Los Angeles.

[3] National Collegiate Athletic Association – entidade máxima dos esportes universitários nos EUA, responsável por organizar e gerenciar competições regionais e nacionais entre as universidades.

[4] Também chamada de pólio ou paralisia infantil, é uma doença contagiosa aguda causada por um vírus que vive no intestino, chamado poliovírus, que pode infectar crianças e adultos por meio do contato direto com fezes ou com secreções eliminadas pela boca das pessoas infectadas e provocar ou não paralisia.

[5] Previsão de estreia para Maio/2022.

[6] Terceiro ano da faculdade.

[7] Conferência do Pacífico-12 (inicialmente conhecida como Pacific Coast Conference – PCC), é uma conferência da Primeira Divisão da NCAA e é subdividida entre Divisão Norte e Divisão Sul.

[8] “Loucuras de Março”, mês em que acontece o ápice da temporada de basquete universitário nos EUA.

[9] “Flame Wolves MC” é uma série de moto-clube da autora Tamires Barcellos.

[10] Maior estrada costeira da Califórnia.

[11] “Queima lenta”, quando os protagonistas demoram para se envolver, gerando tensão sexual.

[12] Em altas doses, o chá de canela pode causar irritação da mucosa e presença anormal de sangue na urina. Ele também está relacionado com abortos, portanto, não é recomendado durante a gravidez, apesar do efeito abortivo da canela ainda ser discutido.

[13] Cubinho de pão torrado, utilizado para acompanhar sopas e saladas.